

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA

STELA SAES

**Trajetórias de mulheres em romances contemporâneos: imbricações  
entre literatura, história e feminismo nas obras de Paulina Chiziane, Sefi  
Atta e Futhi Ntshingila**

**São Paulo  
2022  
(versão corrigida)**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

**Trajetórias de mulheres em romances contemporâneos: imbricações  
entre literatura, história e feminismo nas obras de Paulina Chiziane, Sefi  
Atta e Futhi Ntshingila**

Stela Saes

Tese apresentada ao programa de Pós-  
Graduação em Estudos Comparados  
de Literaturas de Língua Portuguesa da  
Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas da Universidade de  
São Paulo, para obtenção do título de  
Doutora em Letras

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva

São Paulo  
2022  
(versão corrigida)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Saes, Stela

Trajetórias de mulheres em romances contemporâneos: imbricações entre literatura, história e feminismo nas obras de Paulina Chiziane, Sefi Atta e Futhi Ntshingila / Stela Saes; orientadora Rejane Vecchia da Rocha e Silva - São Paulo, 2021.

237 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

1. Literaturas Africanas. 2. Feminismo. 3. História. 4. Literatura Comparada. 5. Autoria feminina. I. Silva, Rejane Vecchia da Rocha e, orient. II. Título.

# **ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

## **Termo de Anuência da orientadora**

**Nome da aluna: Stela Saes**

**Data da defesa: 08/02/2022**

**Nome do Profa. Orientadora: Rejane Vecchia da Rocha e Silva**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 07/04/2022



Professora Rejane Vecchia da Rocha e Silva

DLCV – FFLCH USP

SAES, Stela

Trajetórias de mulheres em romances contemporâneos: imbricações entre literatura, história e feminismo nas obras de Paulina Chiziane, Sefi Atta e Futhi Ntshingila

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Letras

Aprovada em: 08/02/2022

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva (presidente)	Instituição: FFLCH-USP
Prof. Dr. Daniel Puglia	Instituição: FFLCH-USP
Prof. Dr. José Welton Ferreira dos Santos Júnior	Instituição: UNEB-Externo
Profa. Dra.: Ianá de Souza Pereira	Instituição: Sem vínculo (FFLCH)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à excelente orientação de Rejane Vecchia da Rocha e Silva, pela proximidade, por cada conversa valiosa, pelo apoio, dedicação, cuidado, atenção e amizade em um processo que só se fortaleceu desde a iniciação científica, passando pelo mestrado e agora no doutorado.

À Ianá de Souza Pereira e Daniel Puglia pelas contribuições construtivas no exame de qualificação.

À minha mãe Elizete por todas as experiências que me proporcionaram chegar até aqui, em especial ao dia que me levou para fazer a matrícula na graduação e acreditou que eu conseguiria, enquanto eu ainda sonhava.

Ao meu irmão Saulo Neto, que continua me entendendo melhor do que ninguém.

Ao meu pai Saulo que sempre me apoia incondicionalmente e com muito orgulho de tudo que construo. Agradeço também à Maria por todo suporte envolvido.

Ao Henrique, grande companheiro de vida, por dividi-la comigo de maneira tão bela em todos os momentos. Agradeço especialmente pela possibilidade de construirmos um presente e possibilidades de futuros.

Às tias que comprovam como as trajetórias de mulheres são sempre compartilhadas: Ana Lúcia, Leny e Evânia. Agradeço também às tias, primas e primos das famílias Luz, Saes e Silveira, por tantos momentos desde a infância.

Às avós Genny e Leonor, que iniciaram e incentivaram famílias de mulheres cada vez mais independentes.

Às amigas e amigos com quem compartilho tantas fases especiais da minha vida até hoje. Por isso, não posso deixar de mencionar: Ana Cláudia, Carolina, Janaina, Vanessa, Hellen, Débora, Mariana, Elisa, Marília, Karina, Maria de Fátima, Maria Vitória, Aline, Lucca, Patrícia, Flávia Helena, Cássia, Silvia, Sidney, Janaina Bergamini, Rosana, Juliana Campos, José Júnior, Ianá Pereira, Sil Costa, Eduardo, Stella, Paty, Giu, Martina, Rúbia, Izabella, Helena, Karina Segantin, Brenda. Aos que chegam e permanecem: os laços construídos pelas amizades são fundamentais para que possamos viver.

À companhia e afeto fundamentais de Chaiene, Nina, Pagu, Dandara, Tulipa, Lua e Seu Jorge.

Aos estudantes e colegas de trabalho da Etec Prof. Dr. José Dagnoni. Agradeço também ao apoio institucional do Centro Paula Souza para realizar essa pesquisa.

Ao Tearon Ladeira e à Rejane Braga, essenciais para entender e aceitar processos, limitações e potências da vida.

Às experiências junto à Frente Feminista Marielle Vive de Americana, Santa Bárbara d'Oeste e Nova Odessa, pelas oportunidades de vivenciar um ativismo político entre mulheres. Além do período na Associação Lilases e na edição da Revista Crioula.

Agradeço às mulheres que convivo, que me inspiram e que constantemente dividem comigo suas trajetórias para que possamos seguir e construir o mundo mais justo que almejamos.

*À avó Genny*

*À tia Neusa*

*À prima Gabriela*

*Às mulheres e suas trajetórias*

*Agora, vida, só queremos que nos dê esperança  
para aguardar o dia luminoso que se avizinha  
quando mãos molhadas de ternura vierem  
erguer nossos corpos doridos submersos no pântano,  
quando nossas cabeças se puderem levantar novamente  
com dignidade  
e formos novamente mulheres!*

**Noémia de Sousa**

*Vivifico-me eu-mulher e teimo*

**Conceição Evaristo**

*Somos filhos da época*

*E a época é política*

**Wisława Szymborska**



## RESUMO

SAES, Stela. Trajetórias de mulheres em romances contemporâneos: imbricações entre literatura, história e feminismo nas obras de Paulina Chiziane, Sefi Atta e Futhi Ntshingila. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021, 237 F.

A perspectiva de análise comparada entre os romances *O alegre canto da perdiz* da moçambicana Paulina Chiziane, *Everything good will come* da nigeriana Sefi Atta e *Do not go gentle* da sul-africana Futhi Ntshingila revela as trajetórias das personagens e permite refletir sobre a imbricação posta entre história, feminismo e questões de raça e classe. Partindo de pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico e abordando temas como: maternidade, amizade, organizações familiares, violências sistêmicas, religião, cultura e atuação neoliberal no continente africano, é possível analisar de que forma as protagonistas interagem com outras personagens femininas na construção de seus percursos romanescos, ao passo que contrapõe uma realidade de dominação e exploração que opera sobre elas. Diante de um campo ideológico patriarcal constantemente contestado e de um discurso que corrobora com a perspectiva feminista, no sentido de enfrentamento da estrutura social que oprime as mulheres, as personagens oferecem trajetórias possíveis dentro do contexto atual. Dessa forma, o trabalho contribui para viabilizar e elucidar estudos sobre romances escritos por mulheres no continente africano e vislumbrar um projeto literário de autoras comprometidas com a consciência histórica e social da contemporaneidade.

Palavras-chave: Literaturas Africanas; Feminismo; História; Literatura Comparada; Autoria feminina.

## ABSTRACT

SAES, Stela. Trajectories of women in contemporary novels: imbrications among literature, history and feminism in Paulina Chiziane's, Sefi Atta's and Futhi Ntshingila's writings. Thesis (PhD) – Faculty of Philosophy, Language and Literature and Human Science (FFLCH). University of São Paulo. São Paulo, 2021, 237 F.

The perspective of comparative analysis among the novels *O alegre canto da perdiz*, written by the Mozambican novelist Paulina Chiziane, *Everything good will come*, by the Nigerian author Sefi Atta, and *Do not go gentle*, by the South African Futhi Ntshingila, exposes the paths of the characters and allows a reflection on the intersection where history, feminism and issues of race and class meet. Based upon theoretical-methodological assumptions regarding the historical materialism and highlighting issues such as motherhood, friendship, family organizations, systemic violence, religion, culture and neoliberal action on certain regions in the African continent, it is possible to investigate how the protagonists interact with other feminine characters during the construction of their paths – whilst they oppose a reality of domination and exploitation that operates on them. Faced with a constantly contested patriarchal ideological field and a discourse that accentuates the feminist perspective, perceived here as the confrontation of the social structure that oppresses women, the characters offer possible paths within the given context. Therefore, our research contributes to promote and elucidate studies on novels written by women on the African continent, as well as to glimpse a literary project of novelists committed to the historical and social conscience of contemporaneity.

Keywords: African Literatures; Feminism; History; Comparative Literature; Feminine Authorship.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>112</b>
<b>Capítulo 1 – Imbricações entre literatura, história e feminismo</b> .....	<b>288</b>
1.1 - A literatura e a imaginação histórica .....	299
1.2 - Percurso analítico na literatura .....	322
1.3 - O chão da História .....	411
1.4 - O materialismo histórico em África .....	50
1.5 - Feminismo: dialético e propositivo .....	60
<b>Capítulo 2 – Paulina Chiziane e <i>O alegre canto da perdiz</i></b> .....	<b>722</b>
2.1 - Paulina Chiziane: o projeto literário de uma moçambicana .....	733
2.2 - Entre trechos e contextos: uma leitura imbricada de <i>O alegre canto da perdiz</i> .....	788
2.3 - A ligação entre Delfina e Maria das Dores: o percurso das mulheres em território moçambicano .....	1222
<b>Capítulo 3 – <i>Everything good will come (Tudo de bom vai acontecer)</i> de Sefi Atta</b> .....	<b>1255</b>
3.1 - Sefi Atta e a perspectiva de uma Nigéria múltipla de sentidos para tantas mulheres .....	1266
3.2 - Uma leitura dialética de Enitan e outras personagens pela Nigéria independente ..	1333
3.3 - O protagonismo de Enitan e as relações de maternidade e amizade como experiências transformadoras .....	1844
<b>Capítulo 4 – <i>Do not go gentle (Sem gentileza)</i> de Futhi Ntshingila</b> .....	<b>1877</b>
4.1 - Futhi Ntshingila: a construção de romances comprometidos com negligências históricas da África do Sul .....	1888
4.2 - Zola e Mvelo: uma leitura sobre mulheres em busca da sobrevivência na África do Sul .....	1955
4.3 – As resistências das personagens diante de novas perspectivas para as mulheres sul-africanas .....	22121
<b>Conclusão</b> .....	<b>2233</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>2299</b>

## INTRODUÇÃO

*“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,  
humanamente diferentes e totalmente livres”*

**Rosa Luxemburgo**

Quando surgiu, no acesso ao doutorado, a possibilidade de trabalhar uma análise comparativa sobre a produção literária de mulheres africanas escrita na contemporaneidade, mais especificamente de Paulina Chiziane em Moçambique, Sefi Atta na Nigéria e Futhi Ntshingila na África do Sul, fortalecia-se um processo de ampliação de leituras, um caminho percorrido desde meados de 2010, quando pude experimentar um intercâmbio para Moçambique durante a graduação em Letras. De lá para cá, não apenas o percurso de pesquisa e docência foi se intensificando – com a iniciação científica, depois o mestrado e o cotidiano da sala de aula como professora, que sempre me acompanhou – como também a oportunidade de conhecer, ler e refletir sobre a ficção escrita por mulheres africanas, que aumentou de maneira significativa em todo o mundo, inclusive no acesso às suas obras no Brasil.

Diante de todo o caminho que me trouxe até aqui, gostaria de salientar que qualquer trajetória de pesquisa e desenvolvimento de uma tese não é composta apenas por aquilo que cabe, objetivamente, elencar. É no espaço não dito que muito se aprende e apreende: entre o privilégio de ouvir Ecléa Bosi<sup>1</sup> em sala de aula, traduzindo de maneira poética conceitos complexos da psicologia social; a interlocução com colegas de turma, conversas entre amigas e amigos, pesquisadores ou não, as trocas construtivas com professores; a relação com a orientadora; o cotidiano do trabalho com a sala de aula, estudantes do ensino básico público com demandas tão reais e urgentes; a rede de apoio, sem a qual não seria possível construir nada; as questões políticas e sociais que nos consomem sem medida e sobre as quais temos que lidar de forma combatente;

---

<sup>1</sup> Ecléa Bosi foi professora emérita do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, atuando na área da Psicologia Social sobre temas como enraizamento e memória social, além de ser idealizadora do projeto Universidade Aberta à Terceira Idade. Entre suas obras, encontram-se: *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos* (1994) e *Cultura de Massa e Cultura Popular – Leituras de Operárias* (1972). Durante o primeiro semestre de 2017, logo ao ingressar no doutorado, cursei a disciplina “A Memória das Testemunhas” oferecida por Ecléa.

as questões subjetivas que são, na essência, o que somos; o feminismo prático, o fruir da vida, e uma pandemia ainda em curso, que alterou todas as dinâmicas acima citadas. São todas, enfim, atividades que estiveram presentes durante todo o percurso de pesquisa, mas que não são evidentes na estrutura relatada – e, talvez, não devessem mesmo constar, pois os limites materiais não são suficientes para explicá-las, elas passam a ser parte constituinte, configurando como parte [mais essencial, quem sabe] da trajetória de qualquer indivíduo.

Por isso, diante do percurso sobre o qual resultam os apontamentos e análises expostas aqui, esta tese caminha no sentido de viabilizar, elucidar e contribuir com os estudos sobre romances escritos por mulheres no continente africano. Evidentemente, não se esgotam nestas páginas as possíveis imbricações entre as obras apresentadas, que necessitam de constantes reflexões e percepções, assim como são todos os percursos científicos e literários. Ainda assim, a ideia surge e alicerça-se na necessidade de trazer mais vozes e percursos de mulheres em seus enfrentamentos cotidianos, sociais e políticos, que, apesar da maior reprodução editorial e pluralidade alcançadas hoje, são vítimas de uma sistemática estratégia de dominação que pretende silenciar vozes, escritos, registros e produção de mulheres em todo o mundo.

Ademais, os romances estudados, ao desnaturalizarem as condições concretas e materiais das mulheres, colocadas pela imbricação entre formas de opressão e sistema econômico vigente, podem fornecer maiores possibilidades de compreensão e percepção da sociedade e da contemporaneidade, o que é essencial para construir formas de diálogo e de ruptura com dinâmicas opressivas. Além disso, os romances podem ser capazes também, a partir da experiência de leitura da trajetória das personagens principais ao longo do enredo, de desenvolverem a sensibilização pela necessidade de transformação da realidade.

Dessa forma, convém ressaltar, desde o início, o uso do conceito trajetória como central em diversos aspectos do trabalho desenvolvido. Primeiramente, a partir dos pressupostos de Antonio Candido postulados em “A personagem do romance” (CANDIDO, ROSENFELD, PRADO, GOMES, 2009) de que o enredo e as personagens são indissociáveis, vistas a partir de uma dimensão temporal e de espaço: “É possível assumir, então, que o percurso da personagem na narrativa só adquire pleno significado, dado todo o contexto social que o enredo

carrega como estrutura para seu desenvolvimento.” (CANDIDO, 2009, p. 51). Então, a trajetória no romance é a imbricação posta entre personagem e enredo, já que a primeira só pode existir na realidade colocada pelo segundo, que, por sua vez, assume-se como o mote realizador da experiência vivida e da possibilidade de atuação dos seres romanescos.

Ademais, remetendo à ideia de caminho ou percurso, o termo trajetória é recorrente nos estudos literários, quando analisada a figura do protagonista, reconhecido como o retrato do herói, que corresponde, no imediato pressuposto ideológico, em um enredo centrado na personagem masculina, variando entre o herói ideal até o chamado anti-herói. Porém, analisar a trajetória de mulheres retratadas na literatura pode ser metodologicamente e empiricamente distinta, pois, na estrutura patriarcal sob a qual vivemos, debruçar-se sobre suas histórias é partir exatamente das trincheiras políticas e sociais sob as quais estão condicionadas, inclusive na construção de seus próprios desejos e futuros.

Desse modo, a concepção de trajetória perpassa e constitui também o projeto de escrita literária e de atuação no mundo por parte das escritoras, já que, como produtoras de cultura, estão situadas nas condições materiais da vida, fazendo parte da estrutura social e testemunhando seus tempos históricos. Nesse sentido, Virginia Woolf, em seu ensaio *Um teto todo seu*<sup>2</sup> (2014), apresenta a seguinte tese: para que se possa escrever ficção, as mulheres precisam de condições materiais, espaço (simbolizada pelo quarto/teto), liberdade e validação social, fatores determinantes e ausentes para suas vidas desde o século XX – quando Woolf refletia sobre tais questões - até a contemporaneidade. De maneira análoga, pensando nas diversas sociedades e tempos históricos estabelecidos desde então, se para determinadas classes sociais e raças houve certas conquistas no campo, para outras, as impossibilidades de escrita ainda são, de fato, condicionantes. Cabe, portanto, investigar também de que maneira as condições materiais das escritoras recaem sobre o processo de escrita ficcional e como se expressam na concepção e na forma de suas obras literárias.

---

<sup>2</sup> O ensaio produzido por Virginia Woolf em 1928 foi encomendado para uma conferência em universidades inglesas sobre o tema: “As mulheres e a ficção”. Com uma linguagem perspicaz, a escritora se vale de uma proposição sobre uma suposta irmã de Shakespeare, o que evidencia como o patriarcado age no desenvolvimento da escrita de ficção para as mulheres e como elas estão aprisionadas no exercício da livre expressão de seus pensamentos.

Além disso, outra característica central na observação de personagens mulheres é o seu caráter não individual, já que as personagens sempre carregam outras trajetórias consigo, compartilhando o protagonismo. Por isso, nos romances analisados, os caminhos são sempre plurais; existem, principalmente, nas relações entre mãe e filha das personagens como o grande fio condutor, em constantes aproximações e distanciamentos, confirmando a ideia de que a relação entre as mulheres na ficção pode estar além da relação com o sexo oposto, constituindo-se enquanto sujeitos em si mesmas e na relação com outras mulheres (WOOLF, 2014, p. 119). Esse aspecto revela de que forma os romances são avessos aos aspectos individuais ou meritocráticos quando desenham os papéis e os percursos das personagens, diferenciando-se da fórmula romanesca em que os protagonistas representam a lógica do sujeito como centro da narrativa burguesa. Dessa forma, nos livros de Paulina, Sefi e Futhi a trajetória e o desfecho das personagens femininas é sempre vivenciada de maneira comunitária e sem grandes batalhas vencidas ou figurando como exemplos de heroínas.

Portanto, empenhar-se na trajetória de pesquisa e pesquisadora, dedicar-se à trajetória de escritoras enquanto sujeitos sociais de produção, das personagens retratadas e suas relações em trajetórias distintas e próximas, pressupõe, de maneira geral, registrar, entender e presenciar as lutas, movimentos e conquistas de mulheres ao redor do mundo. Esse movimento é necessário diante de um mundo em que a literatura pode proporcionar experiências históricas e estéticas para a compreensão do tempo que vivemos.

Consoante ao exposto, é fato que, durante a última década, as publicações de obras – ficcionais ou não – de mulheres africanas cresceram substancialmente. Talvez, quando pensamos no cenário, um dos nomes mais aclamados dentro e fora do contexto referido seja o da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie que, após escrever ficção e se apresentar em algumas conferências muito bem recebidas e compartilhadas pelo mundo todo<sup>3</sup>, deixou como legado um nome marcante para a literatura nigeriana – e, quiçá, de todo o continente. Na esteira de Chimamanda, carregam-se outros tantos nomes

---

<sup>3</sup> Suas conferências mais conhecidas no canal *TED Talks* são nomeadas “*The danger of a single story*”, de 2009, e “*We should all be feminist*”, de 2013. Ambas foram transformadas em texto, já traduzidas e publicadas pela Companhia das Letras no Brasil.

visibilizados e, hoje em dia, mais acessíveis, como Buchi Emecheta (também Nigéria), Scholastique Mukasonga (Ruanda), Yaa Gyasi (Gana) e Rutendo Tavengerwei (Zimbábue)<sup>4</sup>, entre tantas outras ainda desconhecidas fora dos limites do continente.

Além das escritoras supracitadas, Paulina Chiziane, Sefi Atta e Futhi Ntshingila também são autoras contemporâneas. Essa localização temporal as aproxima muito mais do contexto histórico compartilhado entre leitores, ao passo que contribuem significativamente para a quebra de preconceitos em relação ao continente africano hoje, justamente por proporcionarem histórias que constroem novas visões sobre seus países e sociedades, atribuindo pontos de contato e de distanciamento com outras realidades. Por outro lado, a escolha de três romances dessas autoras especificamente reside na percepção de que em todos há discursos e apontamentos para enfrentamento do sistema capitalista pela perspectiva de mulheres e suas opressões. Portanto, é perceptível que tais autoras contribuem para a elucidação das experiências históricas femininas na contemporaneidade, principalmente em relação às questões relativas às mulheres negras.

No entanto, estudar a literatura contemporânea engloba certos riscos que a leitura de clássicos não contempla, no sentido de obras que ainda não se pode dizer que foram lidas e relidas por outros tempos e sociedades e que podem não atravessar a história da literatura. Essa ideia enfatiza, de certa forma, o sentido de que a literatura contemporânea precisa de um certo distanciamento histórico para comprovar as premissas de que são livros que nunca terminaram de dizer o que tinham para dizer, trazendo consigo as marcas das leituras anteriores e posteriores e os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (CALVINO, 1993, p. 11). Porém, nesse sentido, evidencia-se a importância do Prêmio Camões, maior homenagem da literatura de língua portuguesa, ter sido designado para a escritora Paulina Chiziane em 2021, comprovando a sua importância de seu legado literário.

Já sobre a escolha do *corpus* literário contemporâneo para esta tese, outra justificativa é o fato de que, por serem obras publicadas no Brasil há cerca de uma década, já estão mais acessíveis ao público de maneira geral, inclusive

---

<sup>4</sup> Todas as escritoras mencionadas são publicadas no Brasil.



ao pensarmos nas possibilidades de trabalho em contexto de sala de aula. Nesse sentido, é necessário que a maior publicação e consumo de obras de autorias africanas sejam acompanhados também pelo movimento comprometido da crítica literária, considerando que a literatura, como forma de produção cultural de autonomia relativa, é produzida a partir de um campo ideológico relacionado a uma estrutura material determinada economicamente e historicamente (WILLIAMS, 2011). Diante dessa perspectiva, o papel da crítica engajada é justamente o de participar, como contributo, com o significado da apreciação e contradição da luta de classes. Desse modo, as obras literárias ganham leituras históricas e estéticas que dimensionam as rupturas e tentativas de rupturas potencializadas nas obras, evidenciando, assim, as contradições da realidade estabelecidas pela estrutura. É diante dessa conjuntura que o método do materialismo histórico colabora com a leitura de romances no sentido de apontar para o sentido da totalidade posta às personagens como sistemas de opressão.

Dessa forma, é justamente pelo viés da crítica literária marxista que é preciso problematizar as condições materiais de produção e as limitações das linguagens imediatistas e do mercado. Este, por sua vez, se apropria da mobilização em torno da pluralidade de ideias e do crescente interesse por obras literárias escritas no continente africano com o intuito primeiro de lucrar, vendendo uma ideia que, na realidade, não se responsabiliza pela sociedade e responde apenas a interesses particulares mercadológicas. Tal estratégia de cooptação de pautas, bem conhecida da ordem capitalista, é perceptível quando observamos alguns dos reflexos dos quase vinte anos após a aprovação da lei 10.639/03<sup>5</sup>, uma conquista importantíssima para a ruptura dos paradigmas para a educação brasileira, que ofereceu maior repercussão para publicações e engajamentos ligados à cultura e história africana e afro-brasileira, em escolas

---

<sup>5</sup> Em janeiro de 2003, foi aprovada a Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental e Médio. Essa lei altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Cinco anos depois, a lei foi modificada e se transformou na Lei 11.645/08, que reconheceu a falta e incluiu a temática indígena no mesmo sentido.

Com esse marco legal, iniciou-se, portanto, a concretização das reivindicações dos movimentos negros no Brasil. Tais organizações já estavam na luta por medidas na educação desde a década de 1950 e alcançaram algumas leis municipais até conseguir apoio e implementação pelo governo federal.

públicas, particulares e no acesso às universidades<sup>6</sup>. Porém, tais discussões e produtos, por vezes, não evidenciam as reivindicações do movimento negro brasileiro existentes desde a década de cinquenta, e tampouco assumem-se como libertadoras, trazendo a manutenção do poder e da exploração capitalista no anseio de suas práticas. Pensa-se, a partir dessa armadilha do mercado, que as mudanças partem do sistema de leis ou da *benevolência* das editoras, mas o fato é que existe muito trabalho e enfrentamento para reorganizar a ordem de poder estabelecida dentro das fissuras e contradições do sistema vigente.

Da mesma maneira, trabalhar o romance como gênero literário é também questionar suas raízes e apropriações. A fórmula folhetinesca é, com certeza, a chave do sucesso de tantas publicações mundo afora, algo que ecoa no imaginário já globalizado. Tendo em vista que a origem material do romance moderno parte dos anseios burgueses ocidentais e a própria construção do texto revela a busca do sentido individual e coletivo, o romance se revela como a forma estética por excelência de nosso tempo (LUKÁCS, 1999). Por isso, a despeito da estreita ligação ocidental burguesa que circunda o seu nascimento, o gênero se configura como possibilidade de contestação do sistema capitalista, ligado às estruturas narrativas específicas dentro das necessidades materiais dos mais variados territórios.

Além do fato de ser a forma ficcional que mais possibilita a observação da trajetória e transformação das personagens – e, por isso, projeta a capacidade de mudança e atuação dentro de determinado tempo e espaço – a escrita e produção deste gênero possibilita às mulheres o grande exercício da ficção. Apesar dos romances de autoria feminina serem ainda de menor expressão em relação à produção masculina e os efeitos do desencorajamento da crítica serem devastadores sobre as mulheres em seus poderes criativos e de decisão, novamente retomando as considerações de Virginia Woolf (2014), a ideia de uma mulher escrever um texto literário comprometido com uma denúncia patriarcal

---

<sup>6</sup> Sobre esse tema, para o vestibular de 2022 a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) vai solicitar, entre as leituras obrigatórias, pela primeira vez um romance de Paulina Chiziane: *Niketche: uma história de poligamia*, sendo que a obra foi recentemente reeditada no Brasil. Já o vestibular da Universidade de São Paulo (USP), após muitos anos contando com *Mayombe* de Pepetela na sua lista oficial, a partir de 2022 coloca Mia Couto e *Terra sonâmbula* no lugar. Esses movimentos de ruptura com o cânone também podem ser considerados um reflexo da Lei nº 10.639/03.

traz sempre um outro olhar, que passa pela sua própria existência em um mundo que, constantemente, oprime suas mais variadas formas de expressão.

Consoante ao exposto, emergem as principais problemáticas desta tese. Ao refletir de que forma e por que a crítica literária feminista marxista, sempre pelo viés do materialismo histórico, pode colaborar com a leitura de romances africanos contemporâneos produzidos por mulheres, questiona-se primeiramente: é possível encontrar confluências entre os romances mesmo entre as divergências? Tais confluências apontam para um sentido único de interpretação do patriarcado, que pode ser semelhante às opressões vividas pelas mulheres ao redor do mundo, de acordo com a imbricação entre raça, classe e gênero? E ainda: será que essas escritoras conseguem romper com as estruturas vigentes colocadas pela estrutura romanesca? São questões que permeiam a leitura de obras literárias e que poderiam contribuir para elucidar apontamentos e soluções sobre a experiência histórica vivenciada pela ficção.

De acordo com os questionamentos elencados e a partir da análise literária dos romances *O alegre canto da perdiz* de Paulina Chiziane, de 2008, com as trajetórias das personagens Delfina e Maria das Dores; *Everything good will come*<sup>7</sup> de Sefi Atta, de 2005, apresentando a relação de Enitan com amigas, sua mãe e sua filha; e *Do not go gentle*,<sup>8</sup> de Futhi Ntshingila, de 2014, com os conflitos geracionais entre Zola e Mvelo, estabelece-se confluências e divergências de forma a compreender como essas mulheres (personagens e escritoras), que estão nas trincheiras políticas e econômicas de suas respectivas sociedades, evidenciam e confrontam as condições sociais concretas estabelecidas, denunciando e se opondo a um sistema patriarcal associado ao capitalismo e ao racismo que é compartilhado entre elas.

Dessa forma, a tese estará organizada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, os apontamentos teórico-metodológicos serão explicitados a partir das imbricações entre literatura, história e feminismo. Primeiramente, assume-se um ponto de vista necessário em que a literatura é produzida a partir de um dado contexto que interfere na produção literária – apresentando uma autonomia relativa que existe entre a literatura e a história – e que é marcado por relações

---

<sup>7</sup> *Tudo de bom vai acontecer* [Tradução de Vera Whately], publicado pela editora brasileira Record em 2013.

<sup>8</sup> *Sem gentileza* [Tradução de Hilton Lima], publicado pela editora brasileira Dublinense em 2016.

de poder entre homens e mulheres em suas respectivas sociedades. Essa imbricação está posta a partir dos preceitos materialistas dialéticos, visto que os sujeitos nascem a partir de um determinado meio que os define, e com o qual devem lidar, sendo absorvidos, apenas reproduzindo ou encontrando e preenchendo lacunas que são estabelecidas, na literatura, pela determinada estrutura social e suas relações de produção e reprodução da vida.

Ao partir desse viés, pretende-se, dessa forma, entender os romances como literaturas engajadas política e socialmente, que revelam as condições materiais das mulheres nos espaços sociais em que estão inscritas. São passos fundamentais, inclusive, para situar o projeto literário de tais escritoras na contemporaneidade, que propõe a interlocução de sujeitos em suas trajetórias sociais, confrontando as condições concretas estabelecidas. Esse percurso de análise só é possível concentrando-se no aspecto histórico e com a percepção da teoria feminista respaldada pelo mesmo método.

Então, a partir do segundo capítulo, incluindo o terceiro e quarto, as análises literárias de cada romance assumem o definitivo protagonismo e serão norteadas pelo desenvolvimento do enredo, com base na seleção de trechos que desvelam o caráter imbricado das relações entre gênero, classe e raça na constituição e favorecimento do capitalismo e colonialismo. Fundamentada nesse método, será oferecida uma atenção especial à relação entre personagens protagonistas de cada livro em suas trajetórias, do início ao fim de cada romance.

Primordialmente, as confluências e divergências entre os romances iniciam-se pela moçambicana Paulina Chiziane, pois, a partir da experiência das literaturas africanas de língua portuguesa, é possível partir para outros territórios do mesmo continente e encontrar as possibilidades de diálogo. Além disso, Paulina é também a escritora moçambicana mais conhecida entre leitores brasileiros, além de ser a mais experiente, dentre as analisadas, tendo em vista que, quando publicou *O alegre canto da perdiz*, em 2008, tinha 53 anos e uma carreira literária consolidada dentro e fora de seu país.

Por isso, vale ressaltar um pouco sobre cada uma das escritoras e suas respectivas obras. Paulina Chiziane, de origem chope, nasceu em Manjacaze, província de Gaza, ao sul de Moçambique, em 1955. Passou sua infância no campo, mas mudou-se para Lourenço Marques (hoje Maputo), capital, aos sete

anos, frequentando a escola e a universidade – sem, contudo, concluir sua formação. Foi militante da FRELIMO (Frente de Libertação Moçambicana) durante a libertação no período pós-independência de Moçambique, mas abandonou o partido e se dedicou exclusivamente à sua carreira como escritora. Atualmente, Paulina vive na província da Zambézia, ao norte do país; uma mudança espacial que também é representativa em sua literatura, já que são muitos os embates e diálogos entre a realidade das mulheres do norte e do sul de Moçambique. Por isso, a importância da região do rio Zambeze – que passa pela província da Zambézia, espaço de *O alegre canto da perdiz* – pois é onde, histórica e geograficamente, se dividem as organizações sociais no país que configuram visões diferentes de mundo e do entendimento das relações.

Já sobre seu romance *O alegre canto da perdiz*, destaca-se o percurso e a distância que marcam a filiação entre mãe e filha de Delfina e Maria das Dores, personagens responsáveis por movimentar o enredo do livro. As trajetórias dessas mulheres acompanham o desenvolvimento histórico de Moçambique, evidenciando a possibilidade de luta pela própria existência. É na voz e na corporeidade das personagens da obra que surgem denúncias da opressão vivida pelas mulheres moçambicanas, como o casamento, a maternidade, estupro, sobrecarga e sustento da família. Abarcando toda essa conjuntura, é fato que Paulina Chiziane é considerada a maior romancista negra de Moçambique atualmente.

O terceiro capítulo, por sua vez, será dedicado à Sefi Atta e seu romance de estreia *Everything good will come* (2005) – ou *Tudo de bom vai acontecer*, na edição brasileira de 2013. A escritora, que nasceu em Lagos na Nigéria, em 1964, hoje vive nos Estados Unidos e estudou em universidades inglesas durante a juventude. Escreveu, além de outros romances, contos, livros infantis e peças teatrais, radionovelas e roteiros bastante premiados ao redor do mundo. Seu primeiro livro ficcional, por sua vez, percorre a cidade de Lagos, passando pelo bairro em que a escritora viveu sua infância – e que suas personagens residem. De maneira ímpar, a obra traz a relação entre diversas mulheres como eixo condutor do enredo, tendo como protagonista Enitan, que é também a narradora. Ao lado de personagens emblemáticas, como a melhor amiga Sheri, a mãe Arin, a filha Yimika e a grande influência de Grace Ameh, Enitan nasce no ano de independência da Nigéria (1960) e a narrativa acompanha sua vida,

enfrentando duras repressões e machismos nas constantes aproximações e distanciamentos com as demais personagens e com si mesma. Todo o seu crescimento pessoal atravessa um período de guerras históricas de seu país e reconhece as contradições da Nigéria em que vive, por meio das experiências vividas com suas amigas, com sua mãe na espera pela sua filha.

Por fim, o quarto e último capítulo de análise literária será dedicado ao livro *Do not go gentle*, de Futhi Ntshingila (*Sem gentileza*, na edição brasileira de 2016). A mais jovem autora entre as selecionadas nasceu em Pietermaritzburg, em 1974, vive em Pretória e publicou o primeiro romance – *Shameless* – em 2008. Como ela mesma defende em entrevistas e nas ocasiões de lançamentos de seus livros, sua literatura é dedicada à preservação da memória de mulheres cujas trajetórias foram historicamente ignoradas. Como jornalista de formação e mestra em Resolução de Conflitos, busca colocar em prática as suas ideias no escritório da presidência de seu país. Na obra *Do not go gentle*, o recorte histórico alterna-se entre o pré e o pós-apartheid da África do Sul, quando, em meio aos guetos, o romance narra a história de mãe e filha, Zola e Mvelo, que precisam sobreviver em um ambiente marcado pela pobreza e pelo medo do HIV/AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Diante de uma sociedade machista e que tenta anular suas existências, as protagonistas lutam para que suas vozes sejam ouvidas, testando a tese de que, para as mulheres, os limites materiais desafiam os próprios sonhos. Em decorrência, o próprio título – que tem como referência um poema de Dylan Thomas – revela que a luta para a sobrevivência não oferece nenhuma cortesia no mundo em que vivem. Dessa forma, a vivência das duas na favela em uMkhumbane é uma constante busca pela sobrevivência.

Assim, durante todos os capítulos de análise literária, o movimento de acompanhar a trajetória das personagens nas tessituras narrativas deve trazer diálogos entre história, cultura e sociedade – tanto entre as obras quanto por meio do mundo material ao qual estão associados. Isso deve ser feito em uma perspectiva que aponta para o exercício analítico que Antonio Candido faz em “De cortiço a cortiço”, em que o mundo material é rastreado na obra, com o intuito de suscitar o mundo próprio que a singularidade da forma ficcional apresenta (CANDIDO, 2015). Ademais, é necessário, no mesmo exercício, trazer a perspectiva feminista existente nas narrativas, tanto no modo pelo qual as

personagens enfrentam as adversidades patriarcais impostas em seus percursos, quanto pelo projeto de escrita ficcional que as autoras impõem em seus territórios, com o propósito de dar voz às mulheres e suas lutas para a libertação de suas opressões, fatores que permeiam a realidade material de todas elas.

Para realizar esse pressuposto metodológico nas análises e partindo dos diversos processos históricos e sociais de Moçambique, África do Sul e Nigéria dentro do continente africano, as questões trazidas por cada romance [de ordem religiosa, política ou institucional] podem ser entendidas em todos os lugares do mundo, com uma certa identificação. E essa é justamente a razão pela qual diálogo entre as obras literárias oriundas de diferentes países acontece, pois as realidades se encontram em condições econômicas e sociais muito próximas, imersas no capitalismo, no racismo e no patriarcado<sup>9</sup> ocidentalizado – e sobre os quais reconhecemos seu campo ideológico. Por isso, uma concepção feminista, no sentido das lutas antipatriarcais colocadas, articula-se à proposta analítica sobre as trajetórias das personagens nos romances.

Portanto, diante de uma concepção que incorpora as diferenças de gênero a partir das complexas realidades e experiências africanas, a ideia é observar como as interfaces das produções literárias dessas mulheres corroboram com as perspectivas feministas a partir da pluralidade dos encontros e das experiências materiais históricas. Dessa maneira, o feminismo, como método, deve possibilitar às mulheres a percepção dos sistemas que as oprimem e a possibilidade de transformação de si mesmas e do mundo. Assim, como as obras são ligadas ao contexto contemporâneo de Moçambique, Nigéria e África do Sul, a produção literária dessas autoras reflete sobre desafios, reconhecimentos e possibilidades existentes nas narrativas, levando em consideração as demandas produzidas na literatura e na própria vida.

Assim, além do contexto histórico, os desafios, reconhecimentos e possibilidades que emergem em cada um dos enredos abordam alguns temas que trazem à tona a imbricação posta. Entre eles, estão as questões como a

---

<sup>9</sup> Para conceituar a noção de patriarcado, esta tese vai levar em consideração os apontamentos de Heleieth Saffioti, para a qual a ideia do patriarcado é anterior ao capitalismo, mas, apesar disso, se mantém com a sua chegada, em uma relação de dominação e exploração conjunta. A autora também define o uso do termo gênero na conjunção com patriarcado. Essas formulações serão trabalhadas no capítulo 1.

maternidade, a violação doméstica e sexual (o abuso e o estupro), a dinâmica do casamento e das relações de monogamia e poligamia, até a maturidade das filhas na percepção e identificação com a trajetória de suas mães e o acesso à educação formal e às possibilidades ofertadas por ela. A partir de encontros materiais e subjetivos, essas são aproximações temáticas significativas entre os romances e as personagens examinadas.

Além disso – e de acordo com a análise proposta – convém ressaltar, por ora, alguns aspectos políticos, demográficos e sociais que revelam a atuação das mulheres em cada país e que são determinantes para os pressupostos estabelecidos até então. Em primeiro lugar, a história de Moçambique, tanto na formação de seu Estado como nas práticas ancestrais e atuais, é permeada por movimentos de mulheres, incluindo a luta pela libertação do país e, mais recentemente, a configuração em movimentos, organizações e espaços de resistência e atuação feministas. Atualmente, Moçambique – um país em que as mulheres representam 52% da população – está no 16º lugar no *Monthly ranking of women in national parliaments*,<sup>10</sup> que lista a ocupação de cadeiras no Congresso nacional por representantes femininas. Desse modo, com um total de 42,4% de representação política, as últimas eleições nacionais ocorreram em outubro de 2019 e o país aumentou o índice, apesar de ter caído duas posições em relação ao ano anterior. Grande parte dessa expressiva participação se deve ao fato de que, em Moçambique, o envolvimento político de mulheres, ocupando cargos de liderança, existe desde a luta pela libertação nacional, quando elas lutavam contra o colonialismo e o patriarcado vigente e, assim, configurava-se a organização de um novo país, fundado nas promessas de participação igualitária entre os gêneros. Entretanto, não apenas as expectativas não se cumpriram de maneira efetiva, como também a maior representatividade parlamentar não significa, necessariamente, um diálogo entre as demandas atuais das mulheres moçambicanas e suas representantes formalizadas política e partidariamente. Ao contrário, são sistemas, por muitas vezes, com conflitos de interesses<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Monthly ranking of women in national parliaments. Disponível em: <<https://data.ipu.org/women-ranking?month=10&year=2020>>. Acesso em: 19 nov 2020

<sup>11</sup> Essa constatação foi elaborada pela socióloga moçambicana Isabel Casimiro no simpósio “Nós tantas outras”, promovido pelo Sesc São Paulo em dezembro de 2018. Disponível em: <[https://www.sescsp.org.br/programacao/172731\\_NOS+TANTAS+OUTRAS](https://www.sescsp.org.br/programacao/172731_NOS+TANTAS+OUTRAS)>. Acesso em: 19 nov 2020.



Igualmente, no país fronteiriço da África do Sul, a representatividade política feminina é muito próxima, ocupando a 9ª posição (empatada com Andorra) da listagem. As últimas eleições, em maio de 2019, deixaram 46,4% de cadeiras na Câmara e 37,7% no Senado para as mulheres sul-africanas, um aumento considerável em relação ao último pleito. Em relação às pautas das mulheres, em 1918 foi fundada a Liga das Mulheres Bantu, por iniciativa de Charlotte Maxeke, que conta, desde então, com expressivos movimentos e lutas contra a violência doméstica, sexual, a desigualdade social e salarial, entre outras pautas.

Do outro lado do continente, banhada pelo Oceano Atlântico, a Nigéria encontra uma realidade bem diferente das demais nações retratadas neste recorte. Na 185ª posição<sup>12</sup> de representação política feminina, as eleições ocorreram em fevereiro de 2019 e apresentaram apenas 3,6% de participação de mulheres no baixo parlamento e 7,3% no alto parlamento, a realidade ainda demonstra que o país caiu em relação ao levantamento anterior. Por outro lado, as feministas nigerianas têm alcançado cada vez mais repercussão internacional por meio de iniciativas, movimentos e lideranças sociais; são lidas e estudadas ao redor do mundo, tanto em suas publicações de ficção, como em reportagens jornalísticas e nos textos de teorias sociais, históricas e políticas.

Diante dos dados e proposições apresentados, entende-se que a hipótese de que a contribuição da perspectiva feminista – a partir da imbricação com a história – é relevante para a análise de obras literárias produzidas no continente africano hoje. Trata-se de algo factível, pois o patriarcado, associado ao capitalismo, colonialismo, racismo entre outras formas de opressão-dominação, se encontra nos contextos históricos e sociais ao redor do mundo e alocam as mulheres nas trincheiras desses sistemas, mobilizando suas demandas como formas de enfrentamentos que podemos reconhecer nos retratos ficcionais. Portanto, ouvir, registrar e analisar histórias das mulheres africanas e reconhecer suas trajetórias inscritas no mundo que

---

<sup>12</sup> Apenas para se ter uma perspectiva comparativa, o Brasil (143ª posição) está muito mais próximo da realidade nigeriana. As últimas eleições nacionais, em outubro de 2018, alcançaram os inéditos números de 14,6% de participação de mulheres no Câmara e 13,6% no Senado. Vale ressaltar também que o pleito foi polarizado e disputado, com grandes episódios de misoginia em oposição às lutas das mulheres para serem ouvidas e representadas.

vivemos é parte essencial na derrubada do projeto patriarcal ao qual todas estamos submetidas.

Dessa maneira, confirma-se também o fato de que as mulheres que elaboram as obras literárias analisadas estão inscritas dentro da contemporaneidade, e esse tempo imprime sobre elas um patriarcado inerente ao sistema capitalista globalizado e neoliberal que não está, de forma alguma, ligado somente às origens ou tradições – em uma perspectiva que descola o continente africano das conjunturas mundiais. De modo diverso, é possível considerar cada um desses espaços como um amplo território que responde às demandas do campo ideológico dominante, servindo aos seus interesses e criando, na relação de dependência, as suas próprias contradições internas. Por isso, as estruturas sociais africanas, desde o colonialismo, vão se organizar cada vez mais alinhadas ao patriarcado reconhecido por suas semelhanças e conflitos ao redor do mundo. Somam-se a esses fatores os difíceis enfrentamentos das mulheres negras, personagens dos romances e autoras de ficção, diante do contexto opressivo que coloca todos esses conflitos de forma conjunta, evidenciando o olhar dialético sobre opressões e possibilidades de ruptura.

Em face ao exposto, sustenta-se a tese de que é possível, a partir do texto literário, afirmar que a produção literária contemporânea de mulheres em determinadas estruturas sociais africanas relaciona, posiciona e contesta o campo ideológico de um mesmo sistema vigente ao redor do mundo. A proposta é plausível na medida em que os valores e ideias das determinadas estruturas sociais africanas, desde o colonialismo, organizam-se cada vez mais incorporados ao sistema imbricado entre patriarcado, capitalismo e racismo – e revelam-se, portanto, insuficientes e limitantes para atender as demandas da literatura e da própria vida dessas escritoras. Assim, elas reproduzem e criam, em seus romances, personagens, sobretudo femininas, que evidenciam e confrontam as condições concretas estabelecidas.

Por isso, de forma geral, esta tese propõe-se a analisar, a partir dos romances *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, *Everything good will come*, de Sefi Atta, e *Do not go gentle*, de Futhi Ntsgingila, a interface de produção literária dessas mulheres nos diferentes países, e como se posicionam diante de um sistema de dominação e exclusão sobre suas existências. Para isso, será necessário também relacionar as produções literárias dessas

mulheres contemporâneas em determinadas estruturas sociais africanas, promover uma leitura das obras a partir das imbricações entre literatura, história e feminismo, além de investigar a relação entre colonialismo, patriarcado e racismo para o sistema econômico vigente em determinados espaços – e como essa relação é apontada pela literatura produzida por mulheres. Por fim, será possível apontar para uma reflexão sobre de que forma as estruturas sociais africanas vão se organizar, desde o colonialismo, cada vez mais no interior desse sistema que se apropriou, inclusive, de formas vigentes anteriores a ele, e quais mecanismos de enfrentamento são possíveis diante de determinada conjuntura.

As respostas encontradas na interface da produção literária dessas mulheres – e da forma como produzem literatura nesses diferentes países – devem emergir em relação a como se posicionam a partir dessas trincheiras, que são políticas, ideológicas e contestam o sistema político-econômico predominante. Tais considerações devem manifestar-se na própria análise literária, a partir de um olhar que é o de pensar mulheres dentro desses contextos sociais e quais são suas condições concretas. Não se espera, no entanto, esgotar as leituras dos romances propostos – e tampouco o *corpus* literário de mulheres que escrevem na contemporaneidade do continente. Espera-se, porém, dar luz às produções relevantes e que a leitura comparativa, em um constante movimento de confluências e divergências, seja um instrumento de análise para outras possíveis críticas literárias.

Em síntese, vale ressaltar, por ora, que, nos romances selecionados, as mulheres são protagonistas, dialogam com outras personagens femininas e se contrapõem a uma realidade que opera sobre elas. Diante de um campo ideológico contestado e de um discurso que corrobora com a perspectiva feminista no sentido de enfrentamento da estrutura social que oprime as mulheres, as personagens oferecem trajetórias possíveis dentro do contexto em que vivemos. São essas constatações, inspirações e enfrentamentos às desigualdades perpetradas que devem nos encaminhar para estratégias verdadeiramente libertárias, para que, enfim, retomando e parafraseando Rosa Luxemburgo, possamos revolucionar um mundo onde a única saída possível seja aquela que reconheça as diferenças humanas, iguala os membros das sociedades e nos torna totalmente livres.

## Capítulo 1 – Imbricações entre literatura, história e feminismo

*(...) uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção. (WOOLF, 2014, p. 12)*

## 1.1 - A literatura e a imaginação histórica

*“A literatura é o sonho acordado das civilizações”*

**(CANDIDO, 2004, p. 175)**

A tese, objeto deste relato, tem como intuito refletir de que maneira a literatura é constituída a partir de uma dada circunstância: aquela que se organiza na confluência entre vida material e a subjetividade de sujeitos. Diante dessa conjuntura, que perpassa e constitui o texto literário em uma complexa e constante relação dialética, vivencia-se concretamente o sentido de intervir e movimentar a hegemonia. Sobre esse aspecto, vale ressaltar que, partindo do pressuposto de Raymond Williams (2011), a hegemonia, nunca absoluta, é dada como um conjunto de atributos e valores que, enquanto práticas, confirmam-se mutuamente, passando a significar a realidade objetiva para a maioria da sociedade. Nesse sentido, as experiências literárias analisadas no desenvolvimento da pesquisa manifestam-se como “estruturas de sentimento” (WILLIAMS, 2011) na medida que percebem os processos hegemônicos e podem, inclusive, os contrapor, contando, para isso, com a dinâmica de trajetórias compartilhadas de personagens que refletem a ordem social de maneira criativa, sensível e com a consciência prática antagônica necessária para esse fim.

Desta maneira, a literatura acaba por constituir-se como força de expressão – também política, vale dizer – em que, por intermédio de uma linguagem mobilizada por sujeitos históricos, na representação de personagens e narradores cujas vozes, plurais, ali tensionadas, constituem o movimento do texto, se torna possível observar as contradições que se manifestam não só na estrutura do texto, mas também aquelas relacionadas ao contexto social, histórico, político, econômico e cultural de sua produção.

Nesse sentido, a pesquisa procurou delimitar o campo de reflexão em torno da escrita literária de Paulina Chiziane, Sefi Atta e Futhi Ntshingila, oriundas de países do continente africano, partindo do seguinte pressuposto: é necessário perceber quais seriam ou são as reais condições de produção literária no tocante às escritoras. Para tanto, foram fundamentais as reflexões de

Virgínia Woolf em seu texto *Um teto todo seu*<sup>13</sup> em que a escritora inglesa problematiza e debate, como ponto de partida, as desvantagens materiais e históricas entre homens e mulheres, pois para que estas pudessem também escrever ficção, teriam ainda de conquistar esse espaço dentro de suas próprias casas. Assim, partindo da leitura e das primeiras reflexões desencadeadas pela leitura do ensaio, foi possível estabelecer elementos de confluência entre o pensamento da escritora inglesa e das escritoras do continente africano, dedicando, continuamente, uma atenção redobrada para o fato de serem de contextos sociais, temporais e raciais diversos.

Por isso, foi na imbricação entre literatura, história e feminismo, compreendido aqui como o estudo sobre o papel social de mulheres em diferentes contextos sociais e suas formas de enfrentamento, que se pretendeu lançar luz à análise literária das obras que compõem essa tese. Portanto, a composição teórica supracitada se faz necessária para a elaboração metodológica da pesquisa, já que a análise das obras literárias se fará mediante a relação estreita entre a história e a produção literária feminina de países africanos.

Nesse aspecto, essa imbricação, como forma de análise, parte da necessidade de compreender as relações indiretas e complexas entre os romances analisados e o campo de força ideológico em que residem. Com o auxílio das relações que surgem na forma, conteúdo e produção, é preciso pensar a literatura como uma forma de arte inerente às sociedades e parte fundamental dos elementos ativos de mudança histórica. Tal condição reside no princípio metodológico da filosofia marxista, sobre o qual Lukács, em seu livro *História e consciência de classe*, de 1923, delineou a respeito: “A categoria da totalidade, o domínio universal e determinante do todo sobre as partes constitui a essência do método que Marx recebeu de Hegel e transformou de maneira original no fundamento de uma ciência inteiramente nova” (LUKÁCS, 2003, p. 105).

Distante, pois, da fragmentação e hierarquização entre a parte e o todo, a totalidade é dialética e suas ideias podem ser concretamente percebidas, como uma configuração crítica ao capitalismo, que parte de uma análise social,

---

<sup>13</sup> Baseado em palestras proferidas em 1928 nas Universidades de Newham e Girton (WOOLF, 2019, p. 9).

identificando as estruturas profundas do sistema vigente, seus mecanismos, contradições e tensões definidoras, além das formas e características de crise, conflito e possibilidades de emancipação do sistema. É nesse sentido que é imprescindível uma base metodológica de confrontação ao capitalismo, que pensa a economia enquanto prática social, responsável também pelas formas culturais produzidas em seu cerne. Por isso, a dicotomia entre cultura e economia não existe quando realizamos uma análise de conjuntura histórica da totalidade.

Em relação à autonomia relativa entre a produção da literatura e a história, a imbricação está posta no sentido que o sujeito histórico nasce a partir de um determinado meio que o define e com o qual deve lidar. Porém, devido ao fato de não ser condicionada de maneira absoluta pela hegemonia, o sujeito que escreve ficção pode ser absorvido e apenas reproduzir o sistema social ou pode abrir lacunas e preenchê-las. Nesse sentido, cabe salientar o pensamento de Gramsci (2004) em relação ao papel do intelectual orgânico, como aquele que, em seu compromisso de classe, se contrapõe ao sistema vigente:

“Orgânicos”, ao contrário, são os intelectuais que fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Por isso, estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade. Ao fazer parte ativa dessa trama, os intelectuais “orgânicos” se interligam a um projeto global de sociedade e a um tipo de Estado capaz de operar a “conformação das massas no nível de produção” material e cultural exigido pela classe no poder. Então, são orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam [...] para Gramsci, a organicidade dos novos intelectuais está relacionada principalmente à sua profunda vinculação à cultura, à história e à política das classes subalternas que se organizam para construir uma nova civilização. (SEMERARO, 2006, pp. 376-378)

Diante dos apontamentos supracitados, ressalta-se o aspecto da intelectualidade de mulheres contemporâneas africanas escrevendo ficção, enquanto estão, justamente, nas trincheiras do sistema capitalista vigente. É pelo viés imbricado entre literatura, história e feminismo, que o exercício de análise literária vai incidir sobre o modo pelo qual essas mulheres, no exercício da ficção e como personagens em suas trajetórias narrativas, se expressam na

base material em que estão colocadas e se vinculam à totalidade, no sentido de denunciar as condições e propor rupturas.

Partindo de tal ideia, para o desenvolvimento da pesquisa, portanto, fez-se necessário o alinhamento teórico e metodológico imbricado nas áreas de literatura, feminismos e história. Dentro de tais linhas, a análise dos romances: *O alegre canto da perdiz*, da moçambicana Paulina Chiziane, *Everything good will come* da nigeriana Sefi Atta, e *Do not go gentle*, da sul-africana Futhi Ntshingila, parte sempre daquilo que o texto literário oferece, proporcionando, assim, o social, o histórico e as ideologias feministas na constituição da escrita de ficção, à medida que se revelam na tessitura das próprias obras.

## 1.2 - Percorso analítico na literatura

*“A ‘realidade’ de um acontecimento reside em sua possibilidade de ser narrado”*  
**(SARLO, 2010, p. 373)**

Quando a argentina Beatriz Sarlo escreveu *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*, seu relato introdutório revelava uma certa insatisfação com o trabalho de crítica literária que ela se propunha a elaborar. Diante do impasse, recorre aos livros sobre os quais sempre foi fascinada (*Viena fin-de-siècle*, de Carl Schorske e *Tudo que é sólido se desmancha no ar* de Marshall Berman) em uma tentativa de encontro com a atividade de escrita.

Voltei aos livros que já citei. Tanto Schorske como Berman me impressionavam pela forma sem preconceitos com que entravam e saíam da literatura, interrogando-a com perspicácia, mas sem excessiva cortesia. Leitores exemplares sabiam que na literatura, como na arte ou no traçado urbano, podem-se descobrir as pistas e também os prognósticos das transformações sociais. Sabiam também que, assim como a literatura fala de *tudo*, textos não propriamente literários recorrem aos procedimentos artísticos para dar forma as suas figurações, a suas histórias, a seus julgamentos sobre o presente ou seus projetos de futuro. (SARLO, 2010, p. 22)

No trecho, a autora destaca o quanto ‘cada livro existe pelo desejo de outro livro’ e, que as leituras ‘desrespeitosas’, aquelas que não se condicionam a um repertório fechado ou a paradigmas estritos do que se pode ou não fazer com um texto, são as que podem realmente conduzir uma história por suas tramas,



compostas de cenários, sujeitos, discursos e práticas. Ao fim, o resultado de Sarlo (2010) foi um livro, como ela mesma chamou, mesclado, com estratégias de crítica literária elaboradas a partir da leitura, prática esta aprendida e apreendida pelo diálogo com outras obras.

Nesse sentido, a reflexão proposta desperta para o argumento da tese, que é propor uma leitura de romances africanos contemporâneos produzidos por mulheres, em um exercício constante de aproximações e distanciamentos de texto e contexto e entre as obras analisadas. As trajetórias das personagens e as relações entre as protagonistas de cada obra são constantemente apresentadas em oposição a uma ordem social histórica capitalista e patriarcal imposta sobre elas, com a qual devem lidar em um sentido de oposição e de transformação da realidade. Notoriamente, os diálogos entre as narrativas ficcionais, a história e teorias feministas se dão pela primazia da leitura literária.

Para realizar esse exercício, primeiramente, é preciso entender a literatura como manifestação estética e artística, compreendida em termos das conjunturas que a produzem, sem perder de vista as próprias condições históricas da crítica literária (EAGLETON, 2011, p. 08). A discussão em torno das obras aqui analisadas cola-se à crítica marxista, que vê a literatura e os estudos sobre ela em perspectiva com as condições históricas na relação dialética de incorporação, modificação, transcendência ou sobreposição à ideologia:

A crítica marxista não é meramente uma “sociologia da literatura”, dedicada à maneira como os romances são publicados e como eles mencionam (ou não) a classe trabalhadora. Seu objetivo é explicar a obra literária de forma mais plena; e isso significa uma atenção sensível às suas formas, estilos e significados. Mas isso também significa compreender essas formas, estilos e significados como produtos de uma História específica. (EAGLETON, 2011, p. 02)

De acordo com Terry Eagleton, portanto, a crítica marxista não é meramente uma “sociologia da literatura” - tampouco é sobre o engajamento (ou não) de seus autores, mas é, sobretudo, a necessidade de refletir sobre tais valores, com o intuito de compor uma análise que compreenda as condições históricas e a relação entre a arte e a ideologia.

Por isso, a tarefa da crítica literária deve apresentar-se como um exercício primeiro de leitura, respaldada em um método, que traz reflexões inerentes e

externas à obra. Contudo, a chave analítica entre literatura e história não deve ser a acentuada busca por aspectos da realidade em termos ficcionais, tampouco tratar o contexto de produção e recepção da obra literária como secundário parece ser um caminho viável. A trilha a se seguir, então, no diálogo entre texto e contexto, é exposto com primazia por Antonio Candido, em *Literatura e sociedade*:

[...] Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar na matéria do livro a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. (CANDIDO, 1965, p. 7)

Sob essa perspectiva, as reflexões históricas de determinados contextos sociais, expressos em cada obra, e as perspectivas feministas colocadas entre personagens e suas trajetórias realizam-se na constituição literária, a partir dela e dos embates suscitados no campo ideológico. Por isso, a relação é sempre dialética, na compreensão da totalidade inclusive como contexto social de produção para as autoras de cada romance.

Antes de chegar à formulação supracitada, o crítico brasileiro, anuncia brevemente uma discussão sobre crítica literária e cita Geörg Lukács, que, por sua vez, percorrendo a filosofia clássica alemã, em meados de 1914, sob influência de Hegel, apresentava em *A teoria do romance* (2009) a ideia de que o social na obra de arte poderia possibilitar a realização do valor estético ou ser determinante para este. Posteriormente, o teórico húngaro, no livro *História e consciência de classe*, de 1923, já sob o sugestionamento das ideias de Marx, apresenta as determinações de uma sociologia da literatura. Após 1930, em contato com textos anteriores de Marx e Engels sobre o tema, contrapõe algumas colocações de seu último livro, inclinando-se para a defesa do romance realista burguês como forma de conciliação fictícia, oferecendo oposição entre a vida interior e o mundo exterior, sendo assim, uma compreensão geral das

contradições engendradas pela sociedade burguesa, permeando, inclusive, a ideologia dominante capitalista.

[...] *A ideologia alemã* contém as linhas básicas da concepção dialética da relação entre infraestrutura e superestrutura, os embriões da teoria mais tarde aperfeiçoada a respeito do desenvolvimento desigual, os fundamentos metodológicos da tese sobre a verdade objetiva na arte, isto é, a concepção da arte como forma específica do reflexo da realidade objetiva.

[...] Desde o início, seu embate no campo da teoria da literatura voltou-se contra o aburguesamento da consciência de classe do proletariado. Por terem reconhecido desde o começo o influxo extraordinariamente profundo e amplo da literatura sobre a consciência dos homens, os autores jamais subestimaram a importância das orientações corretas na literatura e em sua teoria. É certo que a ocupação com a teoria e a crítica literárias constituiu apenas uma parte de sua atuação efetiva geral de ampliação, consolidação e defesa da linha proletária na economia, política e ideologia, mas foi sempre uma parte importante dessa atividade. (LUKÁCS, 2016, p. 64)

Ressalta-se o fato de que Lukács promoveu um projeto de crítica literária dialética, enquanto também fazia uma política cultural e se dedicava à análise dos romances ocidentais. Nesse sentido, torna-se essencial retomar suas apreciações com o intuito de analisar a produção de romances no continente africano durante a contemporaneidade. Essa linha teórica torna-se essencial visto que esse gênero literário não só possibilita uma análise dinâmica das trajetórias de personagens em tempo e espaço, mas também oferece caminhos para a interpretação dialética com os contextos em que estão inseridas, também imersos em configurações do capitalismo e patriarcado.

Dessa forma, sendo o gênero romance considerado pela flexibilidade de sua forma, capaz de subverter o próprio gênero reunindo em si outras formas, ele pode ser definido como a 'imitação' do real<sup>14</sup>, na qual está o compromisso maior desse tipo narrativo: o diálogo direto com a estrutura ideológica posta. Ademais, o romance, que nasce no bojo da sociedade burguesa ocidental, reside na noção da liberdade e no conceito de sujeito como aquele que define seu próprio caminho. Apesar de sua origem, o gênero foi adotado por escritores africanos durante períodos marcados pela ocupação e colonização, mas serviu

---

<sup>14</sup> AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

e ainda executa formas de contestação de tais sistemas, resistindo com cada vez mais espaço nos países do continente<sup>15</sup>.

Além disso, justamente por sua gênese, a crítica literária dialética, preocupada com as relações entre literatura e história, encontra no romance uma forma que possibilita a apreensão das questões sociais apresentadas. Nesse sentido, refletindo as realidades de uma classe e suas contradições, dentro do próprio romance há, igualmente, o espaço de crítica, que é dialético, assim como a sociedade. Por esse ângulo, vale lembrar que Karl Marx escreve sua análise sobre o capitalismo em um contexto de modernidade que representava os anseios da classe burguesa.

Portanto, apesar de hegemônico, o campo ideológico abriu espaço para uma das personalidades mais aguerrida contra o sistema, responsável por um método que, além de pensar criticamente o capitalismo, propõe subvertê-lo. De maneira análoga, o romance, em sua posição artística e cultural, existe como responsável por corresponder a determinada concepção de mundo de uma classe hegemônica, compartilhando seus ideais. Em vista do sistema que se perdura, o gênero literário abre uma possibilidade constante de apresentar a antítese da conjuntura, confrontando-a constantemente e rompendo com a consciência dominante.

Diante desse aspecto, é primordial especificar o sentido de uma literatura que se expressa pela antítese e pela necessidade de confrontar a ideologia dominante. Na percepção de que o materialismo histórico é dialético como análise sociológica, está o princípio de que a interação entre indivíduo e sociedade é delimitada pela classe social. Dessa forma, a burguesia, detentora dos meios de produção, é aquela também responsável pela mediação da realidade por meio da propagação da ideologia dominante. Porém, o movimento histórico não pode ser reduzido a esse aspecto e só pode ser significativo a partir da dialética, que é justamente a contradição entre as classes dominantes e dominadas. Tal contradição ocasiona a transformação histórica e, nesse sentido, o que pode ser entendido como tese é o movimento ideológico dominante, enquanto a antítese é a reposta dos dominados e a síntese seria o conflito entre ambos, que geraria novos movimentos de tese e antítese. Tendo em vista esse

---

<sup>15</sup> Um exemplo de romance construído por essa perspectiva é *Things fall apart* (1958) de Chinua Achebe.

método de análise, o romance, como forma literária, também existe e pressupõe essa relação da sociedade: ao expressar o modo de vida e valores da burguesia, o romance assume uma forma de tese, mas essa estrutura pode ser apropriada para reafirmação dos valores burgueses ou para fazer a antítese, ou seja, criticar e expor as contradições ideológicas, rompendo com o conteúdo que aquela forma deveria expressar na sua formulação. Portanto, o que se configura, ao final, é algo novo, composto de tese e antítese, que gera um movimento muito mais complexo do que aquela forma produzida como modelo inicial poderia ser capaz de expressar no tecido social.

Levando em consideração essa perspectiva, é importante salientar que grande parte da sociedade intelectual, produtora de ficção, corresponde ao poder hegemônico e que isso é determinante para a socialização cultural e, portanto, para ideologia da classe dominante. Desse modo, cabe a importante reflexão sobre hegemonia ligada ao conceito de Antonio Gramsci, sobre o qual a professora e pesquisadora Luciana Aliaga reúne considerações a respeito:

Em outro lugar o autor define hegemonia como consenso “encouraçado de coerção” (Q 6, § 88, p. 763-764). De modo que o processo de construção de uma nova hegemonia inicia-se na sociedade civil, com a construção do consenso, da direção política e se completa quando a classe torna-se capaz de ser dominante, por meio da tomada do poder de Estado. (OLIVEIRA, 2016, p. 14)

De acordo com a análise, para o crítico italiano, a hegemonia se estabelece na relação entre classes como uma estratégia estritamente cultural ou política e que se relaciona com o Estado, apresentando uma determinada visão de mundo de maneira racional e alicerçada em instituições formais – como a mídia, por exemplo. Nesse sentido, uma classe se torna hegemônica quando consegue alargar seus interesses a outras classes com o intuito de universalizar sua perspectiva. A partir daí, como a construção da hegemonia inclui sempre um processo pedagógico, a literatura encontra caminhos tanto na manutenção do discurso hegemônico quanto em sua contestação e superação. Assegurando ainda, de forma contundente, um princípio caro a Gramsci de que ideias não se negam com ideias, é preciso processos políticos de luta, tanto intelectuais quanto militantes. Assim, a consciência dos sujeitos históricos empenhados na criação

literária deve configurar um projeto literário no qual a crítica reveladora do real precisa ser feita a partir, também, de uma luta concreta contra-hegemônica.

Por esse viés, quando observado na contemporaneidade, em África, os escritores e escritoras já se apropriam do romance no sentido de exercer a crítica social, de poder ofertar a antítese do discurso hegemônico, que incorpora ainda as consequências do capitalismo, colonialismo e, pensando nas mulheres, do patriarcado. Este último que também se soma às questões anteriores em territórios específicos e aprofunda-se no encontro com as relações ocidentalizadas. Logo, é afirmativo que as relações sociais que emergem da tessitura literária nas obras aqui estudadas encontram diálogos com a estrutura vigente e, por isso, a crítica literária marxista, que não perde de vista as condições históricas de produção, atua em termos dialéticos, amparando a discussão da literatura elaborada por Paulina Chiziane, Sefi Atta e Futhi Ntshingila em seus contextos sociais distintos e semelhantes na contemporaneidade.

Vale lembrar que a separação entre discursos hegemônicos e contra-hegemônicos não são essencialistas, pois, de acordo com a crítica marxista, muitas vezes, especialmente nas grandes obras, as duas faces são contempladas, apropriando-se da dialética existente no próprio campo social. O leitor, por sua vez, e o trabalho da leitura consistente da crítica, também estão sujeitos a absorver da obra valores hegemônicos ou não, dependendo da situação de confronto ou consonância com a ideologia dominante e do contexto de recepção da obra literária.

Esse aspecto, aliás, foi uma preocupação existente nas contribuições de Raymond Williams sob o viés do marxismo cultural. Em suas primeiras análises, o autor traz a importância da literatura para a construção das relações sociais e ideológicas das sociedades.

Mas a novidade teórica crucial é o reconhecimento da “literatura” como uma categoria social e histórica especializada. Deve ser claro que isso não lhe reduz importância. Exatamente por ser histórica, um conceito-chave de uma importante fase de uma cultura, constitui evidência decisiva de uma forma particular do desenvolvimento social da linguagem. Dentro de seus termos, realizou-se um trabalho de importância destacada e permanente, nas relações sociais e culturais específicas (WILLIAMS, 1979, p. 58)

No trecho acima da obra *Marxismo e Literatura* (1977), o crítico britânico ressalta o processo de assimilação e incorporação da ideologia feito pela literatura, demonstrando a percepção da cultura, de modo peculiar, como meio de vida, atuante em um campo de forças. Dessa forma, rejeitar a história e a base econômica a priori, é perder de vista os condicionamentos sociais e criativos da linguagem. Por outro lado, colocar a cultura – e mais especificamente a literatura – estaticamente na superestrutura da relação marxista, gerava um incômodo, pois a relativa autonomia da obra de arte desperta articulações singulares com a forma de vida social. Nesse sentido, o autor se aproxima das teorias de Lukács e Lucien Goldmann:

O que Lukács e, após ele, Goldmann tinham a dizer sobre a reificação pareceu-me um avanço real. Pois aqui o domínio da atividade econômica sobre todas as demais formas de atividade humana, o domínio de seus valores sobre todos os outros valores, recebia uma exploração histórica precisa: a de que esse domínio, essa deformação, era a característica específica da sociedade capitalista, e que, na organização do capitalismo moderno, esse domínio – como se pode observar – estava aumentando, de modo que essa reificação, essa falsa objetividade, estava penetrando inteiramente em todos os outros tipos de vida e de consciência. A ideia de totalidade apresenta-se, então, como uma arma fundamental contra essa deformação precisa; na verdade contra o próprio capitalismo. (WILLIAMS, 2011, p. 29)

Posto isso, Williams encontra no conceito de reificação<sup>16</sup> - proposto por Lukács especialmente e que pode ser entendido como a transformação das relações sociais em relações de mercadoria – os termos da totalidade que ofertam à consciência e seus produtos materiais os mesmos limites ideológicos de mercadoria. O autor discorre ainda sobre o quanto a própria crítica literária analisa obras que são parte dessa estrutura reificada e há o constante perigo de uma armadilha metodológica.

---

<sup>16</sup> Para a perspectiva marxista, a ideia de reificação é uma forma específica de alienação e de fetichismo da mercadoria, em que as relações e ações humanas são transformadas em propriedades, capazes de, assumindo esse preceito, governarem a vida dos sujeitos a partir de práticas reais que distorcem e invertem a relação material. Ela aparece em *O capital – livro I* da seguinte maneira: “A determinação da grandeza de valor por meio do tempo de trabalho é, portanto, um segredo que se esconde sob os movimentos manifestos dos valores relativos das mercadorias. Sua descoberta elimina dos produtos do trabalho a aparência da determinação meramente contingente das grandezas de valor, mas não elimina em absoluto sua forma reificada [*sachlich*].” (MARX, 2013, p. 150). É na forma mais desenvolvida do capitalismo que a reificação encontra seu desenvolvimento mais pleno.

Mais recentemente, Nancy Fraser e Rahel Jaeggi, em *Capitalismo em debate* (2020), problematizam a centralidade do conceito de mercantilização nas sociedades capitalistas, voltando-se para a perspectiva da economia como percepção da totalidade do pensamento capitalista:

[...] sob o capitalismo, a estrutura da troca de mercadorias penetra profundamente na vida social. Há diferentes versões dessa afirmação, mas a ideia básica é que tratar algo como uma mercadoria produzida para venda é alterar nossa relação com esse algo e com nós mesmos. Isso envolve despersonalização ou indiferença e orienta nossas relações com o mundo em termos de valores instrumentais, em oposição aos valores intrínsecos. Desse modo, o mercado exerce uma força estruturante qualitativa, moldando nossa 'visão de mundo', a 'gramática' de nossa vida. (JAECCI, 2020, p. 40)

Tais premissas são relevantes para sistematizar uma análise literária que encara o fator econômico não como determinante, mas como totalizante. Então, fundamentado na relação dialética, capaz de elucidar as condições e contradições da sociedade e dos valores hegemônicos, é possível fazer leituras críticas das obras em questão que elucidam a dialética recepção da ampla estrutura social e do papel do texto ficcional.

De acordo com o explicitado, o fato é que o campo ideológico, de valores e ideias do sistema patriarcal e capitalista não são suficientes para atender demandas da literatura e da própria vida das escritoras, então elas reproduzem, no campo literário, personagens, sobretudo femininas que levantam questões e análises sobre suas condições materiais e históricas. Isso acontece pelo fato de que, as mulheres, por estarem na esteira do capitalismo e do patriarcado<sup>17</sup>, se colocam e constroem seus romances e personagens alocados nas trincheiras dos embates. Vale ressaltar ainda a questão racial também posta às autoras e suas personagens, já que as opressões das mulheres negras se somam às dominações citadas de maneira intrínseca.

A partir das formulações teóricas elencadas, é possível organizar uma crítica literária metodologicamente comprometida com a história e feminismos presentes nas obras e na produção intelectual das autoras. Por isso, refletir de que forma as fraturas sociais e identitárias do colonialismo, capitalismo, racismo e patriarcado são apresentadas e quais suas implicações para as categorias

---

<sup>17</sup> A relação direta entre o capitalismo e o patriarcado será explicada na parte final deste capítulo.



narrativas presentes em cada texto culminam nas proximidades e distanciamentos entre *O alegre canto da perdiz*, *Everything good will come* e *Do not go gentle*, o que possibilita algumas discussões e respostas significativas a esse respeito.

### 1.3 - O chão da História

*“Conhecemos apenas uma única ciência, a ciência da história.”*  
**Marx e Engels em *A ideologia alemã (1845-1846)*<sup>18</sup>**

Tendo a história como central para a análise literária, é preciso dispor de alguns pontos essenciais. Em primeiro lugar, a guinada em relação a concepção materialista da história diz respeito à relação intrínseca entre o ser social e a consciência, ideia presente na elaboração feita para entender o papel da ideologia nas sociedades capitalistas. “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (MARX & ENGELS, 2007, p. 47). Logo, para os autores, as ideias da classe dominante são a expressão ideal das relações que fazem dela a classe dominante. Esse é o ponto de partida de Marx e Engels para compreender, criticar e transpor as ideias de uma certa época.

Complementando o pressuposto acima, a célebre frase de Marx em sua obra de 1852 *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*: “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram.” (MARX, 2011, p. 25), revela o quanto o entendimento do fator histórico é importante para a concepção dialética de sua teoria e o quanto o conceito se diferencia do filósofo Hegel, com quem ele dialoga em muitos momentos de seus textos.

As ideias do filósofo alemão, no entanto, foram um grande ponto de partida para a concepção histórica na modernidade. No início do século XIX, a história já é vista como ciência e não mais apenas sob o ponto de vista da

---

<sup>18</sup> Na edição da editora Boitempo, 2007, a citação está na nota de rodapé da página 86.

providência divina. Nesse sentido, Hegel é importante pois coloca a História como essencial para se pensar tudo, inclusive a própria história, a filosofia<sup>19</sup> e seus conceitos. Porém, uma ideia central do pensamento hegeliano é a de que os povos são orientados em uma espécie de caráter e a história seria a realização desse espírito comum, sendo o homem senhor de seu próprio destino em busca do ideal da liberdade. Como parte do pensamento, as revoluções burguesas que aconteceram no período consolidaram a concepção de um destino que está nas mãos dos indivíduos.

Posteriormente, no exercício da crítica, Marx e Engels criticam uma visão contemplativa e absoluta da História que aparece em Hegel e em outros pensadores. A novidade materialista reside na noção de um sujeito em ação que, diante de determinadas conjunturas, precisa mudar as condições sociais e históricos postas e, por fim, tomar a história pelas suas mãos. Para a teoria marxista, os indivíduos obtêm sua liberdade na e por meio de sua associação, partindo de si mesmos, mas diante de relações históricas dadas (MARX & ENGELS, 2007, p. 64). Esse ponto de vista dialético critica a ideia de uma grande finalidade coletiva capaz de orientar todos os destinos em prol da liberdade humana. Os autores vão dizer ainda que a história não caminha necessariamente para uma finalidade determinada, ou seja, que não existe um determinismo histórico.

Essa ideia vai ser amadurecida posteriormente por Marx em *O capital*, porém, é importante também ressaltar um pensamento histórico já gestado em *O 18 de brumário de Luis Bonaparte* de que as grandes rupturas históricas não são feitas por heróis, como se pensava um ideal romântico, mas que pessoas decisivas surgem a partir de determinadas circunstâncias históricas que precisam ser analisadas em perspectiva conjunta. Diante de tais questionamentos, o pensador alemão considera que quem faz a história é a coletividade humana em movimento, exatamente posta nas condições históricas produzidas e reproduzidas por todos nós.

Entender a história como uma base é, portanto, central para uma perspectiva dialética materialista. Em *A ideologia alemã*, alguns desses conceitos já haviam sido trabalhados, quando, por exemplo, Marx e Engels

---

<sup>19</sup> HEGEL, G.W.F. *Introdução À História da Filosofia*. São Paulo: abril, 1974.

escrevem que “o primeiro ato histórico é a produção dos meios para a satisfação das necessidades, a produção da vida material” (MARX & ENGELS, 2007, p. 33) e que o segundo ponto é que a satisfação dessa necessidade conduz a novas necessidades que levam ao primeiro ato histórico. Por isso, como os homens precisam garantir as condições materiais para sua existência<sup>20</sup> define-se que as necessidades e o modo de produção são tão antigos quanto os próprios homens.

Na obra supracitada, o conceito da consciência está relacionado ao modo de vida que é justamente a organização, inclusive econômica, que garante a existência do sujeito. Sobre essa ideia, há um destaque importante sobre a linguagem, como forma de organização:

Somente agora, depois de já termos examinado quatro momentos, quatro aspectos das relações históricas originárias, descobrimos que o homem também tem consciência. [...] A linguagem é tão antiga quanto à consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e que, portanto, também existe para mim mesmo; e a linguagem nasce, tal como a consciência, do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros homens. Desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens. (MARX & ENGELS, 2007, pp. 34-35)

Ainda sob esse prisma, os sujeitos históricos são aqueles que se organizam em função da linguagem, determinando, assim, a produção da consciência. Nesse sentido, aprofundando-se na conceituação da história como ciência, existe a ideia de que ela é escrita a partir do movimento entre as grandes estruturas do modo de vida em um conjunto de condições estruturais (relação de produção) a partir das quais se estabelece a ligação com a natureza, as formas de organização social e as forças produtivas, estas que se constituem como a respectiva dinâmica, assegurando as conjunturas sociais. No entanto, essas forças produtivas desenvolvem-se até não encontrarem mais as condições estruturais propícias, o que gera um impedimento para a continuidade dessa dinâmica e, diante disso, a história, pode-se afirmar, é feita de tendências e contra tendências<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> Este, aliás, é um ponto de contato com a perspectiva existencialista de Jean Paul Sartre (1905-1980), pois em ambos a existência precede a essência, já que existir socialmente é a primeira urgência da humanidade.

<sup>21</sup> GRESPAN, Jorge. *Marx e a crítica do Modo de Representação Capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2019.

Essa condição dialeticamente geradora do capitalismo reforça a ideia da ausência de determinismo histórico para os autores. O termo tendências é utilizado no plural para afirmar as diversas direções, sempre originadas do capitalismo e nunca de forma aleatória ou individual. Em razão disto, o curso da história oferece, assim, um campo de indeterminação responsável por pautar as ações humanas e sociais organizadas, para que, enfim, o sujeito passe a tomar a história em suas próprias mãos, conduzindo ao fato devidamente revolucionário.

Partindo desse pressuposto, é n'O *capital* que Marx evidencia os conceitos da economia – como mercado e propriedade privada – com o intuito de destrinchar a realidade capitalista posta, como forma construída historicamente. E, justamente por seu movimento contraditório, o capital abre brechas que geram crises, momentos considerados como privilegiados por apresentarem potenciais ativos de rompimento com o sistema. Entretanto, consciente de seus aspectos, ao mesmo tempo, o capitalismo produz e reproduz ideias [ideologia] em defesa de si mesmo, na tentativa de reinventar-se. Esse mecanismo é pautado pela força do consenso em uma estratégia cultural e política de dominação, já que os meios de produção e distribuição de ideias pertencem às classes dominantes no sistema, configurando a hegemonia<sup>22</sup> como um grande fundamento da sociedade capitalista.

Já Friedrich Engels, em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* de 1884, faz um passeio histórico mostrando a relação muito próxima entre a dominação e opressão da mulher e o excedente econômico. Baseando-se em pesquisas do antropólogo J. Morgan e rascunhos de Marx, o autor desvendou conceitos ligados à família tradicional burguesa, a partir da natureza material e histórica das relações humanas, como, por exemplo, quando abordou a origem da monogamia:

Essa foi a origem da monogamia, na medida em que conseguimos acompanhá-la no povo mais civilizado e mais desenvolvido da Antiguidade. De modo algum foi fruto do amor sexual individual, com o qual não teve absolutamente nada a ver, já que os casamentos, do começo ao fim, continuaram a ser atos de conveniência. A monogamia foi a primeira forma de família que não se fundou em condições

---

<sup>22</sup> OLIVEIRA. Thiago Chagas. “Estado, coerção e consenso em Marx e Gramsci”. In: VIII Seminário do Trabalho: trabalho, educação e políticas sociais no século XXI, 2012, Marília: Unesp, 2012. pp. 226-226.

naturais, mas em condições econômicas, a saber, sobre a vitória da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva, de origem natural. (ENGELS, 2019, p. 67)

Uma grande contribuição do livro é a abordagem sobre as relações de gênero que vai além da perspectiva biologizante. Nesse sentido, Simone de Beauvoir, em 1949, ao escrever *O segundo sexo* dialoga com Engels em diversos momentos. Para a pensadora, o movimento histórico das mulheres é compreendido pelos interesses masculinos: colocando valores morais, sociais e religiosos no sentido de fortalecer a hegemonia de um sexo sobre o outro. (BEAUVOIR, 2019). Certamente, ao longo dos anos, muitas críticas confrontaram as teorias que Engels expôs no livro, inclusive sobre o fato do quanto a dominação masculina está ligada ao surgimento da propriedade privada e que a superação em primazia de classe seria, por consequência de sexo<sup>23</sup>.

Entretanto, Engels expôs de maneira categórica e necessária a vinculação entre estrutura de classes, opressão de gênero, casamento e autoridade masculina demonstrando os paralelos de dominação e exploração a que estão submetidos os sujeitos históricos nas sociedades capitalistas. Em certo ponto, ele retoma um trecho de *A ideologia alemã*, para elaborar com mais especificidade no momento:

Assim, o casamento monogâmico de modo algum entra na história como a reconciliação entre homem e mulher, muito menos como forma suprema. Ele entra em cena como a subjugação de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, desconhecido em toda a história pregressa. Em um antigo manuscrito inédito, elaborado por Marx e por mim em 1846, encontro o seguinte: “A primeira divisão do trabalho foi o que ocorreu entre homem e mulher visando à geração de filhos”. E hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher no casamento monogâmico, e a primeira opressão de classe coincide com a do sexo feminino e do sexo masculino. O casamento monogâmico foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, inaugura, ao lado da escravidão e da riqueza privada, a época que perdura até hoje, em que cada progresso constitui simultaneamente um retrocesso relativo, em que o bem-estar e o desenvolvimento de uns se impõem pela dor e pela opressão de outros. É a forma celular da sociedade civilizada, na qual já podemos estudar a natureza dos antagonismos e das contradições que nela se desdobrarão plenamente. (ENGELS, 2019, p. 68)

---

<sup>23</sup> Mais adiante serão contempladas teorias feministas que ampliarão a discussão aqui mencionada.

É interessante notar que Engels analisa as instituições do casamento, da escravidão e da riqueza como processos simultâneos e complementares, que culminam na exploração e dominação de uns sobre outros. Reforça, ademais, a análise de que a primeira forma de dominação de classes foi do homem sobre a mulher, pois esta se constitui como a primeira garantia da mão de obra para a sociedade capitalista. Aparecem desenhados, portanto, nas reflexões do pensador, as categorias de classe e sexo de maneira imbricada para o entendimento das desigualdades sociais.

Por essa perspectiva, a socióloga brasileira Maria Lygia Quartim de Moraes traz em seus trabalhos as contribuições ainda anteriores de Charles Fourier (1772-1837) sobre a questão da mulher na exploração capitalista. O autor também foi retomado por Simone de Beauvoir no final de seu livro<sup>24</sup>:

A relação imediata, natural, necessária do homem com o homem é a relação do homem com a mulher. Do caráter dessa relação decorre até que ponto o homem se comprometeu como ser genérico; a relação do homem com a mulher é a relação mais natural do ser humano com o ser humano. Nela se mostra portanto até que ponto o comportamento natural do homem se tornou humano ou até que ponto o comportamento natural do homem se tornou seu ser natural, até que ponto sua natureza humana se tornou sua natureza. (BEAUVOIR, 2019, p. 557)

Portanto, o papel fundamental da mulher na superação das opressões sociais é evidente para as lutas de classes, já que suas ações contra as injustiças perpetradas são o motor da revolução. Tal pensamento constitui-se central para muitos socialistas debatidos aqui. É de se refletir, certamente, o ideal da mulher burguesa como figura que precede as reflexões, marcando também o ponto de vista histórico sobre o qual são inscritas essas obras<sup>25</sup>. Para Fourier, conforme aponta Leandro Konder<sup>26</sup>, a mulher é o melhor parâmetro possível para o progresso social de uma sociedade, já que a liberdade e direitos conquistados por elas representavam, conseqüentemente, um maior desenvolvimento histórico e cultural.

---

<sup>24</sup> Como ressalta Maria Lygia, Simone traz a citação pensando ser de Marx, mas, na verdade pertence a Charles Fourier.

<sup>25</sup> Em Moçambique essas ideias também se apresentavam na revolução e serão debatidas mais adiante.

<sup>26</sup> KONDER, Leandro. *Fourier, o socialismo do prazer*. São Paulo: Civilização brasileira, 1998.

Desse modo, as ideias de revolução e transformação social precisavam ser a tomada de consciência dos sujeitos históricos em suas condições, passando, inclusive, pela figura da mulher e sua participação social. Nesse sentido, os pensamentos de Rosa Luxemburgo sobre ações de reforma e revolução são essenciais, já que sem a ruptura estrutural com o sistema vigente, não haverá mudança de posições subalternas.

Nessa direção, no renomado livro de 1900, intitulado *Reforma ou revolução?* a autora polonesa traz uma questão fundamental que leva a duas respostas igualmente importantes para a transformação social: as reformas fazem sentido e melhoram as condições atuais, mas isto posto apenas em um contexto revolucionário, na perspectiva de um ideal socialista. É importante lembrar, como ressalta a professora Isabel Loureiro<sup>27</sup>, que os escritos de Rosa se constroem na interação com seus contemporâneos e só podem ser entendidas por esse viés histórico.

Por conseguinte, as ideias de Marx e Engels sobre uma ação autônoma das massas e de uma libertação da classe trabalhadora, possível apenas a partir da própria classe, é central para a pensadora. Devido a sua militância constante, ela se inspira nos movimentos dos partidos que participou [polônês e alemão] para gerir suas ideias, sobre as quais o socialismo passa a ser visto como uma necessidade histórica, uma ação que vai levar à oposição do sistema capitalista, visto que a continuidade deste só pode conduzir o percurso histórico para uma barbárie<sup>28</sup>.

Além disso, um importante destaque dos escritos de Rosa Luxemburgo estruturados para orientar a revolução é que aparecem, entre outras premissas, a afirmativa sobre o fim do imperialismo e da humilhação das mulheres, além da internacionalização de todo o processo. Porém, para Rosa, em sua primeira análise, a categoria dos camponeses não participaria do processo<sup>29</sup>, dirigido apenas pelo proletariado urbano. Essa ideia revela uma grande inspiração dos

---

<sup>27</sup> OS APRENDIZADOS DE ROSA. Curso em videoaulas por Isabel Loureiro. Fundação Rosa Luxemburgo: Brasil e Paraguai. Disponível em: <<https://rosalux.org.br/os-aprendizados-de-rosa/>> Acesso em: 26 dez. 2020.

<sup>28</sup> LOUREIRO, Isabel (org) *Socialismo ou barbárie: Rosa Luxemburgo no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular,

<sup>29</sup> Importante lembrar que essas reflexões de Rosa no livro foram realizadas em um contexto anterior ao da eclosão da Revolução Russa, na qual os camponeses participaram intensamente do processo, fatos que vão fazer com que a autora revise a participação dos camponeses na luta e no processo de Revolução.

ideais da Revolução Francesa (modelo do período), mas que encontra embates, até mesmo na constituição da luta armada em Moçambique, por exemplo<sup>30</sup>, e seu processo de libertação colonial.

Esse breve percurso sobre o conceito de história revela dois sentidos: o conjunto de ações codificado pelo discurso oficial aos quais a ciência se dedica, pode ser encarado como macroestrutural; e a história que perpassa e constitui a trajetória dos indivíduos em sua vida material, concreta, como um microcosmos. Ambas as perspectivas são relevantes para a análise literária, pois enquanto a primeira oferece as condições primeiras dos meios e modos de produção pertencentes ao contexto, à autoria e à concepção inscrita na obra literária, a segunda marca a trajetória das personagens na relação com o enredo. Logo, é perceptível que os modos de produção determinam uma estrutura posta que acomoda a realidade social e contempla a existência humana cotidianamente.

Nesse aspecto, o capitalismo encontra-se com o sistema de opressão do patriarcado já vigente e intensifica a relação da história cotidiana das mulheres, que precisam operacionalizar muito mais trabalhos e resolução de problemas para a vida em sociedade. E é pontualmente sobre esse entendimento que a trajetória das personagens em cada romance se entrelaça, já que lidam com as opressões de formas semelhantes e distintas diante das experiências vividas. Por esse motivo é que, levando em consideração o fato de que as mulheres, sobretudo negras, estão à margem das sociedades capitalistas, mais do que nunca é necessário firmar suas histórias em contextos históricos. É interessante pontuar a formulação fundamental de Walter Benjamin (1986) em "Sobre o conceito de história", de 1940, em que o estudioso afirma a necessidade de escrever a história a contrapelo, o que significa dar voz ao ponto de vista daqueles que foram constantemente apagados na história das lutas de classes. Na tentativa de recuperar histórias, o olhar para o passado deve partir do presente sobre o qual o discurso é engendrado, podendo, assim, transformar os dois tempos:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela

---

<sup>30</sup> O processo de independência colonial e emancipação política de Portugal em Moçambique, que também previa a libertação das mulheres, está alicerçado também no campesinato e sua estruturante mão de obra.



relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. (BENJAMIN, 1986, p. 234)

Isto posto, uma das formas de oferecer voz às pessoas oprimidas no sistema é o exercício de ficção. Diante disso, Benjamin coloca o materialismo histórico como método de análise do gênero literário romance. Em seu texto “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, presente no livro *Magia e técnica, arte e política* (1986), o autor salienta a ideia de que é a experiência a impulsionadora da narrativa: “Com efeito, ‘o sentido da vida’ é o centro em torno do qual se movimenta o romance. Mas essa questão não é outra coisa que a expressão da perplexidade do leitor quando mergulha na descrição dessa vida” (BENJAMIN, 1986, p. 212). Por esse viés, insere-se a atividade da narração como paralela às amplas questões da prática política para o discurso da história.

Para esse fim, a literatura é forma de linguagem, e, portanto - retomando Marx e Engels em *A Ideologia alemã* - de consciência. Sendo o romance uma tendência do capitalismo burguês que gera suas próprias contra tendências, o trabalho entre literatura e história, por meio da interpretação materialista dialética discutida aqui, pode-se agregar ainda mais para a percepção dessa linguagem como essencial e transformadora da sociedade. Por tais compreensões sobre a história é que os trabalhos em torno das contribuições marxianas continuam revolucionários até hoje e mais essenciais do que nunca.

Nessa direção, o historiador Eric Hobsbawn, mais contemporaneamente, em 1968, escreve alguns ensaios a respeito da relevância e atualidade desse pensamento, que são fundantes para a compreensão do conceito:

A importância dessas peculiaridades do marxismo se encontra no campo da história, pois são elas que lhe permitem explicar — ao contrário de outros modelos estruturais-funcionais de sociedade — por que e como as sociedades mudam e se transformam: em outras palavras, os fatos da evolução social. A imensa força de Marx sempre residiu em sua insistência tanto na existência da estrutura social quanto na sua historicidade, ou, em outras palavras, em sua dinâmica interna de mudança. Hoje, quando a existência de sistemas sociais é geralmente aceita, mas à custa de sua análise a-histórica, quando não anti-histórica, a ênfase de Marx na história como dimensão necessária talvez seja mais essencial do que nunca (HOBSBAWM, 2013, p. 210)

De acordo com o exposto, a atualidade de Marx – e Engels – reside na necessária fundamentação crítica da sociedade capitalista circunscrita. Dessa forma, a compreensão realizada pelo filósofo já há tantos anos continua indispensável tanto para apreender a realidade quanto como para sua superação, no sentido de buscar um mundo livre das opressões e explorações. Sem a crítica marxista, há o constante risco do não enfrentamento das bases materiais e da dissolução da totalidade.

Nesse sentido, o marxismo como teoria e método que não se encerra em Marx – e Engels - encontra sentidos na análise dialética da sociedade contemporânea sobre as novas problemáticas que surgem com o movimento histórico. Por meio da concepção materialista de como se organizam as sociedades humanas, além da centralidade dos conflitos e das contradições perpetradas na modernidade, existe a necessidade incontornável de ruptura política revolucionária, que pretende enfrentar as diversas formas de opressão, repressão e alienação. Definitivamente, ao analisar os romances africanos de Paulina Chiziane, Sefi Atta e Futhi Ntshingila, é possível compreender, com o chão da história, como as produções literárias destas sociedades contemporâneas podem interpretá-las e transformá-las radicalmente.

#### **1.4 - O materialismo histórico em África**

*“É assim, pois, que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão.*

*É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder.”*

**(ADICHIE, 2009)**

Após um percurso que oferece o conceito de história como central metodologicamente para o marxismo, cabe elucidar, ainda, as razões pelas quais o mesmo método e seus principais conceitos são relevantes no contexto dos países africanos desde a invasão europeia no continente e a implantação de um sistema de dominação e exploração capitalista e imperialista. Essa análise específica é necessária diante das demandas observadas nas obras literárias produzidas por mulheres na contemporaneidade do continente africano.

Primeiramente, destaca-se que, no início do século XX, grande parte da humanidade vivia em situação colonial, sob o domínio majoritário das potências europeias ocidentais, Estados Unidos da América e Japão. Essa circunstância mostra que os povos colonizados faziam parte do mesmo sistema capitalista, mas em espaços periféricos. Marx já anunciava, desde suas análises sobre o Império Inglês, um programa teórico político nesse sentido, o que torna impossível realizar uma análise crítica do capitalismo sem considerar a questão colonial.

Já Domenico Losurdo, em seu recente e último trabalho *Marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer* (2018), evidencia como a questão colonial e a luta anticolonial são centrais para o entendimento do sistema capitalista ainda hoje. Ele propõe superar um afastamento entre marxismo ocidental e oriental, tendo como centralidade a importância das questões colonial, nacional e da luta antirracista para a superação do capitalismo, com o objetivo de reorganizar uma nova compreensão do marxismo que se coloque como uma crítica radical em uma perspectiva imperialista.

É importante, pois, tratar do embate entre os conceitos de marxismo ocidental e oriental tratados pelo crítico italiano para orientar a discussão apresentada. Em primeira análise, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução de Outubro na Rússia (1917) marcam a difusão do marxismo e do comunismo pelo mundo, antes centradas na Europa. A partir daí, as ideias marxistas do ocidente perderam o vínculo com as revoluções anticoloniais no restante do mundo e acabaram sendo derrotadas, tendo em vista que nunca conseguiram operar um processo revolucionário ou compreender a questão nacional. Já nos anos 70 do século XX, muitos países tiveram processos revolucionários vitoriosos, amparados pelas ideias marxistas orientais que dialogavam com Marx mais diretamente: “a profunda hipocrisia, a intrínseca barbárie da civilização burguesa estão diante de nós sem véus, não apenas nas grandes metrópoles, onde elas assumem formas respeitáveis, mas voltemos os olhos às colônias, onde perambulam nuas”. (MEW, IX, 225 *apud* LOSURDO, 2018,).

Logo, a unificação das duas correntes parte do princípio de que o marxismo é um método de interpretação da realidade e não um sistema fechado

e, por isso, se aplica em todas as esferas onde o capitalismo possa atuar, com suas mais diversas variações.

Não deveria haver contradições entre marxismo oriental e marxismo ocidental: estamos lidando com dois ângulos distintos do mesmo sistema social, investigado em ambos os casos a partir da análise desenvolvida por Lênin. Quer dizer, para questionar o capitalismo-imperialismo, temos duas lutas pelo reconhecimento: da primeira são protagonistas nações inteiras que querem se ver livres da opressão, da humilhação e da desumanização inerentes à dominação colonial; da segunda são protagonistas a classe operária e as massas populares, que se recusam a ser “matéria bruta” à disposição das elites. E, todavia, desde o início a convergência, a unidade e o reconhecimento recíproco entre essas lutas pelo reconhecimento não são óbvios (LOSURDO, 2018, p. 47).

Portanto, é essencial salientar que é desse contexto histórico - capitalismo-imperialismo - que partem as escritoras analisadas neste estudo, todas escrevem e vivem em territórios do continente africano que foram invadidos e colonizados por europeus, e que, mesmo após a independência e em alguns casos, revoluções nacionais, ainda se localizam em territórios marginalizados do sistema capitalista. Ademais, é relevante destacar que, além do aspecto colonial, nacional e antirracista, cabe ainda a luta antipatriarcal impulsionada pelas mulheres. Muitas vezes, esse sistema de exploração e dominação já era existente e, em outras vezes, foi implantado ou modificado, unindo forças com o capitalismo, imperialismo e racismo em estratégias diversas e combinadas de opressão.

Não é sem sentido, portanto, que é preciso analisar a perspectiva marxista sobre a exploração da África pelo tráfico negreiro e pela colonização imperialista, que foi desenvolvida magistralmente na obra de Walter Rodney *Como a Europa subdesenvolveu a África*, publicado em 1972. Para o autor, somente uma revolução anticapitalista pode levar à emancipação do continente e do povo negro. Tal premissa já é levantada por Angela Davis, comentando a mais nova edição do livro de Rodney: “how can we encourage radical critiques of capitalism as integral to struggles against racism as we also advance the recognition that

we cannot envision the dismantling of capitalism as long as the structures of racism remain intact?<sup>31</sup>” (DAVIS, 2019).

Levando em consideração os acontecimentos históricos do início do século XX, tanto no oriente quanto no ocidente, a reestruturação do capitalismo lançou suas bases no imperialismo, impulsionado pela exploração colonial, sobretudo, do continente africano. No decorrer da obra, o autor faz um percurso histórico dos papéis desempenhados pela Europa, reorganiza conceitos como desenvolvimento e subdesenvolvimento pelo viés capitalista e aponta de que maneira a exploração do continente africano ofereceu as bases para o desenvolvimento do capitalismo na Europa.

Vale ressaltar ainda que, quando Walter Rodney foi assassinado, ainda jovem, em 1980, seu trabalho intelectual estava no auge e, como aponta Davis, o autor não ignorou as questões de gênero. Mesmo sem utilizar um vocabulário feminista, ele descreve a anulação dos direitos sociais, religiosos e constitucionais das mulheres africanas na medida em que a exploração econômica é intensificada.

Outrossim, a importância de trazer Rodney para o eixo teórico desta tese está no fato de que, ainda, os temas mais trabalhados e conhecidos quando se fala popularmente do continente africano são a pobreza e a desigualdade, como se essas questões estivessem descoladas de um processo histórico predatório edificado pela colonização europeia. Portanto, é importante destacar que os territórios africanos foram subdesenvolvidos em prol do desenvolvimento de outras nações com o objetivo primeiro de implementar políticas de exploração econômica e social para os povos europeus. Na atualidade, o continente está condicionado à periferia desse sistema, já que ainda se utiliza como subterfúgio a ideia da globalização para a manutenção da extorsão colonial.

Além dos recursos territoriais e minerais que a África foi e é obrigada a ofertar às grandes potências, a grande chave para entender o percurso histórico do subdesenvolvimento mantido ao continente é o racismo e a força de trabalho escravizada. Sobre esse tema, outro autor caribenho como Rodney, Frantz

---

<sup>31</sup> “Como nós podemos encorajar críticas radicais do capitalismo como integrais as lutas contra o racismo, enquanto nós avançamos no reconhecimento de que não podemos visar o fim do capitalismo enquanto essas estruturas do racismo permanecerem intactas?” (Tradução de Andrey Santiago. Disponível em: < <https://traduagindo.wordpress.com/2019/03/30/o-legado-de-walter-rodney-por-angela-davis/>> Acesso em: 30 dez. 2020

Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020), ao discutir a centralidade desse aspecto das relações humanas, afirma que a oposição entre brancos e negros só se constitui como par dialético no sistema da modernidade colonial e burguesa. Dessa forma, a superação do racismo exige uma *desracialização* das relações humanas. Nesse sistema em que o universal é tomado como branco, enquanto os demais são os outros, é preciso reverter e confrontar taticamente a história e a cultura hegemônica, pela perspectiva dos negros, mas Fanon comprova que a alienação e desumanização dos negros tem um fundamento econômico:

[...] Continua a nos parecer evidente, contudo, que a verdadeira desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há um complexo de inferioridade, ele resulta em um duplo processo:  
- econômico, em primeiro lugar;  
- e, em seguida, por interiorização, ou melhor, por epidermização dessa inferioridade.

[...] O negro deve travar a luta nos dois níveis: visto que eles, em termos históricos, se condicionam mutuamente, qualquer libertação unilateral será imperfeita, e o pior erro seria acreditar numa interdependência mecânica entre ambos. Além disso, os fatos resistem a uma inclinação sistemática desse tipo, como mostraremos.

A realidade, ao menos desta vez, exige compreensão total. Uma solução deve ser apresentada tanto no nível objetivo quanto no subjetivo. (FANON, 2020, pp. 24-25)

Percebe-se a defesa de uma práxis transformadora das condições reais pela superação dos signos da raça e do racismo, tal como estes emergem para legitimação ideológica da modernidade, do colonialismo e do processo de acumulação de capital. Portanto, diante de um sistema que nega a condição de ser humano ao negro, utilizando-o como mão de obra compulsória para estruturação capitalista, é imperativo que a realidade seja compreendida de forma totalizante.

Evidentemente, grande parte da produção intelectual de Fanon (2010) faz parte do contexto revolucionário na Argélia, onde ele teve participação fundamental, o que não se configura como um horizonte imediato para a contemporaneidade. Desse modo, também pelo viés da psiquiatria, que percebe as implicações do racismo nos níveis subjetivos e busca a conscientização do inconsciente nos sujeitos, a psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza, em

*Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983), discute de que forma, em uma sociedade pós-escravocrata que mantém a raça como uma noção ideológica estruturante das classes, a questão da ascensão social continua a ser uma forma de assimilação dos padrões brancos em detrimento à identidade negra, ou seja, não há uma superação, de fato, do racismo e da desumanização como forças legitimadoras desse sistema. No entanto, há uma necessidade eminente de contestação e rompimento com as caracterizações e modelos da branquitude, que passam pela identificação dos negros nessa sociedade, sobre suas histórias, corpos e culturas, pois são esses os mecanismos que possibilitarão e organizarão as possibilidades emancipatórias (SOUZA, 1983).

Da mesma forma, quando analisada a conjuntura dos países africanos na contemporaneidade, especialmente Moçambique, Nigéria e África do Sul, contemplados nas análises dos romances, o que se observa não é a emancipação de mulheres negras na nova ordem social imposta, mas sim contínuas formas de reorganização e questionamento do racismo e do machismo responsáveis ainda por estruturar o capitalismo vigente. De acordo com esse viés, entender de que forma a luta anticolonial se construiu para o continente africano é incontornável, e, destacar a participação e a contribuição de importantes líderes revolucionários para os movimentos de libertação é essencial para essa compreensão. Nesse sentido, nomes como Amílcar Cabral, Thomas Sankara, Agostinho Neto, Kwame Nkrumah e Samora Machel<sup>32</sup> entre outros, tornam-se figuras prementes na aproximação das ideias do panafricanismo com o marxismo revolucionário.

Vale ressaltar, sobre esse ponto teórico-histórico, a centralidade do 5º Congresso Pan-Africanista, realizado em 1945 e considerado o auge do movimento e o mais significativo no sentido de que a defesa da luta anticolonial se expressava de forma mais sólida pelas categorias marxistas. Esse movimento já vinha sendo arquitetado pelos partidos e suas agendas comunistas desde os discursos provenientes da Revolução Russa, que proclamava pela autodeterminação dos povos e pela crítica ao colonialismo. Entre as ideias centrais do marxismo panafricanista existe a união dos territórios africanos e da

---

<sup>32</sup> Textos e discursos dos líderes citados estão reunidos no livro *Revolução Africana: uma antologia do pensamento marxista* organizado por Jones Manoel e Gabriel Landi (2020).

diáspora, a despeito das suas singularidades e diferenças, pelo fim dos sistemas racistas e coloniais, rompendo definitivamente com as relações capitalistas e enfrentando o imperialismo global (MANOEL & LANDI, 2020).

Enquanto nas colônias portuguesas, Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane e Samora Machel figuram-se centrais nos processos de independência de Guiné-Bissau e Moçambique respectivamente, nas colônias inglesas da Nigéria e da África do Sul, os diálogos com os movimentos de libertação ocorrem de maneira distinta. Para o país localizado no ocidente da África, a independência foi negociada em 1960, entre o conjunto de territórios que acordaram a transferência de poder político com as burguesias locais. Já para a fronteira mais ao sul do continente, banhada por dois Oceanos, o regime segregacionista acompanha a conturbada história de disputa territorial até meados dos anos noventa e muitos dos enfrentamentos dos povos sul-africanos dialogam com as percepções do marxismo panafricanista e estadunidense<sup>33</sup>.

Mas o fato é que tais contribuições teórico-críticas podem alicerçar a compreensão dos enfrentamentos possíveis que o continente perpetrou historicamente. Primeiramente, vale trazer uma definição importante sobre o capitalismo e o imperialismo que vigorava no período mencionado e estudado desde então. Na Conferência Tricontinental dos Povos da Ásia, África e América Latina, de janeiro de 1966 em Havana, Cuba, Amílcar Cabral profere o discurso “A arma da teoria” em que apresenta a seguinte explanação:

Diremos apenas que o imperialismo pode ser definido como a expressão mundial da procura gananciosa e da obtenção de cada vez maiores mais-valias pelo capital monopolista e financeiro, acumulado em duas regiões do mundo: primeiro na Europa e, mais tarde, na América do Norte. E, se queremos situar o fato imperialista na trajetória geral da evolução deste fator transcendente que modificou a face do mundo – o capital e os processos da sua acumulação – poderíamos dizer que o imperialismo é a pirataria transplantada dos mares para a terra firme, reorganizada, consolidada e adaptada ao objetivo da espoliação dos recursos materiais e humanos dos nossos povos. [...] No que se refere aos efeitos da dominação imperialista sobre a estrutura social e o processo histórico dos nossos povos, convém averiguar, em primeiro lugar, quais são as formas gerais de dominação, do imperialismo. Elas são pelo menos duas: 1º) Dominação direta – por

---

<sup>33</sup> Alguns nomes de marxistas locais da década de 1920 elencados por Muryatan S. Barbosa em seu artigo “Pan-africanismo e marxismo: aproximações e diferenças a partir do pensamento africano contemporâneo” são: Isaac B. Tabatata, Dora Taylor, Hosea Jaffe, Govan Mbeki, Joe Slovo, Rachel Simons, Jabulani Nobleman ‘Mzala’ Nxumalo entre outros. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/11675/7068> Acesso em: 07 out 2021.



meio de um poder político integrado por agentes estrangeiros ao povo dominado (forças armadas, polícia, agentes da administração e colonos) – à qual se convencionou chamar colonialismo clássico ou colonialismo. 2º) Dominação indireta – por meio dum poder político integrado na sua maioria ou na totalidade por agentes nativos – à qual se convencionou chamar neocolonialismo. [...] Para nós, o fundamento da libertação nacional, sejam quais forem as formulações adotadas no plano jurídico internacional, reside no direito inalienável de cada povo a ter a sua própria história: e o objetivo da libertação nacional é a reconquista desse direito usurpado pelo imperialismo, isto é, a libertação do processo de desenvolvimento das forças produtivas nacionais. Por isso, em nossa opinião, qualquer movimento de libertação nacional que não tem em consideração esse fundamento e esse objetivo, pode lutar contra o imperialismo, mas não estará seguramente lutando pela libertação nacional. (CABRAL, 1980)

Diante disso, é fato que os romances de Paulina Chiziane, Sefi Atta e Futhi Ntshingila estão situados em um período pós-independência, mas, nem por isso, livres da dominação colonial imperialista. Nessa medida, a libertação nacional prevista por Cabral não foi totalmente verificada nas relações sociais e históricas das experiências nacionais e dos sujeitos históricos, visto que os processos de desenvolvimento das forças produtivas nacionais continuam atrelados aos sistemas de dominação de capital.

Em continuidade analítica, as questões raciais são percebidas pelos panafricanistas marxistas pela imbricação entre classe e raça. Entre eles, destaca-se a retomada de Frantz Fanon ao tema em *Racismo e cultura* de 1956 e do caribenho Eric Williams, anteriormente, em *Capitalismo e escravidão* de 1944. Ao comparar realidades e processos distintos, ambos reforçam a ideia de que o racismo é uma opressão sistematizada e que não se encerra com o colonialismo, mas que está atrelada à exploração de classes dentro do sistema capitalista.

Ainda sobre o mesmo referencial teórico, vale lembrar da participação das mulheres no movimento pan-africano. Em 1962 houve a formação da Conferência das Mulheres Africanas na Tanzânia, que contava com a participação de quatorze países. Posteriormente denominada de Organização Pan-Africana de Mulheres e em atividade até os dias atuais, o objetivo do agrupamento naquela época era discutir o papel da mulher na reconstrução da África, quando se desenhavam as lutas pela independência em muitos países. Além da participação de lideranças influentes, como Jeanne Martin-Cissé, há o texto de Samora Machel: “A Libertação da Mulher é uma Necessidade da

Revolução, Garantia da sua Continuidade, Condição do seu Triunfo” de 1973, que, entre outras ideias, assegura que a contradição antagônica da mulher e a sua situação de exploração é definida pelas concepções que organizam a vida econômica, cultural, social e política e sua libertação está intrinsecamente ligada à necessidade de transposição desse sistema opressor totalizante: “Por consequência, da mesma maneira que não pode haver Revolução sem libertação da mulher, a luta pela emancipação da mulher não pode triunfar sem a vitória da Revolução.” (MACHEL, 1973)

Sabendo que as teorias acerca dos feminismos serão tratadas logo adiante, por ora, cabe enfatizar que, apesar dos romances serem elaborados a partir dos anos dois mil, tais perspectivas são relevantes, pois correspondem ao período em que as ideias gestadas na independência das nações africanas também testemunharam as intensas lutas anticoloniais e revoluções internas. Ademais, é também o período em que o capitalismo se globaliza ao extremo, colocando as nações periféricas, em posição de subalternidade e dependência. É importante, pois, apresentar pensamentos que elucidam as questões coloniais do contexto em que cada autora está inserida. Por essa perspectiva, não é possível furtar-se de um processo de colonização e exploração que ainda incide nos territórios africanos em suas formas mais atualizadas.

Sobre esse aspecto, conceituando a noção de um capitalismo que se expressa na sociedade atual, é preciso pontuar os conceitos do neoliberalismo globalizante e trazer Perry Anderson e Nancy Fraser para o debate. Primeiramente, sobre suas origens e novas formas políticas e econômicas, é fato que o neoliberalismo reforçou e incorporou demandas para a regulação capitalista por meio de mudanças históricas, colocando o regime como uma ordem social histórica, que se altera ao longo do tempo:

Começamos com as origens do que se pode definir como neoliberalismo enquanto fenômeno distinto do simples liberalismo clássico, do século passado. O neoliberalismo nasceu logo depois da II Guerra Mundial, na região da Europa e da América do Norte onde imperava o capitalismo. Foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar. Seu texto de origem é O Caminho da Servidão, de Friedrich Hayek, escrito já em 1944. Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denunciada como uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política. (ANDERSON, 1995, p. 9)

Portanto, diante de um neoliberalismo cujo principal papel era deslegitimar o Estado de bem-estar social, as desigualdades sociais intensificam-se pelo mundo culminando em configurações geradoras de crises e contradições do próprio sistema capitalista, dessa vez em caráter global. Portanto, além da relação entre Estado e mercado, estão no cerne das sociedades capitalistas a relação entre produção e reprodução social, que se reorganiza em diferentes processos históricos. Por isso, a análise do sistema vigente pelo viés econômico totalizante deve contemplar múltiplas questões, como as levantadas por Fraser (2020):

[...] como a forma atual de capitalismo (financeirizado, globalizado, neoliberal) está redesenhando as fronteiras entre produção de mercadorias e reprodução social, entre poder privado e público, entre seres humanos e o resto da natureza e entre exploração e expropriação? E quais são as implicações para as formas de dominação, injustiça e sofrimento características de nossa sociedade – formas que, nessa concepção estão preocupadas não só com a dominação de gênero e sexual, depredação ecológica, predação imperialista e opressão racial, bem como com exclusões e marginalização baseadas na organização do poder público e na divisão do espaço público? (FRASER; JAEGGI, 2020, p. 77)

Assim, é diante dessa perspectiva econômica e política contemporânea que os romances estão inscritos, tanto no contexto de produção quanto na reprodução das trajetórias das personagens femininas. Desse modo, é relevante perceber de que modo tais relações [exatamente de produção e reprodução] são percebidas em cada livro e na comparação entre eles, já que todas [autoras e protagonistas] compartilham as contradições sistêmicas do neoliberalismo vigente no continente africano.

Cabe aqui também indicar os referenciais utilizados para a abordagem histórica do continente africano e de cada território ou povo especificamente estudado em cada um dos romances. Além da coleção de História Geral da África disponibilizada pela Unesco, organizada pelo historiador Joseph Ki-Zerbo e da valiosa contribuição de Leila Leite Hernandez em seus trabalhos sobre o continente, uma bibliografia fundamental na construção de uma metodologia de história da África complementa-se com Cheikh Anta Diop, Fatoumata Waggeh, Aquino de Bragança, Malyn Newitt, José Luis Cabaço, Teresa Cruz e Silva e Christian Geffray.

Portanto, historicizar é essencial para compreender as relações do sistema engendrado no continente africano, que perpassa o racismo, colonialismo e patriarcado na contemporaneidade e oferecem não a ruptura de tais processos, mas a continuidade e permanência. E, assim, a partir do diálogo entre literatura e história pensado para esta tese, é possível refletir as condições, contradições e embates das mulheres de forma dialogada com o intuito de relacionar de que forma é possível aproximar as percepções e lutas feministas.

### **1.5 - Feminismo: dialético e propositivo**

*“La revolución será feminista o no será”.*<sup>34</sup>

Uma valiosa contribuição da teoria marxista, como foi possível observar anteriormente, reside em sua perspectiva histórica dialética que pressupõe ser totalizante. Diante disso, a percepção da opressão e dominação das mulheres pode ser vista por um campo histórico concreto, que deve ser desnaturalizado e situado nos processos das relações dos meios e modos de produção do sistema vigente. Dessa forma, partindo da ideia de que feminismo se refere a toda e qualquer teoria e militância que aborde a opressão das mulheres, o feminismo marxista, materialista ou socialista é aquele que utiliza o materialismo histórico como metodologia para uma análise das opressões vividas pelas mulheres (MORAES, 2000). Essa abordagem acontece, inclusive, na tensão com o próprio marxismo, para que este também seja feminista no ideal de transformação do mundo.

Nesse sentido, desde as primeiras obras de Marx e Engels, encontra-se a divisão de trabalho no interior da família, especificando e somando a opressão da mulher diante dessa conjuntura. No entanto, muitas mulheres posteriores aos escritos marxianos vão aprofundar e contribuir com as conquistas de suas semelhantes pela perspectiva materialista, ao longo dos séculos XIX e XX, com

---

<sup>34</sup> A Revolução será feminista ou não será. [tradução livre]. Este é um dos lemas que circularam em Santiago, no Chile, durante os protestos feministas organizados pelas universitárias em prol da defesa de uma educação não-sexista e do combate aos assédios em 2018. O lema já foi entoado também em outras manifestações e embates feministas ao longo do século XXI pelo mundo.

teorias, práticas e militância no mundo Ocidental, é o caso de Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin, Alexandra Kollontai e, posteriormente, Simone de Beauvoir.

Sobre a primeira, seus primeiros artigos distinguem a condição da mulher burguesa em oposição a proletária, entendendo que a extinção das classes também seria o fim da dominação masculina. Porém, mais tarde e mais precisamente em sua obra *A acumulação do capital* de 1913, alicerça-se a respeito do quanto a exploração do trabalho é assegurada, além da mais-valia, pela expropriação da produção e da realidade material, combinada ainda à destruição de territórios e expansão de novos domínios, referindo-se precisamente ao colonialismo e imperialismo (LUXEMBURGO, 2021). É essa a ideia que ampliará a discussão sobre o trabalho reprodutivo, como sendo aquele, desempenhado pelas mulheres e não-remunerado, que garante e beneficia o sistema, sendo o responsável pela geração e manutenção da vida (LOUREIRO, 2020).

Ao lado de Rosa, está sua amiga e contemporânea Clara Zektin, cuja atuação e militância foi central para a organização do feminismo socialista no fim do século XIX. Além de fundar a revista proletária *Igualdade*, em 1890, fez parte de diversas associações operárias femininas e exigia o direito ao voto, oportunidades e salários dignos e a proteção das mulheres e crianças. Junto a Alexandra Kollontai e Lênin escreveu *A Revolução sexual e a Revolução Socialista* que debateu o lugar das mulheres nas classes operárias e burguesas e o papel do casamento, divórcio, prostituição e família nas opressões das mulheres: “Os trabalhadores não se vão dar conta imediatamente de que neste mundo de falta de direitos e de exploração, a mulher está oprimida não só como trabalhadora, mas também como mãe, mulher” (KOLLONTAI, 2009, p. 6).

Sobretudo, foi fundamental na obra a contribuição do gênero feminino na construção do socialismo: “A sociedade burguesa não pode dar uma resposta satisfatória a esse problema **[conservar a vida das mulheres]**. Somente o comunismo pode fazê-lo” (ZETKIN, 2009, p. 47, grifo nosso). Essa premissa é essencial para entender um dos pilares do feminismo com bases materiais: as opressões das mulheres não existem apenas na relação entre classes trabalhadoras e burguesas, mas elas só podem ser superadas com o fim do sistema capitalista, pois este é estruturante na garantia da subordinação das

mulheres e, nesse sentido, somente uma leitura da realidade pelo viés marxista garante a compreensão e o enfrentamento de tais estruturas.

Em continuidade histórica, sobre Simone de Beauvoir, é importante retomar o aspecto marxista em *O segundo sexo*. Ao passo que a autora também destaca o quanto o destino da mulher está ligado ao socialismo, comenta Engels a *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, apontando que a opressão da mulher não pode ser deduzida simplesmente da propriedade privada senão dentro de uma determinada perspectiva. E é pontualmente essa sua análise, como socialista atuante em meados do século XX, que utiliza o materialismo histórico para a compreensão da categoria de mulher. Portanto, a ideia de que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, é ligada ao entendimento de que o conjunto da civilização é responsável por elaborar esse produto Outro que se constitui na oposição do macho; somente na perspectiva global da existência histórica humana é que se percebe a sujeição da mulher (BEAUVOIR, 2019, p. 11).

Desse modo, a incorporação de uma leitura de *O segundo sexo* (entre outras obras) para as feministas marxistas posteriores a Simone leva em consideração a ideia de que é preciso questionar as raízes do sistema opressivo para sua total compreensão. No Brasil, a recepção do feminismo no século XX encontra respaldo em Heleieth Saffioti que também aponta a relação entre as opressões de sexo e classe, que não são consequências exclusivas da propriedade privada, mas que podem somar-se a ela para o benefício masculino na sociedade (SAFFIOTI, 2013). Neste ponto, a respeito do patriarcado, é relevante trazer esse conceito essencial para o entendimento da relação de poder dos homens sobre as mulheres nesta tese.

Para a autora brasileira, a necessidade de utilizar o termo patriarcado existe pois trata-se de uma relação civil, que oferece direitos sexuais dos homens sobre as mulheres praticamente sem restrições, configura-se como um tipo hierárquico de relação que permeia todos os aspectos da sociedade, tem base material, é corporificado e representa uma estrutura de poder baseada na ideologia e na violência (SAFFIOTI, 2015). Dessa maneira, é possível instaurar um regime de “dominação-exploração” que incide sobre as mulheres em todas as partes do mundo e desde os tempos remotos, manifestando-se de maneira

diversa, mas sempre controlando a sexualidade, a capacidade reprodutiva e a socialização de mulheres:

Como já se afirmou, qualquer que seja a profundidade da *dominação-exploração* da categoria mulheres pela dos homens, a natureza do patriarcado continua a mesma. Ela admite a superação, o que exige transformações radicais no sentido da preservação das diferenças e da eliminação das desigualdades pelas quais é responsável a sociedade. (SAFFIOTI, 2015, p. 114)

Para Saffioti (2015), o patriarcado, mesmo anterior ao capitalismo, articula-se a essa sociedade de classes e permanece em constante transformação, atuando nas mais diversas esferas, seja pelas instituições como a família, a igreja e o Estado, seja na potencialização do sistema econômico. Em suma, ao dialogar de maneira próxima com as perspectivas de Gerda Lerner em *A criação do patriarcado*, atribui-se ao conceito de patriarcado uma especificidade dentro das relações de gênero, que se baseia na ideia da dominação-exploração.

Em contrapartida, na definição de Heleieth, o gênero, como um conjunto de normas que modelam os seres humanos em homens ou em mulheres primariamente, não pressupõe uma hierarquia de poder e exploração, e, por isso, não pode ser suficiente para descrever as opressões vividas pelas mulheres. A autora complementa ainda que a noção de gênero não é natural e as desigualdades entre gêneros pressupõe estruturas de poder delimitadas pelas tramas sociais (SAFFIOTI, 2015).

Em última análise, a pensadora brasileira também compreendeu a categoria de raça e o racismo como uma relação de dominação-exploração e que, somado ao patriarcado e ao capitalismo, potencializou a exploração de sujeitos, especialmente de mulheres negras. A respeito desse tema, ela ainda desenvolveu, a partir da década de 80, a teoria do Nó<sup>35</sup>, que seria a simbiose [permeada de contradições] entre raça, classe e gênero para perceber a realidade material que impõe desigualdades e diferenças nas sociedades atuais.

---

35 Sobre a profundidade desse conceito, recomendo a tese desenvolvida por Danielle Cordeiro Motta: "Desvendando o nó: a experiência de auto-organização das mulheres catadoras de materiais recicláveis do Estado de São Paulo" (2017)

Também no mesmo período de Saffioti, encontra-se a contribuição e o diálogo com as elucidações de Lélia González, militante feminista do movimento negro, sobre a relação entre raça, classe e gênero para a sociedade brasileira. É fato que essas ideias primordiais podem ser transpostas para a análise material de outras realidades, como a do continente africano, já que ela foi responsável por pensar as categorias de um feminismo negro, afro-latino-americano e da amefricanidade já que o sistema de dominação e o racismo são os mesmos em todas as localidades onde o capitalismo e o imperialismo foram instaurados. Sempre munindo-se de uma linguagem pessoal, permeada de narrativas contestadoras, Lélia expõe o lugar da mulher negra, legado à marginalização, como um espaço não naturalizado, desconstruindo o mito da democracia racial no Brasil a partir da influência da psicanálise. Então, a autora propõe ressignificar a discriminação racial ao desvelar que o racismo era apropriado pela sociedade capitalista para servir, também, a interesses de gênero e de classe (GONZALEZ, 2020). Em um de seus textos, “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, de 1984, ela aborda a condição estruturante de tais processos na sociedade e de que forma é colocado o papel da mulher negra como subalterno de todas as condições. Lélia apresenta tais pensamentos a partir de uma articulação entre categorias de análise imbricadas e que circulavam nos movimentos sociais em voga do período.

No tocante a esse aspecto, os pensamentos de Lélia encontram eco em Angela Davis<sup>36</sup>, ambas, aliás, se conhecem em uma viagem da primeira aos Estados Unidos durante o período da ditadura militar brasileira, quando Lélia discursou durante algumas Conferências. Já a estadunidense, que além de professora e filósofa, já participou do grupo Panteras Negras, integrou o Partido Comunista em seu país e foi detida politicamente, o que mobilizou uma grande campanha para sua libertação. Sua obra *Mulheres, raça e classe*, de 1981, também se dedica a imbricação entre as categorias de mulheres, raça e classe na função e dinâmica do sistema capitalista. É notória a forma como a autora conduz a diferenciação dos meios de vida de mulheres brancas e negras nos Estados Unidos e entre homens negros e mulheres negras, explicitando de que

---

<sup>36</sup> Em visita ao Brasil em 2019, Angela Davis exalta a memória de Lélia Gonzales a uma multidão que a assistia no Parque do Ibirapuera em São Paulo: pede para que todas as pessoas presentes leiam a pensadora brasileira pois há muito o que se aprender com ela.



forma estas se articulam pelo feminismo, analisando as condições de trabalho, da família, sexualidade e maternidade:

Assim como seus companheiros, as mulheres negras trabalharam até não poder mais. Assim como seus companheiros, elas assumiram a responsabilidade de provedoras da família. As qualidades femininas não ortodoxas da assertividade e da independência – pelas quais as mulheres negras têm sido frequentemente elogiadas, mas mais comumente censuradas – são reflexos de seu trabalho e de suas batalhas fora de casa. No entanto, da mesma maneira que suas irmãs brancas chamadas de “donas de casa”, elas cozinharam e limpavam, além de alimentar e educar incontáveis crianças. E, ao contrário das donas de casa brancas, que aprenderam a se apoiar no marido para ter segurança econômica, as esposas e mães negras, geralmente também trabalhadoras, raramente puderam dispor de tempo e energia para se tornar especialistas na vida doméstica. Como suas irmãs brancas da classe trabalhadora, que também carregam o fardo duplo de trabalhar para sobreviver e de servir a seu marido e as suas crianças, as mulheres negras há muito, muito tempo precisam ser aliviadas dessa situação opressiva.

Hoje, para as mulheres negras e para todas as suas irmãs da classe trabalhadora, a noção de que o fardo das tarefas domésticas e do cuidado com as crianças pode ser tirado de seus ombros e dividido com a sociedade contém um dos segredos radicais da libertação feminina. (DAVIS, 2016, pp. 233-234)

Diante do exposto, para Davis é essencial que a libertação das mulheres aconteça pela socialização dos meios de produção. No entanto, ela também lembra que a simples remuneração pelas tarefas domésticas não é capaz de transformar a sociedade, pois devido ao sexismo imposto às tarefas domésticas e ao racismo, as trabalhadoras negras começaram a realizar afazeres domésticos remunerados nas casas de mulheres brancas, negligenciando, assim, os cuidados com suas casas e crianças, sobre os quais não houve quem pudesse assumir as responsabilidades (DAVIS, 2016). Ela defende, inegavelmente, a abolição das tarefas domésticas enquanto responsabilidade privada e individual das mulheres e propõe substituí-la pela socialização de tais tarefas, o que pressupõe colocar um fim “ao domínio do desejo de lucro sobre a economia” (DAVIS, 2016, p. 244).

Portanto, diante dos apontamentos de Lélia Gonzalez e Angela Davis fica evidente que as mulheres negras lutam diante da opressão e dominação do sistema patriarcal e racista que operam e contribuem para legitimar a sociedade capitalista. Essa formulação é central para a compreensão do papel da mulher

negra em uma sociedade de classes, condições essas que são visíveis na análise dos romances africanos e nas trajetórias de suas protagonistas.

Soma-se, ainda, a essa análise, o pensamento de Patricia Hill Collins em seu texto “Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão” (2015) quando ela explicita o caráter imbricado das três categorias como estruturas de poder distintas, exemplificando que ser duplamente oprimida, como é o caso das mulheres negras, não é sinônimo de hierarquizar as opressões. A autora sugere também o quanto a escravidão foi uma instituição baseada em raça, classe e gênero, pois era profundamente patriarcal e racista, apropriando-se, inclusive da ideia de desumanização: “uma maneira de desumanizar uma pessoa ou um grupo é negar-lhe a realidade de suas experiências” (COLLINS, 2015, p. 26)

Enfim, da mesma maneira como o conceito de *Nó* de Saffiotti, se apresentam as ideias de Interseccionalidade e Consubstancialidade para o feminismo, especialmente entre as teóricas do feminismo negro contemporâneo, como Patricia Hill Collins, Audre Lorde e bell hooks, que serão utilizadas como viés teórico-metodológico. Porém, vale ressaltar que a imbricação entre gênero, raça e classe [*e sexualidade, acrescento*] são entendidas pela perspectiva do materialismo histórico pois devem propor uma mudança paradigmática do sistema político e econômico. Em contrapartida, o feminismo sem um viés marxista pode ser incorporado aos interesses mercadológicos e ressaltar aspectos individuais em detrimento das lutas sociais. Como lembra bell hooks:

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos. (hooks, 2019, p. 33)

Assim, o feminismo marxista prevê a transformação concreta de uma realidade concreta em que o machismo, entendido como a manifestação violenta contra as mulheres no interior de sociedades patriarcais, se expressa constantemente. Por isso que a luta das mulheres perpassa e integra o racismo, a xenofobia, o colonialismo, a homofobia com o intuito também de superar o capitalismo. Neste ponto, as considerações de Fraser, Auzza e Bhattacharya

(2019) sobre de que forma o feminismo deve ser delineado para esse embate são extremamente precisas:

O capitalismo certamente não inventou a subordinação das mulheres. Esta existiu sob diversas formas em todas as sociedades de classe anteriores. O capitalismo, porém, estabeleceu outros modelos, notadamente “modernos”, de sexismo, sustentados pelas novas estruturas institucionais. *Seu movimento fundamental foi separar a produção de pessoas da obtenção de lucro, atribuir o primeiro trabalho às mulheres e subordiná-lo ao segundo.* Com esse golpe, o capitalismo reinventou a opressão das mulheres e, ao mesmo tempo, virou o mundo de cabeça pra baixo. (FRASER et al. 2019, p. 51)

Sociedades capitalistas sempre instituíram uma divisão racial do trabalho reprodutivo. Quer pelo meio da escravidão e do colonialismo, quer pelo *apartheid* ou pelo neoimperialismo, esse sistema forçou mulheres racializadas a fornecer esse trabalho de graça – ou a um custo muito baixo – para suas “irmãs” de etnicidade majoritária ou brancas. Forçadas a cuidar das crianças e da casa de suas patroas ou empregadoras, elas tiveram de luar ainda mais para cuidar da própria vida. Além disso, historicamente, as sociedades capitalistas tentaram alistar o trabalho de reprodução social as mulheres a serviço do binarismo de gênero e da heteronormatividade (FRASER et al. 2019, p. 53)

Nos trechos selecionados é possível observar de que forma um feminismo anticapitalista dialoga com as imbricações entre raça, classe e gênero que se impõe cotidianamente diante das mulheres ao redor do mundo e historicamente. É preciso, neste ponto, explicitar o que concerne o conceito de gênero, quando colocado nesta tese, de acordo com a seguinte perspectiva, elucidada por Clara Araújo:

Trata-se de importante recurso analítico para pensar a construção/desconstrução das identidades de gênero, isto é, os caminhos através dos quais os atributos e lugares do feminino e do masculino são social e culturalmente construídos, muito mais como significados do que como essência. Gênero é relacional e, nesse sentido, um gênero só existe em relação com o outro. Essa característica permite considerar que tanto o processo de dominação quanto o de emancipação envolvem relações de interação, conflito e poder entre homens e mulheres. Numa perspectiva política, nos obriga a ampliar o olhar sobre os atores. O problema deixa de ser apenas das mulheres, requerendo alterações nos lugares, práticas e valores dos atores em geral. (ARAÚJO, 2000, p. 69)

Dessa forma, o gênero existe na relação com outro gênero, mas é o sistema patriarcal que impõe o processo de exploração-domação na dicotomia entre homem e mulher. Apesar da inserção do termo nos debates feministas ter

sido essencial para ampliar a discussão, conforme explicita a autora, fornecendo espaços para debate, é preciso sempre percebê-lo na vinculação com a perspectiva materialista e com o contexto socioeconômico concreto (ARAÚJO, 2000). Dessa forma, quando colocada a diferença ou a desigualdade entre gêneros, é sempre a partir das relações de força e poder dos homens sobre as mulheres nas sociedades patriarcais. Mesmo com a ampliação do debate sobre gêneros e sexualidades - e entendendo, sobretudo, a pertinência da abrangência -, para o momento e a análise desenvolvida na comparação entre os romances, a perspectiva acima é suficiente.

Em continuidade, sobre o feminismo desenvolvido no continente africano, destaca-se o diálogo com algumas perspectivas das nigerianas Chimamanda Ngozi Adichie, Ifi Amadiume, Oyèrónké Oyěwùmí, Bibi Bakare-Yusuf e Minna Salami, principalmente no entendimento das opressões vividas pelas mulheres no interior de sociedades africanas, como a iorubá<sup>37</sup>, por exemplo. Também incorporam às análises feministas as experiências militantes da sul-africana Charlotte Maxeke, primeira mulher negra a graduar-se em uma Universidade americana, que ajudou a fundar a Liga das Mulheres Bantu na África do Sul, em 1918, bem como de Lilian Ngoy e Albertina Sisulu que foram ativistas na luta contra o *apartheid*. Assim como as Revoluções Africanas já foram mencionadas pela perspectiva histórica, muitas ideias e participações femininas em África foram construídas no bojo das lutas de libertação, especialmente em Moçambique e Angola, como é o caso de Josina Machel, Mônica Chitupila e Filomena Likune<sup>38</sup>. Complementa-se a percepção sobre teorias e militâncias feministas no continente o estudo sobre organizações e associações feministas em África na contemporaneidade, como a Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM), African Gender Institute e Ondjango Feminista. Sobre essas perspectivas, destaca-se as reflexões sobre o feminismo africano da ativista nigeriana Minna Salami:

The truth is that feminism is an absolute necessity for African societies. While the term 'feminism' is an import to Africa (as all English words

---

<sup>37</sup> A personagem Enitan de *Everything good will come* possui ascendência iorubá. Assim como Zola e Mvelo de *Do not go gentle* são zulus e Delfina e Maria das Dores em *O alegre canto da perdiz* são de origem Macua-Lomue da Zambesia.

<sup>38</sup> A Revista Tempo publicou entrevistas com as guerrilheiras que participaram das lutas de libertação em Moçambique durante a década de setenta.

are), the concept of opposing patriarchy, the *raison d'être* of feminism if you like, is not foreign. Africa has some of the oldest civilizations in the world so while they didn't always call it feminism (the noun) as far back as we can trace we know that there were women who were feminist (the adjective) and who found ways of opposing patriarchy. Feminism is an important part of African women's "herstory". (SALAMI, 2013)<sup>39</sup>

No mesmo sentido, para elucidar essa perspectiva, cabe trazer as reflexões da também teórica nigeriana Bibi Bakare-Yusuf, em seu texto "Além do determinismo: a fenomenologia da existência feminina africana", em que ela parte das investigações sobre a fenomenologia a partir de Simone de Beauvoir e do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, com o objetivo de traçar uma identidade da mulher africana e da teorização acerca dos feminismos africanos:

Esta teoria deve especificar e analisar como as nossas vidas se cruzam com uma pluralidade de formações de poder, encontros históricos e bloqueios que moldam nossas experiências através do tempo e do espaço. Esta teoria também deve reconhecer a concreta especificidade da experiência de gênero individual e como isso se conecta, e é diferente das outras experiências. Precisamos de uma estrutura que nos possibilite examinar o que significa ser o que somos, e que ao mesmo tempo nos encoraja a perceber o que queremos nos tornar. Estas exigências irão fornecer os meios de teorizar as mudanças de modalidades de existências das mulheres Africanas, assim como reconhecer as diferentes tradições e culturas que ligam as mulheres Africanas contemporâneas a outras mulheres em outros tempos e em outros lugares. (BAKARE-YUSUF, 2003, p. 1).

Dessa forma, é possível vislumbrar uma convergência das posições de Salami e Bakare-Yusuf no sentido de reconhecer a experiência concreta das mulheres africanas na contemporaneidade, na tentativa de compreender de que forma é possível encarar o feminismo como a luta perpetradas pelas mulheres contra as estruturas sociais que as oprimem. No mesmo sentido, o diálogo e a convergência com a situação específica de mulheres ao redor do continente e

---

<sup>39</sup> A verdade é que o feminismo é uma necessidade absoluta para as sociedades africanas. [...] Enquanto a palavra "feminismo" é certamente uma importação (como todas as palavras em inglês), o conceito de oposição patriarcal, isto é, a *raison d'être* do feminismo, não é algo novo ou estranho no nosso continente. África tem algumas das civilizações mais antigas do mundo, por isso, embora nem sempre o chamassem de feminismo (o substantivo) até onde podemos rastrear sabemos que havia mulheres que eram feministas (o adjetivo) e que encontraram maneiras de se opor ao patriarcado. Portanto, o feminismo é uma parte importante da história das mulheres africanas. [tradução de Âurea Mouzinho] Disponível em: <<https://www.ondjangofeminista.com/ondjango/2017/4/10/reivindicando-o-espao-para-nos-chamarmos-feministas-africanas>> Acesso em 19 set 2021.

em outros espaços é sempre no sentido de contribuir para a percepção globalizada desse fenômeno.

Por fim, outra contribuição para o desenvolvimento teórico-metodológico na perspectiva de um feminismo materialista parte dos desdobramentos da *Teoria Marxista da Dependência*<sup>40</sup>, formulada, entre outras figuras relevantes, por Vânia Bambirra: socióloga brasileira que viveu entre 1940 e 2015 e, durante o exílio no Chile, nos anos 70, refletiu sobre a luta das mulheres no interior da realidade latino-americana e a imprescindível participação dessas na Revolução. Em dois de seus artigos publicados na época “La mujer chilena en la transición al socialismo” de 1971, “Liberación de la mujer y lucha de clases” e “La politización de la mujer. Una batalla que está por darse” ambos de 1972, é possível conhecer mais sobre as opressões vividas pelas mulheres e a importância de sua emancipação para a superação do capitalismo.

La lucha por la liberación de la mujer es una lucha política y revolucionaria, que por ser una lucha en contra del sistema capitalista, que mantiene y necesita de la opresión de la mujer, este la inserta en el contexto de la lucha de clases y tiene que ser dirigida por la clase obrera, a través de sus partidos y organizaciones de vanguardia. En este sentido, no se trata tampoco de una lucha de mujeres para su

---

<sup>40</sup> A Teoria Marxista da Dependência (conhecida pela sigla de TMD) é reconhecida no contexto latino-americano pelas ideias de Theotonio dos Santos, Ruy Mauro Mariani, Vânia Bambirra, entre outros. É relevante afirmar que a TMD difere de uma vertente da Teoria da Dependência propagada por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto no livro *Dependência e Desenvolvimento na América Latina* de 1967, que entendia a divisão do mundo entre centro e periferia de forma a ser superada caso a América Latina desenvolvesse uma política educacional e industrial própria, com o intuito de concorrer com os grandes centros econômicos. Essa ideia, nasce na gestão da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe da Organização das Nações Unidas em 1948, no Chile, e tinha como objetivo fazer com que a América Latina se organizasse e produzisse soluções econômicas independentemente de outras nações. Porém, a vertente marxista, se baseia nos escritos de Lênin em *O imperialismo, fase superior ao capitalismo* de 1917 e no próprio conceito, já existente ali, da dependência. Para esse grupo, a independência política não significa uma independência econômica e soberana das nações e, dessa forma a ideia da dependência não é exterior ao capitalismo, ela é parte de seu mecanismo. Portanto, a solução não pode acontecer por meio de políticas de governo, por exemplo, já que o problema da dependência dos países periféricos só vai acontecer com a revolução socialista. É imprescindível compreender que existem variadas formas de desenvolvimento capitalista e o subdesenvolvimento é incluído nessa forma, o que a TMD da América Latina propõe é fazer uma crítica da economia política capitalista de Marx analisando a conjectura a partir da periferia do próprio sistema, no contexto específico latino-americano. Durante a década de setenta, quando essas ideias estavam no auge, ocorre o golpe Militar no Chile, com Pinochet, além dos governos Ronald Reagan e Margaret Thatcher nos Estados Unidos e na Inglaterra respectivamente, que impulsionaram o neoliberalismo pelo mundo. Nesse período, a América Latina já era independente em seus territórios, mas a África lutava pela libertação de colônias. Alguns anos mais tarde, é possível vislumbrar que os países africanos, já independentes, experienciarão novos sistemas de dominação e a TMD pode elucidar algumas questões relevantes para o contexto específico do continente africano e seu histórico de exploração colonial e figuração de dependência econômica no capitalismo global.

liberación, sino que de una lucha de todos los explotados para liberar también a las mujeres. Esta es la forma correcta que debe asumir esta lucha y, por tanto ella tiene que ser travada por todos los revolucionarios, hombres y mujeres, aunque inicialmente cabe a éstas impulsarla con mayor dinamismo. (BAMBIRRA, 1972, p. 15).<sup>41</sup>

A atualidade do pensamento de Vânia Bambirra, que coloca a importância das mulheres na luta, é lembrada pelos dizeres das chilenas atualmente, conforme a epígrafe que inicia a divisão deste capítulo. As ideias, portanto, permanecem abertas e dialogam não apenas com chilenas, mas com brasileiras, moçambicanas, nigerianas, sul-africanas, mulheres que podem encontrar ecos nas vozes que buscam a superação do capitalismo e uma revolução dos modos de produção, em que não sejam mais vitimadas e exploradas pelo capitalismo imbricado ao patriarcado e ao racismo estruturantes desse sistema.

---

<sup>41</sup> A luta pela libertação das mulheres é uma luta política e revolucionária que, por ser uma luta contra o sistema capitalista, que mantém e necessita da opressão das mulheres, esta é inserida no contexto da luta de classes e tem que ser conduzida, pela classe operária, por meio de seus partidos e organizações de vanguarda. Nesse sentido, não se trata de uma luta das mulheres pela sua libertação, mas sim de uma luta de todos os explorados pela libertação também das mulheres. Esta é a forma correta que esta luta deve assumir e, portanto, deve ser travada por todos os revolucionários, homens e mulheres, embora inicialmente lhes incumba promovê-la com maior dinamismo. [tradução livre]

## Capítulo 2 – Paulina Chiziane e *O alegre canto da perdiz*

*Hoje são as mulheres que levantam as vozes e clamam contra outras escravaturas.  
Arremessando ao vento a amargura dos séculos. (CHIZIANE, 2018, p. 311)*



## 2.1 - Paulina Chiziane: o projeto literário de uma moçambicana

Analisar a ficção de Paulina Chiziane é adentrar as nuances das trajetórias das mulheres moçambicanas em seus determinados tempos históricos. Considerada a maior romancista do país, apresenta um projeto literário responsável por engajar a luta pelos direitos e rumos das mulheres de seu país. Nesse sentido, quando questionada sobre o teor das lutas perpetradas por sua literatura, a escritora não hesitou em responder que, especialmente, estão dedicadas ao universo da mulher<sup>42</sup>. Apesar de não assumir a designação de feminista, grande parte de seus escritos orientam trajetórias feministas na forma como suas personagens, inspiradas em moçambicanas reais, buscam a emancipação das mulheres diante das opressões do sistema capitalista e patriarcal em diferentes regiões e épocas de Moçambique.

Primordialmente, a autora já publicou diversos livros, entre romances, poemas, contos e ensaios, textos que já foram traduzidos para inúmeros países. No Brasil, por sua vez, ela encontra uma ampla receptividade e crítica literária sobre sua obra. A carreira de escritora, no entanto, foi se desenvolvendo aos poucos e com certas dificuldades: cresceu durante o período colonial, com um pai alfaiate e mãe camponesa, ambos contra o regime dos assimilados<sup>43</sup>, como destaca Pereira (2018) no trabalho biográfico de campo para sua tese. Assim, Paulina foi educada em escolas católicas e para brancos, onde aprendeu o português, língua do colonizador e morou em bairros suburbanos da cidade para negros não assimilados, ela chegou também a cursar Linguística na Universidade Eduardo Mondlane na capital Maputo, sem concluir o ensino superior.

Nascida na província de Gaza, sua família é *tchope*, povo originário do sul de Moçambique, tradicionalmente agrário que foi dominado, juntamente com os Tsongas, pelo reinado de Gungunhana (1884 – 1894), quando este se instalou em Manjacaze (terra natal de Paulina alguns anos depois). Esse período foi determinante para a organização estrutural do sul de Moçambique. Após esse

---

<sup>42</sup> Entrevista de Paulina Chiziane para a BBC Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37734763>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

<sup>43</sup> Na obra analisada para esta tese *O alegre canto da perdiz* (2008) aparece a questão dos assimilados em Moçambique e a visão da autora sobre o tema será tratada posteriormente.

contexto, durante o período colonial, ainda no início do século XX, os *tchopes* ofereciam resistência e formas de enfrentamento à exploração portuguesa na região, seja pelo não pagamento de imposto, por reorganizações familiares, descumprindo as regras de plantio e colheita ou por meio de símbolos culturais. Por esse viés, cabe salientar a iniciativa do grupo *tchope*, datada desse período, em criar uma série de cantos<sup>44</sup> que denunciavam o regime colonial e o sistema dos coletores, na tentativa de proteger e libertar seus territórios da ofensiva capitalista colonial.

E foi durante o período colonial que nasce a escritora Paulina Chiziane, em 1955, crescendo em meio a consolidação do regime colonial português e da formação da luta armada pela independência. Dessa forma, desde menina sempre ouviu relatos de seus familiares. Por isso, sua origem *tchope* é também marcante para a sua formação como contadora de histórias, como destaca Ianá de Souza Pereira em sua tese:

Paulina se lembra que sua avó materna era uma célebre contadora de histórias: muita gente vinha de longe para ouvi-la. Eram histórias chopes que inspiraram muito sua escrita. Posto que considera que o cerne de sua escrita é a oralidade, ela não gosta de nenhuma palavra escrita que não possa ser ouvida, e esse é seu grande dilema ao escrever em português: as ideias mais belas e mais profundas lhe vêm a mente na língua em que se formou, a língua dos chopes. É como se não conseguisse traduzir perfeitamente para o português – que aprendeu na escola – uma mensagem que deseja transmitir. Nesse processo de transpor ideias para o português, é como se tivesse de recriá-las em outra língua e, com isso, ela sente que muitos valores se perdem. Assim, apesar da influência europeia que dominou seu país, Paulina é categórica: sua raiz é puramente africana. (PEREIRA, 2018, p. 50)

Além do contato com tantas histórias, a escritora também foi militante pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) na luta armada nacionalista durante a guerra de independência de seu país, que se findou em 1975. Após isso, se dedicou a inúmeros projetos pessoais e políticos, cunhando seu percurso de escrita literária. Recentemente, em 2005, chegou a ser candidata ao

---

<sup>44</sup> Ainda estamos furiosos; é sempre a mesma história: A filha mais velha tem de pagar o imposto; Natanele diz ao homem branco que o deixe em paz, Natanele diz ao homem branco que me deixe estar; Vocês, os anciãos, devem discutir os nossos assuntos, Pois o homem que os brancos nomearam é filho de um zé -ninguém; Os Chope perderam o direito à sua própria terra. Deixem que lhes conte [...] Canção retratada na obra *Lutar por Moçambique* de Eduardo Mondlane, publicada em 1969, alguns meses após sua morte.

prêmio Nobel da Paz por seus trabalhos em prol da justiça e da igualdade em Moçambique, além do Prêmio Camões com o qual foi agraciada em 2021.

Decerto, o contexto pós-independência de seu país, que coincide com suas publicações, evidencia um projeto socialista forjado durante a revolução que não apenas foi enfraquecido e fracassou, mas acabou se abrindo para o capitalismo neoliberal vigente dos séculos XX e XXI, colocando as mulheres, anteriormente protagonistas, em situação de subalternidade, vulnerabilidade e esquecimento. Esse cenário é crucial para contextualizar o projeto literário de Paulina, pois já em seu primeiro romance publicado, em 1990, ela tinha trinta e cinco anos e Moçambique vivia os anos finais após uma guerra de desestabilização-civil,<sup>45</sup> movimentada política e militarmente pela FRELIMO e RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana).

Assim, a primeira incursão literária, *Balada de amor ao vento*, apresenta-nos a protagonista Sarnau, alguém que demonstra coragem e força ao lidar com a temática do abandono, tanto político quanto amoroso. São as clivagens entre o sistema colonial e subjetividade que colocam o papel social do feminino sempre em relação de subalternidade, enquanto Sarnau tenta questionar a identidade 'natural' desse caráter alimentado pelas estruturas de poder. Apesar dos percalços sociais e familiares que passa ao longo das páginas do curto romance, a voz da personagem é muito importante ao discutir a condição do feminino em Moçambique e – vale lembrar - de maneira pioneira e corajosa pela escrita de uma mulher.

Após seu primeiro livro, Paulina não esgota as possibilidades enunciativas em prosa que abarcam o universo da mulher moçambicana. Ainda depois da publicação de *Ventos do apocalipse* (1999) e *O sétimo juramento* (2000), a escritora recebe um prêmio pela obra *Niketché: uma história de poligamia*<sup>46</sup>, em 2002, e publica *O alegre canto da perdiz* já em 2008. Todos os romances apresentam protagonismo de mulheres, porém, enquanto os primeiros centram

---

<sup>45</sup> O historiador moçambicano Egídio Vaz divide a guerra que ocorreu entre grupos político-militares da FRELIMO e da RENAMO em dois períodos: o primeiro, conhecido por 'guerra de desestabilização', quando as organizações contavam com apoio externo, e o segundo momento de 'guerra civil', quando os movimentos já desenhavam suas próprias reivindicações para o território. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/de-guerra-de-desestabiliza%C3%A7%C3%A3o-a-guerra-civil-historiador-mo%C3%A7ambicano-fala-sobre-o-conflito-entre-a-frelimo-e-a-renamo/a-16262237>>. Acesso em: 08 out 2021.

<sup>46</sup> O livro *Niketché: uma história de poligamia* passou a ser adotado como leitura obrigatória do vestibular da Universidade de Campinas (UNICAMP) a partir de 2021.

o enredo na guerra, nas tradições e nos desafios do país perante a nova questão mundial, os últimos apresentam-se como grandes apostas para seu percurso no projeto literário preocupado com a condição e movimentos de mulheres no país.

É desse intuito que, com a personagem Rami em *Niketche: uma história de poligamia*, Paulina ousa retratar a questão da poligamia para as sociedades ao sul de Moçambique sob o olhar e a voz de uma mulher que vivencia essa experiência em um contexto muito atual. A perspectiva rompe com muitos paradigmas e causa grande polêmica entre homens e para a política social do país, além de uma nova inquietação para a crítica literária feminista, que agora parte de uma perspectiva endógena da mulher sobre as práticas de poder poligâmicas. O fato é que, o modo como a personagem entende e desenvolve sua trajetória no romance, questiona as estruturas patriarcais existentes, a ruptura familiar e a realização cotidiana, além de inaugurar uma nova independência para as mulheres. O livro é, de fato, parte fundamental da organização literária em torno da qual se ergue uma estrutura de enfrentamento do sistema patriarcal.

Dessa forma, no caminho de delinear aspectos sobre a produção de Paulina Chiziane ao longo dos últimos anos, evidencia-se um projeto literário calcado em tal luta: o de dar voz às mulheres moçambicanas inscritas na contemporaneidade sob determinadas estruturas sociais que as oprimem constantemente. Com esse propósito, em 1992, ano do Acordo de Paz em Moçambique, a escritora testemunhou a situação da mulher durante uma fala organizada em texto posteriormente: “Eu, mulher... por uma nova visão de mundo”. Em suas reflexões, ela diz:

Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. [...] Pretendo revelar um pouco desta experiência sem falsidade nem superficialização, para quebrar o silêncio, para comunicar-me, para apelar à solidariedade e encorajamento das outras mulheres ou homens que acreditam que se pode construir um mundo melhor. (CHIZIANE, 2013, pp. 200-201)

Revela-se, portanto, a constante afirmativa de Paulina de que ela não escolhe deliberadamente privilegiar as mulheres em sua ficção, mas, por parte desse grupo social, narra sobre suas impressões e experiências da mesma forma como toca na vida de tantas outras mulheres circunscritas na mesma

realidade. É visível, inclusive em seu trabalho como escritora, a opressão e o silenciamento feminino e como é necessário combatê-lo para alcançar um mundo menos desigual.

Como uma sequência de seu projeto literário, em seu último romance publicado já internacionalmente<sup>47</sup> e objeto de análise desta tese, *O alegre canto da perdiz*, a própria estrutura narrativa também se vincula ao principal objetivo de dar voz às mulheres moçambicanas. Ao mesclar a trajetória de diversas personagens, especialmente Delfina e Maria das Dores, com fábulas e mitos de fundação sobre a história de Moçambique, da Zambézia e da relação entre homens e mulheres, o enredo se coloca em uma encruzilhada de diversos sentidos, que coincide com um momento histórico em que as mulheres buscam, em forma de diálogo, resgatar seu passado para a compreensão das demandas do presente.

Indubitavelmente, diante de tais aspectos, uma leitura atenta sobre as protagonistas femininas de *O alegre canto da perdiz* revela a opressão vivida pelas mulheres moçambicana cotidianamente: o casamento forçado, o estupro, a sobrecarga de tarefas, a maternidade, a violência doméstica e o sustento da família. Essas temáticas e questões oriundas do livro, quando analisadas a partir de uma leitura histórica, revelam de que forma o período do colonialismo português, a forte influência das religiões cristãs, o capitalismo, o patriarcado e os novos movimentos de globalização, condicionam e recondicionam as mulheres a novos papéis de subordinação. Logo, uma abordagem feminista materialista de *O alegre canto da perdiz* pode contribuir para elucidar a consciência política e social na construção das personagens e de que forma essa obra pode ser considerada no percurso da escritora Paulina Chiziane. Dessa forma, o discurso literário da autora mais reconhecida dentro e fora de Moçambique pode contribuir para uma compreensão do presente com

---

<sup>47</sup> Paulina também publicou desde 2008, outras obras, como: *as heroínas sem nome – memórias de guerra e paz das mulheres em Angola*, em parceria com Dya Kassembe (2008), o livro de contos *As andorinhas* (2009), o texto *Eu mulher... por uma nova visão de mundo* (2013), as obras *Na mão de Deus* (2013), *Por quem vibram os tambores do além* (2013), *Ngoma Yethu: O curandeiro e o novo testamento* (2015) e o livro de poemas *O canto dos escravos* (2017). Suas publicações entre 2013 e 2015 contam com a coautoria de uma médium, um curandeiro e uma curandeira e circundam sobre questões de espiritismo e feitiçaria em Moçambique. A própria escritora não define as obras como romances.

aprendizados do passado, que é justamente o que propõe a interlocução de vozes na composição do romance.

## **2.2 - Entre trechos e contextos: uma leitura imbricada de *O alegre canto da perdiz***

A edição brasileira de *O alegre canto da perdiz* foi publicada apenas dez anos depois da publicação original, em 2018, pela Dublinense. Um momento em que as literaturas africanas, de forma geral (e a própria Paulina Chiziane) já eram mais reconhecidas pelo público e ganhavam um certo destaque no campo das ficções estrangeiras, alicerçadas por novos percursos editoriais. Nesse sentido, o livro, como tantos outros da mesma origem, pode ser considerado uma porta de entrada para diversos leitores brasileiros dispostos a conhecer mais desse universo.

É justamente esse pressuposto que pode ser encontrado na orelha da edição: “ser um brasileiro urbano lendo *O alegre canto da perdiz* é abrir-se a outros modos de sentir, ver e contar o dia a dia”. Assim, revelando que deve haver o contato com outras culturas, a sinopse chama a atenção para um deslocamento de olhar desde e para Moçambique, uma abertura a outra cultura e forma de escrita que apresenta não apenas a presença marcante das personagens mulheres – sobretudo Delfina e Maria das Dores -, mas também, a invocação de mitos fundadores em torno da construção do mundo, da relação entre homens e mulheres e de explicações para os fenômenos culturais vivenciados pela sociedade retratada. Definitivamente, é um romance que procura promover deslocamentos de formas de leitura em qualquer circunstância.

O título, por sua vez, apresenta um animal comum: a perdiz. Consultando brevemente a biologia, a ave é de médio porte com hábitos diurnos e terrestres, além de ser muito semelhante a uma galinha ou a uma codorna, existindo, em subespécies diversas, em praticamente todos os continentes, preferindo regiões como cerrado, savana, pastagens e, em alguns locais, montanhas e rochas. Outra curiosidade é que seu canto é realmente muito apreciado e ecoa por longas distâncias, o que realmente se aproxima ao título da obra. Além disso, o animal, por seus hábitos de chocar ovos alheios, foi utilizado como metáfora em

um versículo da bíblia<sup>48</sup>, julgando o fato de que o homem que acumula riquezas sem a devida justiça não conseguirá mantê-las.

Mencionar esse aspecto remete à criação de Paulina Chiziane dentro do cristianismo, influência que aparece em diálogo, confronto e aproximações com outras premissas de seu projeto literário. Nesse sentido, a leitura da escritora sobre os preceitos divinos é sempre permeada de polêmicas, como foi apresentada na entrevista feita pelo jornal Brasil de Fato, na ocasião da visita de Paulina no país em 2016: “Leitora assídua da bíblia, a escritora diz ter descoberto em suas pesquisas um Jesus “revolucionário, defensor dos direitos humanos e feminista [...] Precisamos desconstruir esse mito que sacraliza as ideias de uns em detrimento das de outros; a minha inspiração também é sagrada”<sup>49</sup>.

É por isso que, em *O alegre canto da perdiz*, sua visão de mundo dialoga com a analogia bíblica em torno da ave e com os aspectos que circundam o enredo ficcional. Além da perdiz anunciar seu canto forte e incômodo em diversos momentos durante a narrativa, as trajetórias de mulheres no território moçambicano podem confrontar um sistema colonial e patriarcal que enriquece a si mesmo sempre por meios injustos e sobre as mulheres. Desse modo, o princípio da história acontece justamente na cidade de Gurué, palavra cujo som, segundo a narração, imita o canto da perdiz.

Desde o início, vale ressaltar, é importante configurar esse espaço geográfico verdadeiro (Gurué), entremeado por recursos naturais que relacionam as personagens com o meio. De início, a história se passa na província da Zambézia, que faz fronteira com o Malawi e fica na região centro-norte de Moçambique, cuja capital é a cidade de Quelimane no litoral. Já a cidade de Gurué fica aos pés dos Montes Namuli, responsável por guardar a nascente do rio Licungo, afluente importante para o país. Atualmente, Paulina Chiziane reside na região da Zambézia, ela sai do Sul em direção ao Norte, marcando também as diferentes visões culturais e os embates<sup>50</sup> existentes em seu país, que compõem sua obra literária.

---

<sup>48</sup> Jeremias 17:11” Como a perdiz que choca os ovos que não pôs, assim é o que junta riquezas, mas não com justiça; no meio de seus dias ele deixará de tê-las, e em seu fim ele será tolo.”

<sup>49</sup> GONÇALVES, Juliana. “A escrita sagrada da romancista moçambicana Paulina Chiziane” entrevista publicada no jornal Brasil de Fato em 21 de setembro de 2016.

<sup>50</sup> Em relação às organizações familiares, tema bastante discutido em *Niketche: uma história de poligamia*, o sul de Moçambique caracteriza-se por relações patriarcais mais determinantes,

Fundamentalmente, a região retratada é um importante cenário para uma história que gira em torno das relações familiares e amorosas de Delfina e suas repercussões na vida da filha, Maria das Dores, de uma forma em que as personagens sempre recorrem aos rios e montes em suas angústias e aflições. Desse modo, ao trazer para o contexto espacial um local ainda pouco visibilizado na literatura, Paulina, mais uma vez, oferece diferentes formas de compreender a relação espacial, temporal e social das mulheres moçambicanas.

Em relação às personagens, é importante destacar algumas de suas filiações. Uma das protagonistas, Delfina possuía o sonho de estudar quando criança, mas precisou submeter sua trajetória às condições sociais impostas pelo fato de ser uma mulher africana em um local marcado pelo trauma da colonização e pela necessidade de ascensão social. Enquanto seu pai, sendo negro, não cedeu à assimilação, sua mãe, Serafina, desejava um bom casamento para ela, preferencialmente com alguém de posses. Já adulta, da relação de Delfina com José dos Montes, homem negro, nasce sua filha Maria das Dores e seu filho Zezinho; com Soares, o homem branco, ela tem Maria Jacinta. Outras presenças relevantes para o enredo são as do feiticeiro Simba e dos filhos de Maria das Dores: Benedito, Fernando e Rosinha. Por meio de incursões ao passado e ao presente, observa-se a reconstrução da vida das duas personagens centrais (Delfina e Maria das Dores) durante o enredo, que é entrecortado por vários focos, sem uma alternância determinada por capítulos ou formas fixas, se assemelhando mais ao fluxo do pensamento das personagens ou de uma história contada de forma oral.

Um grito coletivo. Um refrão.

Há uma mulher nua nas margens do Rio Licungo. Do lado dos homens.

– Ah?

Há uma mulher na solidão das águas do rio. Parece que escuta o silêncio dos peixes. Uma mulher jovem. Bela e reluzente como uma escultura maconde. De olhos pregados no céu, parece até que aguarda algum mistério.

- Quem é ela? (CHIZIANE, 2018, p. 07)

No trecho acima, que inicia o livro, observa-se uma narração em terceira pessoa que se abre a um interlocutor ainda oculto e apresenta a história a partir

---

enquanto o norte ainda apresenta aspectos da matrilinearidade (e **não** matriarcado) em contextos familiares que serão discutidos mais adiante no texto.



de um ‘grito coletivo’ e um ‘refrão’, expressões que sugerem uma forma de linguagem compartilhada por certa comunidade, já que os dois gêneros textuais têm, como marcas, a ideia da pluralidade de vozes em conjunto. Esse tipo de mensagem, sobre a qual a reprodução é possível pela memória, traz para o enredo um caráter que extrapola o domínio da individualidade e chega à coletividade. O que é considerado uma marca importante do estilo de Paulina Chiziane, além de, ao redigir sua trama utilizar uma grande quantidade de períodos, impondo pausas mais longas que fazem o leitor ser guiado pelo tempo do pensamento e não necessariamente pela ação.

Paralelamente, é a característica de uma exímia contadora de histórias que ressalta a imagem da “velha senhora”, a esposa do régulo, responsável por explicar o surgimento da misteriosa mulher, Maria das Dores, que aparece nua à beira do rio, logo no início do texto. Nesse momento, mistura-se a personagem com a escritora Paulina Chiziane, que, em ocasiões quando foi questionada, se colocou nesse lugar, de contadora de histórias e não romancista<sup>51</sup>. Por isso, a obra parece falar duplamente, inclusive indicando o próprio estilo de escrita e a maneira pela qual a sábia personagem conduz sua narrativa para as demais mulheres que recorrem a ela.

A velha senhora era uma exímia contadora de histórias. Ela sabe as circunstâncias exatas em que se deve usar uma imagem e outra. O que deve ser omitido, o que deve ser dito. Os momentos que marcam e os momentos de pausa. A beleza da história depende da tonalidade da voz, dos gostos da contadora. Contar uma história significa levar as mentes no voo da imaginação e trazê-las de volta ao mundo da reflexão. Por isso impõe uma pausa. E suspense. (CHIZIANE, 2018, p. 18)

É possível observar que o foco narrativo de *O alegre canto da perdiz* é múltiplo, assumindo a perspectiva de praticamente todas as personagens, além de uma narração que remonta ao entendimento do passado e das fabulações mitológicas, por vezes contada pela esposa do régulo e, em outros momentos, por um narrador em terceira pessoa. Nesse entremear de relatos condutores, o livro recupera a história de mulheres africanas, a história da Zambézia, de um

---

<sup>51</sup> “Dizem que sou romancista e que fui a primeira mulher moçambicana a escrever um romance (Balada de amor ao vento, 1990), mas eu afirmo: sou contadora de histórias e não romancista. Escrevo livros com muitas estórias, estórias grandes e pequenas. Inspiro-me nos contos à volta da fogueira, minha primeira escola de arte.” (CHIZIANE, 2008, contracapa da edição)

possível matriarcado, do colonialismo e dos papéis exercidos pelas mulheres ao longo do tempo, como no trecho a seguir, o primeiro dentre as narrativas mitológicas<sup>52</sup> que procura explicar a condição de submissão das mulheres atualmente e suas possibilidades de subversão da realidade:

[...] Era uma canção que recordava às mais novas todas as coisas antigas, dos princípios dos princípios, no conto do matriarcado.

Era uma vez...

No princípio de tudo. Homens e Mulheres viviam em mundos separados pelos Montes Namuli. As mulheres usavam tecnologias avançadas, até tinham barcos de pesca. Dominavam os mistérios da natureza e tudo... eram tão puras, mais puras que as crianças numa creche. Eram poderosas. Dominavam o fogo e a trovoadas. Tinham já descoberto o fogo. Os homens ainda eram selvagens, comiam carne crua e alimentavam-se de raízes. Eram canibais e infelizes. Um dia, um homem jovem tentou atravessar o rio Licungo, para saber o que havia. Ia afogar-se quando apareceu a linda jovem, sua salvadora, que meteu o homem no seu barco. Como houvesse frio, a jovem tentou reanimar o moribundo com o calor do seu corpo. O homem olhou para o corpo dela, completamente aberto, um antúrio vermelho com rebordos de barro. Ali residia o templo maravilhoso, onde se escondiam todos os mistérios da criação. E depois...

[...] As mulheres pedem que ela termine a história, ela é uma exímia contadora de histórias, a mulher do régulo.

- Pronto, já que me pedem, termino. Os homens invadiram nosso mundo - dizia ela -, roubaram-nos o fogo, o milho e colocaram-nos num lugar de submissão. Enganaram-nos com aquela linguagem de amor e de paixão, mas usurparam o poder que era nosso. Uma mulher nua do lado dos homens? Ó gente, ela veio de um reino antigo para resgatar o nosso poder usurpado. Trazia de novo o sonho da liberdade. Não deviam ter maltratado e nem expulsado à pedrada. (CHIZIANE, 2018, p. 18-19)

Esse primeiro relato histórico que aparece na obra sobre a relação entre homens e mulheres na região da Zambézia é narrado pela esposa do régulo, que é uma referência entre seus pares pela sabedoria, descrita como alguém com voz de “chuva fresca” e “poder de serenar multidões”. Ao contar o mito, ela tem o intuito de amenizar as insinuações a respeito da aparição de Maria das Dores, nua e aparentemente ‘louca’<sup>53</sup>, nas águas do Rio Licungo - imagem esta que abre o livro de Paulina Chiziane. De qualquer forma, é interessante observar

---

<sup>52</sup> Sobre narrativas mitológicas entende-se aqui como histórias sem uma autoria definida, muitas vezes, e que tentam justificar o surgimento de um comportamento, hábito, cultura humana ou questões da natureza.

<sup>53</sup> Sobre o conceito de loucura na personagem de Maria das Dores, recomendo a leitura da tese de Regina Magaret Pereira *Entre dor e liberdade: um olhar sobre o tema da loucura nos romances de Paulina Chiziane* (2019). Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-03092019-182007/pt-br.php>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

que, ao rememorar o passado daquela comunidade, compreende-se que a desigualdade nas relações entre homens e mulheres não é natural, ela foi determinada por condições de poder, o que se assemelha ao questionamento das premissas feministas sobre a “naturalidade” da subordinação das mulheres.

Em continuidade ao que se prevê no enredo, a primeira intenção da esposa do régulo era serenar as emoções, colocar um pouco de razão e despertar uma esperança, principalmente para as mulheres daquela vila, no sentido de que Maria das Dores, “que nascera do ventre feminino como elas”, poderia ser um sinal de mudança, da volta ao poder que foi usurpado pelo homem. Mas, na realidade, a contadora de histórias sabia que não era possível retornar a um passado e que aquela fantasia servia para apaziguar os ânimos, já que a aparição “daquela louca” estava associada ao mundo das guerras, doenças e exclusão social, o mundo de todos os sujeitos.

Essa é a primeira entre as recorrentes narrativas mitológicas que tratam das relações entre homens e mulheres. Nesse sentido, o “conto do matriarcado” no livro vai ao encontro dos conceitos de matriarcado e matrilinearidade que foram desenvolvidos em 1884 por Engels em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (2014). Analisando as teses de J. J. Bachofen (1861) e Morgan (1871), Engels colocou em questão que a base familiar burguesa patriarcal foi historicamente e materialmente construída e que, sendo esta sua condição, era passível de uma mudança estrutural. No entanto, é preciso também abarcar as questões específicas do *matriarcado* no continente africano, espaço não privilegiado na obra do teórico materialista. Nesses locais, o modo de produção de alimentos e subsistência, somado à filiação e linhagens revelam que, em muitos locais, os sistemas patriarcais e matriarcais conviviam e intercambiavam com as linhagens matrilineares e patrilineares e não eram excludentes ou necessariamente substituíveis (DIOP, 2014).

No entanto, é importante refletir que a busca por uma referência do matriarcado não deve ser na simples dicotomia com o patriarcado, correndo-se o risco de não questionar a verdadeira opressão das mulheres nas sociedades vigentes, como salienta Saffioti em *Gênero, patriarcado e violência* (2015):

Observam-se, por conseguinte, diferenças de grau no domínio exercido por homens sobre mulheres. A natureza do fenômeno,

entretanto, é a mesma. Apresenta legitimidade que lhe atribui sua naturalização.

Por outro lado, como prevalece o pensamento dicotômico, procura-se demonstrar a universalidade do patriarcado por meio da inexistência de provas de eventuais sociedades matriarcais. [...] De acordo com a lógica dualista, se há patriarcado, deve haver matriarcado. A pergunta cabível naquele momento e ainda hoje é: houve sociedades com igualdade entre homens e mulheres? Esta interrogação teria, muito seguramente, dado outro destino à valorização da importância do conceito de patriarcado na descrição e na explicação da inferioridade social das mulheres. (SAFFIOTI, 2015, p. 108)

Dessa forma, a presença de um sistema patriarcal não se justifica pela ausência ou substituição de outra forma de poder, somando-se ao fato, ainda, de que as sociedades supostamente matriarcais já estudadas não tinham relações de opressão-dominação sobre homens e tampouco obtiveram o mesmo sucesso que o patriarcado encontrou com o capitalismo. De qualquer maneira, é fato que, no romance, “o mundo novo da guerra, doenças e exclusão social” a que se refere a esposa do régulo, é o mundo moderno sob os sistemas capitalistas e patriarcais coexistentes. E, assim, serão muitos os diálogos e confrontos que a leitura entre as narrativas mitológicas e a condição das personagens femininas em seus tempos históricos podem proporcionar.

No conjunto textual, o amálgama de marcações temporais apresenta momentos de colonialismo português [nos capítulos e trechos dedicados a vida de Delfina], recordações de um passado anterior à chegada dos europeus, do momento pós-independência de Moçambique e sobre o período mais recente da história do país, em que se dá o início do livro e grande parte da vida de Maria das Dores, a mulher que busca, às custas de muita dor, seu lugar naquele mundo. As trajetórias das mulheres, assim, acompanham o desenvolvimento histórico de Moçambique, evidenciando de que maneira é possível sobreviver e lutar pela própria existência no decorrer do tempo.

E é a partir do momento que conhecemos mais sobre a personagem que surgiu às margens do rio Licungo, que o enredo se desenvolve em direção às protagonistas e a relação entre elas: Delfina e Maria das Dores. A filiação entre mãe e filha é, de certa forma, limitada para descrever e compreender a ligação entre essas mulheres na narrativa e para suas trajetórias individuais. Maria das Dores é a filha mais velha de Delfina, fruto do casamento e do amor com José dos Montes e é a primeira personagem que aparece na obra de Paulina Chiziane, já que, em uma vila pacata, uma mulher nua é notícia de primeira

página: “uma mulher negra, tão negra como as esculturas de pau-preto. Negra pura, tatuada no ventre, nas coxas, nos ombros” (CHIZIANE, 2018, p. 07). Com essa primeira impressão, Maria é logo categorizada como ‘louca’, e a história de como ela chega àquela situação é conhecida ao longo do enredo.

Vale ressaltar, primeiramente, que nomear é uma função da linguagem que coloca o sujeito em sua existência material, é o princípio da identidade e está ligada a uma determinada cultura. Diante disso, o nome composto de uma das protagonistas é formado, primeiramente, por um dos registros pessoais mais “comuns” em territórios de língua portuguesa desde há muitos séculos, popularizado pela influência cristã e que acaba por simbolizar a mulher por excelência<sup>54</sup>, como a própria narrativa expõe: “Toda a Maria tem outro nome, porque Maria não é nome, é sinônimo de mulher. [...]” (CHIZIANE, 2018, p. 16). Já o complemento - das Dores – é descrito desse modo: “[...] Maria das Dores é um nome belíssimo, mas triste. Reflete o cotidiano das mulheres e dos negros” (CHIZIANE, 2018, p. 13). Este, por sua vez, remete a uma ideia de fardo e tristeza, e percebe-se que o nome da personagem carrega simbologias propositais que marcam a trajetória daquela mulher, especialmente das mulheres negras, ficcionais ou reais.

No primeiro capítulo do livro, quando Maria das Dores surge, as suas primeiras características confundem-se com a descrição da natureza: seu corpo, negro e tatuado, é comparado às águas, às folhas e a uma escultura maconde<sup>55</sup>, sua identidade e origem são debatidas por todos os membros daquela comunidade, com o recurso de um narrador que alterna entre as perspectivas do povo e da própria Maria das Dores: “As pessoas gostam muito de identidades. Chegam a exigir uma certidão de nascimento para uma pessoa presente. Haverá melhor testemunha do que a presença para confirmar que nasci?” (CHIZIANE, 2018, p. 10). Por fim, sabe-se que aquela mulher chega para desestabilizar e quebrar as normas vigentes e fantasiar com a experiência de homens e mulheres.

---

<sup>54</sup> Neste aspecto, relembro o conto “Maria” de Conceição Evaristo, publicado no livro *Olhos d’água* de 2015, e a canção “Maria, Maria” de Milton Nascimento como registros importantes do nome Maria como uma possível identidade da mulher em território brasileiro. Ressalta-se também que ambos, autora e cantor, são negros como Paulina Chiziane e Maria das Dores.

<sup>55</sup> Grupo étnico de origem bantu que vive no nordeste de Moçambique e na Tanzânia. A arte esculpida em pau preto, feita pelo povo maconde, é reconhecida em todo o mundo.

Por outro lado, tais suposições sobre a identidade de Maria das Dores estão carregadas de um discurso moralista, que tenta, a todo momento, cobrir seu corpo nu e expulsar sua presença solitária e incômoda. Por isso a importância da alternância discursiva, que levanta, inclusive, uma crítica perspicaz, chamando-a de “heroína do dia”, responsável por desafiar os hábitos da terra e corromper o mundo sagrado dos homens. E, quando a personagem começa um monólogo com sua mãe, ainda no primeiro capítulo, é a sua vez de acusar aquelas que a ultrajaram de loucas, por estarem vestidas mesmo diante de tanto calor e aceitarem as normas externas sem revolta alguma.

Destaca-se, neste ponto, a importância de um discurso moralista, que repudia a nudez e a sexualidade feminina para a consolidação do sistema patriarcal, já que controlar os corpos e os comportamentos das mulheres a um lugar de submissão é essencial para manutenção do poder. Aqui cabe salientar os apontamentos de Alexandra Kolontai, uma das líderes da revolução socialista soviética, cuja obra *A nova mulher e a moral sexual* (2011), elaborado em 1918, apresenta a necessidade de recompor e reestruturar a moral sexual como parte do processo de luta revolucionária, entendendo que os ensinamentos sobre o que são as virtudes socialmente esperadas para o feminino são determinadas por relações materiais econômicas e que a superação das desigualdades deve enfrentar, continuamente, a transformação de valores. Ademais, a autora assume o ponto de vista da mulher celibatária, definindo-a não como um tipo ocidental, mas como a trabalhadora das fábricas, oriunda do capitalismo. Por isso, apesar do contexto, muito do que a pensadora apresenta dialoga, inclusive, com o trecho a seguir:

Projeções fantásticas das histórias à volta da fogueira, as meninas bonitas, bondosas, obedientes, trabalhadoras casam-se com príncipes dourados, têm muitos filhos e vivem felizes para sempre. As meninas maldosas, mentirosas, desobedientes e preguiçosas, no final da história são castigadas, não arranjam marido, nem filhos, vivem solteironas e infelizes para sempre, e acabam enlouquecendo. Crenças. De dádivas e destinos. Pragas. Profecias. Castigos. (CHIZIANE, 2018, p. 15)

Os possíveis destinos supracitados, que diferenciam mulheres bondosas e maldosas foi crucial, segundo o discurso moralista, para o destino de Das Dores: o fato dela aparecer nua, logo de início, revela a moral sexual que incide

sobre as mulheres ali e leva ao seu julgamento. Dessa forma, sabendo que a finalidade dos códigos morais é reger a conduta de determinada comunidade com o intuito de garantir a integridade dos indivíduos que convivem em grupo, uma sociedade regida pela ética patriarcal vai, obviamente, satisfazer a necessidade de bem-estar dos homens e excluir as pessoas que não atendem as condições mínimas de adaptação. Por isso, destaca-se, na oposição levantada pelo trecho acima, o quanto as qualidades esperadas para as mulheres “bonitas, bondosas, obedientes e, inclusive, trabalhadoras”, levam-na a ter sucesso social, com o prêmio de casamento e filhos. Enquanto aquelas que não cumprem com as expectativas sociais, as “maldosas, mentirosas, desobedientes e preguiçosas” são levadas à infelicidade, à solidão e à loucura. Em suma, as qualidades e destinos das mulheres são muito próximas daquelas reconhecidas como valores morais na sociedade brasileira atual, por exemplo, além de outros tantos tempos e locais distintos.

No entanto, vale salientar os pontos de Kolontai, de que o simples rompimento da moral e a liberdade sexual plena não são suficientes para deixar de servir a uma lógica capitalista-patriarcal acostumada ao consumo de corpos femininos. Ao tratar desse tema, não se pode desconsiderar que as bases da opressão de gênero servem de sustentação para as estruturas econômicas, incluindo a regulação da sexualidade feminina e a base familiar. Por isso, há a necessidade de perceber de que forma a conduta moral que oprime as mulheres está associada às regulações estruturais de cada sociedade. E, na obra de Paulina, tais questões são versadas mais adiante, pensando na relação de mulheres negras, mestiças e no uso que o sistema colonial faz de seus corpos.

De fato, a aparição de Maria das Dores no rio se torna um enigma para aquela sociedade, que busca suas respostas sobre quem ela pode ser. De qualquer modo, a conclusão primeira sempre será alimentada por um conjunto de regras sociais que segrega as mulheres entre aquelas aptas a servir ao sistema ou não. Porém, quando a esposa do régulo tenta entender a história de Maria, parte do princípio: “Maria deve ter sido casada e repudiada. Por esterilidade. A obsessiva ideia da mulher mãe afasta a mulher estéril da categoria humana” (CHIZIANE, 2018, p. 29), entendendo que a maternidade é também compulsória em sua sociedade e que a não concretização dessa expectativa afasta as mulheres do reconhecimento humano, já que o corpo delas

é condicionado à geração de novas vidas e serve aos interesses de reprodução, reduzindo-as a categoria de não sujeito. Logo após esse pensamento, a esposa do régulo exalta em Maria as características de bravura e heroísmo, mesmo sem saber exatamente quais circunstâncias a levaram aquele estado de aparente loucura.

Por fim, diante de toda a ambientação necessária no primeiro capítulo, em que a identidade da protagonista é debatida, reserva-se um momento em que a esposa do régulo traz para a comunidade a necessidade de se pensar os conceitos de tempo e distância, refazendo o percurso histórico dos sujeitos em Moçambique. Parece ser uma tentativa de aproximar o fato de Maria das Dores estar perdida com o entrelaçar de histórias que compõe a essência de todos ali.

- De onde viemos nós? – aguarda a resposta que não vem, e afirma – Éramos de Monotapa, de Changamire, de Makombe, de Kupula, nas velhas auras. O poder era nosso. Lembram-se desses tempos, minha gente? Não, não se conhecem, ninguém se lembrou de vos contar, vocês são jovens ainda. Unimo-nos aos changanes, aos ngunis, aos ndaus, nhanjas, senas. Guerreamo-nos e reconciliámo-nos. Fomos invadidos pelos árabes. Guerreados pelos holandeses, portugueses. Lutamos. As guerras dos portugueses foram mais fortes e corremos de um lado para outro, enquanto os barcos dos negreiros transportavam escravos para os quatro cantos do mundo. Vieram novas guerras. De pretos contra brancos, e pretos contra pretos. Durante o dia, os invasores matavam tudo, os corações cheios de ódio. Mas bebiam água de coco e ficavam mansos e o ódio se transformava em amor. As mulheres se parecem com coco, não acham? As mulheres violadas choravam as dores do infortúnio com sementes no ventre, e deram à luz uma nova nação. Os invasores destruíram os nossos templos, nossos deuses, nossa língua. Mas com eles construímos uma nova língua, uma nova raça. Essa raça somos nós. (CHIZIANE, 2018, p. 20)

Apesar do tempo ainda impreciso, após esse relato histórico condizente com a história de Moçambique<sup>56</sup>, é fato que, quando Maria das Dores aparece na cidade de Gurué, província da Zambézia, já é experienciado o período pós-independência de Moçambique. Sobre essa evidência, a leitura revela uma característica curiosa do narrador que, em suas intromissões, apresenta indícios de um tempo moderno e globalizado, utilizando comparação com elementos

---

<sup>56</sup> Um resumo dos principais pontos da história do país pode ser encontrado na obra *História de Moçambique* editado pelo Departamento de Educação e Cultura da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) em agosto de 1971.



eletrônicos “ondas de rádio” (p. 07) e “como *files* de computador” (p. 16) quando comenta sobre o percurso das personagens até então.

Já no início do segundo capítulo, Maria das Dores começa a se recordar daquela geografia, os montes e o rio fazem-na lembrar de seu pai, mãe, irmãos e filhos. Assim, a sensação do tempo torna-se difusa, ela menciona vinte e cinco anos de acontecimentos como se fossem vinte e cinco horas e busca entender o princípio de tudo, as razões pelas quais tudo aconteceu. Como leitores, ainda não é possível perceber o que ela busca, mas orienta-se a relação de sua trajetória com a história e exploração colonial:

Mas como é que tudo começou? Começou ou terminou? Na vida nada é princípio, nada é fim. Tudo é continuidade. Mas tudo começou no dia em que o pai negro partiu para não mais voltar. Tudo começou quando o pai branco amou sua mãe. Tudo começou quando nasceu a sua irmã mulata. Tudo começou quando a sua mãe vendeu a sua virgindade para melhorar o negócio do pão. Tudo começou com uma relação que envolvia sexo e amargura. Filhos e fuga. Torpor e ausência. Escalada de uma montanha. Soldados brancos na defesa de um império de Portugal. Dinheiro e virgindade. Magia. Fortuna. Lembra-se de tudo, da terra e do mundo. Onde a cultura dita normas sobre homens e mulheres. Onde o dinheiro vale mais que a vida. Onde o mulato vale mais que o negro e o branco vale mais que todos eles. Onde a cor e o sexo determinam o estatuto de um ser humano. Onde o amor é a abstração poética e a vida se tece com malhas de ódio. (CHIZIANE, 2018, p. 23)

O trecho retirado é emblemático pois, primeiramente, abre-se para a ideia da continuidade dos tempos, em que nada é estático e, portanto, não é possível retornar ao princípio de tudo, à tradição intocada não é mais existente. Mas existe um início determinando pela interferência da exploração colonial como uma expansão da lógica capitalista pelo mundo. É essa nova estrutura de poder que vai determinar as relações, em que os negros precisam sair de seus locais, a miscigenação acontece por abuso e hierarquia e a prostituição vira moeda de troca. É a entrada do colono e a imbricação entre capitalismo, patriarcado e racismo, que cria diferenciações em prol de justificar a exploração, reforçada e legitimada pela socialização, educação e moral de uma sociedade. É diante desses princípios que a vida de Maria das Dores se envereda pelos caminhos ainda não conhecidos do leitor.

Então, ela decide que aquele lugar em que se encontra será o prefácio de sua nova vida e, finalmente, conhece a esposa do régulo: “Diz-me, Maria, de

onde vens. O que comes. Quem te mata, quem te tortura” (CHIZIANE, 2018, p. 25). Com pouco diálogos, saem ao menos algumas respostas de Maria: sua mãe não lastimou a partida do pai preto, mas chorou e desmaiou quando o pai branco as deixou; ela agora procura os filhos perdidos. As reflexões da anciã, ao observar o corpo da forasteira, revelam que ela tem tatuagens lómwé<sup>57</sup> e, por isso, é oriunda das montanhas. Entretanto, esse conhecimento mobiliza muito pouco para o contexto atual, pois isso remete a uma época em que a diferenciação pela linhagem e pela terra eram de extrema importância, agora, os tempos atuais impõe outros tipos de marginalização.

Por fim, as duas finalmente entram em um consenso na busca por abrigo e orientação, mas, para isso, Maria precisa se vestir, e é neste ponto do texto que se abre uma interessante consideração da mulher do régulo sobre a relação cultural com as roupas e a nudez:

A mulher do régulo lembra-se das roupas das esposas dos antigos feitores. Saias longas de mil folhos, no intenso calor dos trópicos. E achavam imoralidade a nudez e a liberdade das pessoas da terra. Os tempos mudaram muito. Até os padres aprenderam dos negros a dar um mergulho nu à beira do mar. As mulheres brancas aprenderam das negras a andarem de tangas, a que chamam minissaias, colantes. Agora são esses europeus que gostam de andar por aí de tangas enquanto o povo veste, com rigor, as roupas antigas.

[...]

A nudez de Maria era o regresso do estado de pureza. Da transparência. As mulheres ficam escandalizadas, porque o nu de uma se reflete no corpo da outra. (CHIZIANE, 2018, pp. 30-31)

Fica perceptível de que modo a entrada de padrões culturais e morais externos (europeus) incide na troca das vestimentas ao longo do tempo e na condenação da nudez. Essa influência muito grande vem do processo de cristianização, o que também ocorreu no Brasil, por exemplo, com as populações indígenas. Após essa reflexão, não é sem fundamento que o terceiro capítulo se abre com a apresentação das personagens padre Benedito e médico Dr. Fernando, ambos, também forasteiros, chegaram em Gurué há pouco tempo e representam a medicina e a religião ocidentais, instituições alicerçadas na ideia

---

<sup>57</sup> O povo, etnia, língua Lómwe é também conhecida como macua ocidental e tem uma grande população em Moçambique.

de “salvar o povo dos males – da alma e do corpo”<sup>58</sup>, desde os períodos coloniais até hoje.

A cidade de Gúruè tornou-se um lugar de peregrinação. Cada dia chega gente nova, interessante. Este ano chegaram o padre Benedito e o Dr. Fernando. Dizem que são irmãos. Desde que a guerra terminou, as chegadas aumentaram. Com a construção da estrada asfaltada, Gúruè ficou ainda mais perto do mundo.

Há muitos forasteiros que chegam à cidade das montanhas cobertas de antúrios vermelhos com rebordos de barro. A beleza da terra e dos campos de chá atrai muitos imigrantes. (CHIZIANE, 2018, p. 31)

Sobre esse aspecto, Comaroff e Comaroff (1992) descrevem, no capítulo “Medicina, colonialismo e corpo negro” da obra *Etnografia e Imaginação histórica* sobre de que forma o controle dos corpos e da saúde física, incluindo suas subjetividades, era parte da estratégia de gestão dos sistemas coloniais. Dessa maneira, enquanto a região colonial era associada à doença e à impureza da alma, a missão civilizatória encontrava respaldo em ideias curativas da medicina e da religião.

Ressalta-se na passagem o fato de Gurué estar mais “perto do mundo” devido a uma estrada, manifestando a concepção de que o progresso está fora dali e a via é um passo importante rumo ao dinamismo e rapidez, inclusive com as trocas de mercado. No trecho ainda se caracteriza a cidade de Gurué atualmente, com muitas plantações de chá e imigrantes, atraídos pelo clima temperado da região. De qualquer maneira, fica evidente que não é uma região isolada do mundo, em que o processo de globalização parece impenetrável, pelo contrário, as relações são intercambiáveis e sofrem pressões capitalistas desde a geografia do local até a cultura do povo.

No entanto, o que pareceu atrair os dois homens àquela região, segundo o narrador, não foram as promessas de um novo mundo, mas sim que eles pareciam estar de volta à terra mãe. Enquanto padre Benedito é descrito como um declamador ímpar, um homem de ternura e paixões profundas, seu irmão mais novo, Dr. Fernando, era simples, acessível e transparente. Ambos tinham

---

<sup>58</sup> Essa representação fica evidente em uma reflexão da personagem Maria das Dores no capítulo cinco do livro, quando ela conversa com Dr. Fernando: “Maria sente vertigens na mente. Os médicos são gêmeos dos padres. Curiosos. Querem saber tudo o que os outros fazem. No consultório. No confessionário. Uns usam a palavra para as doenças da alma e outros usam remédios para as doenças do corpo. (CHIZIANE, 2018, p. 45)

em comum a ausência de sentimentos mundanos, posses e vaidades. Apesar de cobiçados pelas mulheres da região, dispensavam qualquer tipo de relacionamento: “não havia nada de anormal no comportamento das mulheres. As novas crenças é que são estranhas, contraditórias. Os deuses bantu ordenam a virilidade e a fertilidade.” (CHIZIANE, 2018, p. 32). Dessa maneira, fica notória a união entre eles, o que despertava muita curiosidade do povo a respeito de suas origens e de como eram estranhos aos costumes dali.

O enredo revela, posteriormente, que os dois são os filhos perdidos de Maria das Dores. No entanto, para entender o percurso que levou aquela família a se encontrar em Gurué novamente, era preciso resgatar a história de Delfina, mãe de Maria, que viveu sua infância e juventude durante o período colonial. É assim que se inicia o quarto capítulo da história, uma cena em que Delfina está acocorada diante das águas da mesma maneira como das Dores estava no início da obra, mas agora a localização é diferente, ela está a alguns quilômetros da filha, entre o Rio dos Bons Sinais e o Oceano Índico.

Essa região onde se inicia a trajetória da outra protagonista é extremamente simbólica, pois foi fundamental para o encontro dos povos de Moçambique com a Europa e o Ocidente. O rio, que hoje se encontra na cidade de Quelimane, sempre foi uma grande via de entrepostos comerciais, em que se encontravam mercantes árabes, indianos e swahilis<sup>59</sup>, mas entre 1497 e 1499 experienciou a chegada de Vasco da Gama, o português responsável por dar início a uma ligação marítima entre Ocidente e Oriente. Vale lembrar, como afirma o professor e pesquisador moçambicano José Luis Cabaço, o quanto esse novo contato foi determinante para a mudança de paradigma econômico que o colonialismo proporcionou:

A expansão comercial de países europeus para Oriente e, em seguida, para Ocidente marcaria o nascimento de uma hegemonia planetária, que hoje se conhece pelo nome de mundialização da economia ocidental, o que proporcionou fabulosos ganhos às aristocracias dos países envolvidos e deu início ao processo de acumulação de capital pelas burguesias em ascensão naquele continente. (CABAÇO, 2009, p. 28)

---

<sup>59</sup> De acordo com as explanações em nota de rodapé do professor José Luis Cabaço, o swahili é uma cultura supranacional, que compreende desde o sul do Sudão ao norte de Moçambique, eles realizavam trocas comerciais com o Norte da África e com o Oriente (CABAÇO, 2009, p. 28)

Por essa perspectiva, é interessante perceber que o ponto geográfico que culmina na virada histórica e econômica de Moçambique é justamente a referência por onde Delfina, uma das personagens mais importantes de *O alegre canto da perdiz*, se apresenta. E, assim, os diálogos da obra com o tempo e o espaço continuam no mesmo sentido, quando ela revela uma breve biografia de si mesma e da busca incessante por sua filha:

Eu tinha uma filha. Ou tenho, já não sei. Era uma menina, linda. Nasce em 1953, mas parece que ainda ontem brincava de mamã cuidando dos irmãos mais novos como bonecas. Partiu em 1974, como uma nuvem, e se esfumou no imenso palmar, já não a encontro. Procurei-a de palmo a palmo. Conferi as multidões uma a uma.  
[...] Hoje, véspera do novo século, ainda estou aqui, chamando por ti.”  
(CHIZIANE, 2018, p. 39)

Percebemos, então, que Delfina está há vinte e cinco anos (às vésperas do novo século) separada da filha. Portanto, é durante a passagem do período colonial, de mobilização para a luta de independência e os sucessivos conflitos internos do país que marcam as aproximações e distanciamentos tão significativos nas trajetórias entre mãe e filha. Foi em 1974 que Delfina entregou Maria das Dores a Simba, o feiticeiro (será apresentado um pouco mais adiante no enredo), mesma ocasião em que houve, na história do país, um cessar fogo entre as tropas portuguesas e a guerrilha moçambicana, para em seguida, confirmar-se a independência do novo país no ano seguinte.

Ainda é possível conhecer, no breve relato angustiado de Delfina, seus casamentos com José e Soares, seus outros filhos, o trabalho em prostíbulo, o amante Simba e todas as perdas que a acometeram. Do mesmo modo, ela parece buscar culpas, princípios e razões, tal como fez sua filha nos capítulos anteriores, mas o fato é que as pressões de classe, gênero e raça incidirão fortemente sobre a personagem durante o período colonial, quando será relatado com mais precisão.

Por ora, o quinto capítulo reserva o importante encontro entre Maria das Dores e Dr. Fernando, ainda inconscientes sobre a importância daquele momento na vida deles. Aos poucos ele vai ganhando a confiança da mulher, que conta a ele alguns detalhes de sua vida, enfatizando, inclusive, a relação com a mãe, Delfina, entrecortada sempre pelo dinheiro. Sobre seus pais, ela define o pai preto como um homem de bravura, ao passo que seu pai branco

possuía envergadura. A partir de então, começa a história de como os dois lutaram pelo amor de sua mãe, incorporando à narrativa elementos bíblicos, da criação da humanidade, das raças e da colonização, um amálgama que culmina na culpabilização da mulher e na fraternidade dos rivais, que se sentem, agora, como vítimas “dos poderes mágicos de uma sereia negra”, modo como Soares e José dos Montes apelidam Delfina.

Apesar de Fernando não esperar um desfecho como aquele, é parte da cultura patriarcal a culpabilização das mulheres como sedutoras, tema bastante debatido e caro às correntes feministas. Sobre esse viés, o discurso enraizado de culpabilização das vítimas chega à cultura do estupro, em que a mulher passa a ser investigada sobre as possíveis “causas e razões” que justifiquem a situação de abuso. Essa realidade, como ressalta Saffioti e Almeida (1995)<sup>60</sup>, acontece em todas as sociedades falocêntricas, determinadas por uma cultura predominantemente patriarcal. Nesse sentido, o que José dos Montes e Soares, pais de Maria das Dores, tinham em comum, era uma posição de dominância em relação a Delfina, objeto de disputa entre eles, que culpabilizava a mulher, como se ela fosse a responsável por seduzir e levá-los a ações reprováveis como a traição.

Em seguida, mais um tempo de conversa entre Fernando e das Dores é suficiente para que ela se lembre, repentinamente, que o seu local de partida era exatamente ali onde estava, mas os tempos eram outros: “havia soldados nesse tempo. Estava no coração de uma guerra” (CHIZIANE, 2018, p. 53). Dessa forma, ela estranha o fato de o doutor de agora ser um homem negro, pois no passado “os empregos obedeciam às hierarquias raciais”.

Percebe-se, então, a confusão mental da protagonista, pois ela não sabe que agora Moçambique é independente de Portugal há trinta e um anos, a mesma idade de Fernando, que tenta, o tempo todo, situar a mulher. Ainda no diálogo entre eles, há importantes reflexões sobre o tempo pós-independência: Maria sugere o quanto a independência é recente “trinta e um anos? Só? Acha que foi pouco tempo?” (CHIZIANE, 2018, p. 54) e os iminentes riscos de que a hegemonia branca volte a prevalecer naquelas terras. Por fim, o primeiro encontro entre mãe e filho - que ainda não se reconhecem -, finaliza-se com a

---

<sup>60</sup> SAFFIOTI, Heleieth; ALMEIDA, Suely Souza de. Violência de gênero: poder e impotência. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

missa do padre Benedito, também filho desconhecido de das Dores, extremamente compreensivo, ele pede para que a comunidade a aceite de fato.

Acrescenta-se também na composição biográfica dos principais personagens e da filiação que sustenta Delfina e Maria das Dores, o sexto capítulo, que retrata José dos Montes e a sua história muitos séculos antes. Da mesma maneira, o narrador traz à tona a chegada dos portugueses na Zambézia ainda durante o século XV e os desdobramentos de dominação e crueldade desse encontro entre povos. Após esse preâmbulo, um corte no enredo traz José para reflexões mais íntimas sobre seu futuro, até que é interrompido por uma mulher que o chama de condenado. Porém, o encontro entre os dois não é amoroso: “Não era amor que ele fazia. Era guerra. Ateando sobre ela uma lança de fogo, como um violador da floresta deserta.” (CHIZIANE, 2018, p. 66), após provocações e ira, uma conversa entre eles revela que José era um condenado, foi caçado e acorrentado como um criminoso, como tantos outros homens dali.

É neste ponto que a narrativa evidencia o colonialismo em seus aspectos mais lúgubres. Frequentemente, aos homens como José dos Montes, em território colonial, era legada uma violência sem precedentes:

Os marinheiros civilizaram o povo arrancando-lhes os olhos da cara. Cristianizavam fornicando as mulheres nas matas. Construíram o novo mundo com espadas, canhões e chicote. Pacificaram a terra arrancando a língua da boca. O chefe dos marinheiros gritava aos quatro ventos: esse é ladrão, prendam-no. Esse é forte, acorrentem-no, vendam-no. Esse é teimoso, matem-no. Esses são venenosos, são lúcidos, pensam, conspiram, alcoolizem-nos. São todos preguiçosos, vadios, mentirosos, escravizem-nos (CHIZIANE, 2018, p. 69)

Com o objetivo de exemplificar as variadas formas de dominação colonial sobre os homens e mulheres negros no excerto acima, as descrições vão de armas de guerra, estupro, prisão, proibição da língua e costumes nativos, escravização, torturas, morte até a alcoolização. Aliás, sobre esta última forma, vale ponderar algumas apreciações sobre seu papel no sistema exploratório colonial.

Desde o início, como salienta o professor e historiador Henrique Carneiro em seu artigo “Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna. Economia e embriaguez do século XVI ao XVIII”, a bebida alcoólica sempre foi um importante produto de trocas comerciais, amplamente utilizada também pelos

colonos, pois faziam parte dos insumos cotidianos, ao lado de munições e alimentos, principalmente na tentativa de lidar com tensões emocionais diversas. Dessa forma, o álcool foi assim categorizado como um 'fetiche supremo'.

A demanda crescente por destilados na Europa e a incorporação da cachaça às dietas dos povos indígenas africanos, americanos e orientais tornou-a um gênero de primeira necessidade. Um alimento-droga, cujo consumo acompanhava não só a comida, como o apaziguamento da dor e o entusiasmo da festa. Dessa forma, o comércio de álcool dá uma característica prototípica ao sistema comercial moderno que é o de buscar a difusão de drogas, de mercadorias que multiplicam a sua demanda, constituindo-se numa espécie de paradigma mesmo da forma-mercadoria, um produto cujo valor deriva dele se tornar insubstituível, uma mercadoria que agarra e se apossa de seu consumidor, metáfora máxima da condição reificante de todas as mercadorias na época contemporânea. A droga é a mercadoria máxima. O fetiche supremo. (CARNEIRO, 2004, p. 02)

Portanto, apesar da substância existir desde os primórdios em grande parte das civilizações, é fundamental para a organização dos Estados modernos, do sistema fiscal e da manutenção do pacto colonial. Pois, para os colonos, além de ampliar a mão de obra e o mercado consumidor de seus estoques, uma das consequências do abuso, que incidia nas populações mais vulneráveis, o alcoolismo, era visto como um benefício para a exploração capitalista-colonial, já que, entregues ao vício, os colonizados poderiam ser dominados e endividados com muito mais facilidade. Tais pontos são destrinchados pela análise a seguir:

Como fenômeno econômico, o álcool precisa ser interpretado para situá-lo em sua dimensão mercantil, como uma mercadoria chave na constituição do próprio circuito internacional de trocas que forma o mercado mundial. [...] A correlação do álcool com a escravidão negra ocorre tanto na utilização de aguardente como moeda de escambo para o tráfico negreiro como na utilização dos escravos para o plantio da matéria-prima a ser destilada nos alambiques dos engenhos. O álcool constitui-se como um tipo de mercadoria muito especial, pois ao mesmo tempo que responde a necessidades psicológicas de evasão, consolo, anestesiamento, cumpre o papel de via privilegiada de reprodução do capital na época da acumulação primitiva. Um produto da cultura material, de arcaicos usos religiosos, medicinais e lúdicos, torna-se o principal instrumento de produção de consciência alterada, ou seja, de produção de imaginários e de sentimentos artificialmente estimulados. (CARNEIRO, 2004, p. 03)

Logo, por ser um forte mecanismo de controle, o álcool se consolidou na sociedade moderna, constituindo-se como um forte aliado da força de trabalho e



da alienação. Por isso, a análise do papel das drogas no mundo capitalista já foi alvo de inúmeras ressalvas, inclusive por Marx e Engels<sup>61</sup>, enfatizando que a ingestão de bebidas alcoólicas estava associada à necessidade de buscar pontos de escape frente à exploração do mundo do trabalho, o que continua fazendo parte da atual realidade.<sup>62</sup>

No caso específico das colônias portuguesas, especialmente Angola e Moçambique, destaca-se o trabalho de José Capela em *Vinho para o preto: notas e textos sobre a exportação de vinho para a África*. De acordo com seus estudos, houve um suposto combate ao alcoolismo das populações africanas, proibindo a produção da bebida alcoólica local (geralmente um fermentado de caju), já que, dessa forma, os colonizadores passaram a escoar e destinar, para o consumo local, um vinho português de péssima qualidade, fruto de uma superprodução vinífera:

[...] um Decreto de 29 de dezembro de 1892 iniciou uma série de legislação de combate à exploração do alcoolismo nas colônias, que foi tão abundante quanto ineficaz. Esse decreto proibia o fabrico não só das bebidas destiladas como das fermentadas (à excepção da sura), em todos os distritos de Moçambique sob administração do Estado, sem prévia concessão de licenças da autoridade administrativa. (CAPELA, 2009, p. 13)

[...]

---

<sup>61</sup> Sob outro ângulo, Friedrich Engels e Karl Marx, em diversas passagens, identificaram no álcool o papel de um consolo inevitável, da única maneira de se suportar a dor da jornada de trabalho, cuja dureza e intensidade roubava, desde a infância, o tempo de vida da classe trabalhadora, "É natural, portanto, que a embriaguez reine nesta classe, desde a infância" (O Capital, Livro I, p.532). Em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, publicado em 1843, Engels observou a importância do álcool como praticamente o único lazer operário. Em *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito em Hegel*, na qual Marx escreveu a famosa frase a respeito da religião como ópio do povo, ambos fenômenos - a religião e a droga - são vistos como meios de fugir à dor da exploração do trabalho, remédios contra o sofrimento e, portanto, não condenáveis em si mesmos, pois seria uma crueldade subtrair dos que sofrem os seus bálsamos e os seus paliativos, mas sim buscar uma situação na qual a ruptura dos grilhões tornem não mais necessárias as flores para adornar e disfarçar estes mesmos grilhões. (CARNEIRO, 2004, p. 06)

<sup>62</sup> Sobre esse ponto, é importante trazer o quanto o consumo de bebidas alcoólicas cresceu durante a pandemia da covid-19 entre 2020 e 2021 no mundo todo. Sobre isso, as pesquisas mais recentes indicam que "A busca pelo uso de álcool em situações de estresse ocorre, equivocadamente, por seu efeito depressor do sistema nervoso central, que, em uma primeira fase, parece relaxar quem o consumiu.". Para mais informações ver: GARCIA, Leila Posenato; SANCHEZ, Zila van der Meer. "Consumo de álcool durante a pandemia da COVID-19: uma reflexão necessária para o enfrentamento da situação". In: *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 10, Mai. 2020. Disponível em: <<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1209/consumo-de-alcool-durante-a-pandemia-da-covid-19-uma-reflexao-necessaria-para-o-enfrentamento-da-situacao>>. Acesso em: 04 fev. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00124520>.

Ainda em 1966, e referente ao quarto trimestre, o Boletim do Banco Nacional Ultramarino concluía uma análise das possibilidades de exportação para o Ultramar:

Parece evidente que a crise de sobreprodução que, em alguns anos, tanto tem afectado a vinicultura metropolitana, pode ser muito atenuada — ou até totalmente resolvida — através do escoamento dos nossos produtos vínicos para as províncias ultramarinas.

Não basta restringir o plantio da vinha e regular a produção do vinho. É necessária uma criteriosa adopção de medidas tendentes a aumentar o consumo de vinho em todo o território nacional. O Ultramar é, assim, uma esperança que pode tornar-se certeza e contribuir decisivamente para a solução do problema do consumo. (CAPELA, 2009, p. 26)

Observa-se de que modo a medida explicada no artigo vai impactar abruptamente a relação de mercado interno e externo, transformando a força de trabalho local em consumidora compulsória do vinho remanescente que vinha da metrópole, além da ruptura de paradigma para os sistemas endógenos, mitigando a cultura e o consumo da fermentação e destilação alcoólica nos territórios. Portanto, a relevância do álcool para o sistema econômico capitalista é fatídica e um breve trecho de *O alegre canto da perdiz* anuncia o modo como está presente nas relações de dominação descritas.

Logo, são muitas as formas que a exploração colonial incidia em Moçambique – como em outros locais que passaram pelo processo. Por isso, a figura de José dos Montes ganha um espaço muito relevante para a narrativa ao dialogar com tais questões históricas e sociais. Sobre sua trajetória, que está apenas no início, o encontro entre José e Moyo, como “dois prisioneiros que habitavam a mesma jaula” se encerra no fim do capítulo, mas, como é de costume no estilo da narrativa, há indícios de que ambos experimentarão o amor e a dor. Sobre essa personagem, Moyo, o narrador considera-o a “pedra basilar de muitas vidas” e uma referência paterna para José dos Montes, quando este procura o sábio para acalmar suas aflições amorosas. Todavia, ao viajar pelos caminhos do futuro, Moyo surpreende-se com seu amigo, que parece ser parte de sua própria cena fúnebre, que será contada mais adiante ao longo da obra.

Por enquanto, a estratégia de alternância de focos narrativos continua e, nesse momento, voltando-se para Delfina ainda jovem; quando as condições materiais e ideológicas da mulher negra e colonizada determinam o futuro da protagonista. Durante a infância, ela tinha o sonho de estudar e ser professora,

mas foi proibida de frequentar a escola da missão pois “atrapalhava” a concentração dos rapazes. Com seu corpo de mulher negra, objetificado desde então, ela foi também violada e entregue a um homem branco pela sua própria mãe em troca de um copo de vinho<sup>63</sup>. Além disso, o pai de Delfina não aceitava a assimilação e não sabia, de acordo com o texto “que a libertação da pátria seria na língua dos brancos e sem imaginar ainda que os filhos dos brancos iriam assumir o protagonismo da História” (CHIZIANE, 2018, p. 78). Assim, o peso do colonialismo, somado ao racismo e ao patriarcado, oprimiam sua existência e faziam com que Delfina se resignasse a lutar por sua sobrevivência, já que não era possível sonhar ou vislumbrar um futuro sem opressão.

Nesse sentido, enquanto a narração acompanha Delfina em sua volta pelos subúrbios, ela escuta crianças repetindo cantigas ensinadas pelos adultos e “mergulha num murmúrio plangente e monologa com o seu destino” (CHIZIANE, 2018, p. 80); vivendo da prostituição, ela sonha com a ascensão social por meio de um bom casamento que lhe trará riquezas<sup>64</sup>, para ela, vale mais a pena se render do que resistir em um mundo tão injusto. Diante dessa questão, eis que surge a figura da mãe de Delfina, Serafina, que tenta retirar da filha qualquer ilusão e protegê-la, já que, como ela mesma reflete em diálogo: “para as negras, sonhar alto é proibido” (CHIZIANE, 2018, p. 82).

Logo, observa-se o quanto as formas de ascender socialmente estão diretamente ligadas ao uso do corpo feminino como atração para o sexo e o casamento com um homem branco; caminhos que Serafina aprendeu a seguir a partir da ideologia fundamentada em valores patriarcais, capitalistas e coloniais. De fato, relações interracialis aconteciam nas colônias, muitas vezes mascaradas pela falsa ideia da miscigenação, coexistem, porém, nesse tipo de encontro, as marcas das violências raciais. Nesse sentido, Serafina reflete sobre essas ideias mais adiante quando afirma: “o estigma da raça deixou sementes cancerígenas,

---

<sup>63</sup> Novamente aqui observa-se a relevância do álcool como mercadoria inerente ao fundamento do sistema colonial em questão.

<sup>64</sup> O tema da prostituta que é “resgatada” dessa vida pelo casamento com um homem rico é muito caro às ideias do Romantismo e da consolidação do gênero literário romance com a utilização dos folhetins. Como exemplo, é possível citar as obras em *A dama das camélias* de Alexandre Dumas de 1848 e *Lucíola* de José de Alencar, publicado em 1862. De maneira análoga, a questão colonial e racial colocada por Delfina aprofunda as desigualdades, amplia a idealização e corrobora o poder do patriarcado. O trabalho com a temática será mais aprofundado em outro trecho selecionado na análise do romance de Paulina Chiziane.

que se multiplicaram como a raiz de um cancro, e matarão gerações, mesmo depois da partida dos marinheiros” (CHIZIANE, 2018, p. 92).

Indubitavelmente, a ocasião do enredo e a problemática apresentada pedem a retomada das ideias explicitadas por Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* (2008). Ao tratar da relação entre a mulher negra e o homem branco, ele analisa o sentimento de inferioridade estabelecido entre os dois no contexto colonial. Isso corrobora para a dominância capitalista e colonial, visto que é preciso desumanizar o outro para que nele nasça o desejo de poder e a vontade de adquirir propriedades, passando esse desejo a fazer parte do ser e na constituição de um ego (FANON, 2008). Acrescenta-se ademais que a constituição do ego para o negro, nesse contexto, depende da relação de poder estabelecida nas colônias e, por isso, necessita da aprovação do branco. Dessa forma, o casamento passa a ser o reconhecimento mais aguardado das mulheres negras em situações semelhantes para a integração em sociedade.

Embora o matrimônio com um homem branco seja seu principal objetivo, nas circunstâncias da vida, Delfina se apaixona por José dos Montes, um homem negro. Mesmo que sua mãe, Serafina repetisse “inconscientemente o que ouvia da boca de tantas mães negras. E dos brancos. Casar com um preto? Confirmando que o sexo é uma arma de combate em tempo de guerra. Casar com um preto?” (CHIZIANE, 2018, p. 92), a ligação entre eles parecia muito forte. O casal, no entanto, encontrava-se contrariado pelo sentimento: ela não queria ter se apaixonado por um preto condenado, enquanto ele se envergonhava dos amores por uma prostituta do cais<sup>65</sup>. Diante do impasse e da emoção, Delfina propõe o casamento, pois acredita que as obrigações da vida conjugal podem acabar com a paixão, sentimento que atrapalha os planos da vida real.

A partir de então, o décimo capítulo reserva um embate interessante entre Serafina e Delfina, que apresenta seu noivo à mãe. As reflexões e diálogos são carregados de analogias com a colonização e a condição da mulher negra. Enquanto a filha quer casar-se por amor, a experiência da mãe sobre aquele contexto alerta:

---

<sup>65</sup> Aqui cabe o diálogo com o poema “Moça das docas” de Noémia de Sousa que traça uma imagem poética sobre as mulheres em condição de prostituição de Lourenço Marques, então capital de Moçambique.

- O que é o amor para a mulher negra, Delfina. Dize-me o que é o amor na nossa terra onde as mulheres se casam por encomenda e na adolescência? Diz-me o que é o amor para a mulher violada a caminho da fonte por um soldado, um marinheiro ou um condenado? As histórias de paixão são para quem pode sonhar. A mulher negra não brinca com bonecas, mas com bebês de verdade a partir dos doze anos. A conversa de amor e virgindade é para as mulheres brancas e não para as pretas. Por que me falas de amor? A paixão é perigosa, Delfina, não te fies nela. O amor é caprichoso como as marés, vai e vem, esconde-se, aparece, voa. Se queres construir um lar sólido não te fies no amor, porque quando ele se esvai destrói tudo e partes à procura de outro. É por isso que para nós, negras e pobres, o amor e a paixão deviam ser proibidos. (CHIZIANE, 2018, p. 97)

No trecho acima, fica evidente que o pedido de Serafina liga estreitamente as questões entre gênero, classe e raça. Diante dos horrores que presenciava, entre açoites e escravatura, a saída é denunciar práticas como o casamento forçado, a violação de mulheres e meninas – que passam a ‘brincar’ com bebês de verdade a partir dos doze anos – a ausência dos sentimentos amorosos, além das condições de trabalho e escravatura. Revela-se, pois, o caráter dialético essencial para a compressão das opressões vividas por mulheres em Moçambique e ao redor do mundo.

Tal abordagem encontra referência em Angela Davis (2016), quando a autora estadunidense se propõe a compreender a exclusão capitalista como marcadamente sexista e racista. No início de sua obra *Mulheres, raça e classe*, ela destrincha sobre a diferenciação dos meios de vida de mulheres brancas de classe média em oposição a mulheres negras: enquanto aquelas são propriedade do marido moral e economicamente, estas não têm vinculação formal nestes termos e não são contempladas como sujeito na discussão acerca da liberdade matrimonial e da feminilidade, tampouco o problema do sufrágio poderia emancipá-las de tal situação. Outro trecho que contempla as reflexões de Serafina pode aprofundar ainda mais essas relações:

Alguma vez perguntaram o que sente uma mãe ao ver os filhos partir para a escravatura? [...] Não custa nada eliminar a tua raça para ganhar a liberdade. Temos que resistir, Delfina, temos que resistir. Temos que nos submeter à vida que nos impõe, acreditar no Deus deles, esse ser invisível e sem forma concreta. Tenho ódio dessas sinhás e donas de mulatas, tenho ódio dessas brancas piedosas, sempre dispostas a elaborar belos discursos sobre a mulher africana, a sofredora, a analfabeta, a pobrezinha. De onde vêm as estradas, as plantações e toda a sua grandeza? E as casas belas, quem as constrói? E a boa cozinha? E as roupas brancas, engomadas, perfumadas? Das mãos dos condenados como o José, frutos dos

partos das mães negras. E o que recebem em troca? O desdém, o insulto, a marginalidade. Quem somos nós, mulheres negras, neste regime sem esperança? O fim da mãe negra é ficar encostada ao umbral da porta num choro eterno, perante a indiferença do mundo, colocando flores em túmulos imaginários dos filhos que perdemos. (CHIZIANE, 2018, p. 102)

Além de trazer um debate importantíssimo sobre a solidão da mulher negra e o desamparo institucionalizado quando essas perdem seus filhos<sup>66</sup>, fica evidente no discurso o quanto o antagonismo de raças passa, indiscutivelmente, pelo domínio de classes, entre aquela que se alia aos detentores dos meios de produção e a mulher trabalhadora, que será dominada e escravizada. Ao passo que o racismo amplifica ainda mais as desigualdades, o patriarcado centraliza na figura do homem o poder em meio a todas essas questões. Por tais razões, é inadiável que os rumos para uma sociedade mais justa perpassem as categorias tão emblematicamente tratadas pela personagem: raça, classe e sexo. Retomando Angela Davis, o final do capítulo três traz o discurso de Angelina Grimké na convenção de fundação da Liga das Mulheres pela Lealdade e *O capital*, salientando tal importância:

Se, conforme disse Karl Marx, o ‘trabalho de pele branca não pode se emancipar onde o trabalho de pele negra é marcado a ferro’, também é verdade que, como Angelina Grimké tão lucidamente insistiu, as lutas democráticas da época – em especial o combate pela igualdade das mulheres – poderiam ter sido travadas de modo mais eficiente em associação com o combate pela libertação negra. (DAVIS, 2016, p. 78)

Corrobora-se, portanto, a hipótese de que, mesmo em contextos sócio-históricos distintos, a teoria da autora norte-americana dialoga abertamente com a experiência moçambicana retratada no livro de Paulina sob o olhar da personagem Serafina. As opressões vivenciadas pela mulher negra negam, até mesmo, a chance de sentir e receber afeto, definindo-se no lugar de subalternidade que só pode e deve ser subvertido encarando-se a pluralidade imbricada do sistema de exploração. Para Davis, nesse aspecto, sendo as

---

<sup>66</sup> Esse urgente debate, especialmente no Brasil de hoje, é muito bem amparado por teóricas e movimentos que levam às análises sobre o genocídio da população negra no país e a solidão da mulher/mãe negra. Destaca-se, para esse contexto, os trabalhos de Katiúscia Ribeiro, os movimentos Mães de Manguinhos, Redes da Mar, além do filme *Autos de Resistência* (2019) com argumento e roteiro de Natasha Neri e Juliana Farias, que aborda também a temática dos homicídios praticadas pela polícia contra os civis no Rio de Janeiro e o legado de mães em luta por justiça para seus filhos.

mulheres negras postas como a parcela mais oprimida e explorada pelo capitalismo, seus movimentos possibilitam a transformação de toda a sociedade, pois com elas, as demais estruturas sociais também serão abaladas<sup>67</sup>.

Outrossim, um adendo a respeito da história de Moçambique no que concerne as lutas das mulheres negras em prol da nação está em “A libertação da mulher é uma necessidade fundamental da Revolução, uma garantia da sua continuidade, uma condição de seu triunfo”, discurso proferido pelo líder revolucionário Samora Moisés Machel, em 4 de março de 1973, na ocasião de lançamento da I Conferência Nacional da Mulher Moçambicana e da Organização da Mulher Moçambicana (OMM). Na circunstância ressalta-se a validade das pautas reivindicadas pelas mulheres moçambicanas e a relevância da liberdade e da justa participação delas para a independência do país: somente respeitando essa premissa seria possível construir uma sociedade mais igualitária.

Entretanto, cabe lembrar que a história do casamento de Delfina se passa alguns anos antes do discurso referido acima e da libertação do país sob os domínios de Portugal, em 1975. Naquele tempo, o mantra repetido por Serafina: ‘- riqueza no preto é sorte, no branco é destino. Antes um branco pobre que um preto rico’ (CHIZIANE, 2018, p. 99) fazia parte do contexto colonial. No entanto, o texto narrativo e a realidade factual pós-independência vão demonstrar que as relações de opressão sobre as mulheres pouco se alteraram para a dinâmica do mundo que Maria das Dores, fruto desse encontro, vai experienciar.

Enquanto isso, o livro segue contando a vida de Delfina ao lado de José dos Montes, que mesmo vivendo um amor maravilhoso e único, lidam com a instituição do casamento como em um contrato capitalista, tanto quanto qualquer outro. Sobre isso, o narrador exemplifica muito bem a associação: “Para o homem, a lua de mel é a tomada da posse de um corpo já conhecido como legítimo proprietário. Os beijos e abraços anteriores eram crédito, dívidas, empréstimo. Para as mulheres é a inauguração do estatuto de serva.” (CHIZIANE, 2018, p. 112). No fragmento, fica explícito o papel dominante e

---

<sup>67</sup> Angela Davis se pronunciou sobre essa afirmação quando esteve no Brasil em 25 de julho de 2017 na Universidade Federal da Bahia. Uma reportagem sobre a visita da professora e militante feminista pode ser encontrada em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503\\_610956.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html)>

proprietário do homem em oposição à mulher, serve de seu marido, o que denota a assertiva de Engels em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (2019), pois o contexto vivido entre as personagens era dominado pela expansão capitalista, que tinha como intuito transformar todas as relações em mercadoria, dissolvendo as até então existentes, substituindo costumes e direitos históricos pela compra a venda. Sendo o casamento a transação legal mais importante de todas, que fundamenta a propriedade da família, era necessário instituir o casamento burguês moderno como basilar para a composição ideológica dos colonos.

Portanto, não basta a afeição mútua para libertar a instituição do casamento, é preciso eliminar a produção capitalista e as relações de propriedade estabelecidas por ela (ENGELS, 2019). Essa prerrogativa faz parte de muitas obras de Paulina Chiziane, sempre dispostas a debater o papel do amor e do enlace, na sociedade moçambicana atual. No caso de Delfina e José dos Montes, a paixão, como esperado, dá os seus primeiros sinais de desgaste com o dinheiro que falta, o açúcar que não basta e o conforto que não existe. Em meio a privação de bens e subsistência, o desejo de ser o outro, o homem branco, é cada vez mais latente nos sonhos de José, na consciência de que o regime instaurado ali privilegia a raça sobre a qual nunca pertencerá, a assimilação, até então um caminho desprezível, parece ser o único caminho para a sobrevivência.

Durante aquele período, o pai de Delfina não cedeu às pressões do governo português para se tornar um negro assimilado, o que negociaria sua identidade a ponto de o colocar como 'superior' diante dos demais negros no regime da colônia. Por outro lado, José dos Montes resolve acatar a ideia, pois deseja manter seu casamento e garantir a prosperidade econômica, sabendo que, para isso ele deve abandonar as "crenças selvagens, a língua atrasada e a vida bárbara". Assim, sua primeira função foi a de sipaio<sup>68</sup> e, aos poucos, ele internaliza a ideia de que era preciso encarnar o espírito dos soberanos para poder garantir cada nascer do sol.

---

<sup>68</sup> Os sipaios são recrutados pelos colonizadores a serviço do projeto português, para atuarem como soldados locais, controlando e repreendendo as populações locais. Dentro da hierarquia de raças e classes, continuam sendo subjugados e subalternos no sistema.



Para vislumbrar a função dos assimilados no projeto colonial português, é necessário recorrer aos crivos ideológicos que legitimavam a inferioridade dos chamados indígenas. Desde a influência missionária cristã, que identificou os povos como pagãos, até a chegada do capitalismo industrial, da expansão mercadológica e dos pensamentos evolucionistas, a interpretação da sociedade colonial baseava-se na oposição dos primitivos bárbaros a partir dos civilizados e progressivos. Dessa maneira, a verdade europeia deveria ser levada a todos com base nos preceitos culturais, científicos, técnicos e organizacionais (CABAÇO, 2009). Confrontando os diferentes modos de prática colonialista, os portugueses, baseando-se na experiência francesa e com recursos limitados de exploração, buscavam acordos e mão de obra para agregar seu plano administrativo e, para tanto, utilizavam o aparelho ideológico da assimilação, defendendo a hierarquia das humanidades.

Cabe lembrar que a assimilação nunca foi um consenso na história colonial lusitana e se adequava aos momentos e às exigências de ocupação efetiva dos territórios. Nos estudos aprofundados sobre o tema, muita legislação foi redigida durante o período, sempre no objetivo de consolidar as estratégias preconizadas. No entanto, como observa José Luis Cabaço:

Contudo, a assimilação em momento algum representou a integração do colonizado como membro da comunidade portuguesa da colônia [...] Se, pela assimilação, o *indígena* ganhava o estatuto jurídico de cidadão, no plano social ele permanecia sempre um membro subalternizado, nunca visto pelos colonos como “um de nós” e sempre como “o mais civilizado deles”, o outro a quem, em vez do estigma da *caderneta* era imposto o estigma “privilegiado” do *alvará de assimilado*. O ritual de passagem traduzia-se num duplo rito de separação: afastava o *assimilado* do *indígena* e consagrava-o objetivamente como “casta inferior” no mundo dos cidadãos, mas subjetivamente como a “casta superior” no mundo dos autóctones. (CABAÇO, 2009, pp. 118-119)

É possível vislumbrar que a breve verificação do regime dos assimilados nos territórios coloniais portugueses acima explanada revela como a imbricação entre raça e classe faz parte da essência do sistema capitalista, já que a libertação de uma classe não leva, necessariamente, a mudanças significativas para os sujeitos em termos de dominação racial. O racismo estrutural está na base de tais sociedades e sempre vai corroborar com o que se entende por

dominância e poder. Por isso, vale lembrar que o embate para sua superação deve sempre considerar a associação dos fatores elencados.

É por tais razões que a subjetividade de José dos Montes não fica ileso quando ele se torna um assimilado, expondo inúmeros conflitos internos e inseguranças, quando, a partir de 1953, é chamado para agir como combatente na guerra colonial contra os próprios moçambicanos. Enquanto tenta entender seu lugar de terceiro no mundo dicotômico, as cenas da guerra colonial na Zambézia marcam profundamente o capítulo doze.

O comandante dá vários passos. Dispara a primeira bala. Segue-se o choro das balas a rasgar o espaço. O coração de José pulsa dentro do peito. As mulheres em debandada seguram os filhos e correm. Os homens empunham lanças e setas. José dispara e os homens de azagaias caem em bandos de pássaros. Aos cachos. Pisa com firmeza a terra vermelha. Menstruada. Terra parturiente. Sente que dentro de si o cordão umbilical se rompe e sua imagem se ergue infinitamente para o sol escondido na noite (CHIZIANE, 2018, p. 131)

Certamente, os horrores da guerra são sentidos por todos aqueles que se identificam com a terra, mas não sem enfrentamento, já que as populações locais encontram diversas formas de luta. Neste ponto, o narrador especifica alguns pontos em que José dos Montes batalha pelos portugueses, mencionando, por exemplo, os nharinga, m'zambezi da Maganja da Costa, que, além de lutarem, utilizavam a estratégia do não pagamento ao imposto da palhota, um dos tributos compulsórios do regime colonial sobre os camponeses. Para destrinchar um pouco o aspecto histórico, relevante para o entendimento da obra, é preciso salientar que a região mencionada concentrava uma rede de escravizados não fugitivos<sup>69</sup> organizados sistematicamente em forma de república e que ali se mantiveram por décadas, sendo um ponto estratégico de combate contra as tropas coloniais<sup>70</sup>.

Em contrapartida, o imposto da palhota pode ser considerado como transformador das relações econômicas. Ao colocar grande parcela populacional como contribuintes de um sistema capitalista e colonial forçadamente, entre

---

<sup>69</sup> A maior parte dos Aringas (espécie de quilombos moçambicanos) eram constituídos de escravos em situação de fuga ou rebelião, conforme salienta José Capela em seu artigo Como as Aringas de Moçambique se transformaram em Quilombos (2005). O caso do aringa de Maganja da Costa era diferente.

<sup>70</sup> José Capela, A República Militar da Maganja da Costa, Maputo, 1988.

1892 e 1894, gerou, para todos aqueles que não conseguiam pagar, uma forma de trabalho forçado. Paralelamente, em Moçambique, havia uma grande diferença entre os rendimentos desse tipo que eram tributados ao sul e ao norte, pois a região mais populosa (sul) contribuía com 94% dos rendimentos até meados de 1930, o que ocasionava maior tensão político-social nas regiões norte, como a Zambézia.<sup>71</sup>

Desse modo, observa-se, a partir desses dados históricos, o quanto a relação colonial apresentava contradições profundas e, nas brechas daquele sistema, operava-se as estratégias de confrontação. Durante o episódio da guerra, a narrativa intercala passagens de consciência de José dos Montes e uma canção cujo refrão anuncia “Havemos de voltar!”. No entanto, a música carregada de promessas e as lembranças de Delfina dão lugar a um sipaio que cumpre todos os mandamentos do regime com a eficiência esperada, tornando-se também cúmplice da colonização.

Entre as diversas críticas ao sistema no decorrer do capítulo, o narrador utiliza a seguinte metáfora “O colonialismo é macho, engravidou o ventre de tua mulher” (CHIZIANE, 2018, p. 135). Aqui, vê-se de forma poética e política a dialética relação de poder - tão relevante para a análise buscada para esta tese – do mundo ocidental sobre o continente africano que se associa à autoridade do macho, violando sua<sup>72</sup> mulher e gerando novos frutos naquele novo mundo. Então, o produto dessa relação violenta inaugura algo que não é só o colonialismo, mas todas as relações de poder nele imbricadas.

De maneira análoga, é uma sensação muito próxima que leva José dos Montes a servir os padrões brancos, conscientes de que o ponto fraco do sipaio domesticado era justamente o amor por Delfina. Uma vez que este regressa à casa, logo em seguida recebe a notícia da gravidez da esposa e deseja muito uma filha mulher, pois sabe que o destino do homem é levar o sobrenome da família adiante<sup>73</sup> e nada mais. Em suma, o final do capítulo treze destina algumas

---

<sup>71</sup> SANTOS, Maciel. O imposto camponês no norte de Moçambique (1929-1939) – um cultivo forçado, factor de crescimento? Atas do congresso internacional saber tropical em Moçambique: história, memória e ciência iict – JBT/Jardim Botânico Tropical. Lisboa, 24-26 outubro de 2012.

<sup>72</sup> Destaca-se o uso do pronome possessivo na citação “tua mulher” o que denota o caráter de homem proprietário na relação entre os sexos.

<sup>73</sup> A ideia de levar o nome da família paterna adiante é também cultural e está ligada ao conceito de patrilinearidade. Essa prática pode ou não conviver com o patriarcado, mas, com certeza, nas sociedades capitalistas, em que o patriarcado opera como mais uma forma de dominação, a

partes ao parto de Delfina, porém, a narrativa leva ao entendimento mais amplo desse momento, como se abordasse todas as mulheres ao redor do mundo, que, a partir daquele momento, tornam-se escravas da maternidade: “Todo bebê vivo é um vencedor. Por isso nasce de punho cerrado, à imagem dos grandes combatentes. Guarda ali a alma da mãe como troféu, porque a partir daquele instante ela será sua escrava” (CHIZIANE, 2018, p. 149).

Logo, quando Maria das Dores nasce, o novo embate entre Serafina e Delfina é sobre o uso de medicação, enquanto a avó da criança indica chás e plantas, a mãe só deseja os “remédios dos brancos”, acusando seu povo de obscurantista e atrasado por ainda se voltar às tradições. O pai de Delfina, por sua vez, se desespera ao ver a filha partir para um outro universo de valores tão facilmente: “És negra e ainda por cima mulher. Como podes amar o que jamais será teu? És assimilada? Que prazer sentes tu em ser tratada como cidadã de segunda categoria?” (CHIZIANE, 2018, p. 156). As disputas geracionais retratadas nesse capítulo mostram a dimensão do conflito colonial, que atravessa as famílias e suas subjetividades. Em meio aos desentendimentos, é escolhido o nome da primogênita: Maria das Dores, inspirado em uma artista de telenovela.

Como efeito, a narração aproveita o momento para refletir sobre a relação dos nomes próprios e como eles direcionam a relação dos povos moçambicanos em contato com culturas estrangeiras:

As mães gostam de dar aos filhos nomes de fantasia. Nomes de passageiros, de vagabundos. Tudo começou no princípio. Vieram os árabes. Os negros converteram-se. E começaram a chamar-se Sofia, Zainabo, Zulfa, Amade, Mussá. E tornaram-se escravos. Vieram os marinheiros da cruz e da espada. Outros negros converteram-se. Começaram a chamar-se José, Francisco, António, Moisés. Todas as mulheres chamaram Marias. E continuaram escravos. Os negros que foram vendidos ficaram a chamar-se Charles, Mary, Georges, Christian, Joseph, Charlotte, Johnson. Batizaram-se. E continuaram escravos. Um dia virão outros profetas com as bandeiras vermelhas e doutrinas messiânicas. Deificarão o comunismo. Marx, marxismo, Lénine, leninismo. Diabolizarão o capitalismo e o Ocidente. Os negros começarão a chamar-se Iva, Ivanova, Ivanda, Tania, Kasparov, Tereskova, Nadia, Nadioska. E continuarão escravos. Depois virão pessoas de todo o mundo com dinheiro no bolso para doar aos pobres em nome do desenvolvimento. E os negros chamar-se-ão Soila, Karen, Tânia, Tatiana, Sheila. Receberão dinheiro deles e continuarão escravos.

---

patrilinidade caminha junto ao patriarcado, inclusive legitimada pela instrumentalização jurídica.

Os aventureiros entrarão e sairão como quem entra no ar e não se molha. Línguas nossas? Aprenderão apenas sons. Invocarão alguns. Crenças? Profanarão todas as nossas. Nós aprendemos tudo: árabe, português, francês, inglês, norueguês, russo, alemão e tantas outras desconhecidas. E continuaremos escravos. Faremos guerras uns contra os outros. Matar-nos-emos. Elegeremos presidentes. Golpearemos presidentes. Mataremos presidentes. Ergueremos bandeiras. Mudaremos bandeiras, hinos e símbolos. E continuaremos escravos. (CHIZIANE, 2018, pp. 160-161)

Com certeza, a passagem acima destaca-se pelo fato de enfatizar que os intercâmbios culturais não são passageiros, as marcas revelam-se pela identidade do povo e pela permanência da situação exploratória. Dessa forma, muitas alianças, sistemas e ideologias passaram e passarão por ali, mas o destino parece sempre configurar a escravidão para o território.

A partir do capítulo quinze, a narrativa volta-se para o personagem Moyo, quando José dos Montes retorna e ele, agora desesperado pelo amor de Delfina e a espera do terceiro filho do casal. A conversa entre ambos não é amigável e oferece um espelho a José, que encara sua função de traidor da pátria como combatente assimilado. Porém, o homem não se rende, pelo contrário, desafia cada vez mais o velho sábio, que argumenta olhando para o futuro e percebendo que os negros estarão novamente na “cauda da História”:

–Nessa independência que sonhamos o mundo não será o mesmo. Libertaremos a terra, sim, mas jamais seremos senhores. Os governadores do futuro terão cabeças de brancos sobre o corpo de negros. Nesse tempo, os marinheiros já não precisarão de barcos, porque terão construído moradas seguras dentro da gente. O colonialismo habitará a nossa mente e o nosso ventre e a liberdade será apenas um sonho. (CHIZIANE, 2018, pp. 175-176)

De acordo com a ideia de um futuro, colocada pela visão da efêmera personagem explicitada no trecho, é importante relacioná-la ao contexto de publicação de *O alegre canto da perdiz*. Já em 2008, a contemporaneidade revela, mais do que nunca, a crítica às promessas que não vieram após a independência. Em determinado ponto mais à frente do texto, ao colocar no mesmo patamar marxistas e socialistas com colonialistas e masoquistas, a narração revela que muitas promessas gestadas na revolução não foram cumpridas. Pelo contrário, foram apropriadas pelo capitalismo e hoje seguem deixando suas marcas no povo moçambicano.

Dessa forma, o encontro entre Moyo e José, que já suscitava tantas diferenças, acaba em tragédia. A descrição detalhada da morte do primeiro revela como assassino o segundo, após isso, consciente e arrependido de seu ato, José dos Montes é recebido como herói pelos portugueses e acusado de traidor pelo povo moçambicano. Ao final, uma fala dos profetas anuncia: “Sem a contribuição dos negros, a colonização não teria sido possível” (CHIZIANE, 2018, p. 184). No entanto, uma afirmação como essa carece de muitos cuidados, já que os assimilados também são parte do mecanismo do racismo e do colonialismo na estratégia de ocupação, que envolvia toda uma complexa estrutura social baseada na sobreposição de força dos brancos sobre os negros, em que os beneficiários são sempre os primeiros.

Porém, todos os esforços de José dos Montes em busca de respostas e garantias, não são suficientes para manter seu casamento. Ao chegar em casa, Delfina acaba de parir, mas a criança é “branca como a casca de ovo”, concebida com o patrão branco enquanto ele guerreava com os pretos. Enquanto o estatuto de Delfina está garantido e Maria Jacinta será seu troféu a erguer-se, buscando o respeito naquela sociedade, o sipaio, desnorteado, sai em busca dos conselhos de Lavaroupa da Silveira<sup>74</sup> que recomenda a aceitação da criança, pois um filho mulato significa a isenção do imposto da palhota e benefícios com a escola, polícia e até a igreja no contexto colonial. O entendimento indica, novamente, a imbricação entre raça e classe para a estrutura social, já que a humilhação matrimonial seria secundária diante das proteções que a figura da miscigenação lhe traria. Ainda mais, traz à tona o poder e a aliciação das mulheres pelos próprios maridos, que as colocam no papel de “fábricas de alforrias”, garantindo futuro e sobrevivência às novas gerações.

Então, o capítulo dezessete traz um corte espaço-temporal para a apresentação de mais um personagem: Simba, um feiticeiro que será determinante para o enredo a partir de então. O acontecimento que o faz se

---

<sup>74</sup> O nome curioso da personagem é explicado mais adiante no texto: Nome ganho no interrogatório policial depois de um tumulto no cais. Julgado insurreto, ao ser inquirido, afirmou que na rotina diária lavava a roupa do Senhor Francisco da Silveira, seu dono, seu branco. Foi em condições semelhantes que nasceram os nomes de muitos zambezianos. Nomes de desencanto e de tudo que humilha, como as roupas de intimidade e de outras banalidades. Antonio Cuecas, Julio Meia Saca, Lucas Camisa, Raul Vergonha, Pente Falso, José Faz-Tudo, Lisboa Alface, Bonito Segunda-feira. Todas as mulheres se chamam Marias. (CHIZIANE, 2018, p. 201)

deparar com Delfina é o quanto ela clama por um feitiço para receber o amor de Soares, o homem branco. Além de ficar evidente o desejo de ascensão social pela raça e miscigenação, é interessante o modo como a personagem interpreta os julgamentos a respeito de sua decisão, ela sabe que a despeito de suas atitudes, o fato de ser mulher é um fardo muito maior:

-Ter um marido branco é meu sonho. Se ao José fosse dada a sorte de casar com uma branca, ele me abandonaria de imediato, conheço bem o ambicioso que ele é. Como eu, só pensa em subir na vida sem olhar os meios. A sorte coube a mim, por que me condena? Por eu ser mulher? (CHIZIANE, 2018, p. 215)

Após muita insistência, Simba oferece a ela um pacto: ele deseja uma casa de zinco e soalho de cimento em troca de fazer a mágica que deveria atrair definitivamente o amor do branco por ela. Enfim, ele consegue sua nova morada e Delfina parece ganhar o *status* tão aguardado ao se estabelecer, finalmente, com o português Soares e com a chegada dos filhos mulatos.

A partir de então, as lendas e mitos fundadores, que já estavam presentes desde o início da narrativa, começam se intensificar na narrativa, intercalando-se com a trajetória das mulheres personagens, na tentativa de entender o presente, que tanto subjuga e oprime as mulheres. Em comum, todos os mitos revelam, em alguma medida, a anterior liberdade da mulher que foi corrompida pela chegada do homem. Nesse sentido, as histórias de origem recuperam ideias sobre a construção dos papéis sociais de homens e mulheres moçambicanas que ecoam na contemporaneidade, evidenciando que o poder e a exploração entre os gêneros não acontecem de forma natural.

Analisando o conjunto dos mitos, se a esposa do régulo inicia as narrativas sobre uma ideia de matriarcado na Zambézia e o poder das mulheres, ao final, as tramas dos mitos fundadores levam a uma definição do patriarcado, que agora domina o mundo:

No mundo onde o homem manda, os filhos são de um só. A família tem peso de chumbo, tecido por laços do mesmo sangue. Mas é um reino de lágrimas e de sofrimento. Com violência, os homens mantêm as mulheres fiéis a paulada. A violência é produto do patriarcado, porque os homens roubaram o poder às mulheres. (CHIZIANE, 2018, p. 282)

Portanto, são justamente as camadas históricas que ajudam a compor a trajetória de Delfina e Maria das Dores e as opressões vividas pelas mulheres no romance. A próxima parte do livro anuncia um estranho canto noturno, que é, na verdade, alguém com “voz de perdiz”: Delfina estava enlouquecida por ter conseguido seu lugar na cidade dos brancos, ao lado de um novo esposo e, do mesmo modo como ditava a simbologia para a ave, cantar à noite era sinal de “mau agouro”, já que a situação daquela mulher preta iluminava o mundo de espanto. Dessa forma, são vãs as tentativas de tirar Delfina das alturas de seus delírios e ela se despede da sua antiga vida imitando o canto da perdiz e o nome da cidade “gurué, gurué”.

Assim, sete anos já se passaram desde a nova união, e as primeiras páginas dedicadas a relação de Soares com Delfina evidenciam a dicotomia da colonização, ela o amava porque era branco, civilizado e lhe garantia os bens que jamais gostaria de abrir mão. Também se observa a relação com Maria das Dores, que, na altura, tinha doze anos e era tratada pela mãe como uma criada, sempre desprezada diante de seus irmãos mestiços. Os conflitos raciais naquela casa se amplificam, com constantes questionamentos, para a filha mais nova, Maria Jacinta, por exemplo, ter uma mãe negra não era mais suficiente, ela queria ser branca.

Ademais, a paixão de Soares por Delfina e pela aventura vivida acaba e ele abandona aquela situação e regressa para Lisboa, sem despedidas. O desamparo sentido por aquela mulher soma-se a uma abrupta invasão: um sipaio procura Delfina, sabendo que está sozinha, e rouba-lhe objetos da casa, ameaça sua segurança e a estupra, deixando desordem, caos e lágrimas para aquela família já destruída. Por vingança, ela persegue o violador durante um tempo, até que, ajudada por Simba, consegue matá-lo com veneno de rato no vinho que ele sempre bebia.

A partir desse ponto, a narrativa adquire um tom muito mais acelerado, com capítulos curtos que direcionam para o momento que, no início da obra, conhecemos Maria das Dores. O primeiro ato é venda da virgindade da filha para o feiticeiro Simba, em um acordo desesperado de Delfina pela volta de seu homem branco: “Não se arrepende. Na sua terra a mulher é peça que se compra e se vende. Selo de contrato. Moeda de troca. Hipoteca. Multa. Sobrevivência.” (CHIZIANE, 2018, p. 251). Apesar de soar, primeiramente, como um ato



‘bárbaro’ na oposição da chamada civilização, a ideia da mulher como mercadoria é atrelada à objetificação dos corpos, tão relevante para a consolidação do patriarcado em diversas sociedades contemporâneas. Toda relação de venda sexual de mulheres, incluindo a prostituição ou a venda da virgindade, é a relação mercantilizada dos corpos femininos que coloca a subordinação em seu caráter mais exagerado, conforme explicita Carole Pateman em *O contrato sexual* (1993):

No patriarcado moderno existe uma variedade de meios pelos quais os homens mantêm os termos do contrato sexual. O contrato de casamento ainda é fundamental para o direito patriarcal, mas o casamento é atualmente apenas um dos caminhos sociais, dentre os aceitáveis, para os homens terem acesso sexual aos corpos das mulheres. (PATEMAN, 1993, p. 279).

Portanto, a venda da virgindade que acontece com Das Dores não é uma ação isolada, de povos considerados “atrasados” ou “tribais”, mas é, sim, parte do mesmo sistema que continua aliciando meninas e mulheres, desde a definição de casamento proferida por Mary Wollstonecraft, em 1790, de “prostituição legal” até as condições de prostituição modernas com o intuito exclusivo e permanente de servir ao sistema mercadológico, satisfazendo as vontades dos homens (PATEMAN, 1993). Nesse sentido, é a mesma lógica que impede o controle e domínio sobre seus próprios corpos e desejos.

Além da sujeição de Maria das Dores e ainda sobre outros aspectos de dominação, uma passagem da obra dedicada à Maria Jacinta, a filha mestiça, é crucial para muitas ideias debatidas até então. O narrador relembra, pela voz da personagem, que sua infância foi cercada de traumas: a paternidade negada diante de amigos, o avô negro açoitado por apenas caminhar com a neta em praça pública, a mãe constantemente questionada sobre o fato de Jacinta ser filha de empregada e ela não poder brincar com a irmã, das Dores. Diante de tantos impedimentos, ela aprendeu que não era tão amada, que existia a servidão atrelada à raça e que deveria ser separada dos brancos e dos negros.

Foi a partir desse momento que começou a olhar em volta. E viu que os negros eram muito negros. Que os brancos eram muito brancos. Diante dos pretos chamavam-lhe branca. E não queriam brincar com ela. Afastavam-na, falavam mal da mãe e diziam nomes feios. Diante dos brancos chamavam-lhe preta. Também corriam com ela, falavam mal da mãe e chamavam-lhe nomes feios. (CHIZIANE, 2018, p. 255)

O dilema de ficar entre duas raças se arrastava para Maria Jacinta. Isto posto, a categoria do mestiço nas regiões de colonização portuguesa é sempre marcada pelo espaço intermediário e subalterno, estigmatizado pelas relações de dominação racial. Dessa forma, para a personagem, entender a sua identidade é participar de um processo violento, já que foi fruto da disputa racial e social que emergia do espaço e da condição de sua mãe. Na região da Zambézia, especialmente, a ideia das hibridizações cultural e racial são características marcantes daquele território para a dimensão de Moçambique. Sem dúvida, a consciência da raça surge com a violência colonial, que marca a cor da pele a partir da perspectiva de poder e, assim, somado às desigualdades sociais e econômicas, o negro passa a ser considerado inferior. Por isso, uma das principais estratégias de sobrevivência e ascensão social nesse meio é a busca pelo 'branqueamento' da raça: "Por isso a mulher negra buscará um filho mulato. Para aliviar o negro da sua pele como quem alivia as roupas de luto" (CHIZIANE, 2008, p. 184). Nesse sentido, Delfina busca esse objetivo a todo custo e utiliza sua corporeidade zambeziana para traçar essa sua trajetória. Como efeito, o nascimento de Maria Jacinta é o auge de sua escalada social, mas, com ela estabelece-se uma relação conflituosa, em que há a perda do poder e do controle sobre seu destino.

Entretanto, voltando-se agora para a subjetividade da jovem Maria das Dores, muitos são os fatos que marcam sua concepção de mundo: a predileção da mãe pelos irmãos mulatos, o sentimento ambíguo que nutria por Delfina, que bebia cada vez mais, a doença de seu irmão negro Zezinho e o incêndio na casa que viviam. Dessa maneira, eram inúmeros os motivos pelos quais das Dores chorava, mas o mais importante deles aconteceu em 1974, quando Delfina vendeu-a ao feiticeiro Simba. A cena que descreve a separação entre mãe e filha é muito simbólica e será recorrente em outros pontos do romance, como se o episódio descrito fosse a encruzilhada entre a vida possível e a vida imposta:

Era um quadro bonito de ver. Duas irmãs sentadas na varanda entrançando os cabelos uma da outra, ao entardecer, uma preta e outra mulata. Falando de coisas do princípio do mundo, no desabrochar da vida. Cabecinhas no ar descobrindo estradas celestes e os contornos da lua. Maria das Dores fala de um príncipe celeste, o tal centauro, um homem-cavalo em forma de estrela, e conta as mais

incríveis aventuras. Delfina vem e espreita. Emociona-se. As filhas crescem cada dia mais belas. Sente que ali nasce uma profunda mágoa, mas mesmo assim simula um sorriso.

[...]

- Maria das Dores, vem! Vamos!
- Para onde?
- Quero levar-te a um lugar de sonho. Apressa-te, antes que anoiteça. Retomarás esse penteado no teu regresso.
- Falta tão pouco para acabar, mãe.
- Vamos!
- A Jacinta vai?
- Ela é criança ainda.

Mas a situação dela é diferente. O mundo dos brancos tem outros códigos, não precisam desta viagem. Para eles é mais importante a escola dos livros que a escola da vida. (CHIZIANE, 2018, pp. 262-263)

Ao fim, Maria das Dores nunca regressaria para terminar o penteado de sua irmã, pois a partir daquele momento sua infância e inocência morrem e ela se torna uma mulher forjada pela violência. Seu destino, como irmã mais velha, está selado ali justamente por ser negra, em oposição a sua irmã mais nova, mulata, que pode ter outras oportunidades. O fato é que, apesar de Delfina esperar a volta de sua filha, Simba não a devolve, tornando-se ela sua terceira esposa. Infelizmente, com mais marcas violentas e traumas para a história de da Dores, a narrativa descreve o abuso cometido por Simba na chegada a casa:

Foi direto à ação sem palavras inúteis. Lança sobre ela toda a energia de um homem no auge da vida, pássaro sedento na frescura do lago. Mergulha. Era o criador amassando o barro, moldando uma escultura à medida da sua inspiração. Ser mulher é mesmo assim, não custa. Basta uma facada, uma dor e um grito.

- Pai! – suspira Maria das Dores.

Morre tudo naquele instante. A infância. A inocência. Apagam-se todas as estrelas em sinal de luto. O ato é violento, frio, com todos os requintes de um martírio. Maria das Dores estava a ser violada. Extraviada. Roubada. Uma menina submetida à sádica obsessão daqueles que a deveriam amar. (CHIZIANE, 2018, p. 264)

Dessa forma, Maria das Dores é violentada por Simba, arrancada de si mesma e de todo o amparo que possuía até então. Importante lembrar que o foco narrativo assume o ponto de vista da mulher e revela a violência do ato e as marcas profundas que se colocam à subjetividade, apagando todo sinal de vida daquele corpo. Aqui é possível salientar o quanto a narrativa de Paulina se

compromete com a denúncia das opressões vividas pelas mulheres e que, portanto, apresenta um projeto literário alinhada aos princípios feministas.

Então, começa a trajetória de Maria das Dores que se agrava em uma vida adulta angustiante que a deixa grávida e à beira da loucura. Enquanto isso, Maria Jacinta, confronta a mãe pelo desaparecimento da irmã, mas se depara com um mundo cheio de injustiças, em que os discursos contra as escravaturas e explorações enchem praças e igrejas<sup>75</sup>. Assim, Jacinta faz suas malas e leva seus irmãos para a proteção da Igreja que aceitou acolhê-los. Delfina, por sua vez, chora as primeiras lágrimas de arrependimento e saudade e, sozinha, reúne suas últimas forças e abre um prostíbulo para oferecer meninas virgens aos colonos por encomenda, conseguindo seu famigerado ouro: “Muitas daquelas raparigas, desfilando trêmulas, esfomeadas, magoadas, descalças, trariam ao mundo crianças da nova raça, de pai incógnito, que no futuro terão que fuçar a sua identidade nas raízes da História.” (CHIZIANE, 2018, p. 279)

Inquestionavelmente, o tempo passa para Moçambique na luta pela libertação e para Maria das Dores, que, aos dezoito anos, já tem três filhos e é dependente do álcool. Mesmo à espreita da morte, ela traça um plano para fugir daquele lugar e ouve os Montes Namuli chamarem-na. Desse modo, durante a madrugada, parte com Rosinha, Benedito e Fernando para longe, enquanto subia, remorsos e medos a assombravam, pois sabia o quão árduo era para uma mulher a busca por um espaço. Após um desmaio, das Dores acorda em um hospital, por ter sido resgatada por soldados em treinamento nas montanhas, ao passo que seus filhos estavam sob o cuidado das freiras, sem saber que a mãe sobrevivera.

Após outro salto temporal e espacial, Maria Jacinta vai se casar, aos dezenove anos com um homem branco. Delfina não é convidada, tampouco mencionada no discurso da filha, mas vê o casamento ao longe, visto que para ela é um triunfo e a projeção dos sonhos de mulher. Assim, o destino de Delfina está muito mais próximo da solidão, enquanto Jacinta sorri para o fotógrafo, beija seu noivo e recebe os aplausos de seus convidados ao som de Amália

---

<sup>75</sup> Praças e igrejas como espaços que reúnem pessoas em busca de respostas às angústias sociais e pessoais.

Rodrigues.<sup>76</sup> Em suma, o casamento de Maria Jacinta com um homem branco e de acordo com a religião cristã é o auge de seu 'branqueamento', dos planos que sua mãe configurou para ela, mas a filha não oferece passagem para a mãe no mundo dos brancos e rompe definitivamente com sua linhagem negra. A partir deste ponto, já no final da narrativa, Delfina desmorona em seu projeto de ascensão social e retoma a consciência sobre seu lugar de subalternidade como mulher negra no espaço colonial.

Dessa forma, o capítulo trinta segue Delfina e seus devaneios, entre cantigas de crianças que parecem anunciar seu trépido destino (assemelhando-se a cena de sua juventude no início do romance), ela está sem paz, presa ao tempo e em um contínuo monólogo com Maria das Dores. Após ter vivido como prostituta, ter recusado sua raça, sua língua, religião, casamento e destino, ela também rejeita sua filha, sua linhagem e seu futuro. Mas ela sabe que não tem as rédeas desse destino, que o mundo desumanizou e desuniu as mulheres e essa realidade é o que as conecta ainda mais na esfera da opressão. Ao final da descrição, o presente parece colocá-la em uma eterna espera:

Delfina tem sempre a mesma rotina. Despertar, varrer a casa e o quintal para estar tudo em ordem quando José dos Montes chegar. Arrumar os brinquedos para estar tudo em ordem no dia que Maria das Dores voltar. E arruma-se. Compra um litro de óleo de palma e besunta o corpo inteiro. E brilha como uma estrela. Aí estava ela. Rainha Delfina cansada de guerra.<sup>77</sup> (CHIZIANE, 2018, p. 310)

Afinal, a mãe parece aguardar o retorno de sua filha perdida e muito tempo se passa. No desfecho do romance, já em um período pós-independência,

---

<sup>76</sup> Amália Rodrigues, portuguesa, viveu entre 1920 e 1999 e é considerada uma das mais brilhantes cantoras de fado do século XX. Sob o regime salazarista, muitas de suas canções foram censuradas e, apesar de rumores que ligam sua figura ao apoio do Estado, ela entoou "Grândola Vila Morena" na ocasião da Revolução dos Cravos em 1974.

<sup>77</sup> A expressão parece remeter à obra do escritor brasileiro Jorge Amado *Tereza Batista cansada de guerra* de 1972, que conta a trajetória de vida de Teresa, órfã de pai e mãe e vendida pela tia ao Capitão Justo. Tratada como propriedade sexual, a transformação da menina em mulher passa constantemente pela violência, mas a protagonista transforma sua vida ao resistir e lutar contra sua condição, liderando, inclusive, um movimento de prostitutas em Salvador. Há muitos pontos de aproximação entre o romance brasileiro e o moçambicano aqui analisado, características de Tereza são espalhadas e podem ser percebidas nas personagens de Delfina, Maria das Dores e Maria Jacinta por exemplo, guardadas as devidas proporções históricas e sociais.

Delfina, em estado de espera e impossibilitada de sonhar, se depara com uma marcha em homenagem ao dia nacional da mulher<sup>78</sup>:

Dia Nacional da Mulher.

Delfina decidiria juntar-se à marcha das mulheres na celebração do dia. A marcha fazia sonhar. O sonho era tudo o que ela queria. Pensa em Maria das Dores.

Ouves estas vozes, ouves. Fazem-me lembrar as greves dos meus tempos de menina, lá nas plantações do chá e do palmar. Hoje são as mulheres que levantam as vozes e clamam contra outras escravaturas. Arremessando ao vento a amargura dos séculos. Queimando os aventais, amolgando as panelas, partindo as vassouras, abandonando os tanques de roupa e as tábuas de engomar, para se tornarem cantoras de sonhos. Projetam um mundo que não existe. Querem ter o amor para sempre. A terra para sempre. Tudo para sempre. Mas como pode uma mulher ser dona do mundo se tem braços curtos e olhos pequenos? Como pode uma mulher ser feliz se o amor se faz de flor e a flor é mesmo ela? (CHIZIANE, 2018, p. 311)

Enquanto observa a marcha, Delfina chama novamente por Maria das Dores como interlocutora de seus pensamentos, entre elas a necessidade de se pensar a mulher em Moçambique. Dessa maneira, as reflexões da personagem revelam as lutas e resistências no território nacional atualmente ao passo que também evidenciam os motivos pelos quais aquelas que se levantaram no passado, hoje, fazem estas se movimentarem. De tal forma, a personagem entende que o motivo para as revoltas das mulheres reside no sonho de viver em um mundo menos opressor e violento. Delfina, no entanto, parece não mais acreditar neste ou em qualquer sonho: o destino da mulher está condicionado a viver entre amarguras.

Nesse momento, vislumbra-se a lacuna entre os anseios e desejos das gerações de mulheres que viveram o colonialismo, a luta de libertação e as demandas dos novos movimentos em prol das mulheres pelo país. Para Delfina, que viveu e foi condicionada pela questão colonial, seus ideais ruíram, enquanto para Maria das Dores, as marcas da violência e da opressão estão ainda latentes e não resolvidas. Os movimentos que elas desenham na narrativa, somados aos mitos de fundação registram na literatura e na história moçambicana as necessidades das lutas das mulheres.

---

<sup>78</sup> O dia nacional da mulher moçambicana é um feriado oficial, comemorado no dia 7 de abril por todo o país. A data é uma referência ao aniversário de morte de Josina Machel, em 1971, segunda esposa de Samora Machel e combatente da FRELIMO durante a guerra para a independência do país. Para os ideais da revolução, apenas com a emancipação da mulher é que seria possível sonhar com a liberdade de todo o país.

Em síntese, todas as formas de discursos que ressoam na obra de Paulina Chiziane parecem eclodir uma forma de florescer os possíveis diálogos geracionais. No momento em que o livro é publicado em Moçambique, a escritora já ocupa um lugar de muito mais destaque no mercado editorial em comparação com 1990 [ano da edição de *Balada de amor ao vento*], mas ainda recebe inúmeras críticas literárias. Mais recentemente, o país vive um período de conquistas e desafios para os movimentos de mulheres em Moçambique. Sobre essa perspectiva, como ressalta Casimiro (2014)<sup>79</sup>, a consolidação de organizações e mobilizações independentes está no centro de mudanças políticas que aconteceram no país na última década sobretudo. Um dos grandes desafios é justamente aliança e diálogo entre a geração que viveu a luta pela libertação do país e os movimentos feministas atuais<sup>80</sup>, muitas das reivindicações do passado não se concretizaram e passaram a frustrar o sonho e a construção de um país melhor e com mais igualdade entre homens e mulheres.

O fato é que o romance caminha, cada vez mais, para a situação de Maria das Dores tal como foi apresentada no início: abandonada à loucura na beira do rio. Na abertura do 31º capítulo, a digressão histórica finda-se e é retomada sua história, ela conversa com uma imagem de Cristo negro feito de barro e, após sofrer um espasmo, o médico e o padre socorrem-na. Neste momento, descobrem-se uns aos outros, são mãe e filhos que se reencontram após tantos anos: “o milagre da noite aconteceu”. Porém, de maneira repentina para o ritmo narrativo, também são identificados o pai de Maria, José dos Montes, e seu marido, Simba. Tal como o narrador explana, é difícil explicar tamanha coincidência em um mesmo ato, apesar de alucinante, era verdadeira: o encontro de três gerações que se buscavam nos montes e finalmente se encontraram.

Portanto, descobre-se que a ausência de Maria das Dores na vida de seus filhos durou vinte e cinco anos. No contexto da nação, entre a guerra de libertação colonial, que durou de 1964 a 1974 e os quinze anos de guerra civil,

---

<sup>79</sup> A edição brasileira de *Paz na terra, Guerra em Casa`. Feminismo e Organizações de Mulheres em Moçambique*. de Isabel Casimiro, feita em 2014, conta com um prefácio que atualiza a situação dos movimentos e organizações estudados na dissertação de mestrado da autora em 1999 e após a primeira edição em 2004.

<sup>80</sup> O filme de Ike Bertels, *Guerrilla Grannies: How to Live in This World*, de 2012, evidencia, na fala de Amélia, Mônica e Maria e nos intervalos de tempo, os anseios e desencantos das guerrilheiras em relação ao presente das mulheres moçambicanas.

o território moçambicano também viveu vinte e cinco anos de ausência e espera por uma união e bem-estar social. No caso do país africano, as marcas do colonialismo português, a influência do cristianismo, capitalismo, patriarcado e, inclusive, os novos movimentos de globalização, incidiram abruptamente e os objetivos da independência ainda não foram alcançados. De maneira análoga, a vida daquela mulher, testemunha e vítima dos papéis de subordinação, ainda ecoa as opressões das mulheres moçambicanas do passado e do presente.

Por conseguinte, o encontro derradeiro entre Delfina e José dos Montes ainda é reservado para o penúltimo capítulo, quando ele ajuda sua antiga esposa a se preparar para o regresso de Maria das Dores. Eles viajam de Quelimane a Gurué e o antigo amor parece renascer, mesmo que José ainda se expresse sobre ela com o tom possessivo de um bem material: “minha mulher”, a narrativa culmina para que ambos tenham um final de reconciliação amorosa. Já no aguardado encontro entre mãe e filha, a redenção e o abraço apertado marcam a desejada harmonia e a promessa de estarem juntas para sempre, como uma jura matrimonial. Em demasia, até a natureza combina com o momento oferecendo cantos de pássaros, uma bela canção e a chuva que chega para apagar fogueiras antigas.

Finalmente, cada personagem do livro resume um pouco de si [inclusive Rosinha, filha de das Dores, que não havia tido desfecho até então], comentam suas trajetórias e marcas que as opressões racistas, patriarcais e coloniais deixaram sobre eles. Encontram-se todos e vivem-se momentos de libertação durante o festival dos antúrios, assim como o romance encerra-se com uma narrativa de fundação: José dos Montes [não mais a esposa do régulo] agora narra a criação da Zambézia e de seu povo.

De certa maneira, o fim é bastante incômodo, pois as personagens continuam a culpar Delfina pelos males de todos e Maria das Dores também se rende ao amor de Simba, esquecendo-se dos horrores que já havia passado com ele. Na medida em que é problemático, é também muito palpável e palatável, primeiramente por ser semelhante aos desfechos das histórias de mulheres reais, que sofrem violências constantes, mas, inseridas nesse contexto, têm dificuldade, muitas vezes, para visualizarem e se libertarem de relações violentas, bem como não encontram políticas institucionais de amparo e



ressocialização. Também para o sentido do mercado editorial, é aceitável que o desfecho agrade a um público ansioso por finais felizes.

De qualquer maneira, vale ressaltar o quanto o tom conciliador entre as personagens de *O alegre canto da perdiz*, como estratégia de enredo, pode apontar caminhos para mediação dos conflitos, mas ao mesmo tempo revela que, em tempos de opressão, sempre haverá uma parcela que estará nas trincheiras. Por outro lado, são perceptíveis os desafios que ainda se cumprem no território, na medida em que o capitalismo se reinventa e se alicerça em novas estruturas daquele país:

Tem razão, a Delfina. O colonialismo incubou e cresceu vigorosamente. Invadiu os espaços mais secretos e corrói todos os alicerces. Já não precisa de chicote nem da espada, e hoje se veste de cruz e silêncio. Impregnou-se na pele e nos cabelos das mulheres, assíduas procuradoras da clareza epidérmica, na imitação de uma raça. As bocas das mães negras expelem raivas contra o destino e perdem a melhor energia na fútil reprodução de um deus perfeito. Trinta anos de independência e as coisas voltam para trás. Os filhos dos assimilados ressurgem violentos e ostentam ao mundo o orgulho da sua casta. O colonialismo já não é estrangeiro, tornou-se negro, mudou de sexo e tornou-se mulher. Vive no útero das mulheres, nas trompas das mulheres e o sexo delas se transformou em ratoeira para o homem branco.

-Neste aspecto, Delfina, foste a pioneira. A Zambézia inteira devia erguer monumentos a mulheres como tu, que deram a sua vida e o seu sangue para o nascimento desta nova nação. (CHIZIANE, 2018, p. 348)

Dessa forma, em Moçambique pós-independente, que é, ao mesmo tempo, o ponto de partida e o final do romance de Paulina Chiziane, a situação das protagonistas preconiza as condições materiais ali inscritas. Enquanto as trajetórias dessas mulheres acompanham o desenvolvimento histórico de Moçambique, evidencia-se a possibilidade de luta pela própria existência. Sob o mesmo ponto de vista, passando pelas denúncias da opressão vivida pelas mulheres moçambicanas, como o casamento, a maternidade, estupro, sobrecarga e sustento da família, observa-se que ainda há muito enfrentamento a ser feito. Portanto, entender o romance como uma literatura engajada política e socialmente, que reflete sobre as lutas das mulheres moçambicanas, é necessário, inclusive, para situar a escrita de Paulina Chiziane na contemporaneidade, que propõe a interlocução de mulheres que desejam se libertar de suas escravaturas.

### **2.3 - A ligação entre Delfina e Maria das Dores: o percurso das mulheres em território moçambicano**

Após uma análise destrinchada do enredo e seus principais pontos, vale destacar em *O alegre canto da perdiz* a relação entre Delfina e Maria das Dores: duas mulheres negras que vivenciam, entre mãe e filha, grande parte das lutas perpetradas ao longo do romance. É pela ligação entre elas que é possível perceber as questões das mulheres em Moçambique e como elas não são respondidas pelas demandas da contemporaneidade. Ademais, ambas enfrentam as questões de dominação, exploração e opressão do antigo colonialismo que se esconde nas entranhas do capitalismo.

Mesmo que exista um amálgama de vozes e personagens entre os capítulos, há um foco especial às protagonistas que, em meios aos mitos de fundação sobre a história de Moçambique e da Zambézia, buscam denunciar as opressões vividas no casamento, na sociedade, na religião e nas instituições sociais. Sobre Delfina, que vive predominantemente sob o regime colonial português, logo no início abandona o sonho de estudar e procura sobreviver de alguma forma. Para isso, encara desde a prostituição e assimilação até à mercantilização da própria filha e a aliciação de outras meninas ao final do enredo.

Enquanto isso, Maria das Dores já inicia a narrativa sob o estigma da loucura e precisa provar, a todo momento, o que a levou chegar ao ponto em que está, uma história carregada de sofrimento devido aos abusos físicos e psicológicos pelos quais passou, por ser uma mulher negra em um local que transitava, em guerra, da colonização para o capitalismo neoliberal. Ao fim, ela reencontra seu legado e seu lugar ao lado da família, simbolizando que não está mais sozinha em suas lutas: “Maria das dores não queria dormir. Nem descansar. Nem pestanejar. Queria manter os olhos abertos, para resgatar as imagens de vinte cinco anos de ausências” (CHIZIANE, 2018, p. 322).

Dessa forma, o final do romance, mesmo que idealizado no desfecho entre personagens e contemplando uma visão de mundo que reafirma certos estereótipos de gênero combatidos ao longo da história, ainda representa um horizonte para as mulheres. Para além do reencontro entre mãe e filha, as

mudanças parecem emergir de um futuro com “fronteiras invisíveis” (CHIZIANE, 2018, p. 348), quando pretos, brancos, mestiços, homens e mulheres superem as suas desigualdades. Para a chegada desse momento, é perceptível a importância do papel das mulheres na desconstrução e na reconstrução do mundo. Inclusive, a própria Marcha das Mulheres, presenciada ao final do livro, representa de que forma as lutas das mulheres são tão antigas quanto as opressões vividas.

Portanto, a maternidade e a ligação entre Delfina e Maria das Dores, permeia o romance como se o cordão umbilical entre elas pudesse estar unido por toda a história e território de Moçambique, na tentativa de entender as formas de opressão e de enfrentamento desse sistema, para que juntas, possam sobreviver e se autodefinirem materialmente. Nesse sentido, ao final do livro, uma canção é entoada para embalar a experiência vivida:

Uma mãe desafia todos os perigos e as sombras más e enche a alma de doces canções. Enquanto embala o filho, também se embala.

*A minha tristeza é não ter  
Onde repousar o meu cansaço  
Se eu fosse um pássaro  
Nada me faltaria*

*Ó pássaro, ó pássaro  
Canta, canta  
Embala-me na doçura do teu canto!*  
(CHIZIANE, 2018, p. 350)

Para além das capacidades de reprodução, existe na maternidade a potência da criação. Diante de um mundo que constantemente incide sobre as mulheres a exploração de seus corpos, subjetividades e capacidades, existe um desejo de ter asas e voar, para que nada falte, o que pode ser entendido como a capacidade de sonhar com a liberdade e conjurá-la, para que se possa, finalmente, tê-la. Portanto, é nesse aspecto que a ligação entre mãe e filha se fortalece, no intuito de que a transformação seja possível e o nascimento de uma nova nação se construa.

Por fim, será possível observar que a relação entre mãe e filha também permeia as demais narrativas, tanto em *Do not go gentle* de Futhi Ntshingila quanto em *Everything good will come* de Sefi Atta, sendo que também existem outras relações que permeiam a vida das personagens principais. Por essa

análise comparativa, muitas vezes os contextos socioculturais distintos proporcionam outras experiências às protagonistas das demais obras, mas observa-se que as situações opressivas e as formas de ruptura incidem sobre todas elas.

Então, com *O alegre canto da perdiz*, consolida-se sobre Paulina Chiziane um projeto literário de dar voz às subjetividades das mulheres moçambicanas e propor caminhos possíveis para a superação de suas condições. Ao registrar a trajetória de Delfina e Maria das Dores pelos Montes Namuli, pelo rio Zambeze e por parte central do território moçambicano, a autora evidencia de que forma as histórias das mulheres são essenciais para que seus romances possam contribuir na identificação e contestação do campo ideológico sistemático que incide sobre as mulheres do continente africano e ao redor do mundo.

**Capítulo 3 – Everything good will come (Tudo de bom vai acontecer) de Sefi Atta**

*“(...) outras vezes me sentia feliz de agitar uma bandeira pelas mulheres nigerianas, mulheres africanas. Mulheres negras. Qual era o país que eu amava? O país pelo qual eu lutava? Esse país devia ter fronteiras?”*  
(ATTA, 2013, p. 326)

### 3.1 - Sefi Atta e a perspectiva de uma Nigéria múltipla de sentidos para tantas mulheres

Há um considerável número de obras da literatura nigeriana já traduzidas e publicadas no território brasileiro, contudo, o nome de Sefi Atta pode não ser o mais conhecido. Talvez autoras como Chimamanda Ngozi Adichie, Buchi Emecheta e Adebayo Ayobami sejam as primeiras a serem lembradas entre os nomes das literaturas de língua estrangeira. Com um trabalho primoroso e edições bem trabalhadas, são aguardadas por um público cada vez mais expoente. No entanto, Sefi Atta, apesar de já ter sido premiada com o “Wole Soyinka de Literatura Africana”<sup>81</sup> logo na ocasião de lançamento de seu primeiro romance, *Everything good will come*<sup>82</sup>, em 2005, teve seu texto editado pela primeira vez no Brasil apenas dez anos depois. Em 2020, uma reedição por parte de um clube de assinatura de livros<sup>83</sup> contribuiu para que ela finalmente ganhasse mais projeção no território nacional.

De fato, a escritora, com 57 anos completados em 2021, nasceu em Lagos, na Nigéria e, assim como as demais autoras acima, pertence à “nova geração de autores nigerianos”, antecidos por Chinua Achebe, Wole Soyinka e Flora Nwapa entre as figuras mais ilustres. Paralelamente, em trajetória similar às personagens de alguns de seus romances, Sefi Atta frequentou colégios nigerianos até a juventude, quando se muda, primeiramente, para Inglaterra, formando-se em administração, e depois para os Estados Unidos, onde estudou Escrita Criativa e reside desde 1994.

Acerca de sua obra, ainda pouco conhecida e estudada academicamente, seus outros romances são todos inéditos no Brasil: *Swallow* (2010), *A Bit of Difference* (2013) e, recentemente, *The Bead Collector* (2018). Porém, a autora escreve para outros inúmeros gêneros textuais, que vão desde roteiros, peças teatrais e radionovelas até contos e um livro infantil. Atualmente, Sefi é produtora

---

<sup>81</sup> *Everything good will come* foi o primeiro livro a ser premiado com o Wole Soyinka, que leva esse nome em homenagem a outro grande escritor do país nigeriano, autor de: *Os intérpretes* (1980), *O Leão e A Jóia* (1986) e *Melhor partires de madrugada* (2008).

<sup>82</sup> A edição em língua inglesa que será utilizada para esta tese foi publicada em 2019 pela Myriad Editions em Oxford, Inglaterra. ATTA, Sefi. *Everything good will come*. Oxford: Myriad Editions, 2019.

<sup>83</sup> A reedição do livro de Sefi Atta foi resultado da curadoria da nigeriana Adebayo, Ayobami, que escreveu seu romance *Fique comigo* e que teve grande sucesso entre os leitores do clube.

em Lagos, atuando junto a instituições do país com projetos de leituras encenadas, grande fonte de seu trabalho como escritora, já que ela acredita, conforme declara em sua página pessoal na *Internet*,<sup>84</sup> no poder e na importância do ofício da escrita, uma ação relevante para que todas as histórias possam ser contadas.

Por essa razão, é válido destacar o processo de escrita que reside na elaboração do romance a ser analisado para esta tese, *Everything good will come* está diretamente vinculado a um curso que a autora realizou nos Estados Unidos. Logo após o nascimento de sua filha, em 1997, [a quem o livro é dedicado], a autora trabalhava na área de finanças e, com a maternidade, resolveu finalmente impulsionar seu sonho de se tornar escritora de ficção. Assim, ao longo de alguns anos, o romance foi ganhando forma e a autora, aos quarenta e um anos, finalizou sua primeira obra literária. Nesse processo, é notável que a protagonista do romance dialogue com a biografia de Sefi, pois ambas passaram a ter, após a maternidade, o impulso de produzir decisões sobre a própria vida.

Dessa maneira, todo o projeto literário da escritora, a partir de então, alicerça-se na ideia da escrita alinhada politicamente, como uma forma de poder que ajuda a construir e consolidar histórias ao redor do mundo. Essa premissa fica evidente no trecho do romance em que Grace Ameh alerta para Enitan, a protagonista: “In this state we’re living in’, she said, ‘where words are so easily expunged, from our constitution, from publications, public records, the act of writing is activism”. (ATTA, 2005, pp. 262-263)<sup>85</sup>.

E, assim, diferentemente de Paulina, que começa a escrever ainda na década de noventa, Sefi Atta, que nasce em 1964, inicia suas publicações já nos anos 2000, mas contempla em suas obras o período histórico da Nigéria após a independência, passando, especialmente, pelas décadas de 80 e 90. Sob um contexto repleto de conflitos e instabilidades políticas, é possível observar um país que passou por guerras, movimentos separatistas e diversos conflitos armados desde a independência, em 1960, e que ainda enfrenta disputas étnico-

---

<sup>84</sup> Página da autora: <http://www.sefiatta.com/>

<sup>85</sup> No país em que vivemos, onde as palavras são tão facilmente eliminadas de nossa Constituição, de publicações e registros públicos, o ato de escrever é ativismo” (ATTA, 2013, p. 286).

regionais com enormes desigualdades sociais e interesses econômicos que se somam às históricas diferenças populacionais.

É sobre essa dimensão que o ativismo da escrita, essencial para entender o projeto literário de Sefi Atta, se direciona. Em seus primeiros romances - *Everything good will come*, *Swallow* e *The Bead Collector* – o período retratado vai da década de setenta a meados de noventa e marca a trajetória das personagens – respectivamente Enitan, Tolani e Remi (esta última aproxima-se, não somente no nome, de Rami, personagem de *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane)<sup>86</sup> – testemunhas da forte repressão e austeridade política em Lagos. Como efeito, as alternativas de vida para essas e tantas outras mulheres tornam-se cada vez mais restritas em meio a constantes tentativas de sobrevivência em um campo de opressões.

Sobre seus romances, *A Bit of Difference* é o único que retrata o globalizado território da Nigéria hoje, especificamente a partir dos anos dois mil. Com Deola Bello como protagonista, uma mulher nigeriana que chega à Inglaterra e percebe ainda mais as aproximações e distanciamentos que marcaram a relação colonial entre os países e a vida das mulheres, percebe-se, para além da protagonista, as consequências das décadas anteriores repletas de violência. É inegável, portanto, as confluências com a biografia da escritora, que hoje divide seu tempo e trabalho entre Nigéria e outro país (no caso os Estados Unidos da América) e, dessa maneira, consegue realizar pontes subjetivas e objetivas sobre a realidade de cada local.

Primordialmente, concentrando-se novamente na estreia literária de Sefi Atta, as imbricações entre história e literatura são evidentes, inclusive, na organização dos quatro capítulos de *Everything good will come*: intitulados como: 1971, 1975, 1985 e 1995, responsáveis por revelar não apenas fatos importantes na vida da protagonista, mas momentos históricos cruciais para o país. Narrado em primeira pessoa por Enitan Taiwo, ela começa a contar sua história com onze anos, durante suas férias escolares e prestes a iniciar os estudos secundários na *Royal College*. De família iorubá, a menina, então no fim da infância, conhece

---

<sup>86</sup> É impossível não pensar na confluência com a personagem Rami de Paulina Chiziane em *Niketche: uma história de poligamia*. Apesar de alguns distanciamentos, as personagens também assumem pontos de contato na leitura dos romances.



sua amiga Sheri e coloca os leitores na intersecção de sua trajetória com a história da Nigéria.

Dessa forma, é interessante notar que, da mesma forma que Maria das Dores nasce no ano da libertação moçambicana, Enitan também nasce no ano da independência da Nigéria<sup>87</sup>. No entanto, as trajetórias das personagens se distanciam bem como os processos de desvinculação com o sistema colonial. Para além das diferenças entre regime português e britânico no gerenciamento dos territórios, na Nigéria, o processo de independência se assemelha muito mais a um arranjo político e cultural, que se opõe drasticamente às revoluções nacionalistas enfrentadas pelas colônias portuguesas:

Quanto à independência, ficou agendada para 1º de outubro de 1960, em uma cerimônia considerada uma verdadeira caricatura das relações entre Grã-Bretanha e Nigéria naquele momento. Nela, o Dr. Margai, representando o governo da Nigéria, deu o braço à Sua Majestade, a Rainha Isabel. Assim, a política pragmática britânica deu ensejo para que se formasse uma imagem resumida na ideia de “partir para melhor ficar”. (HERNANDEZ, 2008, p. 202)

Por essa perspectiva elucidada na obra – *A África na sala de aula: visita à história* – da professora e historiadora Leila Leite Hernandez, os acordos e reformas conduzidos pelo governo imperialista inglês com o intuito de manter a hegemonia econômica no território, apagaram as resistências e lutas anticoloniais. A Nigéria, portanto, passa por um processo de identidade nacional muito distinto do de Moçambique, já que a própria formação geolocal foi dividida em três gestões autônomas sob um governo central fortemente influenciado por interesses externos.

Por isso, o que antecede a independência e a formação do território nigeriano da forma como é conhecido hoje pode ser definido pela promulgação de três Constituições: em 1947, 1951 e 1954. De acordo com Falola e Heaton (2008), todo esse processo constituiu uma Nigéria fragmentada internamente, com diferentes ideais de nação, que apresentou uma sucessão de Golpes Militares após a independência, além da Guerra da Biafra que ocorreu entre 1967 e 1970. Sobre esse episódio, cabe salientar o fato de ter sido um dos maiores genocídios de africanos de todos os tempos, em que a região sudeste do país,

---

<sup>87</sup> Importante lembrar que quinze anos separam o ano da independência entre Nigéria e Moçambique, sendo o primeiro em 1960 e o segundo em 1975.

predominantemente igbo, reivindicou sua separação instituindo-se como República da Biafra e sofrendo ataques constantes do governo nigeriano, que tinha como principal objetivo a retomada das terras.

Esse período é mencionado logo no início do romance, mas Enitan tinha apenas sete anos quando os conflitos começaram e narra os acontecimentos pelo olhar de uma criança iorubá, que não tinha ligações étnicas ou geográficas diretas com os biafrenses:

The day the Civil War broke out, he delivered the News. Uncle Fatai arrives soon afterward and They bent heads as if in prayer to listen to the radio. Through the Years, from their arguments about federalists, secessionists, and bloody British, I'd amassed as much knowledge about the events in my county as any seven-years-old could. I knew that our first Prime Minister was killed by a Major General, that the Major General was soon killed, and that we had another Major General heading our country. For a while the palaver had stopped, and now it seemed the Biafrans were trying to split our country in two. (ATTA, 2019, p. 9)<sup>88</sup>

Apesar da distância social e emocional, Enitan, assim como todos os nigerianos, também perde durante a Guerra da Biafra. A questão econômica oriunda do conflito era determinante, pois as motivações para esse episódio, tão traumáticas para a história do país, residem não apenas entre conflitos étnicos dos hauças, do Norte, grupo muçulmano, e dos igbos, mas sobretudo devido a estes serem atacados justamente por se refugiarem ao Leste da Nigéria, um território com muita extração de petróleo, o grande motivador do movimento separatista, segundo apontamentos de Oliveira (2014):

A questão mais determinante para a declaração de independência [*da Biafra*], todavia, era econômica, e estava relacionada ao petróleo. A produção, que em 1958 era de 5.000 barris por dia, atingiu a marca de 415.000 barris por dia em 1968, respondendo, à época, por um terço das exportações nigerianas (NUGENT, 2004). Além disso, havia um grande descontentamento com a divisão dos lucros do petróleo. Pela fórmula então vigente, o governo federal recolhia os lucros e os royalties da produção de petróleo, redistribuindo apenas uma parcela para as demais regiões. Assim, a região Leste, que concentrava cerca

---

<sup>88</sup> No dia em que estourou a guerra civil, foi ele quem trouxe a notícia. Tio Fatai chegou logo depois e eles ficaram ouvindo o rádio de cabeça baixa, como se estivessem rezando. Ao longo dos anos, prestando atenção às discussões sobre federalistas, separatistas e os malditos britânicos, eu aprendi o máximo que uma menina de sete anos pode aprender sobre os acontecimentos do próprio país. Sabia que o primeiro-ministro fora morto por um general, que esse general fora morto em seguida, e agora outro general governava o país. Durante u tempo, as dissidências pararam, mas parecia que os biafrenses tentavam agora dividir o país em dois. (ATTA, 2013, p. 11)

de 70% das reservas, ficava com apenas um terço dos lucros, o que reforçava a ideia de secessão, já que uma eventual independência permitiria à região o controle total das receitas da produção petrolífera (ABEGUNRIN, 2009). (OLIVEIRA, 2015, p. 236)

Por isso, o interesse das Forças Armadas nigerianas em recuperar o território era imenso e, além de investidas bélicas, o governo introduzia bloqueios econômicos e terrestres com apoio da Organização da Unidade Africana (OUA), da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e do Reino Unido, o que gerou a miséria de tantos civis biafrenses. Essa guerra teve seu fim apenas três anos depois de sucessivos conflitos e da assinatura de rendição do território que foi reincorporado à Nigéria e, desse modo, iniciou-se o processo de reconstrução nacional e projeção global da década de setenta.

Mesmo não sendo diretamente contemplado como contexto histórico nos romances de Atta<sup>89</sup>, as consequências da Guerra da Biafra são basilares para a Nigéria e deixarão consequências para a ficção romanesca e para a realidade da nação. Atualmente, com trinta e seis estados federativos, o país africano ainda é considerado um dos grandes produtores de petróleo, uma das maiores economias do continente e com a maior população. A guinada para a política externa nigeriana acontece durante a década de setenta, quando o governo passa a integrar a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e se beneficia dos ótimos preços do produto no mercado da época. A visibilidade econômica acontece em uma ocasião extremamente relevante para os movimentos anticolonialistas em África e a região se destaca como vanguarda e inspiração para muitos outros países (OLIVEIRA; FILIPPI, 2013)<sup>90</sup>. No entanto, apesar da expansão no mercado e da manutenção política, a desigualdade social alcança um patamar sem precedentes e a queda nos preços do petróleo

---

<sup>89</sup> Um dos romances de Chimamanda Ngozi Adichie, *Meio sol amarelo*, se dedica especialmente a esse episódio da história nigeriana, fazendo alusão, inclusive, ao símbolo da bandeira da Biafra, que apresenta a metade de um sol amarelo centralizado sobre a disposição horizontal tricolor de preto, verde e vermelho.

<sup>90</sup> Além de destacar o papel do presidente nigeriano da época Murtala Mohammed (assassinado posteriormente em uma tentativa de golpe militar) em reconhecer o MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola) como 'único representante legítimo do povo angolano', destaca-se o relevante papel da Nigéria internacionalmente no trecho: "Entre 1975 e 1976, a Nigéria se tornou a liderança africana nas lutas antiapartheid e pela descolonização, fornecendo apoio a movimentos de libertação através do comitê de libertação da OUA (WILSON III, 1973; ADEBAJO, 2008)" (OLIVEIRA; FILIPPI, 2013, p. 117)

ao longo da década também leva a um endividamento externo até meados dos anos oitenta.

Esse período de recessão, por sua vez, atingiu a Nigéria durante mais de uma década, contando, inclusive, com sucessivos golpes militares, contextualizados no romance. Sobre o comportamento do país em relação às práticas econômicas, os estudos de Oliveira e Filippi (2013) delineiam de que maneira a nação estava alinhada a uma lógica de mercado externo que servia aos interesses das grandes potências. Não é sem razão, portanto, que Enitan, a protagonista do romance, sente de forma tão contundente as consequências do capitalismo global incidindo de maneira tão decisiva em sua cotidiana trajetória de vida.

Ao final do romance, em seu maior capítulo, no ano de 1995, a capital já era Abuja e a Nigéria, sob o governo militar de Sani Abacha, sofria bloqueios e sanções externas que impediam a exportação e avanços comerciais pelo mundo. Além disso, havia perseguição e condenação contra civis, intelectuais e opositores do regime (AMUWO; BACH; LEBEAU, 2001). A realidade, entretanto, não deixa de ser confrontada, pois os abusos contra os direitos humanos eram denunciados e grandes movimentos sociais emergiram e se fortaleceram no período, entre eles, as lutas e reivindicações das mulheres. Sobre esse aspecto, Charmaine Pereira assinala em seu artigo “Promover uma agenda feminista para a mudança, um ponto de vista da Nigéria”, com um breve resumo histórico e a colocação do feminismo diante do complexo contexto:

Para além da era colonial, sucessivos regimes militares, entremeados com administrações civis autoritárias, foram alternando no governo do povo e na exploração dos recursos do país. Com a descoberta de petróleo no Delta do Niger, uma economia baseada na agricultura transformou-se numa dominada pela extracção de petróleo. Embora o país fosse rico em recursos estes beneficiaram apenas uns poucos na classe militar, política e empresarial, deixando a maioria do povo empobrecido. As divisões de classe, região, etnia e religião tornaram-se as linhas de culpa ao longo das quais os conflitos de identidade contemporâneos foram esgotados. [...] Estas são as diversas estruturas de poder que moldam as vidas das mulheres na Nigéria e que a consciência feminista necessitaria de agarrar firmemente, em termos de teoria e política, em qualquer projecto para derrubar a opressão e promover a justiça do género. (PEREIRA, 2016, p. 02)

Nesse contexto, as tentativas de silenciamento histórico incidem sobre os sujeitos das mais variadas formas. Por outro lado, esse espaço conflituoso

compartilha o mesmo passado de exploração colonial com o tráfico de pessoas escravizadas (inclusive com grande rota para o Brasil) e inúmeras insatisfações políticas relacionadas à coroa britânica. A realidade material imposta, na contemporaneidade, juntamente com o patriarcado e o racismo inerentes ao sistema capitalista global, oferece palco para grandes mobilizações sociais que sempre serviram e ainda respaldam o contraponto do sistema no país. Entre as inúmeras contribuições das mulheres nigerianas na busca de seus próprios direitos, destacam-se a nacionalista e ativista pelos direitos humanos Margaret Ekpo, além de Hajiya Gambo Sawaba e, mais atualmente, Minna Salami.

Diante da conjuntura, a escrita literária de Sefi Atta, apresenta um diálogo constante com a história política e social da Nigéria, colocando não apenas Enitan, mas também a história de todos ao redor, entre família, vizinhos, colegas de trabalho e grandes amigas, no cerne da narrativa. Por tais razões, ler um romance como *Everything good will come* coloca leitores como testemunhas da trajetória de enfrentamento de uma sociedade contra um conjunto de sistemas opressores.

### **3.2 - Uma leitura dialética de Enitan e outras personagens pela Nigéria independente**

A análise de um livro pode começar pela escolha da sua capa e a primeira edição brasileira de *Everything good will come* traz apreciações críticas notáveis, como “Um retrato da luta feminina contra uma sociedade conservadora” pelo Times Literary Supplement<sup>91</sup> e “Emocionante, um livro que rompe barreiras” pela Booklist<sup>92</sup>, além de já ser explicitamente anunciado o prêmio Wole Soyinka que a autora nigeriana recebeu com essa sua estreia. Já as sinopses da contracapa e das orelhas do livro destacam a importância da amizade entre Enitan Taiwo e Sheri Barake para o enredo do romance. É interessante observar que a relação entre as duas, tão especial e cara para a literatura contemporânea, dialoga com

---

<sup>91</sup> A Times Literaty Supplement é uma publicação semanal de crítica literária com sede em Londres, editada desde 1902 e que faz parte do grupo News Corporation.

<sup>92</sup> A Booklist faz parte das atividades da American Library Association (Estados Unidos da América), especificamente com críticas de livros e outros materiais audiovisuais é publicado periodicamente desde 1905.

outros romances centrados na história e na intimidade entre duas amigas.<sup>93</sup> Por essa perspectiva, Sheri é de fato determinante para a vida de Enitan e compartilha o *status* de coprotagonista com ela. No entanto, outras relações também serão tão relevantes quanto para o desenvolvimento da trajetória de Enitan, como a de seus pais e colegas de trabalho.

Voltando à camada exterior da obra, hoje em dia, o Brasil dispõe de duas edições do livro, que levam, ambas, a tradução de *Tudo de bom vai acontecer*. Na primeira, de 2013, pertencente à editora Record utilizada nesta tese, a imagem utilizada na capa apresenta um foco fotográfico que está diante dos pés de uma mulher negra em posição de ponta, como se estes estivessem prestes a saltar; percebe-se que ela está sobre um fino tronco, com vestes brancas, enquanto no plano de fundo há uma imensidão de água desfocada pela imagem. Certamente, a cena escolhida para figurar o texto dialoga abertamente com a vida de Enitan e com as mulheres na narrativa, já que a fotografia pode ser entendida simbolicamente como a constante tentativa de equilibrar-se no estreito papel social a que as mulheres são colocadas e com a eterna vontade de se lançar diante de tantas opressões e perigos.

Outrossim, a segunda edição, promovida pelo clube de assinatura *Tag Livros* em setembro de 2020, apresenta nova leitura da capa com a ilustração *Daughter* (1992) da artista plástica norte-americana Synthia Saint James, que apresenta um mesmo corpo feminino com várias cabeças de mulheres negras. Essa simbologia, por sua vez, indica de que forma elas são unidas por alguma condição ou força, mesmo que se apresentem de maneiras diferentes. De qualquer modo, ambas as capas tematizam a obra de Sefi Atta, pois, de fato, as condições das mulheres nigerianas serão expostas a partir da relação entre diversas personagens ao também dialogarem com as realidades de mulheres negras do continente africano e, em alguma medida, ao redor do mundo.

---

<sup>93</sup> Destaque-se, entre uma das principais expoentes da literatura contemporânea a escritora italiana de pseudônimo Elena Ferrante com a sua tetralogia napolitana, que se inicia com *A amiga genial* de 2011, pelo qual conhece-se a história de Lenu e Lila, duas amigas que crescem juntas em Nápoles. Apesar da primeira ser a narradora e contar a história sob o seu ponto de vista, a relação entre as duas é tão intensa que, de fato, não há sobreposição de protagonismo, fato que difere de maneira significativa no romance aqui apresentado. Outro fator que, de alguma forma, aproxima a obra da escritora italiana com a nigeriana é que as amigas, nos dois romances, leem o livro *Little women* de Louisa May Alcott publicado em 1868 (traduzido no Brasil como *Mulherzinhas*)

Sobre o título do romance, ele pode ser totalmente compreendido somente com o desfecho, por uma das últimas frases proferidas pela protagonista, quando ela diz “‘Tell him’, I said. ‘Tell him, *a da*. It will be good. Everything good will come to me”<sup>94</sup> (ATTA, 2019, p. 335). De qualquer maneira, encerrar uma história com uma afirmação que indica futuro [*will*, em inglês, é um auxiliar de futuro que pode designar planos e ações ainda indefinidas ou decisões recém tomadas<sup>95</sup>] é uma categórica proposição de continuidade, ou talvez, de um novo início. Ademais, o enunciado se refere também à trajetória da própria Enitan, pois é para si mesma [*to me/comigo*] que ela se refere, fato que pode ser compreendido apenas com a leitura da obra. De qualquer forma, a escolha do nome aguça a curiosidade da leitora/do leitor sobre o que pode acontecer ao longo do enredo.

Assim, pelo ponto de vista da protagonista é que se inicia a história – cronologicamente em 1971 – cujo olhar acompanhar-se-á do início ao fim pelo recurso de *flashback*. Então, Enitan é uma garota, naquela altura, de onze anos, que gostava de passar seu tempo no deque aos fundos de sua casa justamente para não ouvir as brigas entre seus pais. Dessa forma, percebe-se, logo de início, que a condição social da família permitia que vivessem em quatro mil metros quadrados cercados, em uma região de Lagos muito próxima à principal lagoa da metrópole, totalmente urbanizada e, desde a década de setenta, já com muitos escritórios. O universo da menina, no entanto, limitava-se ao lado oeste do quintal, distante dos perigos que o mangue do Parque Ikoyi poderia lhe proporcionar.

Assim, foi esse pequeno espaço que se configurou como o refúgio da narradora e que acabou por ser mais um motivo de discordância entre seus pais: sua mãe resolve demolir o deque por convicções religiosas após um padre de sua igreja confirmar que por ali entrariam pescadores dispostos a roubar tudo da casa. Logo após, uma cerca de arame farpado é colocada no lugar e acaba com

---

<sup>94</sup> “- Diga a eles, - falei. – Diga a eles, *a da*. Será bom. Tudo de bom vai acontecer comigo” (ATTA, 2013, p. 365)

<sup>95</sup> Em português, a inexistência dessa categoria de auxiliar de futuro não se perde, pois a escolha da tradução é devido ao fato de respeitar a ideia de uma afirmação categórica, uma decisão tomada com indícios de planos futuros. A frase também desperta certa a curiosidade do que está por vir com o romance.

as brincadeiras de Enitan, levando à ira de seu pai, que estava em uma conferência profissional e não soube das mudanças estruturais na residência.

Logo de início, portanto, é possível observar uma grande afinidade da filha com a figura paterna, o advogado Bandele Sunday Taiwo, conhecido por Sunny, que estudou Direito em Cambridge e gostava de dividir o espaço do deque com os tios Fatai e Alex, os três chamavam-se se a si mesmos de “três mosqueteiros na treva da Nigéria” (ATTA, 2013). Toda essa visão enaltecida do pai opõe-se à da mãe de Enitan, Arin, cujo nome é praticamente apagado na narrativa, pois ela é conhecida por todos apenas como ‘mamãe de Enitan’ e pela narradora, até o fim, é chamada apenas de mãe. Além da identidade, a relação entre as duas é muito abalada pelo fato de a protagonista ter perdido seu irmão mais novo para uma anemia falciforme e, em decorrência disso, Arin ter se apegado a uma igreja em que “usavam camisolas brancas, andavam descalços e tocavam tambores sob cantos praticamente incompreensíveis” (Idem).

Em seguida, um breve relato sobre a infância de Enitan é permeado pelo fato dela ter vivido entre as histórias de guerra, a companhia e as confusões entre empregados da casa – Bisi, Akkani e Baba – e algumas horas diárias de televisão, quando ela podia ter acesso aos noticiários mundiais. Todo o período descrito parece ser apenas uma breve espera para acessar o ensino secundário, até que, no terceiro domingo de setembro de 1971, ela anuncia que tudo mudou. Diferentemente da tradição iorubá, que dizia: “[...] Nature heralds the beginning of a person’s transition: to life, adulthood, and death. A rooster’s crow, sudden rainfall, a full moon, seasonal changes.”<sup>96</sup> (ATTA, 2019, p. 12), ela não se lembrava de ter percebido nenhuma alteração da natureza, mas quando atravessou a cerca de arame farpado, colocada ali pela sua mãe, soube que havia feito uma transição na sua vida.

Dessa forma, é importante ressaltar o quanto Enitan, desde o início, parece se distanciar da matriz iorubá a qual pertence. Naquela época, seu corpo dava sinais de transformação da infância para a adolescência, com constantes dores, e o que ela reconhece como passagem se aproxima muito mais da fronteira artificial, colocada pela cerca, do que por aquela aguardada pela

---

<sup>96</sup> “Segundo a tradição iorubá, a natureza anuncia o início da transição do ser humano: para a vida, idade adulta e a morte. Essa transição pode ser anunciada pelo canto de um galo, uma chuva súbita, uma lua cheia, mudanças sazonais.” (ATTA, 2013, p. 15)



natureza. Portanto, o que simboliza esse momento é o encontro com Sheri Bakare, sua amiga de infância, que marca tão profundamente sua relação com o mundo e com si mesma.

Apesar de tantas semelhanças, como a idade e a vizinhança compartilhada, as meninas já se diferenciavam, Enitan era negra de pele escura e Sheri, mestiça; enquanto a primeira aguardava ansiosamente para entrar no *Royal College* de meninas, a segunda deveria ir para um colégio interno em outra cidade. Além desses fatores, de família muçulmana, o pai de Sheri, Alhaji Bakare, um engenheiro, era “a típica gente de Lagos”, na descrição de Sunny: o patriarca era casado com duas mulheres, sendo que nenhuma delas era a mãe da menina, pois ela já havia falecido, informação que Sheri compartilhava com bastante naturalidade, enquanto Enitan ainda se envergonhava de dizer algo sobre a morte do irmão ocorrida alguns anos antes.

De qualquer maneira, já no primeiro encontro, se estabelece entre as duas a fidelidade que vem pela alcunha de “melhor amiga”. Mesmo com sentimentos contraditórios e o medo de ser impedida pela mãe, a narradora já defendia Sheri e estava ansiosa por poder encontrá-la nas duas semanas que antecederiam sua partida de casa. Após um breve encontro, conhecer a amiga já faz Enitan questionar sua própria aparência: naquela mesma noite, colocou batom nos lábios e desfez suas habituais tranças. Esses fatos revelam o quanto aquele encontro havia proporcionado não uma simples dicotomia, mas a dimensão da alteridade, de reconhecer a existência de outras mulheres e o primeiro questionamento de si mesma diante do mundo.

Por outro lado, o tema da maternidade, central na obra, também aproxima e distancia as meninas desde o primeiro momento. Enquanto Sheri perdeu a mãe e é criada agora pela avó, em uma família repleta de irmãos, Enitan tem sua mãe bem próxima, mas estabelece com ela uma relação de estranhamento e medo, mesmo sendo filha única após o falecimento do irmão mais novo. A visão da garota pode ser verificada no trecho a seguir:

My mother never had a conversation with me, she talked and knew that I was listening. I Always was. The mere sound of her footsteps made me breathe faster. She hardly raised a hand to me, unlike most mothers I knew, who beat their children with tree branches, but she didn't have to. I'd been caned before, for daydreaming in class, with the side of a ruler, on my knuckles, and wondered if it wasn't an easier punishment

than having my mother look at me as if she'd caught me playing with my own poop. Her looks were hard to forget. As least caning welts eventually disappeared. (ATTA, 2019, p. 19)<sup>97</sup>

De acordo com essa perspectiva, é muito impactante a imagem trazida pela narradora de que o olhar de sua mãe era mais difícil de ser encarado do que um castigo físico que deixava marcas. Sobre o tema de mães negras e sua relação com as filhas, ponto de partida e chegada do romance, a socióloga estadunidense Patricia Hill Collins apresenta no capítulo “As mulheres negras e a maternidade” de seu livro *Pensamento feminista negro* (2019) um importante debate que, a partir de um contexto afro-americano, traz a imagem da mãe rígida justificando a ideia de que essa postura pode equilibrar a necessidade de sobrevivência física e o desejo de encorajamento e de assertividade com as filhas negras.

Nesse sentido, essa ideia dialoga com a obra ficcional de Sefi Atta, pois o distanciamento inicial entre Enitan e Arin passará ainda por inúmeros episódios, mas a trajetória da protagonista caminhará para um entendimento das razões pelas quais sua mãe assumiu um comportamento, de acordo com suas próprias palavras, “de gente infeliz ou severa” na maternidade e na relação com o pai.

Consoante a esse tema, o modo de criar Enitan era, aliás, um grande motivo de conflito entre seus pais, em uma das primeiras cenas do livro, ao chegar em casa e se deparar com a filha cozinhando junto à mãe, o pai defende que ela não deveria aprender essa tarefa e que, por defender essa ideia, ele era, conseqüentemente, a favor da liberação sexual de todas as mulheres. A resposta da mãe vem logo em seguida: “All women, except your wife” (ATTA, 2019, p. 20)<sup>98</sup>. Esse breve diálogo levanta um debate muito importante para o feminismo, que reside justamente na contradição e na apropriação do discurso da liberação sexual pelo patriarcado.

Sobre esse aspecto, atrelado à conjuntura neoliberal, é constante a ideia de que as relações sociais contemporâneas tenham superado as desigualdades

---

<sup>97</sup> Minha mãe nunca teve uma conversa comigo; ela falava e sabia que eu ouvia. E eu sempre ouvia. O mero som dos passos dela acelerava minha respiração. Ela quase nunca me batia, ao contrário das outras mães que surravam os filhos com galhos de árvores, mas nem precisava. Um dia no colégio bateram nos meus dedos com uma régua porque eu estava distraída na sala de aula; achei essa punição mais fácil que o olhar que minha mãe me dava, como se me flagrasse brincando com as próprias fezes. Era um olhar difícil de esquecer. Pelo menos os vergões da régua nos dedos desapareciam com o tempo. (ATTA, 2013, p. 22)

<sup>98</sup> “De todas as mulheres, menos da esposa” (ATTA, 2013, p. 24)

de gênero com a premissa da livre escolha e da igualdade de direitos, descartando até mesmo a necessidade do feminismo como luta, valorizando uma suposta autonomia e liberdade da mulher. No entanto, vale lembrar: o escopo da violência continua fundamentando o princípio da mercadoria, em que corpos e sexualidades são apropriados pelo capitalismo enquanto homens se beneficiam da liberação sexual feminina (FRASER, 2015). Soma-se a essa ideia, o fato de Sunny categorizar mulheres em sujeitos livres ou não na dependência da esfera doméstica, pois esposas e filhas são controladas corporal e emocionalmente pelo patriarca, enquanto este presta discursos pela liberação sexual de outras mulheres.

Certamente, as manifestações machistas de Sunny sobre Arin existiam desde o momento da conquista. No início, durante o tempo de menina com cintura fina, era considerada um troféu e quando se casaram, o dinheiro era oferecido a ela para que se arrumasse bastante e impressionasse os convidados, enquanto a esposa sofria com alisamento do cabelo e a rigidez do 'bom comportamento'. Quando o irmão de Enitan adoeceu, aquela imagem de mulher mudou completamente e os cabelos, antes fragilizados, agora eram despenteados, sem necessidade de agradar ninguém. Ano após ano, o seguinte comportamento se intensificava: o pai de Enitan ficava fora de casa o dia todo, a mãe se queixava e rezava e a menina, ainda criança, não dizia nada. Apesar de hostil com a filha, Arin tinha sua maneira de protegê-la, no refúgio da reza, ela tinha certeza de que “nada de ruim aconteceria” à menina (ATTA, 2013, p. 27).

Essa frase, dita logo no início do romance, já cria expectativa em torno do título e da trajetória da protagonista, pois espera-se que a oposição de “nada de ruim” seja realmente o “tudo de bom” até o final de sua história. Não é sem propósito, portanto, que é anunciada, pela mãe, justamente em um momento de conversa sobre o corpo feminino, a menstruação e a transição da criança para a mulher.

Em virtude dessa simbologia, o primeiro momento de “transgressão” de Enitan durante a adolescência foi sair pelas ruas da vizinhança para visitar Sheri. Assim, reconhecendo uma disposição familiar muito diferente da sua, com várias madrastas e irmãos, a narradora se concentra em observar os hábitos e as conversas daquele espaço, além de conhecer a nova amiga. Enquanto estavam

no terraço, as duas observavam a paisagem de maneiras muito distintas: Enitan descrevia as plantas dos jardins e Sheri viajava mentalmente: da lagoa, para o Oceano Atlântico e de lá para Paris, onde sonhava em ser uma famosa atriz. Durante o diálogo, a protagonista revela sua aspiração para o futuro:

I sighed. "I want to be something like... like president."  
"Eh? Women are not presidents."  
"Why not?"  
"Our men won't stand for it. Who will cook for your husband?"  
"He will cook for himself"  
"What if he refuses?"  
"I'll drive him away"  
"You can't", she said.  
"Yes. I can. Who wants to marry hm anyway?"  
"What if they kill you in a coup?"  
"I'll kill them back"  
"What kind of dream is that?"  
"Mine". I smirked.  
"Oh, women aren't presidents" she said.<sup>99</sup>  
(ATTA, 2019, p. 30)

Em um país, conforme já referido anteriormente, que a representação política das mulheres é mínima, pleitear um cargo de presidência parece ser mesmo um sonho impossível. Porém, mais do que o paradigma posto, Enitan questiona os valores patriarcais que diferenciam a ocupação entre homens e mulheres, pois enquanto aqueles assumem papéis de poder e liderança, essas devem manter os trabalhos domésticos assegurados para os maridos. A dualidade entre o trabalho produtivo e reprodutivo e a respectiva divisão sexual são basilares para a crítica marxista feminista, pois, apesar de não ter surgido com o capitalismo, foi no interior desse sistema político, econômico e ideológico que as diferenças aprofundaram ainda mais as desigualdades já existentes,

---

<sup>99</sup> - Eu quero ser... quero ser presidente – disse, suspirando.  
- Mulheres não são presidentes.  
- Por que não?  
- Nossos homens não aceitarão isso. Quem irá cozinhar para seu marido?  
- Ele cozinhará para si mesmo.  
- E se ele se recusar?  
- Eu o mandarei embora.  
- Você não pode fazer isso – disse ela.  
- É claro que posso. E quem vai querer se casar com ele?  
- E se matarem você num golpe de estado?  
- Eu mato todos eles.  
- Que tipo de sonho é esse?  
- O meu sonho – eu disse, com um sorriso afetado.  
- Mulheres não são presidentes – repetiu ela.  
(ATTA, 2013, pp. 34-35)

colocando como epicentro para tal diferenciação o conceito da mais-valia. Por isso, é possível afirmar que as desigualdades de gênero entre trabalho produtivo e reprodutivo são estruturantes e necessárias para manter o sistema capitalista conforme é reconhecido (GOLDMAN, 2014).

Nesse sentido, a especificação dos papéis sociais explora e desvaloriza a força de trabalho feminina, que é sempre sujeita à precarização e menor remuneração. Já sobre a distinção entre trabalho produtivo e reprodutivo, enquanto o primeiro é definido como o produtor de riqueza e valor, o segundo é ligado aos serviços que estão relacionados à reprodução da força de trabalho, que geram as condições necessárias para sua realização. Dessa forma, inserem-se nesse campo os trabalhos domésticos e de cuidados em geral, geralmente destinados às mulheres. Tais atividades são desempenhadas de forma gratuita ou com pouca valorização na maior parte das sociedades existentes. Quando, porventura, a mulher se insere no mercado de trabalho, normalmente acumula funções, pois essa é a lógica existente para a continuidade do modo de produção e, por isso, ela não pode ser resolvida no interior desse sistema (GOLDMAN, 2014).

Por esse viés, quando Sheri questiona sua amiga sobre quem iria cozinhar para o marido de Enitan caso ela fosse presidente, revela-se a problemática abordada, já que os serviços do trabalho reprodutivo realizados pelas mulheres não poderiam, dentro do sistema sobre o qual elas estão inseridas – capitalista –, ser socializados por todos aqueles que se beneficiam das condições materiais geradas para a realização do trabalho produtivo. Nesse sentido, Wendy Goldman em *Mulher, Estado e Revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936* (2014), referindo-se a Lênin, apresenta:

Lênin falou e escreveu repetidas vezes sobre a necessidade de socializar o trabalho doméstico (...). Sem poupar adjetivos duros, escreveu que o trabalho doméstico banal esmaga e degrada a mulher, a amarra à cozinha e ao berçário onde ela desperdiça seu trabalho em uma azáfama barbaramente improdutiva, banal, torturante e atrofiante. (GOLDMAN, 2014, p. 23)

Logo, a partir da naturalização das tarefas domésticas que sistematicamente são atribuídas para as mulheres, é possível perceber a opressão do patriarcado em conjunção com a exploração capitalista,

invisibilizando a participação política, social e econômica da mulher nas sociedades existentes. Assim, o diálogo entre duas meninas e o fato de Enitan permanecer firme em seu sonho até então, revela a importância de questionar e transformar os padrões determinados.

Ademais, algo notável no romance é que os diálogos entre as amigas e suas inúmeras contradições materiais permeiam toda a narrativa. Naquela altura da vida, ambas com a mesma idade, Sheri conhecia muito mais de si mesma, da sexualidade de meninas e sobre a centro urbano de Lagos do que Enitan, que não passava muito além de seu quintal e das impressões conflituosas de seus pais sobre a vida. Desse modo, a importância do contato entre elas é tanta que, após a primeira visita à casa da amiga, a protagonista começa a achar seu lar muito mais escuro que antes.

Por fim, o final do primeiro capítulo reserva também o fim da infância: uma partida de *ayo*<sup>100</sup> com seu pai – ela ganhara pela primeira vez - mais uma discussão com sua mãe e uma breve leitura do romance *A enseada do jacarandá* que ela havia ganhado de Sheri. Agora em uma nova escola, Enitan oferece aos leitores um salto temporal para 1975, ano que nomeia o segundo capítulo do livro. No colégio interno, ela descreve a experiência de estar longe de casa como um ‘verdadeiro bálsamo’ e como a vida comunitária, mesmo com tantos problemas, era melhor do que o tempo passado em casa. Em mais um passo ao distanciamento familiar, foi naquele espaço que a personagem aprendeu um pouco mais sobre a Nigéria:

Uncle Alex had Always said our country was not meant to be one. The British had drawn a circle on the map of West Africa and called it a country. Now I understand what he meant. The girls I met at Royal College were so different. I could tell a girl's ethnicity even before she opened her mouth. Hausa girls had softer hair because of their Arab heritage. Yoruba girls like me usually had heart-shaped faces and many Igbo girls were fair-skinnes; we called them Igbo Yellow. We spoke English, but our native tongues were difference as French and Chinese. So, we mispronounced names and spoke English with different accents. (ATTA, 2019, pp. 44-45)<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> Ayo é um jogo de partidas com seis cavidades esculpidas em madeira e algumas contas (miçangas) que devem preencher tais cavidades. No romance não é explicado mais do que isso (não é uma explicação meramente didática a um leitor estrangeiro), mas é possível perceber que, além de fazer parte da rotina de Enitan e seu pai, naquele dia, ele ensina a filha alguns truques para que ela possa finalmente ganhar as partidas.

<sup>101</sup> Tio Alex sempre dizia que a Nigéria se formara por acaso. Os britânicos fizeram um círculo no mapa da África Ocidental e chamaram esse lugar de país. Agora compreendo as palavras

Partindo do fato que o entorno de Enitan revelava uma parcela privilegiada de famílias nigerianas com acesso à educação formal (principalmente para meninas), é fundamental refletir sobre a formação do estado-nação que culmina nas diferenças observadas pela protagonista no trecho acima. Nesse sentido, os pressupostos de Hobsbawm (2013) sobre as nações revelam que elas são parte de uma entidade social relacionada ao Estado territorial moderno e que nasce dos anseios da classe burguesa e do controle da economia.

Para o historiador marxista, portanto, as nações são construções humanas que advém do nacionalismo, um processo longo, mutável e transformador. Nesse viés, a organização da Nigéria enquanto nação está ligada não ao nacionalismo, mas à empreitada britânica que definiu as fronteiras da colônia, em 1914, no período reconhecido por Hobsbawm (2013) como o “o apogeu do nacionalismo”, que coincide com os preâmbulos e consequências da Primeira Guerra Mundial. Como resultado, ao reunir sistemas políticos, sociais e étnicos diferentes, destacando-se as principais – hauças-fulani, iorubás e ibos – em um único Estado, os conflitos proeminentes sobre a identificação de sua nacionalidade culminaram em disputas territoriais e econômicas desde então.

Ademais, destaca-se na reflexão da jovem Enitan, a unidade linguística de todas as nacionalidades nigerianas em torno do inglês, mesmo com sotaques diferentes, aquela parcela multiétnica representativa de uma elite intelectual, política e econômica da Nigéria entendia-se pelo idioma do colonizador. Sobre esse aspecto, o escritor nigeriano Chinua Achebe apresentou uma consideração interessante em entrevista realizada em 1997:

A língua inglesa nunca esteve tão próxima do ibo, do hauça ou do iorubá em qualquer outro lugar do mundo. Portanto, ela tem que ser diferente, uma vez que essas e outras línguas e seu meio ambiente não são inertes. Eles são ativos e agem sobre essa língua que invadiu seu território. E o resultado de toda essa série complexa de ações e reações é a língua que usamos. [...] Uma de suas vantagens é a seguinte: embora seja diferente, ela não é tão diferente a ponto de precisar ser estudada na América, na Índia, no Quênia ou em qualquer

---

dele. As meninas do Royal College eram muito diferentes entre si. Eu reconhecia a etnia de cada uma antes mesmo que abrissem a boca. As de hauça tinham cabelo mais macio por causa da herança árabe. As iorubás, como eu, em geral tinham rosto em forma de coração. Muitas ibos tinham pele clara, e eram chamadas de ibos amarelas. Todo mundo falava inglês, mas as línguas nativas eram tão diferentes quanto o francês do chinês. Portanto, pronunciávamos nomes de forma errada e falávamos inglês com sotaque distinto. (ATTA, 2013, p. 51)

outro lugar onde o inglês já é falado. Portanto, ela definitivamente possui certas vantagens que nós só podemos ignorar para nossa própria desvantagem. A língua inglesa é uma língua mundial num sentido que o hauça, o iorubá ou o ibo<sup>102</sup> não são. Não há meio de mudarmos essa situação. Mas não significa dizer que devemos, portanto, colocar essas outras línguas para dormir [...] temos uma situação multilíngue muito complexa e dinâmica, da qual não podemos fugir, mas apenas conter e controlar. (ACHEBE; ROWELL, 1997, pp. 176-177)

Assim, a convivência assimétrica entre a língua inglesa e as línguas africanas deve ser entendida sempre a partir das relações de poder estabelecidas. Mesmo que a primeira simbolize uma ferramenta sociocultural globalizante, é inegável que a polarização entre idiomas não constitui um processo natural ocasionado por questões ortográficas, sintáticas, morfológicas ou lexicais, mas sim de “[...] condições materiais e históricas que favorecem determinadas línguas” (RODRIGUES, 2011, p. 25). Essa conscientização resvala, inclusive, na própria escrita literária, já que Sefi Atta, assim como Chinua Achebe, ao expor seus textos em língua inglesa, atravessa a contraditória experiência da língua enquanto instrumento de opressão e exclusão e como prática de resistência cultural e política.

Por conseguinte, ao passo que Enitan observava as diferenças de seu microcosmos, a Nigéria de 1975 atravessava inúmeras transformações, que a narradora não tinha consciência naquela altura, mas destaca enquanto relembra o passado:

After school, we drummed on our desks and sang. We sang a lot, through the transformations in our country; When we began to drive on the right side of the road; When we switched from pounds, shilling, and pence to naira and kobo. Outside our school walls, oil leaked from the drilling fields of the Niger Delta into people's Swiss bank accounts. There was bribery and corruption, but none of it concerned me, particular in June 1975. (ATTA, 2019, pp. 45-46)<sup>103</sup>

---

<sup>102</sup> A etnia pode ser grafada de duas maneiras distintas: igbo e ibo. Na citação, respeita-se o original da tradução e na tese utiliza-se a primeira grafia.

<sup>103</sup> Depois das aulas tamborilávamos nas carteiras e cantávamos. Cantamos muito durante a transformação do nosso país; começamos a dirigir do lado direito, e a moeda mudou de libras, *shillings* e *pence* para *naira* e *kobo*. Do lado de fora dos muros da escola, vazava petróleo dos campos de perfuração do delta do Níger para as contas bancárias suíças. Havia subornos e corrupção, mas nada disso me dizia respeito, particularmente em junho de 1975. (ATTA, 2013, p. 52)



É nítido, no relato acima, o período que o país atravessava de política direcionada à economia externa e crises monetárias. Além de uma desvinculação do projeto colonial expresso pela mudança no sentido de circulação do tráfego nas ruas<sup>104</sup>, o petróleo na Nigéria possibilitava maior autonomia financeira, pois entre 1975 e 1976 o produto era responsável por 87% da arrecadação do governo e representava 93% das exportações do país (OLIVEIRA; FILIPPI, 2013). Dessa forma, o crescimento de infraestrutura acompanhava o aumento da desigualdade e da corrupção no país, mas a macroestrutura era pouco sentida entre as paredes do colégio interno de Enitan.

Em síntese, foi exatamente nesse espaço que a personagem descrevia sua passagem pela adolescência, que, como qualquer outra, era conturbada na busca por identidade; entre desajustes e descobertas, ela mesma definia aquele momento como um lugar entre a infância e a vida adulta em que não havia espaço para o crescimento. Os poucos contatos com outras vidas que não eram as das meninas do *Royal College* eram os campeonatos entre escolas, quando Enitan apresenta-se como debatedora [conforme a orientação de seu pai] e a companhia oferecida pelas cartas de Sheri, alguém que ela percebia ser avançada demais, mas de quem apreciava muito a companhia, mesmo sendo somente nas férias de verão que as amigas e vizinhas se reencontravam.

Em um desses momentos, em uma tarde de estio daquele ano, as duas foram, escondidas, a um piquenique no parque Ikoy, ao encontro de alguns meninos, algo típico para a juventude. Porém, entre os presentes estava Damola, debatedor de outro colégio de Lagos que já havia enfrentado Enitan. Ela logo o reconheceu, pois naquela nova ocasião havia dado um 'brilho que ele realmente não tinha'. A narradora parece desconfortável desde o início com a situação toda e a estranha sensação aumenta progressivamente conforme o dia passa, até culminar na primeira cena violenta e terrível da vida das amigas: o estupro de Sheri.

Esse momento é descrito de maneira ímpar pela narração, que se encarrega do episódio ao trazer as impressões de uma menina de quinze anos:

---

<sup>104</sup> As duas referências de circulação de tráfego são aceitas mundialmente, mas menos de 50 países aderem à circulação pela esquerda e muitos deles são ex-colônias britânicas, como Austrália, Índia, África do Sul e Trinidad e Tobago. Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43020892> Acesso em 03 abr 2021.

ela não sabia se o momento era de silêncio, paz ou de gargalhadas, mas soube, ao fim, que seria de olhos cheios de lágrimas. Enfim, foi graças à presença de Enitan que os meninos soltaram Sheri e então ela tentou acalmar a amiga:

I dressed her, saw the red bruises and scratches on her skin, her wrists, around her mouth, on her hips. She stunk of cigarettes, alcohol, sweat. There was blood on her pubic hairs, thick spit running down her legs. Semen. I used sand grains to clean her, pulled her panties up. We began to walk home. The palm trees shrunk to bamboo shoots, the headlights of oncoming cars were like fire-flies. Everything seemed that small. I wondered if the ground was firm enough to support us, or if our journey would last and never end. (ATTA, 2019, p. 63)<sup>105</sup>

Como é possível vislumbrar, a cumplicidade entre elas naquele momento de dor foi imenso, faltavam palavras e o caminho de volta para casa era confuso; as sensações de tempo e espaço são delicadamente trabalhadas na narrativa. Então, Enitan ajuda no banho da amiga, espera a água sair limpa como sinal de sobrevivência, enquanto descreve a reação de Sheri como “mínima”. Entre elas, não houve conversa sobre o ocorrido, mas os pensamentos na cabeça da protagonista oscilavam entre culpar a amiga, com os tradicionais discursos sociais de responsabilização da vítima em ocasiões de estupro, e a culpabilização de si mesma por negligenciar suas sensações. Aquele foi o episódio marcante do verão e da vida para as adolescentes, que não voltaram a se ver por alguns dias, talvez na esperança de que não falar sobre fosse uma maneira de esquecer.

Poucos dias se passam, enquanto Enitan esperava que suas férias recomencessem, fazendo do quarto um refúgio, um golpe de Estado acontecia na Nigéria<sup>106</sup> e Lagos estava sob um toque de recolher do anoitecer até a madrugada. Contudo, não tardou para que a notícia de Sheri no hospital, que lá estava após uma tentativa de aborto caseira, abalasse sua solidão e pensamentos. Seus pais pareciam não se importar tanto com o estado da amiga,

---

<sup>105</sup> Eu a vesti e vi vergões vermelhos e arranhões nos seus pulsos, em volta da boca, nos quadris. Ela cheirava a cigarro, álcool e suor. Havia sangue nos pelos pubianos, e uma gosma grossa escorria pelas pernas. Sêmen. Limpei-a com grãos de areia e puxei sua calcinha para cima. Começamos a caminhada de volta para casa. As palmeiras encolhiam-se junto dos brotos de bambu, os faróis dos carros que passavam eram como vaga-lumes. Tudo parecia muito pequeno. Não sabia se o chão era firme o bastante para nos aguentar, ou se nossa volta para casa não terminaria nunca. (ATTA, 2013, p. 71)

<sup>106</sup> Em fevereiro de 1976, Murtala Mohammed foi assassinado em uma frustrada tentativa de golpe, e o Tenente General Olusegun Obasanjo assumiu o poder (OLIVEIRA; FILIPPI, 2013)

mas ficaram indignados com o comportamento de anuência da filha e sobre a companhia que andava. Sunny logo se exime da responsabilidade de castigar, mas a punição vem no dia em que sua mãe, Arin, a leva para a igreja.

Esse dia fatídico revela um percurso até o prédio branco da congregação, em que pessoas rezavam pelo espírito de outras, sob uma cidade tomada pela atmosfera do golpe militar e enquanto um motorista era espancado em meio ao movimento silencioso de carros e pedestres: “Then, I watched the beating feeling some assurance that our world was uniformly terrible. I remembered my own fate again, and Sheri’s, and became cross-eyed from that moment on.” (ATTA, 2019, p. 69)<sup>107</sup>. Assim, a percepção de Enitan sobre a vida muda bruscamente após as experiências daquele período, inclusive a relação com a mãe, que fica, dali em diante, abalada pelo silêncio contínuo.

Dessa forma, os acontecimentos traumáticos daquela fase impulsionam um salto temporal no romance, que parte para o terceiro capítulo, dez anos depois, denominado como 1985. Enitan, no entanto, não esquece o ocorrido com Sheri mesmo após tanto tempo e residindo em Londres há nove anos. Nesse momento, a narradora parte para um *flashback* desde sua chegada na Europa: após aquele verão, foi enviada para um colégio interno na capital da Inglaterra e de lá soube da separação de seus pais, teve seu primeiro namorado e a primeira relação sexual, também recebeu a notícia que Damola, um dos abusadores de Sheri, foi internado em uma instituição mental para viciados em drogas e lá era surrado regularmente até a sua morte. Sobre a amiga de infância, ela havia perdido o contato depois da mudança brusca de endereço.

Vale ressaltar, sobre essa passagem, que os valores de Enitan em torno das questões femininas se alteravam pouco a pouco. Primeiramente, em relação ao sexo, ela descobrira que a virgindade não pertencia a Jesus Cristo, a sua mãe ou a sociedade, mas que, sendo dela, ela poderia dar a quem quisesse. O problema é que ela aprendeu sobre essa questão a partir dos interesses de seu namorado da época, o que move a reflexão sobre o tabu da virgindade para as mulheres a partir de múltiplos olhares. A iniciação sexual feminina ao redor do mundo é culturalmente atrelada ao rompimento do hímen e, portanto, à uma

---

<sup>107</sup> “Depois passei a assistir àquela pancadaria achando que nosso mundo era uniformemente terrível. Lembrei de novo do meu próprio destino e do de Sheri, e não consegui ver mais nada com clareza” (ATTA, 2013, p. 77)

lógica falocêntrica. Sobre a temática, a obra da autora francesa Yvonne Knibiehler, *História da Virgindade*, historiciza o tema e revela as influências cristãs, muçulmanas, judaicas, burguesas e capitalistas no controle do corpo feminino. Mesmo após 1960, quando inúmeros preceitos foram colocados em xeque - com o impacto da pílula anticoncepcional, por exemplo - a perda da virgindade continuou sendo um rito de passagem para muitas mulheres e uma forma de dominação masculina.

Além do tabu sobre a sexualidade e virgindade, ao estabelecer amizade com Robin, uma inglesa que evitava chamar Enitan de negra, a nigeriana ouve pela primeira vez um discurso que descarta qualquer responsabilização da vítima em ocasiões de estupro, pois nada que uma mulher faça pode justificar um estupro. De qualquer forma, a justiça parecia sempre “proteger os ricos”, como explicava Robin. É a experiência de ser africana e estrangeira que faz a protagonista observar vivências, da perspectiva racial e social, por outros ângulos.

Sobre essas experiências, inicialmente, Enitan ainda voltava para seu país durante as férias e vivia entre os conflitos dos pais pela sua guarda e pela disputa dos bens materiais. Depois, passou a trabalhar durante todo o período e só tinha notícias da Nigéria pelos noticiários e por fazer parte da comunidade estudantil de seu país, quando ingressou na faculdade de Direito. Nessa época, viu Sheri pela televisão, representando o país no concurso “Miss Universo”, e torceu pela amiga, apesar de saberem que nenhuma nigeriana jamais poderia ganhar aquele tipo de concurso<sup>108</sup>.

Ao mesmo tempo em que trabalhava em uma firma de advocacia, agora recém-formada, tentava se encaixar na Inglaterra e na chamada cultura

---

<sup>108</sup> Até hoje nenhuma nigeriana chegou a ganhar o concurso, que teve apenas cinco mulheres negras campeãs: Janelle Commissiong, em 1977, Wendy Fitzwilliam, em 1998, Mpule Kwelagobe, em 1999, Leila Lopes, em 2011 e Zozibini Tunzi em 2019. Os debates feministas, de qualquer forma, condenam esse tipo de concurso, justamente por promoverem o ideal de beleza e a disputa entre mulheres. A representatividade, nesse sentido, não consegue diminuir os efeitos nocivos da indústria da beleza que esse tipo de evento simboliza para a sociedade capitalista e patriarcal. Sobre esse tema, Naomi Woolf em sua obra - *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres* - debate o quanto, por mais perto que uma mulher esteja do que é considerado belo pela sociedade, ainda estará sujeita a julgamentos sobre sua aparência. A autora também destaca que as situações enfrentadas por uma mulher branca, magra e de classe média alta são totalmente diferentes das enfrentadas por uma mulher gorda, negra e que mora na periferia. No entanto, todas estão subordinadas a um padrão irreal, já que a busca da beleza é um mito que serve à subordinação das mulheres e aos interesses de mercado.

Ocidental – que a protagonista ressalta o quanto não é uniforme e estática. Do outro lado, sua terra natal passava por sucessivos golpes militares e, em 1983, a Constituição havia sido suspensa. Sobre isso, em uma conversa com seu pai por telefone, ela soube das reais condições daquela situação:

He was wary of the new military government, and their promise to wage war against indiscipline. I thought that it wasn't such a bad idea, in a country where you still couldn't expect electricity for a full week. Then the reports started coming in: flogging for jumping bus queues; squats for government workers who came late to work; a compulsory sanitation day to stay home and dust; Decree Two, under which persons suspected of acts prejudicial to state security could be detained without charge; Decree Four, under which journalists could be arrested and imprisoned for publishing any information about public officials. My father kept asking, but I told him I never wanted to go back. (ATTA, 2019, p. 78)<sup>109</sup>

Apesar de afirmar que não voltaria, Enitan muda de ideia e em 1984 retorna ao seu país de origem, querendo distância do frio europeu. Mesmo assustada com a Lagos de agora, repleta de funcionários ríspidos, ar-condicionado fraco, cortes de energia, tráfego demorado, escassez de água, assaltantes armados e suborno, ela estava contente de voltar, pois ao menos estaria agora diante de todos esses infortúnios. A personagem está, inclusive, consciente de seus privilégios de classe média no interior daquela sociedade: morava com o pai, um advogado de grande prestígio, tinha um carro e finalizava a faculdade de direito – ela tinha que cumprir mais um ano para obter o diploma na Nigéria.

Assim, com Enitan de volta à cidade de nascença, a narrativa começa a amalgamar cada vez mais a vida da protagonista com os acontecimentos históricos do país: “Law school ended the summer of 1985. Within a week of my graduation, there was another military coup and our constitution was further

---

<sup>109</sup> Ele estava preocupado com o novo regime militar, que prometia entrar em guerra contra a indisciplina. Achei que não seria uma má ideia em um país onde ainda não se podia contar com eletricidade durante uma semana inteira. Depois as notícias começaram a chegar: chicotadas naqueles que furavam filas de ônibus; leves castigos físicos para os funcionários do governo que chegavam tarde no trabalho; um dia de faxina compulsória em casa; tribunais militares para expolíticos; Decreto Dois, segundo o qual suspeitos de atos perniciosos à segurança do Estado podiam ser detidos sem julgamento; Decreto Quatro, segundo o qual os jornalistas podiam ser presos por publicarem quaisquer informações sobre as autoridades públicas. Meu pai insistia para eu voltar, mas eu disse que nunca mais queria ir à Nigéria. (ATTA, 2013, p. 87)

suspended. Days later, I registered for national service” (ATTA, 2019, p. 80)<sup>110</sup>. Definitivamente, 1985 é quando o Major General Ibrahim Badamas Babangida assume o controle após um golpe e institui, ao longo dos próximos anos, medidas rígidas de controle financeiro, provocando uma diminuição significativa da capacidade econômica nigeriana combinado com a queda do preço do petróleo e aumento das desigualdades sociais (OLIVEIRA; FILIPPI, 2013). Em relação à repressão civil, a comunidade nigeriana estava em um período de disputa intensa entre muçulmanos e cristãos, e o governo militar impunha restrições, perseguia opositores e avançava para o interior do território militarmente. (FALOLA, HEATON, 2008).

Sob esse contexto, Enitan está no acampamento das Forças Armadas quando conhece Mike Obi. “Disposta a confiar em alguém”, ela conversa aos poucos com o rapaz que queria impressioná-la dizendo ser artista oriundo de Enugu, o coração da Biafra, conflito que a protagonista sabia, àquela altura, que não era apenas o que ela ouvia falar em Lagos quando criança, mas que já era definido como um holocausto pelos livros de história que teve acesso na universidade. Após um diálogo importante entre o casal, a protagonista resolve visitar a mãe, por quem nutria grandes ressentimentos desde a infância.

Nesse sentido, conforme esperado, o reencontro entre elas não foi nada amistoso, pois era persistente a ideia de Arin sobre o quanto Sunny não prestava como homem, marido ou pai para Enitan, mas a jovem, indignada com os comportamentos da mãe, após uma discussão, fechou a porta da casa jurando nunca mais voltar. Então, o relato faz um corte para anunciar outro reencontro importante na vida da protagonista após seu retorno: um dia, Enitan estava em treinamento de corrida pela cidade de Lagos e, passando por uma grande favela, descrevia as cenas e as placas com dizeres como “Cabelo de Hollywood. Manicure. Pedicure. Lavagem e Penteado. Ovos frescos e Coca-Cola”, que revelavam o caráter globalizante da pobreza.

Após a corrida, quando retorna para o acampamento, que ficava em uma escola, ela se depara com um carro dirigido por Sheri Bakare. Então, não

---

<sup>110</sup> A faculdade de direito terminou no verão de 1985. Uma semana depois da minha formatura houve outro golpe militar, e a Constituição foi suspensa por mais tempo. Uns dias depois me registrei no Serviço Nacional. (ATTA, 2013, p. 89)

demorou muito para que a amiga a reconhecesse e logo já estavam de mãos dadas, prometendo uma à outra que se veriam novamente no final de semana.

Dessa forma, no sábado de manhã, ao entrar na ilha de Lagos para visitar a amiga, Enitan faz uma longa, envolvente e precisa descrição física e humana da caótica cidade de Lagos que pode surpreender um leitor que pouco conhece sobre as metrópoles do continente africano:

The Atlantic weaved its way around Lagos. Sometimes dull and muddy, other times strident and salty, bearing different names names: Kuramo waters, Five Cowry Creek, Lagos Marina, Lagos Lagoon. It was the same water. Asphalt bridges connected the islands to the mainland and the sky always looked as sad as a person whose lover had lot interest. [...]

Millions lived in Lagos. Some were natives, but most had roots in the provinces. [...] Most days, it feel like a billion people walking down the labyrinth of petty and main streets: beggar men, secretaries, government contractors (thieves, some would say), Area Boys, street children. You could tell how well they ate by the state of their shoes. Beggars, of course, went bare foot. [...] There was a constant din of cars, popping exhaust pipes, and engines, commuters scrambling for canary-yellow buses and private transport vans we called *kabukabu* and *danfo*.

There were countless billboards: Pepsi, Benson and Hedges, Daewoo, Indomie Instant Noodles, Drive Caefully, Fight Child Abuse. All smells joined hands in one: sweaty skin and fumes, and the heat was the kind that made your forehead crease, and crease, until you witnessed something that made you smile [...]

It was a hard city to love; a bedlam of trade. Trade thrived in the smallest of street corners; in stores; on the heads of hawkers; even in the suburbs where family homes were converted into finance houses and hair salons, according to the need. The outcome of this was dirt, piles of it, on the streets, in open gutters, and in the marketplaces, which were tributes to both dirt and trade. [...] <sup>111</sup> (ATTA, 2019, pp. 97-98)

---

<sup>111</sup> O Atlântico emaranhava-se em volta de Lagos. Às vezes era opaco e lamacento, outra vezes estridente e salgado, tomando diferentes nomes: Águas de Kuramo, riacho Five Cowry, Marina de Lagos, Lagoa de Lagos. Mas a água era a mesma. Pontes asfaltadas ligavam as ilhas ao continente, e ao céu parecia sempre triste como uma mulher abandonada pelo amante. [...]

Milhões de pessoas viviam em Lagos. Algumas eram dali mesmo, mas a maioria vinha das províncias. lam e vinham junto com os elementos da natureza, como se o tempo fosse criado para punir e recompensar. [...] Na maioria dos dias parecia que um bilhão de pessoas passava pelo labirinto de ruas pequenas e grandes: mendigos, secretárias, fornecedores do governo (ou ladrões, como alguns diziam), gangues de adolescentes, meninos de rua. Era possível dizer se eles se alimentavam bem pelo estado dos sapatos. Os mendigos viviam descalços, é claro. [...] Havia um barulho constante de carros, canos de descarga velhos e motores, trabalhadores que voltavam para casa em busca dos ônibus amarelo-canário e vans particulares chamadas *kabukabu* e *danfo*. [...]

Inúmeros cartazes espalhavam-se pelas ruas: Pepsi, Benson and Hedges, Daewoo, Macarrão Instantâneo Indomie, Dirija com Cuidado, Lute Contra o Abuso Infantil. Todos os cheiros fundiam-se em um só, suor e fumaças de carros, e o calor era tão forte que nos fazia sorrir [...]

Era uma cidade difícil de ser apreciada, com aquele comércio tumultuado. Os negócios floresciam nas esquinas das ruelas, nas lojas, na cabeça dos vendedores ambulantes e até mesmo nos subúrbios, onde as casas de família eram transformadas em escritórios e

Como é possível observar, a paisagem descrita se diferencia imensamente dos contornos do Montes Namuli e do rio Licungo, onde Maria das Dores e Delfina desenhavam suas trajetórias em Moçambique. Para Enitan, o que Lagos tem de natureza é seu horizonte repleto de contradições, imensidões e barulhos intensos; experiências que perpassam a vida, pela urbanização crescente e globalização do espaço, já que é da natureza do cidadão lacobrigense se “emaranhar” no concreto. Assim, entre oceanos diferentes, o Atlântico e o Índico, Lagos e Gurué compõem cenários distintos do mesmo continente, aspecto tantas vezes negligenciado por uma leitura ingênua e despreparada diante da pluralidade de imagens e paisagens de África que são essenciais para as experiências vividas pelas personagens em cada um dos romances.

Passando por Lagos e por seus pensamentos, Enitan chega ao apartamento de Sheri e depara-se com a nova vida da amiga: agora casada com o muçulmano poligâmico Ibrahim, ela cozinhava pratos e mais pratos de comida sem saber se ele viria jantar. As duas comem juntas enquanto conversam, até mesmo lembrando o episódio do estupro com muita dor quando a protagonista soube que o aborto de Sheri tinha ocasionado sua esterilidade, condição muito “malvista” pela sociedade nigeriana: “Better to be ugly, to be crippled, to be a thief even, than to be barren.”<sup>112</sup> (ATTA, 2019, p. 102). Ao final do encontro, Enitan sugere para a amiga que ela abra um serviço de *buffet*, pois cozinhava muito bem e teria uma renda independente do marido.

Então, no mesmo dia, a narradora ainda resolve fazer mais duas visitas: primeiro ao pai, cobrando dele que passasse definitivamente a casa para o nome de Arin, conforme combinado no divórcio; também conversaram um pouco sobre a política do país. Mais tarde, ela resolve fazer uma surpresa a Mike, que se dedicava ao ofício da arte, naquela noite, os dois dormiram juntos e ela sentia uma verdadeira ternura por ele. Até esse ponto, a trajetória de Enitan parecia

---

cabeleireiros, conforme a necessidade. O resultado era uma pilha de sujeira nas ruas, nas sarjetas abertas e nos mercados, verdadeiros tributos à imundície e ao comércio. [...] (ATTA, 2013, pp. 108-110)

<sup>112</sup> Era melhor ser feia, aleijada ou até mesmo uma ladra do que estéril. (ATTA, 2013, p. 114)



caminhar conforme seus anseios, descobrindo seu lugar no mundo, apesar de algumas dificuldades.

Porém, quando o serviço militar acaba, ela vai trabalhar com o pai definitivamente, recebendo um salário muito abaixo do esperado e reivindicando continuamente melhores condições salariais para a equipe. Ao menos um de seus pedidos foi aceito: contratar Sheri para fazer o jantar do escritório cujo convidado mais especial era Peter Mukoro, o famoso jornalista nigeriano detido pelo regime militar e que Sunny conseguiu tirar da prisão. Durante a festa, além das tias de Enitan, ela e Sheri eram as únicas mulheres e ouviram diversas vezes discursos machistas, como se ambas estivessem ali para servir o restante dos convidados:

[...] I carried a bowl of rice back to the dining room with a cold bottle of beer.

“Ah thanks,” Peter Mukoro said. “Brother Sunny, you must ask for a hefty dowry for your daughter. Look at her, good hostess, lawyer, and all that.”

“I would be glad,” my father said, “if someone would take her off my hands for free”. (ATTA, 2019, p. 126)<sup>113</sup>

Apesar de Enitan já lutar timidamente pela equidade entre os gêneros durante a faculdade, a experiência que enfrenta enquanto mulher em Lagos se distancia muito do que viveu na Inglaterra. Ela começa a entender que talvez a criação de seu pai realmente não tenha sido tão libertária, pois durante o jantar há a nítida percepção de que ela é um fardo para a vida dele e que a liberdade virá apenas com o casamento da filha. Diante de tais revelações, o final do evento reserva ainda uma lição de moral paterna sobre o comportamento de Enitan em relação a Mike: “He might be think you’re easy. Cheap. I’m telling you for your own good”<sup>114</sup> (ATTA, 2019, p. 128).

Sobre esse discurso deliberadamente machista, fica evidente o quanto as mulheres nunca estão livres da dominação patriarcal pois estão, o tempo todo, sendo controladas. No exemplo acima, a protagonista escuta que ‘deve se

---

<sup>113</sup> [...] Levei uma tigela de arroz de coco para a sala de jantar e uma garrafa gelada de cerveja. - Obrigada – disse Peter Mukoro. – Irmão Sunny, você deve pedir um sólido dote pela sua filha. Olhe para ela, boa anfitriã, advogada e tudo o mais. - Eu bem gostaria – disse meu pai – que alguém me livrasse de graça dessa responsabilidade. (ATTA, 2013, p. 140)

<sup>114</sup> “Ele pode achar que você é fácil. Vulgar. Estou falando isso para seu próprio bem” (ATTA, 2013, p. 143)

comportar de maneira adequada para o próprio bem' e o que pode parecer apenas um conselho revela de que forma a opressão de gênero se articula ao capitalismo de forma complexa.

Na Nigéria, que permanece desde aquele período na periferia da economia capitalista global, as relações de poder entre gêneros encontram-se por vezes associadas e outra vez dissociadas do capitalismo – o que acaba, de alguma maneira, transformando profunda e radicalmente a configuração familiar, exacerbando ainda a exploração das mulheres e a violência de gênero (ARUZZA, 2015). Segundo essa perspectiva, para Enitan, era imensamente contraditório a experiência de ser uma advogada formada até o Ensino Superior com a necessidade de se comportar de acordo com padrões sociais à espera de um casamento, mas a realidade é que a questão de classe está imbricada em gênero e raça e voltar para a terra natal propiciava tais encontros com a realidade.

Entretanto, o caso amoroso entre Mike e Enitan seguia bem, enquanto Sheri abria seu serviço de bufê com toda a família Bakare. Além disso, apesar de já ter finalizado o serviço militar, a narradora percebia o quanto Sunny dirigia o escritório de advocacia como se fosse um quartel. Em meio a papéis ocultos, a protagonista descobre que foram os serviços dele e os conhecimentos do direito civil que ajudaram sua melhor amiga a iniciar um processo de separação de Ibrahim. As implicações entre a legislação tradicional e o direito civil são tematizadas por uma discussão entre Enitan e Sunny poucas páginas depois, quando eles se deparam com uma manchete polêmica da revista *Wekeend People* sobre o caso extraconjugal do famoso cliente Peter Mukoro:

“I don't think it's a private matter”, I said. A social crusader practicing bigamy. I think it is good that people are being told”.

“By *Weekend People*?”

“Yes,” I said. “It's good they consider the story newsworthy. And really, I don't know why we continue to follow native law anyway, when civil law in existence. It has no moral grounding, no design except to oppress women...”

My father laughed. “Who's oppressed? Are you oppressed?”

“I didn't say me, but yes, in a way.”

“How?”

“I'm part of this...”

“This what?”

“This group, treated as chattel.”

“Let's not get hysterical.”

“Show me one case,” I said. “Just one, of a woman having two husbands, a fifty-year old woman marrying a twelve-year-old boy. We have women’s judges, and a woman can’t legally post bail. I’m a lawyer. If I were married, I would need my husband’s consent to get a new passport. He would be entitled to discipline me with a slap or two, so long as he doesn’t cause me grievous bodily harm.”

“You’ve made your point,” he said. “Your grandmother was married off a fourteen, into a household with two other wives, and she had to prove she was worthy of her dowry by cooking better. I’m not sure what your gripe is. I made sure you had a good education, encouraged you to fulfill your career goals...”

“Can you change our culture for me?” I asked. (ATTA, 2019, pp. 139-140)<sup>115</sup>

No trecho acima, além do fato de Enitan ser chamada de histérica ao argumentar – um clássico caso de machismo, que deslegitima o discurso de mulheres – o patriarca Sunny, em seu lugar privilegiado, acusava-a de mimada e que, por viver em uma redoma a vida toda, não podia se solidarizar com outras mulheres, pois nunca viveu oprimida. Tais acusações revelam o quanto o discurso de poder sempre tenta ocultar as tentativas de enfrentamento, deslegitimando os sujeitos em suas reivindicações e ocultando a força ideológica de suas ideias.

Desse modo, os conflitos entre Enitan e o pai não cessam e, com razão, diferenciam-se muito da relação que tinham durante a infância e adolescência da personagem. É fato que viver no exterior não havia mudado o que ela sabia instintivamente antes de partir, mas agora ela não se deixava enganar. Havia

---

<sup>115</sup> - Eu não acho que seja um assunto privado um cruzado social praticar bigamia. É bom que as pessoas saibam disso.

- Pela *Weekend People*?

- Sim. Essa história deve ser considerada de interesse público. Realmente não sei por que continuamos a seguir a legislação nativa quando o direito civil já existe. Essa lei não tem qualquer fundamento moral nem propósito, a não ser a opressão da mulher...

- Quem é oprimida? Você é oprimida?

- Não estou falando por mim, mas de certa forma sou.

- Como?

- Eu faço parte disso...

- Disso o quê?

- Desse grupo, tratado como mercadoria.

- Não vamos começar com histeria.

- Mostre-me um caso. Um único caso de uma esposa com dois maridos, uma mulher de 50 anos casando-se com um menino de 12. Nós temos juízas, mas a mulher não pode ser fiadora. Eu sou advogada. Se me casasse precisaria do consentimento do meu marido para tirar um novo passaporte. Ele teria o direito de me pôr na linha com uns tapas, desde que não me machucasse muito.

- Você expôs seu ponto de vista. Sua avó casou-se aos 14 anos e foi para uma casa com duas outras esposas, e teve de provar que era digna do seu dote cozinhando melhor. Não sei bem qual é sua queixa. Eu te dei uma boa educação, te encorajei a atingir suas metas profissionais...

- Você pode mudar nossa cultura por mim? – perguntei.

uma desconfiança sobre o fato de que Sunny não cobraria nada para ajudar Sheri no processo de separação e resguarda de bens durante a separação, o histórico do pai com o adultério fazia a filha considerar que a benevolência tinha outras intenções sobre uma mulher tão mais nova que ele. Mais uma vez, portanto, o machismo do pai é desvelado ao longo da narrativa, em um processo minucioso tratado pelas observações e amadurecimento da protagonista na relação com seus pais ao passo que conhece cada vez mais de si mesma e de seus ideais.

Essa transformação em meio a tanta ansiedade deixava Enitan sem saída, mas nada poderia se equiparar com a descoberta que ela faz ao atender um telefonema de uma agência de viagens confirmando as passagens do Dr. Taiwo e seu filho Debayo. Mesmo sendo comum, na Nigéria, pais terem filhos ilegítimos, ela não poderia perdoar a mentira do pai durante tantos anos. Nesse momento, ela reflete sobre o quanto ele sempre ganhava os casos que defendia sem demonstrar culpa alguma, da mesma forma que levou à mãe da personagem à loucura sem admitir nenhuma manipulação no processo. Enitan decide enfrentar o pai naquela mesma tarde e confirma que Debayo é seu irmão, quatro anos mais novo, que vive com a mãe na cidade de Ibadan, e, na sua acusação, ela diz: “Ansinine behavior is passed off as manliness” (ATTA, 2019, p. 151)<sup>116</sup>, o que revela a consciência de que os comportamentos de traição são socialmente aceitos para os homens daquela sociedade e que ela não seria mais conivente ao conviver com tais ideias de maneira tão próxima.

Então, ela parte para a casa de Mike e reflete sobre o quanto a economia daquele país, que parecia tão promissora, não possibilitava que ela pudesse se sustentar como mulher autônoma. Além disso, o poder patriarca de seu pai fazia ainda mais sentido, já que ele assegurava o valor patrimonial, controlando Arin financeiramente e, agora, dando um carro a filha, em vez de pagar um salário digno para que ela mesma pudesse comprar um. Ao chegar à casa do namorado, soma-se mais uma decepção: ele está com outra mulher e, mesmo diante das emoções, é interessante notar que a protagonista direciona sua raiva ao homem e alerta para que a amante fuja do verdadeiro problema. O comportamento da

---

<sup>116</sup> “- Comportamento idiota é considerado masculinidade” (ATTA, 2013, p. 167)

narradora não culpabiliza a mulher, afirmando que a violação do pacto de relacionamento entre os dois foi de Mike.

Em seguida, ela resolve se isolar dos homens que a decepcionam e, apesar dos conselhos de Sheri, Enitan não volta mais a trabalhar ou morar com o pai e muito menos retoma o relacionamento com Mike. Então, consegue um novo ofício, no Ministério da Justiça, e isso trazia a realidade da Nigéria de maneira ainda mais cruel. Enquanto frequentava o tribunal na função de promotora pública em processos federais, ela testemunhava os casos de violência, fraude e tráfico aumentarem significativamente:

Fraud rackets had recently increased. Overseas they are calling it “Nigerian Crime”. Here we called it “419”, after the criminal code. Drug trafficking had also increased, and if the latest reports were true, Nigerian drugs rings were now one of the largest suppliers to the Us and Europe. Foreign embassies were reluctant to grant us visas, and those of who received them risked being strip-searched for drugs at airports. Many of the accused were single women, mules, who were caught in route to Europe or the US from the Far East. Some had swallowed condoms crammed with heroin and cocaine; other had squeezed them up their vaginas. There was a case of a woman who stuffed a condom cocaine down her dead baby’s throat and cradled him on a plane. She was caught when an air hostess noticed the baby wasn’t crying. (ATTA, 2019, p. 156)<sup>117</sup>

Por essa perspectiva, é interessante notar que, justamente no ponto central do romance, em que Enitan passa por uma transição pessoal, ela também se depara com outras realidades das mulheres de seu país. A tragédia vivida no trecho acima revela a condição cada vez mais comum de nigerianas submetidas à violência e ao tráfico internacional. É válido ressaltar, sobre esse contexto, que, assim como em outras atividades criminosas, há uma divisão de

---

<sup>117</sup> Os esquemas fraudulentos haviam aumentado. No exterior eram chamados de “crime nigeriano”. Aqui de “419”, em referência ao código criminal. O tráfico de drogas também aumentara. Se as estimativas mais recentes estivessem corretas, a Nigéria era uma das maiores fornecedoras para os Estados Unidos e a Europa. As embaixadas estrangeiras relutavam em nos conceder vistos, e os que recebiam arriscavam-se a ser revistados de alto a baixo nos aeroportos. Muitas das acusadas eram mulheres solteiras, mulas, apanhadas na rota vinda do extremo Oriente para a Europa ou para os Estados Unidos. Algumas engoliam camisinhas com heroína ou cocaína, outras enfiavam as drogas na vagina. Houve um caso de uma mulher que enfiou uma camisinha com cocaína na garganta do bebê morto que embalou durante a viagem de avião. Foi apanhada quando a aeromoça notou que a criança nunca chorava. (ATTA, 2013, p. 172)

poderes que opera de forma desigual tanto no aspecto financeiro quanto na exposição e periculosidade, de acordo com os estudos de Souza (2013)<sup>118</sup>.

Sobre a situação das “mulas” é comum que exista a coação, o engano e abuso físico e sexual diante de diversas situações de vulnerabilidade social que levam à vítima ao sistema de tráfico. Diante disso, as mulheres, nos últimos anos, têm sido cada vez mais cooptadas para esse tipo de função, já que as mudanças nas relações sociais dos países capitalistas não acompanham uma melhoria da qualidade de vida, da emancipação e do acesso à saúde, educação e trabalho para elas, o que as levam a buscar, nos crimes relacionados aos entorpecentes, uma alternativa para sobrevivência: “A vinculação da mulher ao tráfico de drogas pode se dever, portanto, a uma escolha diante das poucas opções que tem à sua disposição para alcançar alguma segurança financeira ou mesmo alguma proeminência em sua comunidade.” (SOUZA, 2008, p. 11). Inclusive, ainda se destaca no texto referido, o fato de que as mulheres latino-americanas e africanas estejam entre os grupos sociais mais afetados pela guerra às drogas.

As informações supracitadas colocam a Nigéria contextualizada pelo romance, como uma época de extremas punições, em que o governo fuzilava condenadas pelos crimes mencionados acima alegando combate à guerra e à indisciplina. Dessa forma, a protagonista percebe que não consegue se distanciar emocionalmente para vencer os casos jurídicos e sente o coração bater de forma acelerada diante de cada processo. Àquela altura, estava morando com Sheri que, por sua vez, vivia um arranjo familiar diferente, sustentada pelo brigadeiro Hassan, cozinhando e auxiliando nos cuidados de sua família. Era difícil para Enitan confrontar seu modo de vida com as múltiplas vivências das mulheres nigerianas com quem convivia de maneira direta ou indireta, pois sentia uma eterna espera e inadequação, por isso, se refugiava nas atividades de natação do clube Ikoyi.

E foi exatamente nesse local que ela conheceu Niyi Franco, que viria a ser seu marido e pai de sua filha no decorrer do romance. Os primeiros

---

<sup>118</sup> SOUZA. Luísa Luz. *As consequências do discurso punitivo contra as mulheres "mulas" do tráfico internacional de drogas: ideias para a reformulação da política de enfrentamento às drogas no Brasil*. Parecer elaborado no âmbito do Projeto Justiça Criminal do Instituto Terra, Trabalho e Cidadania, financiado pelo Instituto Lafer. Dezembro de 2013.

encontros, porém, não foram muito promissores. Algumas características a afastavam: advogado não atuante, gerente de uma empresa de seguros, descendente de brasileiros e pai de um filho de seis anos que vivia na Inglaterra com a mãe. Desse modo, o envolvimento amoroso entre ambos ocorreu aos poucos durante o desenvolvimento do enredo.

Nesse ponto da narrativa, as duas amigas, Sheri e Enitan, apesar de próximas fisicamente, se distanciam materialmente e emocionalmente. Sobre a primeira, ela decide se separar definitivamente do brigadeiro, após consecutivas ameaças e agressões, correndo o risco de ficar sem lugar para morar. Além disso, Sheri descobre que sua mãe biológica, uma mulher branca, estava viva na Inglaterra, mas nunca havia procurado pela filha, que foi criada pelo pai polígamo com a ideia de que ela deveria conhecer as tradições. Já a protagonista, após um pedido de turbulência, recebe agora um pedido de casamento inusitado de Niyi e encontra a mãe para uma tentativa de conciliação após tantos anos.

Nesse sentido, é interessante notar que a proximidade entre as amigas acontece não necessariamente por pontos de interesse, mas, sobretudo, pela oportunidade de lançar pontes de apoio e afeto sobre diferentes momentos da vida uma da outra, o que indica a estruturação da amizade entre as duas durante todo o texto ficcional.

Desse modo, o retorno ao contato com a mãe de Enitan propicia recordações sobre o passado que são extremamente necessárias para entender a dinâmica das relações familiares: a ausência do pai quando o irmão ficou doente, a busca por curas milagrosas e o luto pela morte de um filho. Como consequência, não foi surpresa alguma descobrir que Arin havia sido traída no matrimônio, ela, inclusive, alegou alívio por saber que o pai havia falhado ao menos uma vez na vida. Percebe-se, ao final do capítulo e daquele tempo, que Enitan se aproximava da mãe e da mulher que desempenhava o difícil e conflituoso papel da maternidade o tempo todo.

Enfim, na última parte do livro, nomeada de 1995, é quando se observa a maturidade da personagem e, ao mesmo tempo, o agravamento das disputas políticas na Nigéria que respaldam sua vida. É possível observar que as reflexões iniciais de Enitan são simbólicas nesse sentido:

People say I was not-headed in my twenties. I don't ever remember being hot-headed. I only ever remember calling out to my voice. In my country, women are praised the more they surrender their right to protest. In the end they may die with nothing but selflessness to pass on to their daughters; a startling legacy, like tears down a parched throat. (ATTA, 2019, p. 179)<sup>119</sup>

O fragmento deixa evidente que ela não queria se calar, não apenas porque tinha algo a dizer, mas também pelo temor de passar um legado de abnegação à sua filha, como seria o comportamento ideal das mulheres nigerianas. Nesse sentido, a trajetória rumo à maternidade já começa a se desenhar, indicando a transformação da vida de Enitan. Por outro lado, associa-se tal transição à própria autora, Sefi Atta, que começou a escrever ficção após a maternidade, quando sentiu que as histórias das mulheres não deveriam ser caladas em um sistema que constantemente as silencia e as modela para não responderem, retrucarem ou reclamarem de nada.

Então, novamente pelo recurso de *flashback*, a narradora personagem traz a reta final do romance a partir de seu casamento com Niyi, cuja descrição se distancia do padrão romântico. Tanto o noivado quanto a cerimônia, uma semana depois, seguem as tradições, mas sem nenhuma emoção, caracterizando-se apenas como um meio para chegar a um determinado fim (que pode ser entendido pela maternidade):

I did not shed a tear over leaving a home. I, who cried easily. After the final rites, when a bride knelt before her parents and they blessed her, she was supposed to cry. An entire wedding party waited for this moment, so they could say "Ah, she wept. She wept, that girl. She loves her parents no end". But I'd always been suspicious. What were the tears for, on cue like that? One bride, almost 40, gray hairs all over her head, she was crying as if her parents had sold her. They had all but given up on her. What was she crying for? I was not bitter about my parents. We had healed the way most families did, enough to hold us together from one day to the next, but liable to split under any great stress. (ATTA, 2019, pp. 180-181)<sup>120</sup>

---

<sup>119</sup> Dizem que eu era estourada aos 20 anos. Não me lembro disso. Só me lembro de que gostava de expressar minhas opiniões. No meu país, quanto mais as mulheres desistem de protestar, mais são apreciadas. No final, morrem passando apenas a abnegação às filhas, um legado alarmante, como lágrimas rolando por uma garganta seca. (ATTA, 2013, p. 195)

<sup>120</sup> Não derramei uma só lágrima quando saí de casa. E eu chorava com facilidade. Depois dos rituais finais, quando a noiva se ajoelha diante dos pais para pedir a bênção, é comum que ela chore. Todos os convidados aguardam esse momento durante a festa, quando dizem: "Como aquela menina chorou. Ela adora os pais". Mas eu sempre fui desconfiada. De que serviam lágrimas em rituais assim? Uma noiva de quase 40 anos, com cabelos grisalhos, chorando como se os pais a tivessem vendido? Eles quase perderam a esperança nela. Por que chorar? Eu não tinha ressentimento dos meus pais. Como ocorre na maioria das famílias, nossas mágoas foram



Não é notório, na descrição do ritual, se as personagens seguiam estritamente o casamento de tradição iorubá ou se havia uma hibridização cultural cristã, até pelo fato da mãe de Enitan continuar a frequentar uma religião não nomeada ao longo do romance. Sobre esse aspecto, no entanto, vale ressaltar os apontamentos da teórica nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí em *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* a respeito do ritual do casamento na comunidade iorubá:

Na sociedade Oyo-Iorubá, o casamento era essencialmente uma relação entre linhagens. Contratualmente, formalizava a atribuição dos direitos de paternidade da linhagem do noivo à prole nascida no decorrer do casamento. Em troca desse direito, bens e serviços eram transferidos da linhagem do noivo para a da noiva. Os bens eram dados como dote, enquanto os serviços eram prestados ao longo dos anos. O pagamento do dote pela família do noivo conferia acesso sexual e paternidade [...] O arranjo contratual chamado casamento envolvia um longo processo, já que, muitas vezes, incluía um período de noivado. Era marcado por uma troca de presentes e várias cerimônias reconhecendo a relação entre duas linhagens. [...] No dia do casamento a noiva exibia sua aflição, que ressaltava a importância da mudança iminente em seu arranjo de moradia. Sua agitação era simbolizada da dramatização do *ekún idàwó*, literalmente, as lamentações de uma noiva. [...] (OYĚWÚMÍ, 2021, pp. 94-95)

Fica evidente, a partir dos trechos acima destacados, o quanto as tradições do casamento iorubá são permeadas pela ideia da linhagem social e da contratualização. Em continuidade, Oyěwùmí traz também o sentido de poligamia e monogamia para a sociedade iorubá e descreve a prevalência dos bens e serviços que incluem a realização matrimonial. Nesse sentido, a ideia trazida acima dialoga com os escritos de Engels sobre a família, em sua obra - já citada anteriormente - *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, quando afirma-se que, de acordo com a concepção burguesa, o casamento era um contrato e a transação mais importante de todas, pois baseava-se primeiramente na relação de propriedade entre dois seres (ENGELS, 2019).

Vale ressaltar, porém, que a socióloga nigeriana levanta a seguinte proposição sobre o dote: este não conferia direitos do homem sobre a pessoa da noiva ou sobre seu trabalho, reservava-se apenas aos bens, serviços e à

---

superadas o suficiente para nos mantermos unidos, mas sabendo que poderíamos desmoronar a qualquer grande estresse. (ATTA, 2013, p. 197)

prole (OYĚWÚMÍ, 2021), o que diferencia a aliança do sistema patriarcal e capitalista descrito por Engels anteriormente, em que a ideia de propriedade abarcava também a posse do homem sobre a mulher.

Diante do exposto, no contexto da narrativa ficcional, encontram-se diálogos entre as tradições descritas, o sentimento da protagonista e o casamento contratual presente na sociedade moderna. Sob essa perspectiva, Enitan também questionava a emoção do momento, já que ele envolvia pagamento de dote em contrato civil e cultural em plena Nigéria de meados dos anos 90, evidenciando, assim, um sistema capitalista que permeava também as relações sociais.

Em sequência, a nova vida de Enitan, além da união com Niye, era trabalhar no Ministério da Justiça, um negócio de abertura de sociedades e um emprego de controle de crédito bancário, esse convívio com novas pressões tornou-a muito mais séria e rígida, como ela mesma passou a se definir. Outro aspecto que mudou a vida dela foi a relação com os irmãos e pais de seu marido: “The Francos were one of those Lagos families, descendants of freed slaves from Brazil, who once formed the cream of Lagos society.” (ATTA, 2019, p. 185)<sup>121</sup>.

Essa carga familiar, não demora muito tempo para afetar a relação de Enitan e Niyi: quando brigavam, deixavam de se falar por dias devido à falta de iniciativa dele. A primeira vez que aconteceu, em uma discussão após ele pedir à esposa para que ela demonstrasse respeito diante dos irmãos, a protagonista sente-se afrontada, pois observava que esse respeito das mulheres sobre os homens acabava por carregar todo o fardo da relação em um acúmulo de deveres que se sobrepunham. Nesse sentido, tais reflexões de Enitan sobre a condição da mulher no matrimônio já evidenciavam muito do que ela ainda viria a sofrer até o final do romance.

Assim, o início da trajetória pela maternidade é sofrido e a protagonista tem um primeiro aborto espontâneo. Logo em seguida, uma gravidez fora do útero que colocou sua vida em risco. Após tantas dificuldades, o casal seguia tentando, mas as pressões em torno do papel social da mulher-esposa a atormentavam constantemente: “I asked why They harassed women this way. We were greater than our wombs, greater than the sum of our body parts” (ATTA,

---

<sup>121</sup> Os Franco eram uma família de descendentes de escravos libertos no Brasil, em outros tempos, a fina flor da sociedade de Lagos. (ATTA, 2013, p. 202)

2019, p. 188)<sup>122</sup>. Apesar das inconstâncias Enitan é categórica em afirmar que nunca duvidou de que seria mãe, não sabia quando, mas as muitas tentativas e frustrações descritas já preparam a leitora/o leitor para a aguardada notícia de sua gravidez aos 30 anos.

Infelizmente, foi impossível conciliar a maternidade com o emprego, já que o banco ‘não podia se dar ao luxo’ de ter uma secretária executiva ausente, mas o desejo de ser mãe fez a personagem aceitar o convite do pai, Sunny, para trabalhar como sócia dele, condição que seria mais favorável para manter repouso absoluto, já que ela não podia também ‘se dar ao luxo’ de ficar sem renda.

Dessa maneira, a gestação de Enitan é permeada das transições históricas do país naquele período: o primeiro trimestre de gravidez foi acompanhado das notícias sobre a democracia na Nigéria, que pouco após um ano de transição, em 1994, enfrentava a anulação das eleições gerais e um novo golpe, que acabou com partidos políticos e extinguiu o Senado e a Câmara. Cada vez menos calada, Enitan faz questão de registrar as lutas, movimentos, reivindicações de grupos e associações pró-democráticas e a repressão que enfrentavam do regime militar, ao passo que a população sofria com água contaminada, miséria, medicamentos falsos e fome. A essa altura, ela ainda não sabia que iria enfrentar de perto mais um período de incertezas políticas e sociais à espera de seu bebê.

E mesmo com recomendações médicas, as manifestações públicas de Sunny Taiwo, conclamando uma greve nacional fazem sua filha Enitan sair do repouso para recomendar moderação ao pai diante das possíveis represálias. A discussão levantada entre eles não chega a um consenso, mas há uma passagem interessante de diálogo que põe em xeque a relevância das lutas das mulheres diante do contexto sociocultural do país:

“Now, look at the situation we’re in” he was saying. “Older people afraid to talk, the young ones too busy chasing money. Doesn’t the situation bother the youth at all?”

“It does.”

“Yet none of you are saying anything?”

“We worry about no money, no light. You form your groups and they beat you up and throw tear gas in your face. What can we do?”

---

<sup>122</sup> Eu perguntava por que atormentavam as mulheres assim. Nós éramos muito mais que um ventre, maior que todo nosso corpo em conjunto” (ATTA, 2013, p. 205)

“Women,” he grumbled. “We never hear from them.”  
 “Women? What do you want to hear from women for?”  
 “Where are they? More than half our population.”  
 “We have our own problems.”  
 “Like what? More important than this? People ridiculing our constitution?”  
 I began to count on my fingers. “No husband, bad husband, husband’s girlfriend, husband’s mother. Human rights were never an issue till the rights of men were threatened. There’s nothing in our constitution for kindness at home. And even if the army goes, we still have our men to answer to. So, what is it you want women to say?”  
 “Two separated issues,” he said.  
 “Oh yes,” I said. “Bring on the women when the enemy is the state. Never when the enemy is at home.” (ATTA, 2019, pp. 195-196)<sup>123</sup>

O trecho acima aborda uma questão muito cara na abordagem feminista: o fato de a opressão das mulheres ser secundária à luta de classes ou às lutas políticas. Sobre esse tema, Heleieth Saffioti em seu livro *Gênero, patriarcado e violência*, ao abordar o segundo conceito central da obra, recorre às teorias políticas do contrato social, trazendo Carole Pateman (1993) e suas contribuições para a crítica ao instrumento liberal do contrato nas políticas democráticas:

‘O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres -, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres [...] O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno.’

Integra a ideologia de gênero, especificamente patriarcal, a ideia, defendida por muitos, de que o contrato social é distinto do contrato

---

<sup>123</sup> - Olhe a situação em que nos encontramos – disse ele. Os mais velhos têm medo de falar, os mais jovens estão ocupados demais ganhando dinheiro. Essa situação não incomoda a juventude?

- Incomoda, sim.

- Mas nenhum de vocês fala nada?

- Nós nos preocupamos com a falta de dinheiro, a falta de luz. Quando formamos grupos, eles nos vencem jogando gás lacrimogênio na nossa cara. O que podemos fazer?

- Nunca se ouve falar das mulheres.

- Mulheres? O que quer ouvir sobre elas?

- Onde elas estão? São mais da metade da população.

- Nós temos nossos próprios problemas.

- Que tipo de problemas? Mais importantes que isso? Nossa Constituição sendo ridicularizada? Comecei a enumerar com os dedos meus argumentos.

- Os maridos, maus maridos, namoradas dos maridos, mães dos maridos. Os direitos humanos nunca foram importantes, até os direitos dos homens serem ameaçados. Mas não há nada na nossa Constituição que fale dos direitos em casa. Mesmo que o exército parta, nós ainda temos de responder aos nossos maridos. Então, o que as mulheres têm a dizer?

- São dois assuntos distintos – falou ele

- Ah, sim. Tragam as mulheres quando o inimigo é o Estado. Nunca quando é o próprio marido. (ATTA, 2013, pp. 213-1214)

sexual, restringindo-se este último à esfera privada. Segundo este raciocínio, o *patriarcado* não diz respeito ao mundo público ou, pelo menos, não tem para ele nenhuma relevância. (PATEMAN, 2015, p. 57, apud SAFFIOTI, 1993, p. 17)

É evidente, portanto, que Sunny Taiwo negligencia, mais de uma vez, na representação do patriarca, as aflições, preocupações e opressões de sua filha – e anteriormente de sua esposa, colocando as lutas das mulheres como secundárias para a democracia nigeriana, reproduzindo, justamente, a lógica em questão. Sabe-se, porém, que o patriarcado é estruturante do poder político social, não se tratando de uma relação privada, mas civil, hierárquica, de base material, corporificada e que representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência. (SAFFIOTI, 2015).

Após essa discussão com o pai, Enitan volta para casa e as reflexões sobre a vida das mulheres em Lagos não cessam em sua cabeça. Ademais, esse ponto revela descrições de sua classe social: sobre a realidade e vivência de jovens casais bem pagos, como ela e Niye, que residiam em Sunrise, nos arredores de Ikoyi; sujeitos sobre os quais talvez o mundo da publicidade nem sabia da existência, mas que fundamentavam suas vidas no privilégio do consumo. No entanto, vale ressaltar, as condições invejáveis descritas - das casas que valiam milhões de *naira* - conviviam com o racionamento de água, cortes de eletricidade, violência urbana e doenças como tifo, malária e outros males.

Acima de tudo, era a condição servil das mulheres o que mais incomodava a protagonista nos encontros com amigos e parentes da sua classe social. Sem nunca se calar, ela encorajava os homens a dividirem as tarefas domésticas e, certa vez, foi acusada de feminista, o que a deixou escandalizada a princípio:

Was I? If a Woman sneezed in my country, someone would call her a feminist. I'd never looked up the world before, but was there one word to describe how I felt from one day to the next? And should there be? I'd seen the metamorphosis of women, how age slowed their walks, stilled their expressions, softened their voices, distorted what came out of their mouths. They hid their discontent so that other women wouldn't deprive them of it. By the time they came of age, millions of personalities were channeled into about prototypes: strong and silent, chatterbox and cheerful, weak and kindhearted. All the rest of were known as horrible women. I wanted to tell everyone: "!! Am! Not! Satisfied with these options!" I was ready to tear every notion they had about woman, lobe one of those little dogs with trousers in their teeth. They would not let go until I was heard. Sometimes it felt like I was fighting annihilation.

But surely it was in the interest of self-preservation to fight what felt like annihilation? (ATTA, 2019, p. 200)<sup>124</sup>

Assim, pela primeira vez no romance surge essa palavra: 'feminista' e a narradora demonstra certo desconforto ao tentar se encaixar na definição. Vale lembrar que, a década de 90, sobre a qual o enredo está agora centrado, foi um período de consolidação de ideais feministas gestados desde a década de 70 pelo mundo todo. No caso brasileiro, é entre as décadas de 80 e 90 que as elucidações do feminismo negro nas contribuições de Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, por exemplo, ganham força. Não distante desse contexto, a Nigéria globalizada do mesmo período apropria-se do conceito e das pautas fundamentais, apesar de estar na periferia do capitalismo, como a própria descrição das casas e da sociedade de consumo provou no trecho anterior, é um território imerso no neoliberalismo global que inclui suas próprias contradições e movimento contra ideológicos, como o pensamento feminista.

Logo em seguida, na sequência do romance, as questões da urbanização, das aglomerações, do trânsito e das negociações de mercado são constantes no capítulo final. Esse aspecto distancia o romance de Sefi Atta com o de Paulina Chiziane, analisado anteriormente, pois em *O alegre canto da perdiz* os montes Namuli, o rio Save e a natureza como um todo, são parte da trajetória de Maria das Dores e Serafina. Já em *Everything good will come*, as mudanças da cidade de Lagos, a maior do país, acompanham o reconhecimento da personagem consigo mesma, pois ela 'desbrava' essa cidade em desenvolvimento juntamente com Sheri, com quem também divide suas aflições conjugais. Dessa forma, enquanto em Moçambique testemunha-se a relação

---

<sup>124</sup> Eu era feminista? No meu país bastava a mulher espirrar para ser chamada de feminista. Eu nunca procurei saber o exato significado dessa palavra, mas será que uma só palavra podia descrever como eu me sentia de um dia para o outro? Haveria tal vocábulo? Observava as mudanças no sexo feminino, vi que com a idade elas andavam mais devagar, falavam com mais calma, com voz mais suave, distorciam suas palavras. Escondiam seu descontentamento para que outras mulheres não as privassem disso. Quando ficavam idosas, milhões de personalidades eram canalizadas genericamente para três protótipos: fortes e silenciosas, tagarelas e alegres, fracas e bondosas. As outras todas eram consideradas mulheres horríveis. Eu tinha vontade de dizer a todas: "Não estou satisfeita com essas opções". Estava pronta a destruir qualquer noção que tivessem sobre mulheres, como se fosse um cachorrinho puxando com os dentes as bainhas das calças até serem rasgadas. Não as deixaria em paz enquanto não restasse nada além de retalhos, enquanto não me ouvissem. Às vezes parecia que eu estava resistindo à aniquilação. Mas era interesse da autopreservação combatê-la (ATTA, 2013, pp. 218-219)

entre mãe e filha por uma natureza em transformação; na Nigéria, amigas que se consideravam irmãs, amadureciam aos olhos da sociedade.

Inclusive é Sheri quem ajuda Enitan a cozinhar para a família e amigos próximos – atividade que a protagonista repudiava – no dia que o pai, Sunny, foi preso pelo regime militar do país. Diante desse fato, agora ela precisava assumir o renomado escritório de advocacia, preocupada com a condição de seu pai e à espera de um bebê. E foi logo no primeiro dia de trabalho que ela conheceu outra mulher importante para a trajetória da personagem no romance: a jornalista Grace Ameh, em quem ela confia sumariamente, oferecendo um depoimento sobre o ocorrido, que irá render problemas e soluções para o futuro da protagonista no romance.

Durante esse tempo, as novas atribuições de Enitan, com o trabalho no escritório, fazem-na observar o país com mais criticidade e pagar o salário de seus poucos funcionários com a máxima dignidade possível, como é observado na reflexão a seguir:

It was the principle of “at least” on which people persevered in Lagos: at least they had food in their stomachs, at least they had a roof over their heads, at least they were alive. People said there was no middle class in a country like our, only an elite and the masses. But there was a middle class, and all that separated us was a birthright – a ridiculous name for a right, because there wasn’t a person dead or alive who hadn’t been born at some point. We were a step-down society compared to those by which we would be defined. The Nigerian elite were middle class people. Few had the sort of wealth that would rank them among the world’s elite, and they were usually government or ex-government officials. The middle class, in turn, were working-class people, and the masses were poor. They begged for work and money, served, envied and despised the elite, which actually made the elite feel more special and important (ATTA, 2019, p. 226)<sup>125</sup>

O pensamento da narradora escancara a luta de classes existente no país e ainda relaciona a dimensão global do sistema capitalista, em que alguns países

---

<sup>125</sup> Era o princípio do “pelo menos” do povo de Lagos: pelo menos tinham comida no estômago, pelo menos tinham um teto para morar. Pelo menos estavam vivos. Dizia-se que não havia classe média em um país como o nosso, apenas a elite e o povão. No entanto, existia classe média, separada apenas pelo direito de nascimento, uma expressão ridícula para um direito, pois não havia ninguém vivo ou morto que não tivesse nascido em alguma família. Nossa sociedade estava um passo atrás em comparação com aquelas pelas quais seríamos definidos. A elite nigeriana era formada pela classe média. Poucos, como funcionários do governo ou ex-governo, tinham o tipo de riqueza que elites no resto do mundo tinham. A classe média, por sua vez, era formada pelos trabalhadores, e o povo, por pobres. Pediam emprego e dinheiro, invejavam e desprezavam a elite, o que fazia com que esta se sentisse mais especial e importante. (ATTA, 2013, pp. 246, 247)

determinam o lugar de outros. Essa percepção dialoga com a Teoria Marxista da Dependência (TMD) que, embora seus autores estejam mobilizados, sobretudo para a América Latina, a leitura precisa dos movimentos históricos, a partir da década de 70, abre a discussão do capitalismo dependente em países considerados economicamente subdesenvolvidos. Além disso, entende-se de que maneira, historicamente, esses territórios se fundamentam dentro do amplo sistema capitalista. Sobre essa ideia, as apreciações de Vânia Bambirra, integrante das propostas teóricas iniciais, elucidam um pouco mais a respeito:

É nesse sentido que partimos da conceitualização da categoria de *dependência*, [...]. Tratamos de defini-la e utilizá-la como a categoria analítico-explicativa fundamental da conformação das sociedades latino-americanas e, através dela, procuramos definir o caráter *condicionante concreto* que as relações de dependência entre centro-hegemônico e países periféricos tiveram no sentido de conformar determinados tipos específicos de estruturas econômicas, políticas e sociais atrasadas e dependentes. (BAMBIRRA, 2013, p. 38)

Em síntese, a dependência é a situação em que algumas nações condicionam e submetem sua economia pelo desenvolvimento e expansão de outros países e que essa situação condiciona uma certa estrutura interna definida em função do funcionamento de diferentes economias nacionais. De maneira análoga, o método histórico-estrutural é válido ao destacar que a Nigéria, conforme as observações de Enitan no romance e os processos históricos advindos desde a colonização, também pode ser considerado como local em que a sociedade vive em situação de dependência, sendo parte integrante, portanto, do sistema capitalista global. O desdobramento pode ser exemplificado de maneira explícita quando a personagem diz: “Nossa sociedade estava um passo atrás em comparação com aquelas pelas quais seríamos definidos.” (ATTA, 2013, p. 246); ou seja, essa situação de dependência nigeriana é condicionante para o desenvolvimento da Nigéria.

Em continuidade ao romance, ao passo que os conflitos internos nigerianos eram mantidos por essa simbologia e disputa de poder, havia também o embate étnico entre os povos do norte e do sul, que subsidiavam as classes sociais, incluindo as diferenças entre homens e mulheres, representadas no romance pelas discussões entre Enitan e Niyi. Sobre esse aspecto, um dos diálogos entre o casal, por exemplo, traz à tona a temática da privatização, em



que ele se inclinava para aceitar um emprego privado e ela acusava esse sistema de tirar o que pertencia ao povo. O incômodo da protagonista cresce ainda mais quando ela passa a questionar sobre como poderiam viver confortavelmente em plena ditadura nigeriana.

Enfim, todo o exame de consciência daquele momento, como ela mesma define seus pensamentos, termina com um telefonema de Grace Ameh com notícias de seu pai. Enitan vai à casa da jornalista e conhece, para além da profissional, a esposa, mãe de dois adolescentes e crítica ao regime político do país, considerada subversiva por seus artigos. É interessante notar, do ponto de vista da tessitura da obra ficcional, que a aproximação de Grace com Enitan tira de cena o coprotagonismo de Sheri como melhor amiga, que passa algumas páginas ausente da estrutura narrativa. Doravante, enquanto esperam por mais informações sobre Sunny Taiwo, o ativismo político da protagonista se desenvolve e incomoda progressivamente os mais próximos, na proporção que os leitores podem apreciar as descrições críticas acerca da cidade de Lagos e suas desigualdades sociais latentes:

While people moved slowly, they were not idle. They were skewering meat, pumping tires, hawakig suitcases of fake gold watches. If no one would employ them, they would employ themselves. The State gave them nothing, not even what they paid for. Sometimes they were begging, and sometimes the beggars were children. A girl stood with a tray of coconut slices on one side of the street. Next to her, a boy carried a board: *Please help me. I am hungry*. Billboards told the story of trade: Kodak was keeping Africa smiling, Canon was setting new standards in office copying; Duracell lasted up to six times longer. Redeemed Church, rug cleaners, Alliance Français. A bank, vet services, a nursery of potted plants, *fresh salad sold here*. No pesticides or dyes so cucumbers were small and oranges were yellowish-green. (ATTA, 2019, p. 240)<sup>126</sup>

---

<sup>126</sup> Todos andavam devagar, mas não estavam ociosos. Vendiam carne no espeto, pneus, malas, relógios falsos dourados. Já que ninguém os empregava, trabalhavam para eles mesmos. O Estado não lhes dava nada, nem ao menos o que pagaram pelas mercadorias. Alguns adultos pediam esmola, e algumas crianças também. Uma menina passou pela rua carregando uma bandeja com lascas de coco. Ao seu lado, um menino levava um cartaz dizendo: *por favor, me ajudem. Estou com fome*. Havia cartazes anunciando os produtos: a Kodak mantém a África sorrindo; a Canon cria novos padrões de copiadoras para escritórios; a Duracell dura seis vezes mais que outras pilhas. E placas indicando nomes de igrejas, limpeza de tapetes, Aliança Francesa, bancos, serviços veterinários, viveiros com plantas em pote e *vendem-se saladas frescas* – sem pesticidas nem corantes, por isso os pepinos eram menores e as laranjas tinham um tom verde-amarelado. (ATTA, 2013, p. 262)

Logo de início, no trecho acima, a protagonista atenta-se a um ritmo: “todos andavam devagar”, o que, diante de um sistema monetizado em que “tempo é dinheiro”, o atraso no passo e no desenvolvimento é considerado inferior. Porém, “não estavam ociosos”, revelando como as pessoas buscavam de alguma forma existir, como em um processo de ruptura. Ao fim, as marcas, tanto de propagandas quanto de cicatrizes, estão presentes por toda parte, escancarando a contradição vivenciada pelo povo nigeriano, que servia sorrisos em fotografias falsas e tinha acesso a cada vez menos alimentos, todos desgastados pelas promessas fraudulentas oriundas do sistema capitalista.

É sob esse cenário que Enitan lê o primeiro artigo publicado na *Oracle*, de autoria de Grace Ameh, sobre a prisão de seu pai, em que a declaração dada por ela reverbera na manchete: “meu pai não é um criminoso”. Dessa forma, os acontecimentos políticos e sua primeira aparição pública a distanciam ainda mais dos vínculos familiares já estabelecidos. Sem poder contar com o marido – com quem não trocava palavras desde a última discussão – ela acaricia a barriga e imagina seu bebê, não se sente sozinha, mas o silêncio impera na residência do casal. Essa situação se agrava ainda mais com a chegada do Ramadã<sup>127</sup> e do racionamento de gasolina, que condiciona a protagonista ao isolamento domiciliar.

Entretanto, após um longo período, ela finalmente sai de casa para quebrar o jejum com a família de Sheri. Pela primeira vez no romance, a narradora observa a dinâmica familiar dos Bakare com outros olhos:

I wondered how They could live according to their traditional roles. I had wondered, also, how they could stay together without the man had brought them together in the first place. [...]

Children of polygamous homes, this was their refrain, that civil marriages didn't work anyway. They boasted about their numerous relations, elevated their mothers to sainthood. “Pity your own self,” they would tell me, “we are not unhappy with our family arrangement.” They rarely confessed about domestic battles: who got more money from Daddy, which mummy had more sons, whose children performed better in school. I suspected they were embarrassed by their fathers, who had bigger sex than brains. But how successful were civil marriages meanwhile? Couples bound by legal certificates, confused by romantic love. So and so whose husband had an outside child; so and so who

---

<sup>127</sup> Período identificado no nono mês do calendário islâmico em que muitos muçulmanos praticam o jejum, considerado um dos cinco pilares da religião. Na Nigéria o islamismo está presente desde o século XI e quase metade do país se identifica com seus princípios. Portanto, assim como qualquer região com grande população muçulmana, a dinâmica do Ramadã influencia diversos setores sociais.

slept with her boss, because her husband was sleeping with the subordinate. If this was a country struggling with religious and government structures imposed on us, it was also a country struggling with foreign family structures. (ATTA, 2019, p. 246)<sup>128</sup>

Apesar de não se aprofundar sobre as relações poligâmicas e monogâmicas da sociedade nigeriana, tal como faz Paulina em Moçambique, o excerto acima aponta para a discussão na obra de Sefi Atta sobre os padrões familiares e as opressões das mulheres na esfera doméstica. É possível perceber que a dinâmica monogâmica da sociedade burguesa contratual não soa como evolução ou ruptura das condições de subordinação da mulher, pois não é uma alternativa palpável e continua em conflito com a dinâmica social vigente no país.

O fato é que, a partir desses pensamentos, Enitan parece cada vez mais próxima de si mesma na sua trajetória romanesca, já consciente de que ninguém teria forças para agir por todas as lutas, ela sabe que terá de escolher quais estavam ao seu alcance. Por isso, sentia que a vida precisava de uma guinada e tentou retomar o diálogo com Niyi, sem sucesso; foi quando visitou novamente Grace Ameh. Naquele momento, a protagonista fica atenta a prateleira de livros da jornalista, que guarda nomes como: Ama Ata Aidoo, Alice Walker, Buchi Emecheta, Jamaica Kincaid, Bessie Head, Nadine Gordimer, Toni Morrison<sup>129</sup>. Enitan questiona se a colega escreve ali, rodeada de tais obras, mas a resposta é que: não recentemente, pois a presença das palavras lhe traz muita força na ponta da caneta. Nesse sentido, as referências podem indicar um diálogo literário

---

<sup>128</sup> Eu me perguntava como elas conseguiam viver de acordo com os papéis tradicionais, e como continuavam juntas sem o homem que as havia ligado. [...]

Os filhos de lares polígamos diziam que os casamentos monogâmicos não funcionavam. Gabavam-se de terem numerosos parentes, e consideravam a mãe uma santa. “Tenha pena de si própria, nós não somos infelizes com nossa organização familiar”, eles me diriam. Eles raramente falavam de suas brigas domésticas: quem recebia mais dinheiro do papai, que mãe tinha mais filhos, que filhos tinham melhor desempenho na escola. Eu achava que talvez sentissem vergonha dos pais, que tinham mais colchões que cérebro. Mas os casamentos monogâmicos eram tão bem-sucedidos? Os casais ficavam ligados por certidões legais e confusos com o amor romântico. O marido tinha um filho fora do casamento, a mulher dormia com o chefe porque o marido estava dormindo com a subordinada. Se nosso país lutava contra estruturas religiosas e governamentais, lutava também contra estruturas familiares estrangeiras. (ATTA, 2013, p. 269)

<sup>129</sup> Na ordem em que são citadas as nacionalidades das escritoras: ganesa, estado-unidense, sul-africana, antiga, sul-africana, sul-africana e estado-unidense. Além de mulheres, com a exceção de Nadine Gordimer, todas são negras. As temáticas de suas obras literárias giram em torno da relação das mulheres com as condições materiais e históricas de seus países.

entre as autoras mencionadas e a própria escritora Sefi Atta, que partilham da escrita feminina em territórios africanos ou afro-americanos.

Já no diálogo entre as personagens, em busca de conselhos sobre o pai desaparecido, o constante incômodo com as questões sociais e particulares aproxima ainda mais as duas. Então, antes de convidar a nova amiga para uma palestra de jornalistas em Lagos, Grace Ameh alerta:

She nodded. "Yes, yes, but you have a voice, which is what I always try to tell people. Use your voice to bring about change. Some people in this country, what chance do they have? Born into poverty, hungry from childhood, no formal education. It amazes me that privileged people in Nigeria believe that doing nothing is an option."  
"Don't you think I should at least try to get my father released?"  
"If you stand with orders. But on your own, you are nothing but another victim. [...]" (ATTA, 2019, p. 259)<sup>130</sup>

Fica notório, a partir desse ponto, que a busca de Enitan passa também pela angústia de encontrar Sunny, mas alicerça-se na imanência de lançar voz e ocupar um espaço político diante do capitalismo, do patriarcado e do racismo que a cercam. Ao chegar à palestra, não sabia exatamente o que a aguardava, mas esperava não encontrar os estereótipos de África que ela constantemente vivenciava e repudiava: o continente sem lugar entre Oriente e Ocidente que só poderia ser explicado pelo estrangeiro e salvo pela caridade.

Aos poucos, observa-se que Enitan tinha certo desconhecimento sobre a elite intelectual da Nigéria e tais impressões eram oriundas de seu pouco contato com uma literatura exaustivamente explicativa destinada a um público seduzido pela exotividade, que ela tanto consumiu quando morava na Inglaterra. O evento, com a maioria de homens, como a personagem observa de primeira, surpreende positivamente quando Grace Ameh subiu ao palco como oradora e exclamou: "In this state we're living in," she said, "Where words are so easily expunged,

---

<sup>130</sup> - Sim, sim, mas você tem uma voz, é o que eu sempre tento dizer aos outros. Use sua voz para criar mudanças. Muita gente nesse país não tem chance na vida. Nascem na pobreza, vivem famintas desde a infância, sem qualquer educação formal. O que me espanta é o fato de os privilegiados na Nigéria acreditarem que não fazer nada é uma opção.

- Você não acha que eu devia pelo menos tentar libertar meu pai?

- Só juntando-se aos outros. Sozinha não se pode fazer nada a não ser tornar-se outra vítima [...]" (ATTA, 2013, p. 282)

from our constitution, from publications, public records, the act of writing is activism” (ATTA, 2019, pp. 262, 262)<sup>131</sup>

Pela perspectiva do enredo, a personagem poderia se referir diretamente ao discurso jornalístico, porém, cabe aqui ressaltar a dimensão externa ao romance que a fala dimensiona. Por esse sentido, revela-se a importância do ofício de escritora, que registra, seja em meandros ficcionais ou não, as trajetórias de mulheres e suas lutas no interior de sistemas que as oprimem constantemente. Diante dessa perspectiva, o que as autoras analisadas aqui nesta tese – mas não apenas elas – realizam é também uma forma de ativismo, como uma tentativa de registrar trajetórias contemporâneas das mulheres no continente africano.

Até mesmo a própria Enitan fica deslumbrada durante o evento que Grace Ameh e outros convidados faziam discursos políticos e recitavam poemas, ela anota o dia da próxima palestra para não faltar e segue para estacionamento com o intuito de voltar para casa. Porém, é surpreendida e presa pela polícia que invade o salão, armada de rifles, na busca por Grace como principal alvo. Neste ponto há uma quebra da narrativa e a cena seguinte coloca as duas personagens jogadas em uma cela com outras doze mulheres, um espaço sem ar nem luz suficientes. Durante as próximas páginas do livro, nas poucas horas de prisão, presentificam-se conflitos entre as detentas e um pouco mais sobre a realidade de algumas e suas respectivas condenações ou esperas por julgamento. Enquanto isso, a protagonista tentava entender tudo que havia passado, com medo de sofrer seu segundo aborto diante de um lugar tão inóspito e rodeada de emoções que a faziam assegurar-se sobre as más condições do país, refém de um sistema judiciário amordaçado e preguiçoso.

Assim, foi durante à noite que a carcereira chamou Enitan e Grace e ordenou que voltassem ao salão para buscar os carros, liberando-as sem maiores explicações. A protagonista chega em casa às quatro da manhã, conversa brevemente com Niyi - que demonstra preocupação apenas com o bebê – toma banho e deita-se, pedindo uma nova chance a si mesma e tentando esquecer tudo que passou nas últimas horas – muito semelhante à cena após o

---

<sup>131</sup> - No país em que vivemos, onde as palavras são tão facilmente eliminadas de nossa Constituição, de publicações e registros públicos, o ato de escrever é ativismo. (ATTA, 2013, p. 286)

estupro de Sheri. A protagonista sentia-se enfraquecida após o ocorrido: “But it was one thing to face an African Community and tell them how to treat a woman like a person. It was entirely another to face an African dictatorship and tell them how to treat people like citizens” (ATTA, 2019, p. 283)<sup>132</sup>, e, ainda mais sozinha entre a casa e o escritório: estava anestesiada e prometia a si mesma que não falaria em nome das mulheres de seu país, pois não conhecia todas elas.

Até que, certo tempo depois, tomada pela leitura atônita da certidão de divórcio de seus pais, simbolicamente ela é interrompida pela visita de seu irmão: Debayo. O encontro entre os dois, apesar de pacífico, surpreendeu Enitan com novas informações sobre a vida do próprio pai, que realmente tinha sustentado outra família por muito tempo e feito alegações sobre a sanidade mental da mãe, em uma clara tentativa de deslegitimar os discursos dela contra ele. Ao final do romance, portanto, observa-se que a personagem tenta escapar dos meandros da família em meio às notícias políticas e sociais de uma Nigéria que já encerrava todas as possíveis “torres de marfim”<sup>133</sup> entre golpes, assassinatos e perseguições.

No entanto, existia um desejo eminente de agir para Enitan, que foi mobilizado quando Grace Ameh, após um tempo, retorna e convida-a para ser a porta-voz de um grupo de mulheres com intenções pró-democráticas e que pedia a libertação dos presos políticos, como Sunny Taiwo. Enquanto pensava sobre a proposta, o diálogo entre as duas faz um preciso diagnóstico sobre a situação da Nigéria e do continente africano na dimensão global e sobre a necessidade de lutar por melhores condições de vida:

“It’s Always been about the oil. The control of it. They tell us we can’t get along, ethnic tensions, Africans not ready for democratic rule. We know exactly where we want to go in this country. A few greedy people won’t let us get there”

I thought about Nyie again. “My husband says he can name five men in our country who can pay off our national debt, and a hundred companies overseas who earn a higher turnover than our oil revenues. I think that it will be better when the oil finally dries up. Maybe then we

---

<sup>132</sup> Mas uma coisa era enfrentar uma comunidade africana e dizer como deviam tratar as mulheres como pessoas. Outra coisa, inteiramente diferente, era enfrentar uma ditadura africana e dizer como deviam tratar todos os cidadãos.” (ATTA, 2013, p. 309)

<sup>133</sup> Essa expressão Torre de Marfim é utilizada para a sinopse de orelha de livro na edição brasileira e designa um mundo em que intelectuais e ativistas se envolvem apenas com questionamentos desvinculados das materialidades cotidianas. Quando as torres caem, urge a necessidade de entender as dinâmicas reais de uma sociedade.

can have leaders who will get on with the business of running this country.”

“Maybe. But meanwhile their greed is our problem. Here and the rest of Africa.”

Drought, famine, and disease. There was no greater disaster on our continent than the few who had control over our resources: oil, diamonds, human beings. They would sell anything and anyone to buyers overseas. (ATTA, 2019, p. 298)<sup>134</sup>

É interessante notar, no fragmento acima, a percepção acerca da estrutura de poder exercida pelo capitalismo e suas consequências no território nigeriano e africano, de modo geral. A ideia da globalização, em que o mundo está ligado e conectado, na realidade oculta a antiga relação entre metrópole e colônia, que já na época da narrativa, supostamente, esta condição não existia mais. Tal dinâmica não se importa com o humano ou o cultural, pelo contrário, baseia-se na exploração e na mais-valia, desumanizando, escravizando, extraindo recursos e ocupando terras.

Essa lógica, cabe salientar, não é específica da relação entre países, ou especificamente, sobre a África, mas é algo concernente à própria essência do sistema capitalista, já realizado a exaustão em diversos locais e que continua sendo reproduzido ali, nas Américas, na Ásia e em todos os territórios considerados subdesenvolvidos. Termo este, por sinal, que escancara justamente a face que o capitalismo tenta ocultar e que é a própria essência dele (e não a essência de África), de conseguir o desenvolvimento pelo subdesenvolvimento, criando desigualdade, pobreza e miséria de forma escancarada.

No entanto, a ideologia, como bem exemplifica o trecho, coloca a problemática como exclusiva e inerente dos africanos: “eles dizem que nós não nos entendemos, culpam tensões étnicas, que os africanos não estão prontos

---

<sup>134</sup> - O problema foi sempre o controle do petróleo. Eles dizem que nós não nos entendemos, culpam tensões étnicas, que os africanos não estão prontos para um governo democrático. Nós sabemos exatamente aonde queremos ir neste país. Mas alguns cobiçosos não nos deixam chegar lá.

Pensei de novo em Niyi.

- Meu marido diz que pode citar cinco homens no país que podem pagar nossa dívida interna e uma centena de empresas multinacionais com lucro maior do que nossos ganhos com a produção do petróleo. Acho que será melhor quando o petróleo finalmente secar. Talvez tenhamos líderes para governar a Nigéria.

- Talvez. Mas enquanto isso a cobiça é nosso problema. Aqui e no resto da África.

- Seca, fome e doenças. Não havia desastre maior no continente africano que o controle que alguns exerciam sobre nossos recursos: petróleo, diamante, seres humanos. Eles venderiam qualquer coisa e qualquer um aos compradores estrangeiros. (ATTA, 2013, p. 325)

para um governo democrático”. De fato, as tensões étnicas sempre existiram em todas as sociedades, porém, o capitalismo que se introduziu no continente, mais especificamente desde o século XIX, se apropria dessas tensões para se desenvolver ainda mais e empobrecer essas regiões. Por isso, é preciso ter ciência que a ideia do progresso só existe quando é baseada na desestruturação e subdesenvolvimento de um lugar e de pessoas.

Sobre essa perspectiva da relação entre capitalismo e os conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento, destaca-se aqui a contribuição de André Gunder Frank no artigo “O desenvolvimento do subdesenvolvimento” de 1966, em que se esclarece:

Os países hoje desenvolvidos nunca foram subdesenvolvidos, embora possam ter sido não desenvolvidos. Também é amplamente considerado que o subdesenvolvimento contemporâneo de um país pode ser entendido como o produto ou reflexo exclusivo de suas próprias características ou estrutura econômica, política, social e cultural. Mas a investigação histórica mostra que o subdesenvolvimento contemporâneo é, em grande medida, o produto histórico da economia passada e continuada e de outras relações entre o satélite subdesenvolvido e os países metropolitanos hoje desenvolvidos. Além do mais, estas relações são uma parte essencial da estrutura e desenvolvimento do sistema capitalista em escala global como um todo. (FRANK, 1996)

Dessa forma, a teoria marxista do desenvolvimento de Frank mostra de que maneira a pobreza é uma forma de ser de países em situação de dependência na esfera capitalista. No centro dessa relação centro-periferia esteve a partilha da África entre o fim do século XIX e início do século XX, que culminou numa mudança de sistema econômico vigente, sobre a qual, Walter Rodney explicita no capítulo quatorze: “A economia colonial”, do sétimo volume oriundo da *Coleção História Geral da África: África sob dominação colonial, 1880-1935*:

Por definição, o sistema econômico da colônia era um prolongamento do sistema da potência colonizadora. As economias africanas desde logo foram inteiramente integradas às dos respectivos colonizadores e, depois, às economias das principais nações do mundo capitalista. [...] No entanto, para compreender por que os mecanismos de exploração funcionavam daquela maneira, é necessário analisar as estruturas econômicas da colônia enquanto parte do conjunto da economia capitalista. O colonialismo confinou as colônias africanas ao papel de produtoras de matérias-primas destinadas à exportação, impondo-lhes, conseqüentemente, depender dos países capitalistas



desenvolvidos para quaisquer produtos manufaturados e tecnologia.  
(RODNEY, 2010, p. 394-395)

Portanto, na conjuntura contemporânea sobre a qual o romance se Sefi Atta se propõe a elucidar, os sintomas do subdesenvolvimento são oriundos de todo uma estrutura capitalista global que determina, desde os primórdios da colonização, os papéis definidos pelo sistema. Como consequência, a seca, a fome e as doenças observadas por Enitan são subprodutos do capitalismo para o continente todo e para a periferia global que sustenta esse sistema e categorizam o desenvolvimento do centro-metrópole pelo subdesenvolvimento da periferia-colônia.

Dessa forma, é nítido como os pensamentos da protagonista amadurecem cada vez mais durante o desenvolvimento de sua trajetória. Ainda refletindo se aceitaria a proposta de Grace Ameh, o dilema da narradora, consciente dos aspectos políticos e sociais descritos acima, estava agora envolto na questão de pertencimento de seu país, seu povo e suas origens. Ela se questionava se sua voz realmente importava e era representativa de alguma ideia ou identidade.

Did I? I believed I could live nowhere else. I hoped to be buried nowhere else. Was that enough to say that I loved my country? I barely knew the place. We had thirty-six geographical states, from the triad of North, West, East regions the British created before I was born. My father was from a town in the middle belt of Nigeria; my mother, from the West. They lived in Lagos. I was born here, raised here. Privilege never did blind my eyes, but there were parts of the city I'd never visited, parts I never needed to. Most of my country I had not seen, not even Delta Grace Ameh spoke of. I only spoke one of our languages, Yoruba. There were times I'd felt my hand leprous, bringing out my Nigerian passport, in case an immigration officer mistook me for one of those drug smugglers who were giving us a bad name around the world; other times I'd felt happy to wave a flag for women in my country; African women. Black women. What was the country I loved? The country I would fight for? Should it have borders? (ATTA, 2019, pp. 298-299)<sup>135</sup>

---

<sup>135</sup> E eu amava? Sabia que não podia viver e nem queria ser enterrada em outro lugar. Isso bastaria para dizer que eu amava meu país? Eu mal conhecia a Nigéria. Nós tínhamos 36 estados, a tríade das regiões norte, oeste e leste criada pelos britânicos antes de eu nascer. Meu pai vinha de uma cidade do centro do país, minha mãe do oeste. Foram viver em Lagos, onde eu nasci e fui criada. O privilégio nunca ofuscou meus olhos, mas havia áreas da cidade às quais nunca tinha ido, locais em que nunca precisei ir. Não conhecia grande parte do meu país, nem o delta do Níger ao qual Grace Ameh se referia. Só falava uma de nossas línguas nativas, o iorubá. Às vezes, eu me sentia uma leprosa ao apresentar meu passaporte nigeriano, com medo de que as autoridades da imigração me confundissem com traficantes de drogas que difamavam o país em todo o mundo; outras vezes me sentia feliz de agitar uma bandeira pelas mulheres nigerianas, mulheres africanas. Mulheres negras. Qual era o país que eu amava? O país pelo qual eu lutava? Esse país devia ter fronteiras? (ATTA, 2013, p. 326)

A decisão que Enitan tomou, anteriormente explanada, de não falar mais em nome de mulheres pois não conhecia todas as mulheres da Nigéria, pode, de certa forma, ser retomada neste ponto. Ao pensar sobre as fronteiras e agitar bandeiras, ela reflete sobre o sentido de dar voz ou silenciar-se diante das injustiças ao seu redor, sobre a totalidade das relações sociais e seu lugar no mundo. Nesse sentido, há uma gradação de identidades expostas em que ela se identifica: mulheres nigerianas, mulheres africanas, mulheres negras e, dessa forma, ela percebe a realidade em que se insere, não apenas em uma perspectiva individual, mas totalizante, no sentido do modo como as relações sociais estão postas diante das especificidades históricas e das relações materiais que sustentam uma determinada política identitária (HAIDER, 2019).

Após um tempo de reflexão, a protagonista encontra-se deitada na cama com um braço sobre a barriga e outro por trás da cabeça, simbolizando suas grandes aflições e companhias para o momento: a gravidez e as preocupações sociais. Logo, em uma das últimas cenas do romance, há um encontro familiar na Sexta Feira da Paixão e uma das convidadas foi Sheri, as duas sentaram-se juntas e conversaram bastante, inclusive sobre relacionamentos e as disposições familiares, foi quando Enitan expressa o desejo de que seu bebê também veja a amiga como mãe e Sheri manifesta sua vontade de trabalhar com caridade em Lagos. Então, a refeição segue naquele dia e as reflexões de Enitan são permeadas pelo modo como a atmosfera doméstica refletia as desigualdades externas e sobre o quanto a maioria das mulheres e empregados presentes precisava se esforçar constantemente para existir: “The word strong usually meant that a person was being short-changed emotionally and physically and had to live with it” (ATTA, 2019, p. 307)<sup>136</sup>.

Logo, no dia seguinte ocorre uma das cenas mais impactantes da obra, quando a narradora visita sua mãe e a encontra no chão. Em um momento de angústia, contando imediatamente com a ajuda da vizinha, a Sra Williams e da

---

<sup>136</sup> “A palavra forte referia-se, em geral, a alguém que precisava aceitar o fato de ser desprivilegiado emocional e fisicamente” (ATTA, 2013, p. 336)

filha dela, Shalewa, que, sem entender muito da situação, cantarola a música “*Treat me like a woman*”<sup>137</sup>, Enitan entende que sua mãe já estava sem vida.

Esse momento é simbólico, pois o destino de uma das mulheres mais importantes e silenciadas da narrativa é embalado por uma canção cuja letra alguém clama para ser tratada como uma mulher, o que ganha ainda mais potência ao lembrarmos que, no texto ficcional, é cantada pela voz de uma menina, ainda criança e com um futuro pela frente. Infelizmente, a causa da morte de Arin foi devido aos remédios vencidos que adquiria em razão de serem mais baratos, o que, definitivamente, deixou a filha devastada.

Após esse episódio, a narrativa segue, dessa vez com um acontecimento muito aguardado durante a leitura: o nascimento de Yimika, filha de Enitan e Niyi, em três de agosto. Até a descrição do parto, uma cesariana, é curta e direta, mas necessária para reflexão sobre a violência obstetra: “*After my water broke, I begged to be gutted like a fish*” (ATTA, 2019, p. 318)<sup>138</sup>, pois a cirurgia é comparada ao corte de um animal comumente consumido. Além de ter escolhido Sheri como madrinha, a protagonista rejeita uma tradição iorubá, que era de colocar o nome na criança de “*Yetunde*” que significaria “a volta da mãe”, uma forma de homenagear o falecimento da avó da criança e, sobre isso, ela alega:

Everyone must Walk their own path unencumbered. Hers wouldn't be easy, born in motherland that treated her children like bastards, but it was hers. And I didn't worry that she wasn't born in a more fortunate place, like America, where people are so free they buy stars from the sky and name them after their children. If you own a star from the day you are born, what else is there to wish for? (ATTA, 2019, pp. 318-319)<sup>139</sup>

A reflexão acima, de uma sociedade considerada superior e baseada na liberdade como poder de consumo era o que Enitan menos desejava a sua filha. Após o nascimento de Yimika, a maternidade parece ocupar a vida nos mínimos detalhes, com descrições que passam desde o sono da bebê, pelo detalhe da

---

<sup>137</sup> A canção, conhecida na voz de Lisa Stansfield, cantora britânica, pertence ao álbum *The Memories* da cantora e foi amplamente conhecida durante a década de 90.

<sup>138</sup> “pedi para que abrissem minha barriga como se eu fosse um peixe” (ATTA, 2013, p. 347)

<sup>139</sup> Cada um deve seguir seu próprio caminho livremente. O dela não será fácil, nascida em um país que tratava mal as crianças, mas era seu país. Não tive pena de não ter nascido em um lugar melhor, como os Estados Unidos, onde as pessoas são tão livres que compram estrelas do céu e dão os nomes das estrelas aos filhos. Quem tem uma estrela desde o dia em que nasceu, o que mais pode desejar? (ATTA, 2013, p. 348)

marca de nascença até os momentos de amamentação. Em muitos desses instantes ela conta com a amizade e a ajuda de Sheri e, um dia, recebe a visita inesperada de Grace Ameh, quando a jornalista chega, os olhos de Enitan passam a observar tudo, como se a presença daquela figura a despertasse para outros mundos.

Pela primeira vez, há uma interessante cena em que as três conversam sobre a política nigeriana e o futuro do país e do continente: “I have Faith in Africa, anyway. A continent that can produce a Mandela? I have faith” (ATTA, 2019, pp. 322-323)<sup>140</sup>, o que demonstra uma perspectiva, um futuro e uma esperança, inclusive para a criança que acabara de nascer. Ao fim do primeiro encontro entre as três mulheres centrais para o romance, Enitan afirma que em breve estaria pronta para a campanha a favor da democracia e pela libertação dos presos políticos.

Assim que Grace Ameh se retira do quarto, Sheri questiona se ela estava se juntando à causa e a resposta foi que, aos poucos, sim, mas que ela ainda precisava enfrentar Niyi, com quem sabia que não poderia contar, mas esperava apenas respeito pela decisão tomada. Por fim, o diálogo entre os dois nas páginas seguintes revela a assertividade e segurança desenvolvidas pela protagonista ao longo de sua trajetória:

“I care about my family”, he said. “Only my family.”  
“So did I,” I said. “Once. But that has changed now. I wasn’t worried about my mother. Who are we fooling? The state our country is in affects everyone.”  
He didn’t answer.  
“Are you listening?” I asked.  
“No,” he said.  
“No what?” I asked.  
Yimika began to cry. My milk began to leak into my bra. It seemed to be dripping from my armpits.  
“No, I can’t allow that,” he said. “I am sorry.”  
No one’s “no” was more final than Niyi’s, but I pressed further. I was not looking for a compromise. He had to change his mind. I was desperate enough to force him. From childhood, people had told me I couldn’t do this or that, because no one would marry me and I would never become a mother. Now, I was a mother.  
“I’m not the same,” I said.  
“What?”

---

<sup>140</sup> Eu tenho fé na África, um continente que pode produzir um Mandela. Tenho fé. (ATTA, 2013, p. 352)

“I’m not the same as I used to be. I want you to know.” (ATTA, 2019, pp. 325-326)<sup>141</sup>

Diante da esperada negativa, o pensamento de que “agora ela era mãe” indica, ao mesmo tempo, que ela cumpriu todas as funções esperadas e inculcadas pela sociedade, e que foram essas experiências que a transformaram. Após esse necessário percurso ao longo de todo o romance, aos poucos, ela se liberta, se motiva e se envolve cada vez mais com as causas e as lutas de seu país, com as lutas das mulheres e com a consciência de que a situação da nação afetava a todos e era preciso abraçar causas de alguma forma.

Dessa maneira, ainda na expectativa do que estava por vir, há um corte na narrativa e chega o dia do batizado de Yimika, seguindo todos os rituais iorubás necessários. No entanto, esse foi também o dia da primeira reunião das mulheres envolvidas na campanha; entre dezessete presentes: mães, esposas e irmãs de jornalistas desaparecidos, estava Clara Mukoro, esposa do jornalista Peter Mukoro, também desaparecido e conhecido por sua postura adúltera sobre a qual Enitan, um dia, brigara com o pai.

Sem dúvidas, a protagonista senta-se ao meio da sala e oferece voz a todas as envolvidas e então, ao longo do tempo, o grupo se desenvolve para além da centralidade de Enitan, tramando ações possíveis, se aliando a outros grupos e ganhando força e confiança em meio à ditadura nigeriana. Dessa forma, tornando palavras reais para o grupo, o lema que Enitan sempre dizia era: “If we didn’t try, we would never have known” (ATTA, 2019, p. 330)<sup>142</sup>, em que é

---

<sup>141</sup> - Eu me preocupo com a minha família – disse. – Só com a minha família.

- Eu também era assim. Mas as coisas mudaram. Eu não me preocupava com a minha mãe. Quem estamos tentando enganar? A situação do nosso país afeta a nós todos.

Ele não disse nada.

- Está ouvindo? – perguntei.

- Não.

- Não o quê? – perguntei de novo.

Yimika começou a chorar. Meu leite vazava para o sutiã e escorria debaixo dos braços.

- Não posso permitir isso. Sinto muito.

Nenhum “não” era mais definitivo que o de Niyi, mas eu continuei. Não estava esperando uma concessão. Ele tinha de mudar sua forma de pensar. Estava desesperada o bastante para forçá-lo a isso. Desde a infância as pessoas me diziam que eu não podia fazer isso ou aquilo, que ninguém se casaria comigo e eu nunca seria mãe. Agora eu era mãe

- Eu não sou mais a mesma – disse.

- O quê?

- Não sou mais a mesma. Quero que você saiba disso. (ATTA, 2013, pp. 355-356)

<sup>142</sup> “Se não tentássemos, nunca saberíamos” (ATTA, 2013, p. 360)

possível vislumbrar que, enfim, ela havia se encontrado. No entanto, sua trajetória ainda reserva outros rompimentos:

I was born in the year of my country's independence, and saw how it raged against itself. Freedom was never intended to be sweet. It was a responsibility from the onset, for a people, a person, to fight for, and to hold on to. In my new life, this meant that there were bills to pay alone; memories to rock and lay to rest; regrets to snatch and return; tears, which always did clear my eyes. (ATTA, 2019, p. 330)<sup>143</sup>

De acordo com o fragmento, uma passagem emblemática para o romance, agora ela havia tomado a decisão de lutar por si mesma e pelo seu país, o que a distanciava de Niyi e de sua antiga vida. Ao lado dele, a sensação de se sentir encolhida nunca passava, como se estivessem, os dois, competindo pelo mesmo cilindro de ar, em que o respirar de um, tirava oxigênio do outro. Por outro lado, sentia-se cada vez mais próxima de sua filha e de sua própria mãe; pelas lembranças que tinha, realizava agora a prática de sussurros ao pé do ouvido que vinha de mãe para filha. Sheri, a amiga sempre presente, continua ao seu lado, ajudando com mamadeiras e conselhos preciosos. Essa parece ser a descrição da vida de Enitan, até que, em determinado ponto:

When people speak of turning points in their lives it makes me wonder. I can't think of one moment that made me an advocate for women prisoners in my country. Before this, I had opportunities to take action, only to end up behaving in ways I was accustomed, courting the same old frustrations because I was sure of what I would feel: wronged, helpless, stuck in a day when I was fourteen years old. Here it it: changes came after I made them, each one small. I walked up a stair. Easy. I took off a head tie. Very easy. I packed a suitcase, carried it downstairs, put in my car. When situations became trickier, my tasks became smaller. My husband asked why I was leaving him. "I have to," I replied. Three words; I could say them. "What kind of woman are you?". Not a word. "Wouldn't you have tried to stop me too?" he asked. Probably, but he wouldn't have had to leave me to do what he wanted [...] (ATTA, 2019, p. 332)<sup>144</sup>

---

<sup>143</sup> Eu nasci no ano da independência do meu país, e vi sua luta. A liberdade nunca pretendeu ser doce. Desde o início foi responsabilidade do povo, da pessoa física, lutar pela pátria e aguentar as consequências. Na minha nova vida isso significava pagar as contas sozinha, lembrar dos tempos de ócio, arrepende-me e ter vontade de voltar à vida antiga. Lágrimas sempre enchem meus olhos (ATTA, 2013, p. 360)

<sup>144</sup> Quando se fala em reviravoltas na vida, eu fico pensando. Não me lembro do momento em que decidi ser advogada de prisioneiras no meu país. Antes disso tive oportunidade de agir, mas acabei me comportando como estava habituada, cultivando as mesmas frustrações antigas porque tinha certeza de como me sentiria – injustiçada e desprotegida como me sentia aos 14 anos. As mudanças vieram depois que mudei pequenas coisas. Subir a escada. Fácil. Tirar a faixa do cabelo. Muito fácil. Fazer a mala, levar lá para baixo e colocá-la no carro. Quando as

O desfecho, portanto, é quando a protagonista resolve sair de casa, o que é descrito na narrativa com muita delicadeza e ponderação. Percebe-se, pela caracterização da cena, que seu modo de viver até então, com muita parcimônia e limites em tudo que fazia, estava atrelado à menina do começo do texto, carregada de experiências traumáticas e lições de vida. Logo, quando ela, finalmente, rompe com as expectativas sociais sobre as mulheres, sente-se livre e, assim, consegue se realizar, inclusive profissionalmente, atuando como advogada de prisioneiras, o que mostra o quanto a experiência do encarceramento a marcou profundamente e revelou mais um sentido de luta para ela.

Existiam motivos para permanecer na vida que tinha, mas as motivações para sair eram maiores e respaldavam-se na maternidade: que indicava um futuro para Yimika e um olhar para o passado, na tentativa de se consolar pela vida de Arin. Esse rompimento está ligado à sua trajetória que não é somente individual, mas que perpassa o mundo material em que vive, atravessando frustrações e questões sociais. Desse modo, ela percebe todo um universo e suas contradições com as quais tem de lidar durante o romance: relações de opressão e silenciamento ligadas às mulheres, à Nigéria, à África, ao sistema capitalista, patriarcal, racista e colonial daquele espaço.

Por fim, pouco tempo depois de sua libertação, era hora de seu pai enviar notícias que estava finalmente solto. Em êxtase, ela quer dar a notícia a Sheri e ao seu irmão, com quem falava mais habitualmente nos últimos tempos e que a entendia como ninguém. Então, ela pega o carro no trânsito sempre caótico de Lagos para buscar Sunny e, pela primeira vez, lembra de uma canção em iorubá que dizia: “never dance the *palongo*. It can make you go crazy” e resolve sair do carro e começar a cantar.

---

situações se tornaram complexas, minhas tarefas tornaram-se menores. Meu marido me perguntou por que eu o estava deixando.

- Porque preciso – respondi, com apenas duas palavras.

- Que tipo de mulher você é? – perguntou ele.

Não dei resposta.

- Você não tentaria impedir que eu fosse embora? – perguntou ele.

Provavelmente, mas ele não teria que me deixar para fazer o que queria. [...] (ATTA, 2013, p. 362)

Enquanto os passageiros de uma van acusam-na de loucura e infantilidade, ela só consegue se manifestar “Our men are free”, mesmo que alguns transeuntes entendam: “Our men are too free with women” e desejem: “Nothing good will come to you!”, ela retruca e afirma: “Tell him, *a da* It will be good. Everything good will come to me”. (ATTA, 2019, p. 334)<sup>145</sup>. Assim, a cena final da obra de Sefi Atta enfatiza uma personagem que abandona seu passado e vislumbra um futuro em que possa viver sem amarras e julgamentos, com mais liberdade e alegria.

### **3.3. - O protagonismo de Enitan e as relações de maternidade e amizade como experiências transformadoras**

A partir da análise do romance, destaca-se a figura de Enitan, como uma personagem complexa e que carrega um amadurecimento pessoal e de consciência sobre Lagos e a Nigéria. Durante todo o romance, no entanto, e a experiência da maternidade vai percorrer todo o sentido de trajetória da personagem. Desde sua relação conturbada e desenvolvida com a própria mãe, Arin, até a aguardada gestação e coragem que o nascimento de sua filha Yimika proporciona à protagonista.

Entretanto, também existe muita potência na relação de amizade estabelecida desde a infância com Sheri e na vida adulta com Grace Ameh, mulheres que proporcionam a Enitan ter empatia sobre outras realidades que diferem culturalmente e estruturalmente da dela. Nesse sentido, a maternidade soma-se à amizade e garante uma miríade de experiências contempladas pelas mulheres em suas trajetórias: desde os abusos sexuais e abortos até a colocação profissional e o casamento. Por isso, a importância das relações com outras mulheres, que não são necessariamente de competição entre si ou pela disputa de um homem (como historicamente são retratadas as mulheres em

---

<sup>145</sup> “Nunca dance o *palongo*, pois ele pode te enlouquecer”. “Nossos homens estão livres” “Nossos homens deixam as mulheres livres demais” “Diga a eles, *a da*. Será bom. Tudo de bom vai acontecer comigo” (ATTA, 2013, p. 365)



ficção escrita por homens)<sup>146</sup>, é basilar para o amadurecimento de Enitan ao longo do enredo.

Dessa forma, *Everything good will come* revela, ao final, uma prerrogativa não apenas para o futuro de Enitan, mas para as mulheres e para a Nigéria. Uma percepção que dialoga abertamente com o final do romance de Paulina, em que há a manifestação das mulheres pelo futuro do país. Enitan, assim como Maria das Dores e Delfina, também sentia necessidade de agitar bandeiras pelas mulheres, moçambicanas, nigerianas, africanas, negras. Com efeito, a protagonista finalmente se lança para o encontro de si mesma e das lutas perpetradas contra as opressões e perigos.

Vale ressaltar um aspecto interessante e único do livro na análise comparatista proposta. O fato de que *Everything good will come* apresenta uma narração em primeira pessoa. Por isso, é inevitável que o foco na personagem de Enitan e suas impressões sobre si mesma e sobre a Nigéria seja realmente o foco do romance e que outras personagens ganhem o status de secundárias ou coprotagonistas. No entanto, o tempo todo a trajetória de Enitan é pluralizada e compartilhada, de modo que só é possível conceber um entendimento da obra a partir das relações de amizade e de maternidade discutidas no decorrer dos anos.

Portanto, a leitura da contemporânea Sefi Atta, ao proporcionar as lutas de Enitan, Sheri, Arin e, futuramente, de Yimika não são apenas contra uma sociedade conservadora nigeriana. Pelo contrário, são uma forma de desmascarar a pretensa naturalização das opressões vividas pelas mulheres ao redor do mundo e conectá-las no sentido das percepções sobre as características materiais de vida e as possibilidades de ruptura. De maneira análoga ao que Enitan consegue fazer ao final, o projeto literário da escritora nigeriana também consegue vincular-se a um compromisso histórico de

---

<sup>146</sup> Sobre essa reflexão, há um trecho de *Um teto todo seu* (2014) de Virginia Woolf que elucida essa questão: “Todos os relacionamentos entre mulheres, pensei, repassando rapidamente a esplêndida galeria de mulheres ficcionais, são muito simples. Muita coisa foi deixada de fora, sem ser abordada. E tentei me lembrar de algum caso, no decorrer das minhas leituras, em que duas mulheres tivessem sido representadas como amigas. Há uma tentativa em *Diana of the Crossways*. Elas são confidentes, claro, em Racine e nas tragédias gregas. Aqui e ali são mães e filhas. Mas quase sem exceção elas são mostradas dentro de sua relação com os homens. É estranho pensar que todas as grandes mulheres da ficção tenham sido, até o advento de Jane Austen, não só retratadas pelo outro sexo, mas apenas de acordo com sua relação com o outro sexo.” (WOOLF, 2014, pp. 119-120).

denúncia das profundas contradições vivenciadas pelas mulheres nas sociedades de hoje.

#### Capítulo 4 – *Do not go gentle (Sem gentileza)* de Futhi Ntshingila

*“Mvelo tinha se tornado muito sábia em seus vinte anos de idade, e sabia que, independentemente do que acontecesse em sua vida, teria a força necessária para superar”*

**(NTSHINGILA, 2016, p. 158)**

#### 4.1 - Futhi Ntshingila: a construção de romances comprometidos com negligências históricas da África do Sul

O terceiro romance que compõe a análise literária desta tese é o sul-africano *Do not go gentle* (2014) - tradução brasileira: *Sem gentileza* (2016)<sup>147</sup> – de Futhi Ntshingila, a mais jovem entre as contemporâneas escritoras elencadas, nasce em 1974 na capital da província de KwaZulu-Natal, Pietermaritzburgo. Atualmente, a autora reside em Pretória, tem o jornalismo como profissão, mestrado em Resolução de Conflitos e está em processo de publicação de seu próximo romance *They got to you too*<sup>148</sup>, ainda sem tradução para o português.

Porém, a estreia literária da autora foi com *Shameless*, de 2008, ainda sem uma edição brasileira, é uma narrativa curta sobre a vida de Thandiwe, contada a partir de três vozes femininas distintas: da protagonista, de sua amiga de infância e de uma cineasta que pretende passar a história para um filme. A principal temática do romance é prostituição, visto que Thandiwe não se envergonha desse aspecto de sua vida, justamente por não ter tido outra escolha ao chegar do interior do país ainda tão menina, após uma infância vivida durante os anos oitenta na mesma província onde a autora nasce. O livro, caracterizado por vezes como novela, alterna relatos de vida e memória para compor um retrato da difícil trajetória das mulheres sul-africanas, que passam por violências psicológicas, institucionais e sexuais constantes.

A partir de um tema tão polêmico e importante, Futhi Ntshingila consagra-se como parte de uma recente geração de autoras do país, como a poetisa Ronelda Kamfer e a romancista Lauren Beukes. Os novos nomes do país buscam espaço editorial entre os premiados J. M. Coetzee e Nadine Gordimer, além de Lewis Nkosi e Miriam Tlali entre outros. O fato de Futhi, pertencente à nova geração e ser negra, em oposição aos escritores mais premiados, brancos<sup>149</sup>, leva a uma reflexão sobre a composição populacional oriunda do complexo sistema colonial e de estruturação do país. Nesse sentido, vale ressaltar, de que modo a questão racial perpassa também o ofício da escrita ficcional,

---

<sup>147</sup> Publicada pela editora Dublinense, essa é a primeira tradução do livro fora da África do Sul.

<sup>148</sup> Deve ser lançado ainda em 2021.

<sup>149</sup> Nadine Gordimer e J. M. Coetzee, escritores brancos, receberam o Prêmio Nobel em 1991 e 2003 respectivamente.

relembrando as questões históricas mais pertinentes para a compreensão do cenário.

Primeiramente, por ser uma região estratégica como posto marítimo, desde o século XV, o que hoje se conhece como África do Sul, sempre sofreu com disputas territoriais e de poder: a passagem dos portugueses, o desembarque dos bôeres (holandeses protestantes liderados por Van Riebecck), a chegada dos ingleses em 1815 e os enfrentamentos constantes com os povos xhosas, suazis, zulus entre outros. Portanto, a ideia da segregação racial já estava colocada na África do Sul anteriormente à formação de suas fronteiras e ao episódio conhecido na contemporaneidade como *apartheid*.

Diante disso, é fato que os africâneres – descendentes dos bôeres – apoiavam-se na fé da superioridade racial, institucionalizada em 1858 pela Constituição do Transvaal, e não aceitavam as leis britânicas (BOAHEN, 2010). Além disso, os ingleses dominaram a região do Cabo e entraram em guerra com o povo *zulu*, ao passo que cederam territórios aos *swazi*, *sotho* e *tswana* (respectivamente, formando os países Suazilândia<sup>150</sup>, Lesoto e Botsuana). Uma das consequências dessas relações de poder é que, estando estes espaços sob proteção inglesa, seus povos foram transformados, definitivamente, em sedentários.

Dessa maneira, soma-se aos conflitos que perduraram até o século XVIII, a descoberta de diamantes e ouro na região, o que trouxe ainda mais interesses econômicos e poder bélico europeu na disputa pelas terras dos povos negros. Após a unificação do Estado Sul-Africano, as práticas de racismo permaneceram e enrijeceram, tirando direitos políticos, trabalhistas e sociais de todas as populações não europeias<sup>151</sup>. Certamente, é necessário destacar que, diante de todas as violências impostas, muitas foram as organizações e investidas de grupos negros para reivindicar seus espaços e interesses durante o período,

---

<sup>150</sup> Em 19 de abril de 2018 houve uma mudança de nome e o país passou a se chamar Essuatíni ou Reino de Essuatíni (ou eSwatini em swazi), que significa Reino dos Swazis, uma das poucas monarquias com líder autocrático. De acordo com o rei, Msati III, a mudança do nome é um regresso às origens, já que era o nome do território antes da chegada dos britânicos. (Land, terra em inglês, era um termo muito utilizado para designar os territórios coloniais). Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2018/05/18/suazilandia-muda-oficialmente-nome-do-pais-para-reino-de-eswatini.htm> Acesso em: 17 out 2021.

<sup>151</sup> Um exemplo dessa prática institucionalizada, descrita pela historiadora Leila Leite Hernandez, é a Lei britânica de 1913 que tornava legítima a posse de 95% das terras à minoria branca, enquanto o restante (terras menos férteis e sem jazidas minerais) ficavam para a maioria negra, que estava proibida de expandir para outros locais. (HERNADEZ, 2005,)

mesmo que duramente reprimidos pelas estruturas de poder, se organizavam pelo território e influenciavam todas as partes do país.

Por essa perspectiva, fica evidente o quanto a ideia da nação e a organização política estão atreladas ao sistema econômico-social de poder, legitimado e apoiado pela ideologia racista. Desde a criação do Partido Nacionalista pelos europeus, a idealização do *apartheid* já vigorava e, mesmo independente da Grã-Bretanha após 1947, a República da África do Sul passou a ser dirigida por políticas públicas de exclusão e violência institucional, sobretudo contra populações negras (mas também contra indianos e mestiços).

O que se seguiu durante as décadas de 60 e 70 foram duras repressões, o fortalecimento do regime segregacionista, a prisão de Nelson Mandela e um mundo que se dividia entre repudiar ou aceitar o que acontecia ali. Essa complexa relação procede visto que o movimento Pan-Africano, as independências ao redor do mundo e a divisão econômica proposta pela Guerra Fria impulsionavam mudanças em todo o continente. É durante esse período, também, que cresce a pobreza e a marginalização dos excluídos socialmente, já que nem mesmo as construções precárias nos bairros destinados à população negra conseguiam se manter, derrubadas constantemente por regras que traziam, como consequências, desemprego e desnutrição.

Desse modo, mesmo com mudanças globais significativas, o regime do *apartheid* ainda não retrocedia. Foi somente entre o final da década de 70 e início de 80 é que era desenhado seu fim, acompanhado de violência militar, duras repressões armadas e embargos internacionais, que culminaram na grave crise econômica do país,

Os últimos anos do sistema do Apartheid viram esse modelo de acumulação afundar-se em uma crise cada vez mais profunda, fortemente vinculada à crise social e política do próprio Apartheid. Assim, após o surto de expansão dos anos 1960, a economia sul-africana ingressou em uma crise estrutural entre os anos 1970 e 1980. (...) Após o levante de Soweto, em 1976, houve também um declínio nos índices de investimentos. Dessa forma, durante a década de 1980, três acontecimentos provocaram a recessão da economia, anunciando o fim do Apartheid. Em primeiro lugar, a queda dos preços do ouro, que começou em 1981, reduziu as receitas cambiais e prejudicou a lucratividade das minas de ouro. (...) Em segundo lugar, na medida em que a queda dos preços das matérias-primas provocava impactos graves nas receitas fiscais, as despesas orçamentárias necessárias para manter em funcionamento a máquina do Apartheid e assegurar a sobrevivência do regime tornavam-se exorbitantes. (...) Por fim,

devem-se considerar as sanções financeiras impostas à África do Sul. A crise da dívida de 1985 levou a uma retirada de crédito generalizada. Pouco depois o país foi obrigado a declarar moratória de seu serviço de dívida. Após a crise da dívida de 1985 e o efeito das sanções, a fuga de capitais aumentou, e, em 1989, a recessão estava instalada, só vindo a ter fim em 1993. O alto custo em manter o isolamento econômico em um mundo que se globalizava levou a África do Sul a mudar de rumo. [...] (PEREIRA, 2010, pp. 51-52)

Portanto, diante do fragmento, é perceptível que a questão econômica foi fundamental, tanto para manter quanto encerrar um regime segregacionista no país. Todos os episódios de violência contra a população negra e a crescente movimentação de grupos que lutavam contra as injustiças perpetradas abriram espaço para novas Constituições que atravessavam a crise econômica, política, social e racial. Já insustentável enquanto instituição nacional, a iniciativa de libertar incondicionalmente Nelson Mandela foi um dos fatores que proclamou o fim do *apartheid*. Já a eleição do líder sul-africano em 1994 firmou a reconstrução do país em busca de mais igualdade e democracia entre seus povos, ainda em meio a tantos desafios marcados por uma história permeada de conflitos e violências.

Assim, é diante desse contexto, que as manifestações culturais emergem no país, na tentativa de interpretar e libertar as questões impostas pelo sistema. Durante todo o tempo, poucos foram os espaços de publicação para escritoras e escritores negros e menor ainda era o acesso à educação formal, já que as escolas eram também segregadas e a política institucional legitimava o africâner e o inglês como únicos idiomas a serem ensinados para crianças e adolescentes, em detrimento de todas as outras línguas faladas por tantos povos.

Sobre o tema, hoje em dia, a República Sul-Africana possui onze línguas oficiais, sendo outras tantas faladas pelas mais diversas regiões do país. Entretanto, são as de origem europeia que continuam a predominar os sistemas políticos, educacionais e midiáticos (ADEGBIJA, 1994, *apud* RODRIGUES, 2011). Cabe ainda apontar que, dentre os 40.057 livros publicados entre 1990 e 1998 no país, apenas 4.359 foram escritos em línguas bantu (WEBB, 2005, *apud* RODRIGUES, 2011). Os dados envolvendo literatura revelam de que maneira as identidades linguísticas são pouco representadas em um sistema ainda excludente para pessoas negras e, sobretudo, para mulheres, pois a dominação patriarcal sempre dificultou o acesso delas à escolarização e à cultura letrada.

Portanto, em meio a disparidades tão latentes de seu país, Futhi Ntshingila carrega para sua escrita necessárias trajetórias femininas que perpassam e constituem a história do país e que trazem, para a cena dos romances, a pluralidade linguística, cultural e étnica. A narrativa de *Do not go gentle*, por exemplo, é permeada de trocas entre zulu, xhosa e inglês, idiomas falados pela autora<sup>152</sup> e que disputam espaço como modos de interpretar a realidade vivida. Vale lembrar que, em relação ao tempo histórico, a autora nasce sob o regime segregacionista e cresce em meio a uma abertura de direitos e promulgação da liberdade do povo negro. É inegável, portanto, que a imbricação entre seu percurso enquanto escritora negra, a história de seu país e sua origem vão revelar a importância de sua obra dentro e fora do contexto sul-africano.

Já sobre o enredo desse seu segundo livro, a história ocorre próxima à região natal da autora, na cidade portuária de Durban, banhada pelo Oceano Índico e uma das maiores metrópoles da África do Sul. É nesse contexto geográfico que as protagonistas Zola e Mvelo – além de Nonceba e outras figuras importantes - enfrentam violências diversas que as colocam em situações de enfrentamento com si mesmas e diante da sociedade, da família e do Estado, na constante tentativa de sobrevivência.

Especificamente, as principais personagens são mãe e filha e vivem em uMkhumbane, um bairro pobre com casas de construção precária denominadas como *shacks* (o que seria equivalente ao processo de favelização no Brasil), onde residem, ainda hoje, um significativo número de pessoas sul-africanas. A vivência de ambas naquele local se assemelha, muitas vezes, aos relatos de Carolina Maria de Jesus em seu *Quarto de despejo*, com a constante busca pelo que comer e tentativa de sobreviver. Portanto, são inúmeras as aproximações que o livro proporciona aos leitores brasileiros, o que evidencia o sucesso da autora, que já esteve no país em algumas ocasiões [em 2016, durante o lançamento de seu livro, e mais recentemente em 2019], quando também realizou entrevistas e participou de eventos literários.

É importante salientar, igualmente, que o contexto temporal inscrito no romance *Do not go gentle* é um período que compreende poucas décadas

---

<sup>152</sup> O primeiro é falado por grande parte da população negra na África do Sul, o inglês foi aprendido por ela no processo de escolarização e xhosa, por ser próxima ao zulu e específica da região onde ela nasceu, também é entendido e falado com naturalidade pela escritora.



durante e pós-*apartheid*. Enquanto Mvelo cresce, é possível acompanhar o passado de sua mãe, Zola, e de outras personagens. Porém, na mesma medida que o desenrolar da narrativa se relaciona à história do país, colocando questões políticas e sociais na centralidade dos papéis desempenhados pelas mulheres, as personagens se relacionam entre si no passado e no presente, formando um fio condutor para a leitura do livro.

Por essa perspectiva, a narrativa desenvolve-se de maneira não linear entre vinte e dois capítulos, que oferecem saltos entre gerações familiares e a dimensão histórica do país. Nesse sentido, o romance se aproxima da forma também colocada por Paulina Chiziane em *O alegre canto da perdiz*, em que é possível perceber o deslocamento temporal entre capítulos, à medida que o enredo confere unidade das várias histórias de personagens, entrelaçadas de alguma forma. Logo, os saltos cronológicos unem as pontas aparentemente soltas do enredo e se amarram ao longo da trajetória das mulheres apresentadas pelo viés de uma narração em terceira pessoa. Tal perspectiva, por sua vez, tem papel fundamental na formação subjetiva e política das personagens.

Ainda sobre a forma de narrar, em *Do not go gentle* é nítido o quanto a questão da busca por referências familiares e raízes é fundamental para o entendimento do presente e da condição das personagens no tempo em que vivem. Assim, as camadas narrativas têm como função embasar o avanço da história, fornecendo um suporte para a compreensão das identidades ali colocadas e evidenciando a relação entre gerações e suas perspectivas futuras.

Nesse sentido, outro ponto de aproximação entre o livro de Futhi e o de Paulina é a relação entre mãe e filha que atravessa toda a história. No romance sul-africano, Mvelo é uma adolescente, filha da mãe solo Zolo, que já teve o sonho de ser cantora, recebendo, inclusive, incentivos na igreja e na família, mas, após ser violentada, precisa abandonar os estudos e os sonhos. Infelizmente, repetindo, em muitos aspectos, o destino de tantas meninas, ela fica grávida, aos quatorze anos, após um episódio de abuso sexual, e ainda passa a cuidar da mãe, portadora do vírus do HIV/AIDS, que, repentinamente, para de receber o auxílio do governo, ponto de partida do romance. Apesar dos distanciamentos contextuais de Maria das Dores e Delfina, centrais no romance moçambicano, a maneira pela qual mãe e filha estão conectadas pelas temáticas

do abandono, da maternidade e da relação entre raça, classe e gênero é fundamental para o fluxo literário de ambos os textos literários.

Outro ponto relevante para a compreensão da obra, que se associa à temática, é a escolha da capa: na edição brasileira há a sombra de uma grávida projetada em uma parede de concreto, comportando em seu corpo o título do livro. Este, por sua vez, tem como referência um poema de Dylan Thomas<sup>153</sup>, proferido durante o velório de Zola no decorrer do enredo. Por isso, a combinação da imagem com os dizeres já é impactante desde o início, pois indica não apenas uma maternidade dilacerada, mas, sobretudo sugere uma gravidez fruto de violência que pode estar relacionado a um sistema hostil, totalmente sem gentilezas, com as realidades das mulheres, principalmente negras.

Já ao abrir o livro, encontra-se uma dedicatória da autora: “TO CHILDREN LIVING ON THE FRINGES OF SOCIETY WHOSE DILEMMAS ARE COLOSSAL. YOUR VOICES MATTER.”<sup>154</sup>, grafada exatamente dessa forma. Além de mencionar a infância como forma de mobilizar para o futuro, os dizeres indicam a necessidade de que as histórias das pessoas marginalizadas sejam lidas, ouvidas e conhecidas. É fato que esse ponto de partida está diretamente vinculado à inspiração de Futhi para escrever o livro. Enquanto trabalhava como jornalista, ela visitou um *shack*, nos arredores de Durban, após uma destruição causada por chuvas fortes, enquanto pessoas tentavam reconstruir suas vidas. Ao retornar, não se contentou em escrever uma reportagem de quinhentas palavras e soube que só poderia retratar a realidade testemunhada ali por meio da ficção, com o sentido de converter histórias em narrativas escritas<sup>155</sup>.

Dessa forma, é evidente o compromisso político da autora em assumir uma posição diante do discurso histórico oficial, instituído para silenciar e apagar vozes marginalizadas. Ao contar em *Do not go gentle* a relação ficcional – mas inspirada na realidade - entre Zola, Mvelo, Siphon, Nonceba e demais personagens dos subúrbios de Durban, ela promove uma escrita feminina

---

<sup>153</sup> Dylan Thomas foi um poeta gaulês que viveu entre 1914 e 1953, seu poema “Do not go gentle into that good night” é de 1945.

<sup>154</sup> ÀS CRIANÇAS QUE VIVEM ÀS MARGENS DA SOCIEDADE E QUE PASSAM POR DILEMAS COLÓSSAIS. AS SUAS VOZES IMPORTAM (NTSHINGILA, 2014, p. 05)

<sup>155</sup> Entrevista “ÁFRICA DO SUL: LÍNGUAS, ORALIDADE E LITERATURA feat. Futhi Ntshingila” realizada pela linguista Janaisa Viscardi em 21 de dezembro de 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WVScnOhbAEw> Acesso em 08 ago 2021

comprometida com as trajetórias de vulnerabilidade de meninas e mulheres na África do Sul, vitimadas e violentadas cotidianamente e que não são retratadas em manchetes de jornais ou livros de história, mas que devem ser registradas na literatura comprometida com as relações sociais de seu tempo histórico.

#### **4.2 - Zola e Mvelo: uma leitura sobre mulheres em busca da sobrevivência na África do Sul**

Primeiramente, além de ser construído em poucas páginas (o menor dentre todos os romances analisados), o estilo narrativo é muito direto e, por isso, desde a abertura do livro, logo no primeiro capítulo, é conhecida a situação – já descrita como muito pior - de Mvelo e Zola. Após passar pelo funeral de Siphon, que depois o enredo revela ser um companheiro de Zola, a narração compara o estado de abandono das personagens com a época em que mãe e filha descobriram que seus benefícios sociais haviam sido cortados. Desde o início, portanto, sabemos que Mvelo, de apenas quatorze anos e sonhos interrompidos, já havia suportado situações muito difíceis, enquanto sua mãe enfrentava a condição de ser soropositiva. As descrições sobre as protagonistas, aliás, são marcadas e dolorosas: Zola é caracterizada como um vulto de sua antiga forma, alguém claramente doente, que despertava fofocas entre as pessoas devido a sua aparência. Como consequência, Mvelo está apagada psicologicamente, pois enxerga o mundo em tons cinzentos, opacos e não tem perspectiva de futuro.

Para além dos retratos, já é possível vislumbrar algumas condições sociais e econômicas que constituem as personagens. Assim que a bolsa de auxílio-doença é cortada, Mvelo sabe que não poderá mais frequentar a escola, pois sem dinheiro para pagar a mensalidade, seria expulsa. Dessa forma, é notório que o acesso à escolarização para meninas como ela só pode ser feito mediante pagamento, impossibilitando a continuidade dos estudos. Por outro lado, enquanto a instituição escolar fracassa no acolhimento, a Igreja é o ponto de segurança. Mesmo no momento de maior fraqueza, Zola insiste para que possam ir, mais uma vez, ao espaço e inicia sua reza nada convencional:

[...] She was not strictly conventional in the ways of the church, though. She prayed differently from other people. When things got too much would say: 'Well, what can I say, Mother of God. We, the forgotten one, we scrounge the dumps for morsels to sustain us through the day to silence the grumbles in our stomachs. We are armed with the ARVs to face the unending duel with that tireless, faceless enemy who had left many of us motherless. We, the forgotten ones, know that rubbish day in on Mondays'

'We come out in our numbers on Mondays mornings to scrounge in the black bags that hold a weedy line between life and death for us. We search for scraps to line our intestines, shielding them from the corrosive medicines we have to take, lest we die and leave orphans behind. We dive in with our hands and have no concerns for smells of decay. Maggots explore our warm flesh as we dig into the rubbish to save ourselves, to buy time for our children. We live off the bins of the wealthy. Some of them come to the gate, offering us clean leftovers, while others come out to shoo us away. We are the forgotten ones, shack dwellers at the hem of society; the bane of the suburbs. We move from bin to bin, hopeful for anything to buy us time.' (NTSHINGILA, 2014, pp. 12-13)<sup>156</sup>

O trecho acima mostra o quanto Zola faz uma súplica distante da tradicional ladainha para a 'Virgem Maria' proferida por tantos cristãos. Isso ocorre pois ela não acreditava na linguagem solene e formal, ao contrário, queria ter uma conversa direta com a 'Mãe de Deus', apresentando tudo aquilo que realmente sentia e observava da vida. No fundo, sabia que não eram pessoas 'normais' (ela, sua filha e tantos outros), pois faziam parte dos 'esquecidos', condição repetidamente entoada na prece.

É justamente nesse ponto que a obra de Futhi tanto dialoga com o *Quarto de despejo: diário de uma favelada* da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960. A vivência dos esquecidos, que procuram comida nos restos de lixo das classes mais altas é visível nas duas narrativas. Em um dos trechos de seu relato pessoal, Carolina diz: "Duro é o pão que nós comemos.

---

<sup>156</sup> [...] Quando a situação ficava complicada, ela dizia: "Bom, o que eu posso dizer, Virgem Maria. Nós, os esquecidos, nós reviramos o lixo atrás de migalhas para aguentar o dia e aquietar o ronco no nosso estômago. Nós estamos armados com os antirretrovirais para encarar o incansável inimigo sem rosto que deixou muitos de nós sem as nossas mães. Nós, os esquecidos, sabemos que segunda-feira é dia do lixo.

Nós saímos em peso nas manhãs de segunda para vasculhar os sacos pretos que guardam essa linha frágil entre a vida e a morte para nós. Procuramos por sobras para forrar nossos intestinos e protegê-los dos remédios corrosivos que precisamos tomar para não morrer e deixar órfãos para trás. Avançamos com nossas mãos e não nos preocupamos com o cheiro de podre. As larvas exploram nossa carne morna enquanto cavucamos o lixo para nos salvarmos, para que nossas crianças ganhem tempo. Vivemos das lixeiras dos ricos. Alguns deles vêm até o portão e nos oferecem sobras limpas, enquanto outros vêm para nos enxotar. Nós somos os esquecidos, somos os moradores dos barracos nas margens da sociedade, a desgraça dos subúrbios. Vamos de lixeira em lixeira na esperança de encontrar qualquer coisa que nos dê mais tempo" (NTSHINGILA, 2016, pp. 9-10)

Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado” (JESUS, 2014, p. 41). Desse modo, fica evidente de que maneira a condição das pessoas pobres em grandes centros urbanos, como São Paulo e Durban, se assemelha em tantos aspectos: na luta dolorosa por comida, teto e saúde, enfrentando preconceitos sociais e raciais cotidianos.

Além dessa aproximação entre romance e diário, que pode ser bastante identificada por leitores brasileiros, a situação descrita no romance sul-africano, vivida por Zola e Mvelo, se assemelha ao que Enitan observava de maneira muito crítica e consciente no romance de Sefi Atta. Apesar das condições econômicas das personagens partirem de pontos distintos, quando a nigeriana se indignava com a precariedade das condições sociais de Lagos e refletia sobre as consequências do capitalismo e suas desigualdades, fica perceptível, pelo romance de Futhi, o quanto as mazelas vividas por mãe e filha dentro da realidade sul-africana estão inseridas sob as mesmas perspectivas.

Ademais, outro ponto de contato entre os dois livros é o papel das religiões no que concerne à associação com as personagens. No romance analisado anteriormente, Enitan vivia um conflito muito intenso com sua mãe, pois esta buscava refúgio nas novas igrejas que chegavam à Nigéria e distanciava-se da filha. Zola e Mvelo, no entanto, se aproximam juntas de uma “[...] new church revival tent that was pitched near their shacks” (NTSHINGILA, 2014, p. 14)<sup>157</sup>, com o intuito de que um dos líderes descobrisse o talento de Mvelo para o canto. Assim, rapidamente, mãe e filha começaram a frequentar o espaço, como um momento de alento em meio a tantas dificuldades silenciadas.

Por essa perspectiva, o fato é que, em ambos as histórias, existe a chegada de líderes religiosos e a construção de igrejas e templos pelo continente africano no contexto contemporâneo, realidade que garantem cada vez mais adesão da população local. É importante salientar, sobre esse aspecto, que a chegada do cristianismo já foi alicerçada pelos europeus muitos séculos antes, o que possibilitou o crescimento e expansão de estabelecimentos religiosos a partir do século XX. Porém, foi após o período das independências pelo continente africano que ocorre o florescimento das novas igrejas cristãs, conhecidas como pentecostais. Elas encontram brechas no sistema deixado por

---

<sup>157</sup> “[...] nova igreja itinerante montada perto da favela” (NTSHINGILA, 2016, p. 11)

movimentos religiosos ligados ao colonialismo (católicos, presbiterianos, metodistas, anglicanas, batistas, entre outros), que não atendiam às demandas das populações negras nos locais e, assim, passam a expandir seus templos e fiéis ao coincidir historicamente com a ausência de políticas públicas e a crise econômica vigente dos anos 80 e 90. (FRESTON, 2000).

Primordialmente, no caso específico da África do Sul, o advento das instituições pentecostais e neopentecostais corresponde com o fim do *apartheid*. Naquele momento, a conciliação racial era desejada no país que enfrentava dificuldades sociais e financeiras para superar as barreiras findadas politicamente. Nessa lacuna, igrejas como a brasileira Universal do Reino de Deus ganham espaço entre as camadas mais populares, a partir de 1993, e projetam interesses que vão ao encontro do sistema capitalista vigente ao redor do mundo (CORTEN, 2003).

No entanto, no caso do romance de Futhi Ntshingila, não é possível afirmar qual era o nome da igreja que Zola e Mvelo frequentavam, porém, a referência às cerimônias como “avivamento”, que ambas presenciavam, são típicas do protestantismo, incluindo suas mais novas derivações. Fica evidente, também, no texto literário, o quanto o projeto de expansão e consolidação das novas religiões entre os mais vulneráveis é consolidado, pois mãe e filha são prontamente acolhidas e passam a frequentar a igreja. Dessa forma, Mvelo finalmente pode entoar sua linda voz aos fiéis.

Esse momento de encontro com a fé, vivenciado pelas protagonistas, ainda no primeiro capítulo, é embalado por boas lembranças, fatos ocorridos antes da doença de Zola e da morte de Siphó. Elas recordam o quanto ele costumava comprar *Oreo* para a família em tempos felizes e, logo, Zola gasta seu último dinheiro para comprar um pacote dos famosos biscoitos. Em silêncio, “[...] they ate the brown mush with the cram inside, savouring the sweatness” (NTSHINGILA, 2014, p. 17)<sup>158</sup> e gargalharam com histórias do passado, Mvelo adorou ver sua mãe rir, pois isso já não acontecia mais há tanto tempo.

Sobre esse trecho, vale mencionar o quanto é curioso a forma como a indústria dos alimentos ultraprocessados está presente e é associada aos momentos de prazer para a população em geral. Sobre certo destaque,

---

<sup>158</sup> “[...] comeram a massa marrom recheada de creme branco, saboreando sua doçura” (NTSHINGILA, 2016, p. 14)

mencionada no livro, a marca *Oreo* já possui mais de cem anos no mercado e é produzida pela empresa Mondelēz cuja receita anual é de aproximadamente US\$ 34,3 bilhões, segundo dados da própria empresa, detentora também de outras marcas ao redor do mundo. Além do açúcar refinado como ingrediente principal, uma substância que causa dependência, a disponibilidade, facilidade e preço baixo, faz com que cada vez mais pessoas tenham acesso simplificado a esse tipo de alimento. No entanto, o problema é que, altamente calóricos e pobres em nutrientes, são responsáveis por gerar um novo tipo de desnutrição ao redor do mundo<sup>159</sup>.

Apesar de parecer apenas uma boa lembrança no contexto ficcional, esse tema é diretamente ligado à economia, já que multinacionais do ramo avançam para países em desenvolvimento, substituindo o modo de produção local pelo consumo e venda de alimentos industrializados. Nesse sentido, existem pontos de contato entre a expansão das igrejas e das indústrias alimentícias na sociedade contemporânea, experiências vividas pelas protagonistas logo no início, já que, dentro do sistema capitalista, o mercado consumidor das populações mais pobres, não contempladas pelos projetos desenvolvimentistas e democráticos, encontram respaldo material e emocional em produtos e serviços.

Portanto, é simbólico que um dos raros momentos de prazer e felicidade para Zola e Mvelo está atrelado a comprar um pacote de biscoito recheado. Como as personagens estão à margem da estrutura, determinadas como esquecidas, ao entrar em contato com o consumo ou com o reconhecimento de fazer parte de uma comunidade, no caso da igreja, há a sensação de pertencimento. Mas a rotina dessas mulheres, em meio a tantas dificuldades, teve poucos momentos de alegria, mesmo na busca pela fé, Mvelo não encontrou paz.

Dessa forma, o segundo capítulo inicia-se com uma cena muito cruel e, infelizmente, comum para meninas com a idade da protagonista. No último dia

---

<sup>159</sup> Sobre esse tema, o médico e cientista Llaila O. Afrika cunhou o termo *nutricídio*, especialmente para tratar da população negra ao redor do mundo que possui acesso a uma alimentação pobre em nutrientes imposta pela colonização europeia e que é reforçada pela globalização capitalista das grandes indústrias de alimentos. Dessa forma, segundo o autor, a população negra, dentro e fora da África, é a que mais sofre historicamente, devido a uma dieta pobre em nutrientes e que impacta diretamente nas questões sociais, emocionais e intelectuais dos sujeitos. (AFRIKA, 2013)

do avivamento, o Reverendo Nhlengethwa pediu que Mvelo fosse para uma sala reservada com a desculpa de que iria fortalecer o espírito para o dom do canto, mas o que parecia ser um alívio, tornou-se pesadelo: “[...] the eye, her innocence, was gone. Deflored and destroyed” (NTSHINGILA, 2014, p. 20)<sup>160</sup>. Ao voltar para casa, ela chorou nos braços da mãe, sem forças para contar sobre o ocorrido e com medo de perder ainda mais, pois Zola parecia estar cada dia mais doente. Alguns dias depois, a igreja itinerante foi embora deixando rastros de violência, simbólica e sexual, no bairro onde mãe e filha moravam. Por um tempo, Mvelo ainda escondia sobre o terrível abuso que havia sofrido, pois aquela parecia ser a sina das garotas que ali viviam:

[...] In this forgotten place girls could not play water in their underwear. They had to sleep with one eye open at night. At any point the crude cardboard door could be violently kicked down by night-monsters who, like vampires, were coy to come out into the light. Uncles. One too many of Mvelo’s friends had fallen victim to them. They came and went leaving behind destroyed lives and broken hearts. They played boyfriend to the struggling single mothers who never seemed to learn; playing house and father to someone else’s children bored the uncles. Wolves in sheep’s clothes, they turned to the daughters, causing physical damage and a lifetime of mental scars. [...] (NTSHINGILA, 2014, pp. 23-24)<sup>161</sup>

A realidade descrita no trecho acima aponta para o cenário de um país que enfrenta uma epidemia de estupro e coerção sexual<sup>162</sup> e que encontra ecos em toda parte do mundo. Apesar das dificuldades em quantificar casos justamente pela ausência de denúncia, dados de 2016 da World Health Organization (WHO)<sup>163</sup> revelam que a África do Sul está em quarto lugar no índice de violência sexual contra mulheres e meninas. Entretanto, os números

---

<sup>160</sup> “[...] seu olhar e sua inocência haviam desaparecido. Deflorada e destruída” (NTSHINGILA, 2016, p. 17)

<sup>161</sup> [...] Neste lugar esquecido, as garotas não podiam brincar ao sol, jogando água umas nas outras só com a roupa de baixo. À noite, tinham que dormir com um olho aberto e outro fechado. A qualquer instante, a rudimentar porta de papelão poderia ser derrubada com um pontapé pelos monstros da noite que, como vampiros, temiam a luz do dia.

Tios. Perdia-se a conta das amigas de Mvelo que se tornaram suas vítimas. Eles vieram e foram embora deixando para trás vidas arruinadas e corações partidos. Faziam as vezes de namorados para as mães solteiras que passavam por dificuldades e que nunca aprendiam; brincar de casinha e fazer o papel de pai dos filhos dos outros os entediava. Lobos em pele de cordeiro, voltavam-se às filhas, causando dano físico e uma vida de cicatrizes mentais. [...] (NTSHINGILA, 2016, pp. 19-20)

<sup>162</sup> Cf. JEWKES, Rachel; ABRAHAMS, Naeema. The epidemiology of rape and sexual coercion in South Africa: an overview. **Soc Sci Med.** 2002 Oct;55(7):1231-44. doi: 10.1016/s0277-9536(01)00242-8. PMID: 12365533.

<sup>163</sup> Disponível em: <https://www.who.int/countries/zaf/> Acesso em: 25 ago. 2021.



podem ser ainda maiores quando a violência é praticada por pessoas do convívio social da vítima, já que as elas tendem a não reportar os crimes nesses casos. Não distante da realidade sul-africana, no Brasil, segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, de 2021<sup>164</sup>, a cada hora, quatro meninas menores de treze anos são estupradas. Diante dessa perspectiva, é fato que a violência sexual atinge principalmente a parcela social mais vulnerável e no interior de suas próprias casas, sendo que os agressores geralmente são pais, tios ou pessoas próximas. Infelizmente, meninas com a idade próxima a de Mvelo são mais da metade das vítimas (54% no Brasil), em todos os locais. Vale lembrar que essa situação é agravada ainda mais pela pandemia de covid-19, já que os casos aumentam e o número de denúncias tende a cair.

Em vista desse contexto, é importante destacar a filiação entre a estrutura de classe do capitalismo e o poder exercido pelos agentes da exploração sexual. Nesse sentido, Angela Davis demonstra, mais uma vez, a atualidade de suas reflexões, ao comentar sobre a relação entre estupro e racismo no capítulo onze de sua obra *Mulheres, raça e classe* (2016):

[...] A presente epidemia de estupros ocorre em um momento em que a classe capitalista está furiosamente reafirmando sua autoridade em face de desafios globais e nacionais. Tanto o racismo quanto o sexismo, centrais para a estratégia doméstica de aumentar a exploração econômica, têm recebido um encorajamento sem precedentes. Não é mera coincidência que, à medida que a incidência de casos de estupro tem aumentado, a posição das trabalhadoras tem piorado de modo visível. [...] A proliferação da violência sexual é a face brutal de uma intensificação generalizada do sexismo, que necessariamente acompanha essa agressão econômica.

[...]

Dada a complexidade do contexto social em que o estupro acontece hoje, qualquer tentativa de tratá-lo como um fenômeno isolado está fadada ao fracasso. Uma estratégia eficaz contra o estupro deve ter como objetivo mais do que a erradicação do estupro – ou mesmo do sexismo – por si só. A luta contra o racismo deve ser um tema contínuo do movimento antiestupro, que deve defender não apenas as mulheres de minorias étnicas, mas também as muitas vítimas de manipulação racista das acusações de estupro. As dimensões críticas da violência sexual constituem uma das facetas de mais profunda e contínua crise do capitalismo. Como lado violento do sexismo, a ameaça de estupro persistirá enquanto a opressão generalizada contra as mulheres continuar a ser uma muleta essencial para o capitalismo. [...] (DAVIS, 2016, pp. 202-203)

---

<sup>164</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/10/politica/1568134128\\_017016.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/10/politica/1568134128_017016.html)  
Acesso em: 25 ago. 2021

Pelas razões discriminadas acima, é possível analisar, de maneira sistêmica, a epidemia de estupros ao redor do mundo, um mecanismo importante para a compreensão das violentas opressões vivenciadas pelas mulheres. Em momentos de crise econômica, por exemplo, as primeiras vítimas encontram-se em situações mais vulneráveis na sociedade de classes e raças e sofrem, conseqüentemente, com as demandas do esquema vigente. Então, como mencionado por Davis, as formas de combate aos abusos sexuais devem incidir, de maneira simultânea, no combate ao sexismo, ao capitalismo e ao racismo. Infelizmente, para a protagonista do romance, as falhas estruturais ainda incidem brutalmente contra ela.

É inegável, portanto, que as perspectivas de Mvelo sobre o futuro ficam cada vez mais esvaziadas de sentido. Além de toda a violência sofrida, ela agora enfrenta uma gravidez precoce, indesejada e observa a piora no estado de saúde da mãe, cada dia mais debilitada pelo avanço do HIV/AIDS<sup>165</sup>. Mas Zola, percebendo a gravidez da filha, pede para que ela não faça nada com o bebê e faz um último pedido: para que, quando morresse, não fosse enterrada em caixão e sim enrolada em um lençol e enviada para Deus. Alguns meses ainda se passaram em breves parágrafos do livro: a barriga de Mvelo cresce e Zola não resiste, falecendo de subnutrição e complicações da doença no barraco onde moravam.

Desse modo, nos capítulos seguintes, a jovem precisa lidar com o velório da mãe e os comentários sobre seu pobre destino. É neste ponto que ela conta com a ajuda do zimbabuense Cleanman Ndlovu, um professor refugiado na África do Sul desde o início dos anos noventa, que colabora com a ideia de não enterrar Zola em um caixão. Além do mais, ele recita o poema de Dylan Thomas durante o bonito e conturbado velório da personagem.

Apesar de ser contra as leis municipais<sup>166</sup>, Mvelo e Cleanman tinham o plano de marcar a sepultura de Zola, desenterrá-la e libertá-la no solo naquela mesma noite. Quando foram abordados por policiais, no cemitério, conseguiram

---

<sup>165</sup> A sigla do HIV/AIDS (nome em inglês do vírus e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida respectivamente) será utilizada nesta tese de acordo com o uso corrente em língua portuguesa e que abarca a diferença entre portar o vírus e manifestar a síndrome.

<sup>166</sup> Por questões sanitárias do município de Durban (como em outros locais), foi proibido enterrar corpos diretamente na terra.

convencê-los, em zulu, de que “in true African culture, ‘We really shouldn’t be buried in coffins’ (...) and went on explain that this business of coffins was an extension of capitalism, a money-making scheme” (NTSHINGILA, 2014, p. 35)<sup>167</sup>, e com a ajuda dos oficiais e de pás, conseguiram realizar o último pedido de Zola em poucas horas.

Assim, no dia seguinte, mesmo sendo a última vontade e preocupação de Mvelo, seu bebê nasce após um intenso e doloroso trabalho de parto, como é descrito na passagem abaixo:

[...] Mvelo drifted off to sleep, exhausted, and relieved that the baby was finally out.  
She woke up in a panic thinking about what to do with the baby, because she was determined not to subject her to shack life. Then she remembered her dream from when her mother died, and she was calmed. Everything would work itself out.  
On the day she was told to leave the hospital with the baby, she went to Manor Gardens, to the house without a wall, and she placed Sabekile there at the front door. At least there she knew Sabekile would have a fighting chance. (NTSHINGILA, 2014, p. 37)<sup>168</sup>

O momento do parto é retratado com bastante dor e indiferença, refletindo a ausência de desejo de Mvelo de se tornar mãe. Nesse sentido, a maternidade de Enitan (*Everything good will come*) se distancia da protagonista sul-africana, porque enquanto para a primeira foi um momento planejado e desejado, de virada para sua vida, para a segunda foi repudiado e violento. Inclusive, o próprio nome da filha, Sabekile, foi escolhido por significar “Assustadora”, pois foi no momento que conheceu o medo, quando um homem de Deus se lançou sobre seu corpo, quando ela ficou em estado de choque e a menina foi concebida. Por conseguinte, o instante em que “tudo iria dar certo” é absolutamente oposto para as protagonistas dos romances citados, Enitan, após uma longa espera, encontra na filha a vontade de escapar de suas amarras sociais, por outro lado, Mvelo decide que o melhor para a bebê é deixá-la em frente a uma casa sem

---

<sup>167</sup> [...] na cultura africana legítima, “nós realmente não devemos ser enterrados em caixões’. (...) seguiu, explicando que o negócio de venda de caixões era uma extensão do capitalismo, um esquema para gerar dinheiro” (NTSHINGILA, 2016, p. 31)

<sup>168</sup> [...] Mvelo caiu no sono, exausta e aliviada pelo bebê ter deixado seu corpo.

Acordou em pânico, pensando no que iria fazer com sua filha, pois estava determinada a não sujeitá-la à vida na favela. Então, lembrou-se do sonho que teve quando sua mãe morreu e se acalmou. Tudo iria dar certo.

No dia em que a informaram que deveria partir do hospital com o bebê, Mvelo foi a Manor Gardens e deixou Sabekile na porta da frente de uma casa sem muros. Pelo menos lá ela sabia que Sabekile teria uma chance de vencer. (NTSHINGILA, 2016, p. 33)

muros de um bairro nobre em Durban, pois ao menos ali ela sabia que as fronteiras baixas poderiam salvar a filha de um futuro horrível como o dela.

Diante da comparação entre os romances e, tendo em vista que a temática da maternidade e da relação entre mãe e filha é central também para Delfina e Maria das Dores em *O alegre canto da perdiz*, cabe apontar um breve delineamento sobre esse assunto, tão caro e trabalhado pela perspectiva feminista, visto que essa crítica sempre esteve atenta à questão como determinante para a perspectiva da dominação e do patriarcado.

Em primeira análise, quando Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* contestava o destino biológico e social da mulher e, por consequência, o papel da maternidade como caminho predestinado para todas, questiona-se, definitivamente o papel feminino historicamente restrito ao lugar da reprodução e do cuidado. É perceptível que, nessa função, as mulheres tornam-se ausentes do espaço político e público, constituindo-se como força de trabalho invisível, explorada e não remunerada para a esfera capitalista. No entanto, com o decorrer dos anos e estudos, principalmente a partir da contribuição de feministas negras, entende-se que a libertação da mulher não é simplesmente a quebra do paradigma doméstico. Isso se vale pois, em determinadas esferas, nem todas codificam esse espaço como proteção e porque as relações da sociedade continuam sendo de exploração, racismo e machismo fora da vida privada. Portanto, entender a importância da libertação da mulher passa pela função central da maternidade no desenvolvimento social, mas também pela configuração que a reprodução sexual e de criação da vida é apropriada pelos interesses econômicos.

A partir desse ponto, configurando e afirmando ideologicamente essa experiência (da maternidade) como fundamental e especial para as mulheres, é possível garantir a continuidade da família e dos pressupostos de exploração. Porém, importante salientar que, ser mãe pode ser realmente importante para muitas mulheres, mas a idealização do processo seve apenas à manutenção do patriarcado. Assim, a fusão entre mulher e maternidade coloca uma 'natureza feminina' voltada à dedicação aos filhos e à família. O principal problema em torno desse debate para a sociedade contemporânea é que as fantasias sobre o tema fazem com que a sociedade não lide com as condições reais das mães, com grandes vulnerabilidades sociais e específicas. Por isso, é justamente ao

tratar da maternidade que é possível perceber as maiores desigualdades de gênero, raça e classe na opressão do sexo feminino (BIROLI, 2018).

Dessa maneira, ao falar das mulheres negras, que são justamente as protagonistas dos romances (também as autoras), é possível afirmar que elas sempre compuseram, no contexto capitalista, após uma era industrial e escravagista, os papéis simultâneos de mães e trabalhadoras, muitas vezes deixando de cuidar de seus filhos para prover cuidados para outras famílias (DAVIS, 2016). De fato, é importante destacar o caráter dialético da opressão vivida pelas mulheres na imbricação entre raça, gênero e classe, pois é desse modo que a maternidade compõe papel central na vida das mulheres, sujeitando-as à exploração e manutenção do sistema capitalista sobre seus corpos e sua força de trabalho produtiva e reprodutiva.

Essa realidade descrita pela perspectiva dos estudos feministas é revelada na trajetória das personagens de *O alegre canto da perdiz*, *Everything good will come* e *Do not go gentle*. Em todas as obras, ser mãe é vivenciado e detalhado pelas personagens de maneiras distintas, refletindo questões de classe e de sociedade em cada experiência. Porém, algumas semelhanças são evidentes: a experiência da paternidade é praticamente ausente, muitas gestações são fruto de abuso e violência sexual, a gravidez precoce e a menção polêmica ao aborto – no caso de Zola, que suplica para que Mvelo não faça nada com o bebê e no trauma vivido por Sheri, que realiza um aborto caseiro. Então, diante das experiências romanescas, é notável de que maneira o tema é essencial para a compreensão da relação dessas mulheres com a opressão e exploração vivida por elas.

Por certo, diante do entendimento sobre tal proposição, a vida de Zola e Mvelo configura-se como uma das mais vulneráveis entre todas as protagonistas, considerando a periferia que viviam no grande centro urbano de Durban. Por isso, a angústia no momento do parto da menina de apenas quatorze anos parece ser uma razão suficiente para entender as razões pelas quais ela resolve deixar sua filha recém-nascida no portão de uma casa de classe média. Todavia, para complementar essa visão, a partir do quinto capítulo, é apresentado o passado de Zola e seus percalços na criação solitária da filha. Dessa forma, a situação das duas protagonistas ganha dimensões ainda mais complexas.

Em resumo, durante o período escolar, Zola estudava em um renomado colégio e treinava como corredora, inspirando-se na atleta sul-africana homônima Zola Budd e dedicando-se com afinco ao esporte, mesmo contra a vontade do pai autoritário. Foi no mesmo período que ela se apaixonou pelo colega jogador de futebol, Sporo, e os dois formavam “um par e tanto” (NTSHINGILA, 2016, p. 37).

Não demorou muito para que uma gravidez se confirmasse da relação entre os jovens e, mesmo com o apoio de uma professora e do namorado, Zola sabia que sua vida, aos dezesseis anos, estaria para sempre mudada. A mudança drástica da protagonista ocorre durante a transição entre 1990 e 1991, quando a África do Sul vivia a esperança de novos tempos com as constantes crises do regime segregacionista e a consolidação de um novo modo de vida:

Life in Durba'n Mkhumbane township was buzzing with new hope, and the shebeens were making more money than ever. Patrons were in jovial moods with the promise of imminent riches. Those with lively imaginations spoke of living in mansions with servants, fleets of cars and travels to countries they had only heard of. (NTSHINGILA, 2014, 47)<sup>169</sup>

A atmosfera de promessas financeiras descrita acima, que nada mais é do que a ilusão do sistema capitalista, era compartilhada por clientes assíduos do bar de Skwiza, tia de Zola. Tais indivíduos faziam serviços de jardinagens nas mansões dos bairros abastados e gastavam seus salários com bebidas alcoólicas que inebriavam seus sonhos consumistas. Mas foi sob esse espaço que Zola foi recebida após a trágica morte de Sporo que coincidiu com o nascimento de sua filha e a decepção de seus pais. Então, a protagonista passou a trabalhar e ajudar com tudo o que era necessário e Nomvelo (nome registrado de Mvelo) cresceu em meio ao caos do bar, testemunhando, aos quatro anos de idade, a primeira vez que seu povo foi às urnas para votar e a partida da classe média negra para os subúrbios<sup>170</sup> dos distritos.

---

<sup>169</sup> A vida no distrito de Mkhumbane, em Durban, fervilhava com uma esperança renovada, e os botecos faturavam mais dinheiro do que nunca. Os clientes assíduos estavam em alto-astral com a promessa de iminentes ganhos financeiros. Aqueles que tinham uma imaginação fértil falavam em mansões com empregados, frotas de carro e viagens a países que conheciam apenas de nome (NTSHINGILA, 2016, p. 43)

<sup>170</sup> Na África do Sul, como em outros países, residir nos subúrbios, bairros afastados dos centros com infraestrutura urbana de qualidade e planejada, é um sinal de ascensão social.

Assim, foi durante esse mesmo período que Zola conheceu Sipho, o único homem com quem se relacionou após Sporo. Residente fixo de uMkhumbane, era um advogado, com fama de mulherengo, que frequentava assiduamente o bar de Skwiza e presenteava a pequena Mvelo com frutas e biscoitos *Oreo*, na tentativa de conquistar a mãe dela. Ainda no entrelaçamento histórico com o país, no início de 1995, movida pelas novas perspectivas, os dois finalmente assumiram um relacionamento após a rígida condição de Zola de que teriam de ser monogâmicos. Apesar das questões culturais implícitas que envolvem a poligamia no país, a maior preocupação da jovem era o receio de contrair o vírus mortal do HIV/AIDS e deixar sua filha sozinha.

Por essa razão, não é possível abordar um romance sul-africano contemporâneo, pela perspectiva materialista histórica, sem refletir sobre a problemática do HIV/AIDS e seus reflexos nas questões das mulheres do país, que são amplamente discutidas na obra de Futhi Ntshingila. Em primeira análise, de acordo com os estudos comparatistas de Vieira, Rocha, Head e Casimiro (2014), o país, que apresenta o maior número de infectados pela doença no mundo, vive uma epidemia generalizada de HIV/AIDS com prevalência entre mulheres<sup>171</sup>, expondo, assim, além da desigualdade de gênero, os altos índices de violência contra o sexo feminino e a dominação patriarcal. Soma-se às estatísticas a composição racial e de classe, já que a maioria é negra e pobre, com sinais consideráveis de letalidade entre essas pacientes. Os motivos para danos tão expressivos na saúde dessa população se devem a fatores relacionados a acesso a serviços para tratamento adequado e, portanto, às desigualdades do sistema capitalista vigente.

Como consequência, a prevenção da doença, transmitida principalmente pela relação sexual, encontra entraves em um país onde a poligamia patriarcal é permitida e instituições como Estado, Igreja e Família controlam a sexualidade e o corpo das mulheres de maneira controversa. Nesse sentido, foi somente após o governo de Nelson Mandela que houve uma primeira coleta de dados

---

<sup>171</sup> Há cerca de 5 milhões e 600 mil pessoas com HIV/Aids na África do Sul (dados de 2012 e 2013 mencionados pelo artigo) e, desse total, cerca de 30% são mulheres grávidas ou em atendimento de pré-natal e 15,9% na população entre 15 a 49 anos. (VIEIRA, A. C. S., ROCHA, M. S. G., HEAD, J. F., CASIMIRO, I. M. A. P. "A epidemia de HIV/Aids e a ação do Estado. Diferenças entre Brasil, África do Sul e Moçambique". In: *Rev. Katál.* V. 17 (2), Jul-Dec, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/LMksdzrbtRd6NC5GsGkpg6g/?lang=pt#> Acesso em 29 ago 2021).

sobre a doença e uma tentativa de estender benefícios sociais e de saúde para a população negra (VIEIRA *et al*, 2014). De maneira análoga, foi em meados da década de 90 – quando Zola e Siphó iniciam seu relacionamento – que a epidemia alcançou seu nível mais alto, chegando a infectar cerca de 22,8% da população em 1998 (POSEL, 2006, p. 40). Uma década mais tarde, finalmente uma tímida política pública de garantir antirretrovirais (tratamento mais adequado para o HIV/AIDS) se implantou no país com parcerias privadas e instituições filantrópicas.

Desse modo, o fato é que é a vinculação entre a doença, as mazelas do sistema capitalista e a dominação patriarcal estão intimamente relacionadas. Nesse sentido, é devido à grande circulação de trabalhadores, às relações poligâmicas exclusivas para homens e totalmente desprotegidas, à naturalização da violência sexual e à negligência de políticas estatais para as populações mais vulneráveis, que levaram as mulheres a se tornarem as maiores vítimas do HIV/AIDS na África do Sul e em outros locais, como Moçambique e Brasil (VIEIRA *et al*, 2014).

Para a perspectiva do romance, Zola está estatisticamente predisposta a contrair a doença devido às suas condições materiais; a imposição da monogamia para Siphó era sua única estratégia para se manter imune. E assim, realmente, durante seis anos eles mantiveram um relacionamento de acordo com o princípio, porém, a cultura poligâmica machista, sempre presente, fez com que Siphó assumisse que a condição era complicada demais para ele, pois acreditava que “amar outras mulheres era natural para ele” (NTSHINGILA, 2016, p. 56)<sup>172</sup>.

A partir de então, os fatos acontecem rapidamente na vida do casal, cada vez mais distantes entre si: entre os colegas norte-americanos, ele conhece a advogada Nonceba, de origem *xhosa*, que passa a frequentar a casa e se tornará figura importante na vida de Zola e Mvelo posteriormente. Em seguida, o novo milênio chega com a separação do casal, quando Siphó declara que nutria sentimentos por Nonceba e que eram diferentes do que sentia por Zola:

---

<sup>172</sup> O destaque e releitura do trecho da obra se deve à análise de que essa percepção aparentemente naturalizada da poligamia para os homens se deve à socialização masculina de dominação diante das relações e não é, em hipótese alguma, algo biologicamente ou naturalmente dado em nenhuma cultura.



[...] The love he felt for Zola was the safe kind that most men want. They choose a woman who is not challenging to them so they can have a comfortable and predictable life. They choose someone who will cook and take care of their home and meet their physical needs; who they can provide for, and who will simply admire and love in return. Nonceba, in the other hand had been like a bolt of lightning. With Zola he was balanced because he had control, but with Nonceba he was treading on more dangerous ground. He said it was out of respect for Zola that he did not want to lie to her. (NTSHINGILA, 2014, pp. 62-63)<sup>173</sup>

É nítido, na forma como a narração do fragmento reflete os pensamentos de Siphó, o quanto ele naturalizava o pensamento machista, de estereótipos sobre a mulher, procurando alguém que deveria estar ao lado dele para cumprir papéis socialmente determinados. De maneira categórica, Zola não aceita as novas condições de casamento e, enfim, retorna para o bar de Skwiza, levando Mvelo com ela, uma menina que visualizava naquele homem a única figura masculina de sua vida até então.

A partir desse ponto, a narrativa novamente estabelece outro foco e fluxo temporal para que se possa conhecer um pouco mais sobre Nonceba: alguém que nasce em uma cela de John Vorster Square devido à prisão de sua mãe, Zimkitha Hlathi, uma mulher de espírito livre e contestador. Além disso, a descrição sobre a aparência física da personagem concentra-se na comparação com guerreiras do mundo, como Ya Asantewa, Sojourner Truth, Nongqawuze, Ellen Khuzwayo, Lilian Ngoyi<sup>174</sup> entre outras. Não obstante, a grande aflição de

---

<sup>173</sup> [...] O amor que sentia por Zola era do tipo que dava segurança a ele, o amor que a maioria dos homens deseja. Escolhem uma mulher que não os desafie para que possam ter uma vida confortável e previsível. Escolhem alguém para cozinhar, cuidar do lar e satisfazer suas necessidades físicas; alguém que os aceite como provedores e que irá simplesmente lhes retribuir com amor e admiração.

Nonceba, por outro lado, foi como um relâmpago na vida de Siphó. Com Zola, ele era um homem equilibrado porque estava no comando. Com Nonceba, no entanto, caminhava em um terreno mais perigoso. Disse que não quis contar mentiras a Zola por respeitá-la. (NTSHINGILA, 2016, pp. 58-59)

<sup>174</sup> Em ordem das mulheres citadas: a rainha Ashanti, Ya Asantewa, ficou conhecida pela guerra do "Trono de Ouro" em Gana, viveu entre 1840 e 1921. Sojourner Truth foi uma abolicionista norte-americana que proferiu um célebre discurso *Ain't I a Woman?*, viveu entre 1797 e 1883 nos Estados Unidos. Já Nongqawuze, nascida na África do Sul em 1841, tornou-se conhecida pelas suas profecias e visões entre o povo Xhosa de que os britânicos em breve seriam expulsos daquelas terras. Mais recentemente, Ellen Khuzwayo foi política, professora e ativista dos direitos das mulheres na África do Sul, falecida em 2006 e Lilian Ngoyi foi militante durante o regime do *apartheid* e ajudou a fundar a Federação sul-africana de mulheres em meados dos anos cinquenta.

Nonceba era sua necessidade de ser reconhecida como advogada para além de sua aparência.<sup>175</sup>

Então, enquanto Siphó tentava construir uma nova vida com aquela mulher que despertava os mais curiosos olhares, Zola e Mvelo, com ajuda de clientes do bar, mudam-se para um barraco na nova favela que começava a se formar no distrito. Entretanto, a nova vida era muito difícil: “It was hard for them, especially When it rained. Water would come through the cracks in the walls. Nature was cruel. It felt as if God was spitting on them. (NTSHINGILA, 2014, p. 67)<sup>176</sup>. Dessa forma, o foco passou a ser a garantia da sobrevivência: Zola procurava trabalho e vendia roupas usadas na cidade, enquanto ficava atenta todas as noites com barulhos de vizinhos, brigas na rua e incêndios na favela. Certa vez, uma tragédia abalou profundamente a vida de todos naquele local:

In one of those fires a young boy died. He was asleep when it started. By the time his mother ran from the shebeen to their shack it was too late.

It was clear from that woman’s gut wrenching screams of agony that somewhere would have bad luck for life. They had to pin her down to stop her from lunging into the flames. It was a pathetic sight, her dress flying up and her bloomers with big holes on display as she fought off those who were stopping her from getting to her son.

Newshounds were right on cue with cameras, notepads and the same tired questions for the mother in pain. “How do you feel about your son dying in a burning shack?”

“My son just burnt into charcoal, how the fuck do you think I am felling?” the grieving woman screamed, hailing insults at the cowering journalists. The next day, newspaper headlines were asking who was responsible for this structural violence. (NTSHINGILA, 2014, pp. 68-69)<sup>177</sup>

---

<sup>175</sup> Nesse aspecto, é possível visualizar semelhanças com a caracterização da personagem Enitan de *Everything good will come* já que as duas compartilham a mesma profissão e enfrentam resistência para atuarem com seriedade devido ao machismo inerente da sociedade em que vivem.

<sup>176</sup> Passavam por momentos difíceis, principalmente quando chovia. A água entrava pelas rachaduras nas paredes. A natureza era cruel. Zola sentia-se como se Deus estivesse cuspidando nela e em sua filha. (NTSHINGILA, 2016, p. 63)

<sup>177</sup> Em um dos incêndios, um menino morreu. Estava dormindo quando o fogo se alastrou. Quando sua mãe foi correndo do bar para o barraco, era tarde demais.

Era óbvio pelos estrondosos gritos de agonia da mulher que alguém, em algum lugar, teve azar na vida. Tiveram que imobilizá-la para impedi-la de se atirar nas chamas. Foi uma cena comovente. Seu vestido voava, revelando calças com grandes buracos à mostra, enquanto lutava contra aqueles que a impediam de chegar ao filho.

Os jornalistas já estavam a espreita com câmeras, blocos de anotações e as mesmas velhas perguntas de sempre para a mãe em sofrimento: “Como você se sente com a morte de seu filho no incêndio?”

“Meu filho morreu queimado até virar carvão, como? você acha que estou me sentindo, porra?”, gritou a mulher aflita, despejando insultos aos jornalistas acovardados. No dia seguinte, as manchetes do jornal perguntavam quem deveria ser responsabilizado por essa violência estrutural. [...] (NTSHINGILA, 2016, pp. 64-65)

O excerto mostra, com maestria, o sofrimento materno diante da perda de um filho em um incêndio e a desumanização dos moradores que vivenciavam a tragédia. O ocorrido reflete a espetacularização da favela e da pobreza feita pela mídia para o mundo, conceito já delineado pela perspectiva marxista por Guy Debord, em sua obra *A sociedade do espetáculo* (1997). A ideia do autor parte do conceito sobre o fetiche da mercadoria para a sociedade do final da década de 60, quando o modo capitalista transforma o espetáculo em mais uma forma de dominação, trazendo as desigualdades sociais em produtos midiáticos para o consumo. Dessa maneira, o apelo emocional e o sensacionalismo são o cerne das imagens, corroborando com o entendimento de que a realidade não precisa ser questionada, apenas lamentada.

Nesse sentido, o trecho do romance *Do not go gentle* selecionado acima, reflete justamente de que forma a mídia se apropria da trágica história da pobreza, desqualificando o sofrimento ou a condição dos sujeitos sociais que vivem nessas condições. Porém, além de propor um debate e denunciar o aspecto da espetacularização, a obra contemporânea de Futhi Ntshingila, enfim, pode dar voz às populações mais vulneráveis, personagens que nem sempre foram protagonistas nas literaturas e que eram tratadas apenas como multidões.

Sobre essa temática, os escritos de Walter Benjamin apontam para uma análise literária centrada na representação dos mais pobres, pela perspectiva do materialismo histórico-dialético, com o intuito de “*escovar a história a contrapelo*”, para reescrevê-la pela perspectiva das classes dominadas. Para o crítico alemão, a narrativa não tem a pretensão de transmitir informações, mas sim de promover experiências e interpretações e, quando a modernidade passa a substituir a forma narrativa pelo empobrecimento da informação jornalística, acaba por validar a alienação da sociedade burguesa capitalista, que não compreende a relação entre a pobreza, por exemplo, e a acumulação do capital (BENJAMIN, 1989).

E é especificamente entre a multidão da favela, nos arredores de Durban, que Zola e Mvelo passam a contar suas histórias a partir desse ponto do livro. Após uma tentativa de reaproximação de Siphó, que deixa alguns *rands*<sup>178</sup> para

---

<sup>178</sup> Moeda vigente na África do sul desde 1961.

se livrar da culpa pelo abandono, finalmente Zola permite que a filha visite a única figura paterna que conheceu. Assim, quando Mvelo, já adaptada ao novo ambiente hostil, passa a rever Siphó e Nonceba, esta, engajada em auxiliar na educação da pré-adolescente, descobre outra grande interferência da espetacularização da pobreza nas favelas e decide intervir:

A researcher from England came to do a study on the shacks and was surprised to discover the confidence levels of children there were higher than many of those living in proper houses. The children liked him because he gave them sweets and cakes, but Nonceba spoiled it for them when she chased him away.

[...]

When the researcher's study began to make the rounds in the papers and on the radio stations, Nonceba thought it was time. His conclusions seemed to suggest that the shacks were not so bad; the children were happy and coping with the situation. Never mind the casualties of fire from paraffin stoves because there was no electricity. No mention of the lack of space or privacy that exposed young children to adult sexual activities. [...] (NTSHINGILA, 2014, pp. 71-72)<sup>179</sup>

Nesse momento, em que um pesquisador europeu promove uma investigação enviesada sobre autoconfiança nas crianças daquele espaço, observa-se de que forma o discurso científico vai ao encontro do midiático, no sentido de legitimar as informações prestadas e garantir a manutenção do sistema.

Partindo dessa premissa, essa é uma maneira muito eficaz de manter pessoas pobres onde elas estão e promover a continuidade do espetáculo da pobreza carregado, ainda, de um verniz alegre e romântico para quem vive ali. Por isso, a figura de Nonceba se torna tão importante para o romance, pois ela interfere na criação de Mvelo e defende, não só a menina, mas muitas crianças ao redor, de alguns eventos traumáticos e determinantes para suas vidas.

---

<sup>179</sup> Um pesquisador da Inglaterra veio fazer um estudo na favela e ficou surpreso de ver que os níveis de autoconfiança daquelas crianças eram maiores que o de muitas das que moravam em casas de verdade. As crianças gostavam dele porque ele as presenteava com doces e bolinhos, mas Nonceba cortava o barato delas ao enxotá-lo.

[...]

Quando o estudo do pesquisador começou a circular nos jornais e nas estações de rádio, Nonceba achou que era hora de agir. As conclusões dele pareciam sugerir que a favela não era tão ruim assim; as crianças eram felizes e lidavam bem com a situação.

Pouco importavam as mortes nos incêndios causados por fogões de querosene, já que não havia eletricidade. Sem falar na falta de espaço ou privacidade, que deixava as crianças expostas aos atos sexuais dos adultos. [...] (NTSHINGILA, 2016, pp. 67-68)

Sobre essa personagem emblemática, o fato de Nonceba falar em sua língua materna, usar roupas africanas (ela não comprava em lojas de departamento), lenços na cabeça e usar um sobrenome *xhosa*, mesmo tendo vivido nos Estados Unidos muito tempo, afrontava muitos colegas ao redor que valorizavam o inglês e a ocidentalização de marcas e nomes próprios. Essas mesmas intenções corroboraram com as ideias de Zola sobre a educação de sua filha. Ambas queriam, contrariando a intenção e Siphon, que Mvelo continuasse a estudar em uma escola do distrito, pois ali ela não teria influência de um discurso ainda colonial e de uma prática continuamente segregacionista.

'I am saying, why do you have so much faith in the private and Model C schools? Black middle-class parents like you should put their energies into the public schools, your own old schools here at home, not in town. O mean, why pay thousands of rands for fees, transport, endless field trips and even salaries for private tutors when you can fix a school here and let the children learn for twelve years having paid less than two thousand rands per year?

[...]

All these educated people shouldn't be putting their faith in private school just because they're in town. Their resources should be invested here. We won't have class issue then; this new racism where certain blacks are called Boss and Madam. The apartheid that the masses fought against, we are now doing it to ourselves. [...]' (NTSHINGILA, 2014, pp. 77-78)<sup>180</sup>

A reflexão promovida acima, por Nonceba, de que práticas segregacionistas e racistas perduravam em um contexto pós-*apartheid* na África do Sul, expõe a percepção de que as mudanças no país não poderiam concentrar-se apenas na reforma por direitos civis, já que a questão era muito mais complexa, mesmo tratando-se de algo tão particular, como a escola onde Mvelo deveria estudar. Sobre essa percepção, Angela Davis, em um discurso apresentado na *International Conference on Children, Repression and the Law*

---

<sup>180</sup> "O que eu quero é saber por que você leva tanta fé nas escolas particulares e nas escolas Modelo C? Os pais da classe média negra como você tinham que voltar os esforços para as escolas públicas, as mesmas escolas que vocês frequentaram aqui, não na cidade. Por que gastar milhares de rands em mensalidades, transporte, excursões intermináveis e até no salário de professores particulares quando se pode arrumar uma escola aqui e deixar as crianças aprendendo durante doze anos, gastando menos de dois mil rands por ano?

[...]

Toda essa gente instruída não deveria estar apostando as fichas nas escolas particulares só por serem chiques e morarem na cidade. Seus recursos deveriam ser investidos aqui. Não vamos ter um problema de classe aqui, esse novo racismo onde alguns negros são chamados de chefe e de madame. O apartheid contra o qual a massa lutou, e que agora está sendo repetido por ela mesma. [...]" (NTSHINGILA, 2016, pp. 73-74)

*in Apartheid South Africa* em Harate no Zimbabue em 27 de setembro de 1987, já salientava o aspecto de luta contra o apartheid: concentrada no combate pela emancipação nacional e contra o poder econômico e político das elites brancas.

Além da soltura de Nelson Mandela e do futuro das crianças sul-africanas, ela também afirmava a necessidade de libertação de todas as relações econômicas do país. (DAVIS, 2017). Por isso, apesar do fim institucional da política segregacionista, existe a continuidade de um sistema de dominação e segregação, aliado ao capitalismo, que encontra brechas nas questões de classe, raça e gênero ali existentes.

Outro exemplo e impasse na vida de Mvelo – e com raízes na dominação – eram os testes de virgindade que ela participava a cada três meses por recomendação da mãe, cujo intuito era uma aparente proteção contra os constantes abusos sexuais da região. É sabido, desde o início do romance, que isso não evitará uma tragédia na vida da menina, porém, é importante apontar de que forma o momento dos testes era repleto de situações execráveis de violências contra as mulheres:

Mvelo went to the virginity testing grounds with clarity in her mind [...]. She discovered that there were good testers, who were concerned about rampant child abuse and saw testing as the traditional way of solving the problem, but others were drunk power and the media attention they were getting. Foreign correspondents and rich perverts flocked in with cameras for a flesh circus of unspoilt girls spreading their legs.

Genuine news people were careful not to impose, while the drooling voyeurs used long lenses to focus right on target, just like they do during *Umkhosi Wohlanga*, the reed dance, where cantily-clad young Zulu maidens present reeds to the Zulu King.

For testing, the old women would line the girls up early in the morning, usually near a river. They would lie down in a row, each with a checker, and open their legs. [...] They got written certificates and were marked with a dot on their foreheads to indicate that they were still pure. (NTSHINGILA, 2014, pp. 80-81)<sup>181</sup>

---

<sup>181</sup> Mvelo foi às sessões de teste de virgindade com clareza de pensamento. [...] Descobriu que havia boas testadoras, que estavam preocupadas com o abuso infantil disseminado e que enxergavam os testes como forma tradicional de resolver o problema. Outras, no entanto, estavam embriagadas com o poder e a atenção que recebiam da mídia. Correspondentes estrangeiros e tarados endinheirados amontoavam-se com câmeras para um circo carnal repleto de garotas imaculadas abrindo as pernas.

Jornalistas genuínos tomavam cuidado para não tirar vantagem, enquanto os voyeurs, babando, utilizavam lentes de longo alcance para focalizar o alvo com precisão, assim como fazem durante *Umkhosi Wohlanga*, dança dos juncos, onde jovens princesas Zulus seminuas presenteiam juncos ao rei Zulu.

She felt sorry for the girls who had lost their virginity but had to attend the testing for fear of their parents. They sometimes found ways to fool the testers, using a piece of raw liver well-placed to make it look as if the hymen was still intact. Some used the chalk from the school blackboard. It was a sad affair because they developed diseases. Testers caught on to the trend and the girls were humiliated in front of crowds of spectators. Then there were those predators who hunted virgins because a rumour circulated that if an HIV-positive man slept with a virgin he would be cured.

A sexual genocide of children and women began through rape by desperate men. Girls were getting raped left, right and centre. Before Mvelo got home, she learnt ways of protecting herself, wiping the white dot from the forehead. She didn't need outside proof to be proud of herself.

[...]

Most girls in the shacks were damaged from rape. These young girls had trouble on their shoulders. How could they tell their mothers that it was people they trusted, family members, friends of the family and their 'uncles', their 'mother's lovers', who were molesting them?

Mvelo began to resent the whole affair of testing because they weren't questioning why the girls were 'damaged', except when the girl was very young. The rape epidemic was so rampant that some mothers brought in extremely young children as a safety measure against abuse. The 'uncles' avoided children that were being tested. They did not want to risk being discovered.

When Mvelo stopped going for the testes, her peers thought she must have been damaged. Why else would she stop going? But she was determined not to let the gossip upset her. (NTSHINGILA, 2016, pp. 81-82)<sup>182</sup>

---

Para o teste, mulheres idosas formavam filas com as garotas de manhã cedo, normalmente perto de um rio. Elas deitavam-se em fila, cada uma acompanhada de uma examinadora, e abriam as pernas. [...] Elas recebiam certificados por escrito e eram marcadas com um ponto em suas testas, indicando que ainda eram puras. (NTSHINGILA, 2016, pp. 76-77)

<sup>182</sup> Sentiu pena das garotas que haviam perdido a virgindade, mas que tiveram que participar dos testes por temerem seus pais. Às vezes, achavam formas de enganar as testadoras, usando um pedaço de fígado cru bem posicionado para dar a impressão de um hímen ainda intacto. Algumas usavam o giz do quadro negro da escola. Era um caso triste, pois pegavam doenças. As verificadoras acabaram descobrindo a prática, e as garotas eram humilhadas em frente a uma multidão de espectadores. Então, havia os predadores que caçavam as virgens, pois circulavam boatos de que um homem soropositivo ficaria curado se dormisse com uma delas.

Um genocídio de meninas e mulheres iniciou-se com o estupro que homens desesperados perpetravam. As garotas eram estupradas por toda parte. Antes de Mvelo chegar em casa, aprendeu formas de se proteger, removendo o ponto branco de sua testa. Não precisava de uma prova exterior para ter orgulho de si.

[...]

A maioria das garotas na favela foram arruinadas pelo estupro. Essas garotas carregavam um fardo sobre os ombros. Como poderiam dizer às suas mães que as pessoas em quem confiavam, os parentes, os amigos da família e os seus "tios", amantes de suas mães, eram quem as molestava?

Mvelo começou a se ressentir dos testes, pois não se importavam em saber o porquê das garotas estarem "arruinadas", a não ser quando eram muito jovens. A epidemia de estupro era tão disseminada que certas mães traziam crianças extremamente jovens como medida de precaução contra o abuso. Os "tios" evitavam crianças que eram testadas. Não queriam correr o risco de serem descobertos.

Quando Mvelo parou de ir aos testes, colegas acharam que ela havia sido arruinada. Por que pararia de ir agora? Mas ela estava determinada a não deixar a fofoca incomodá-la. (NTSHINGILA, 2016, pp. 77-78)

Os fragmentos selecionados remontam a um período em que o 'ritual da virgindade' era realizado entre o povo zulu para comprovar que meninas ainda não tinham se relacionado sexualmente antes de se casarem (MASUKU, 2005), enquanto os atuais testes de virgindade ainda são uma prática em diversas regiões do país. Apesar de algumas famílias ainda incentivarem jovens meninas como motivo de orgulho, dignidade e autoestima, a exposição das meninas aos testes, como vislumbrado no trecho acima, e a crença local de que poderia existir uma cura para o HIV/AIDS após um homem ter relações sexuais com uma virgem, colocam em risco a vida de tantas mulheres.

Dessa forma, sendo a província de Kwazulu-Natal, onde se passa a história, a que concentra o maior número de contaminados pela doença (POSEL, 2006), a prática do estupro torna-se mais do que um agravante, somando-se, de maneira epidêmica, às violências perpetradas contra as mulheres, que incluem as humilhações públicas, os riscos à inúmeras doenças e as avaliações constantes sobre caráter, moral e costumes, como bem descritos na narração do romance.

Fica evidente, portanto, de que forma as tradições, mesmo alterando-se com a dinâmica capitalista, permanecem estruturadas na objetificação da sexualidade feminina e intensificam, assim, a dominação patriarcal. Da mesma forma que Mvelo tem de se submeter aos testes para provar sua honra e, falsamente, se proteger de abusos, Maria das Dores foi outra personagem das literaturas africanas contemporâneas que teve sua virgindade colocada em xeque, sendo vendida e violentada por esse valor. Porém, as diferenças culturais e ambientais entre as duas condicionam reflexões distintas sobre a prática, sendo que, enquanto das Dores não teve tempo ou ensinamentos para se precaver, Mvelo começa a ter mais consciência sobre o tema ao observar meninas sendo constantemente humilhadas e abusadas. No entanto, mesmo desistindo dos testes de virgindade por princípios, o destino da menina sul-africana se assemelha ao da moçambicana por ambas sofrerem violência sexual ainda tão novas.

Antes de chegar a esse ponto de sua trajetória, foi graças a proximidade com Nonceba que Mvelo passou a questionar as tradições sob as quais era submetida. Porém, a vida da jovem começa a desabar quando sua mentora se



muda para os Estados Unidos, em meados de 2002, na ocasião da morte da avó, Mae, quem realmente criou e ensinou valores a Nonceba. Não demora muito e Siphó parte ao encontro dela, deixando Zola e Mvelo sem os auxílios e amparos garantidos por eles.

Nesse ponto da história, o regresso ao passado de Nonceba, contando a história de sua avó, mãe e pai, mostra pontos de contato entre Estados Unidos e África do Sul, revelando práticas de escravidão, bem como resistência e enfrentamentos da população negra pelo mundo. De todo o passado descrito, apenas o pai de Nonceba, Johan Steyn, um homem branco que lutava pela libertação do país africano e que nunca conheceu a filha, é que se mantém vivo e será parte ainda do enredo.

Enquanto nos Estados Unidos a relação entre Siphó e Nonceba é abalada por inseguranças e dependências, culminando no fim da relação e posterior retorno para a África do Sul; no distrito de Mkhumbane, Zola e Mvelo ainda viviam no barraco sustentando-se com muito pouco. Sobre o casal, este resolve se afastar geograficamente e Siphó retorna para sua antiga casa, procurando Zola logo ao chegar. Então, quando ocorre o reencontro entre eles: “Siphó and Zola surrendered to the pull of familiarity with each other’s bodies, for old time’s sake” (NTSHINGILA, 2014, p. 98)<sup>183</sup>, Mvelo volta a nutrir esperanças de novamente construir uma família, mas, para Zola, a vida própria que possuíam agora não girava em torno de nenhum homem e podiam seguir em frente, sem ele, mesmo com dificuldades.

Infelizmente, para Siphó, não ser admirado era uma afronta a sua honra, sentindo-se perdido e vulnerável, resolveu que a melhor maneira de se “curar sexualmente”, como ele mesmo dizia, era se envolver com muitas mulheres e beber além da conta. Foi durante esse período que engravidou Joy, sua secretária pessoal, contrariada e infeliz por querer estudar e ser ainda tão nova:

[...] In the back of his mind, he always knew this day would come; he was reckless when it came to women. His sharp brain seemed to shrink and turn up-side down when his lower regions inflated. To those, like Nonceba, who insisted on a condom he obliged. But he always seemed to assume that it was the responsibility of the Woman to deal with

---

<sup>183</sup> Siphó e Zola renderam-se à atração trazida pela familiaridade de seus corpos, pelos velhos tempos” (NTSHINGILA, 2016, p. 94)

prevention measures for pregnancies and, God forbid, diseases (NTSHINGILA, 2014, p. 105)<sup>184</sup>.

O comportamento de Sipho indicado acima demonstra de que forma a sociedade coloca a mulher como a única responsável pela concepção e cuidados quanto às relações sexuais. Apesar da criação da pílula anticoncepcional ter sido de grande importância para que as mulheres pudessem ter mais autonomia para o momento da gravidez, a ideia do controle de natalidade por medicação surge para homens e mulheres no mesmo período, durante a Guerra Fria (SILVA, 2003).

Entretanto, os caminhos divergentes marcam as relações de gênero que historicamente delegam às mulheres todos os encargos pela contracepção e, por isso, além de poucas técnicas contraceptivas para homens, culturalmente, espera-se que o sexo feminino seja vigilante e arque com os custos, os meios e as consequências dos métodos escolhidos. A discussão sobre o tema é prova de que a reprodução humana nunca passa apenas por um viés biológico, ela reflete as condições impostas socialmente nas relações de poder entre gêneros e raças.

Diante dessa premissa e sabendo das questões acerca da maternidade, o controle da natalidade deve ser essencial para a emancipação das mulheres. Porém, nem sempre o tema foi devidamente discutido na imbricação entre raça e classe, já que, primeiro, as questões materiais são essenciais para o acesso à informação e medicação de qualidade.

Em segunda análise, as condições das mulheres trabalhadoras e, especialmente, negras eram, muitas vezes, de técnicas de esterilização forçadas, devido a um número muito maior de abortos e, até mesmo, com influência de movimentos eugenistas, de laqueaduras: “O potencial progressista do movimento foi roubado quando passou a defender não o direito individual das pessoas de minorias étnicas ao controle de natalidade, e sim a estratégia racista de controle populacional” (DAVIS, 2016, p. 217). A realidade descrita por Angela Davis em *Mulheres, raça e classe*, que descreve o cenário estadunidense, não

---

<sup>184</sup> [...] No fundo, em sua mente, ele sempre soube que esse dia iria chegar; era descuidado em relação às mulheres. Sua mente astuta parecia encolher e virar de ponta cabeça quando cresciam as suas partes de baixo. Ele acatava àquelas que, como Nonceba, exigiam camisinha. Mas sempre agia como se fosse responsabilidade da mulher cuidar dos métodos contraceptivos e, Deus o livre, das doenças. (NTSHINGILA, 2016, pp. 99-100)

se distancia do que ocorre na contemporaneidade no continente africano, tampouco em contexto brasileiro atual.

Dessa forma, a realidade de Joy, que encarava uma gravidez indesejada, ecoa em muitas mulheres que lidam cotidianamente com a correlação de forças da sexualidade e da reprodução. Além do choque emocional e dos enjoos, a moça descobre que contraiu HIV/AIDS, fazendo com que Sipho confirmasse o resultado logo depois. Dessa forma, os descuidos do homem arruinaram a vida de muitas mulheres, inclusive de Zola, que deixaria uma filha sem amparo: “The day that Zola told her about her HIV/AIDS status, Mvelo took a long walk through the maze of shacks, without purpose, just trying to get away from her tears.” (NTSHINGILA, 2014, p. 109)<sup>185</sup>.

A partir desse ponto, a situação de Sipho se deteriorou rapidamente, sem nunca mais se encontrar com Nonceba, uma unidade de cuidados intensivos foi o seu último lar. Enquanto isso, Zola tentava encarar a situação com calma e sabedoria, justamente para não afetar a criação de Mvelo, já tão abalada, material e emocionalmente, pelas questões de seu entorno.

Por fim, o funeral de Sipho faz a narrativa voltar para o ponto de partida, mas ainda é preciso explicar a vida atual de Johan, pai de Nonceba, para que as trajetórias das diferentes personagens se cruzem e é o que o capítulo dezesseis do romance se dedica a fazer. Após muitos anos, Johan casou-se com Petra e, então, mudaram-se para uma modesta casa em Manor Gardens, ainda na província de KwaZulu-Natal, trabalhando com jovens no combate ao HIV/AIDS. Mesmo convivendo com a depressão, Johan nunca havia desistido de procurar a filha que teve com Zimkitha (mãe de Nonceba, que foi presa ainda grávida), apesar das poucas pistas a seu respeito, dedicou-se na construção de uma África do Sul melhor ao lado da atual esposa.

Diante de tais aspectos cotidianos, após um dia longo e difícil, chegaram em casa e encontraram um bebê em frente a porta que chorava e gritava. Não demorou muito para que se apaixonassem pela criança e decidissem reivindicar a guarda definitiva, o que deixou autoridades e vizinhanças perplexas pelo fato

---

<sup>185</sup> No dia em que Zola falou a ela sobre ter contraído HIV, Mvelo fez uma longa caminhada pelo labirinto de barracos, sem propósito, apenas tentando fugir do próprio choro” (NTSHINGILA, 2016, p. 105)

de um casal branco criar uma bebê negra batizada de Tholakele, que em *zulu* significa encontrada.

Além da novidade na vida daquele casal de sessenta anos, a situação das personagens se entrelaça ainda mais quando a assistente social recomenda os serviços da advogada Nonceba para os trâmites da adoção. Todas as cenas descritas anteriormente foram observadas por Mvelo, que passou a visitar o bairro cotidianamente após ter deixado a filha sob os cuidados na casa sem muros que pertencia ao casal; ela chegou a pedir comida na porta apenas para ver mais de perto Sabekile. Em um dos encontros, Petra não hesitou, ofereceu banho e alimento, apresentando mãe e filha, com todo desconhecimento e gentileza frente à circunstância. Nesse mesmo dia, Johan foi ao encontro de Nonceba e finalmente conheceu sua filha perdida. Desse modo, aos poucos, o destino das personagens ao final do romance se conecta de forma ocasional e demasiadamente romântica, já que, após tantas perdas e infortúnios, algo de esperançoso se desenha no horizonte de Mvelo: “The concrete walls that Mvelo had surrounded herself with crumbled, the flood-gates opened, and she sobbed for what felt like hours” (NTSHINGILA, 2014, p. 149)<sup>186</sup>.

Então, ao fim do romance, após algumas reviravoltas, Nonceba se aproxima do pai biológico e adota Mvelo em um processo judicial. Por outro lado, Johan e Petra conseguem a guarda de Sabekile na justiça [rebatizada com o primeiro nome escolhido para ela] com o aval da mãe biológica da bebê. Após esse rearranjo familiar, a protagonista passa a frequentar e participar da criação da menina, ao passo que ela finalizava seus estudos na tentativa de reconstruir sua vida aos dezesseis anos:

After school she spent most of the time in Manor Gardens. Sabekile’s first word was Mama, and she said it to Mvelo who nearly fainted with excitement. She looked at Petra, who nodded at her, smiling. Mvelo squeezed Sabekile’s little body so tight that the baby squirmed under her weight. (NTSHINGILA, 2014, p. 159)<sup>187</sup>

---

<sup>186</sup> “Os muros de concreto que Mvelo havia erguido ao seu redor vieram abaixo. Suas lágrimas represadas desabaram, e ela chorou pelo que pareceram várias horas.” (NTSHINGILA, 2016, p. 145)

<sup>187</sup> Depois da escola, passava a maior parte do tempo em Manor Gardens. A primeira palavra de Sabekile foi “Mama” e disse olhando para Mvelo, que quase desmaiou de emoção. Olhou para Petra, que fez um gesto afirmativo com a cabeça, sorrindo. Mvelo apertou o corpinho de Sabekile tão firme que ela se contorceu sob seu peso. (NTSHINGILA, 2016, p. 154)

O último capítulo ainda reserva para Mvelo um namorado e uma vaga na Universidade de Kwa-Zulu Natal para estudar jornalismo, o que aproxima o desfecho a um caráter biográfico, pois Futhi Ntshingila é formada e atua na mesma profissão. Já a filha, Sabekile, cresce trazendo grande felicidade para todos ao seu redor, falando uma mistura de zulu, inglês, africâner e xhosa, simbolizando a reunião das principais raças e povos daquela região do país, respaldados na origem de cada personagem que convive com a menina. Além disso, outra mulher relevante para o enredo, Nonceba parte para mais uma temporada de cursos nos Estados Unidos, segura de que iria voltar para a terra natal. Zola, por sua vez, era uma boa memória na vida de todos que a conheceram e estaria orgulhosa dos rumos na vida das mulheres que encerram essa história.

Por fim, o livro sul-africano traz um final repleto de laços reconstruídos com muita gentileza, como se realmente oferecesse a possibilidade de redenção e compensação por todos os males sociais enfrentados pelas personagens, especialmente Zola e Mvelo. Isto posto, as trajetórias das mulheres se relacionam com a perspectiva histórica da África do Sul, colocando questões políticas, sociais e raciais na centralidade dos embates desempenhados por elas. Dessa maneira, a formação política e subjetiva das personagens é construída pelo entendimento das condições materiais que vivenciam, questionando tradições, impondo acordos, sustentando posições e enfrentando violências cotidianamente, na tentativa de oferecer voz às meninas e mulheres do país constantemente ameaçadas pela dominação imposta.

#### **4.3 – As resistências das personagens diante de novas perspectivas para as mulheres sul-africanas**

Novamente, no romance de Futhi Ntshingila é perceptível a força da relação entre mãe e filha: Zola e Mvelo desempenham trajetórias difíceis, sendo que a primeira, infelizmente, não consegue acompanhar o desfecho da segunda (assim como no romance de Sefi Atta). Além disso, a menina também se torna mãe e, após abusos e até fome, consegue, finalmente, vislumbrar um futuro para si mesma e para sua filha, colocando o acesso à educação como um dos pilares para essa transformação social.

Dessa forma, em *Do not go gentle* a questão de classe fica ainda mais evidente na imbricação colocada na trajetória de mãe e filha, já que as duas vivem em situação de vulnerabilidade social muito mais extrema em comparação aos romances anteriores. Além de residirem em *shacks* a maior parte do tempo, sem acesso às condições básicas de alimento e moradia, as violências urbanas e a dificuldade de acesso à saúde incidem sobre Zola e Mvelo de maneira muito mais crítica, tornando essas personagens muito mais invisibilizadas pelo discurso oficial da história.

E graças ao projeto literário de Futhi, como autora comprometida em retratar as vozes periféricas silenciadas, é possível perceber as condições sociais concretas que excluem mulheres como elas dos espaços sociais. Além de desnaturalizar as opressões, é perceptível de que forma o capitalismo pode ser ainda mais violento com aquelas que estão à margem de todas as esferas sociais. É por tais motivos que a narrativa da escritora sul-africana corrobora com o desvelamento dessas contradições e oferece espaço para uma reflexão comprometida com as transformações esperadas pelas mulheres.

Portanto, ao testemunhar trajetórias de personagens como Zola e Mvelo, a literatura oferece sentido às trajetórias negligenciadas historicamente pelos discursos e formas de poder. Nesse sentido, tanto Maria das Dores e Delfina, quanto Enitan e Sheri e, por ora, Zola e Mvelo são testemunhas literárias comprometidas com as relações sociais de seu tempo histórico e, portanto, lançam-se na luta perpetradas pela libertação das mulheres, africanas, negras, contemporâneas.

## Conclusão

*O feminismo envolve muito mais do que a igualdade de gênero. E envolve muito mais que gênero. [...] Ele deve envolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo [...]. O feminismo não nos ajudou apenas a reconhecer uma série de conexões entre discursos, instituições, identidades e ideologias que tendemos a examinar separadamente. Ele também nos ajudou a desenvolver estratégias epistemológicas e de organização que nos levam além das categorias “mulher” e “gênero”. As metodologias feministas nos impelem a explorar conexões e descobrir que nem sempre são aparentes. E nos impulsionam a explorar contradições e descobrir o que há de produtivo nelas. O feminismo insiste em métodos de pensamento e de ação que nos encorajam a uma reflexão que une coisas que parecem ser separadas e que desagrega coisas que parecem naturalmente unidas.*  
**(DAVIS, 2018, p. 99)**

*Ao escrever a vida  
no tubo de ensaio da partida  
esmaecida nadando,  
há neste inútil movimento  
a enganosa esperança  
de laçar o tempo  
e afagar o eterno*  
**(EVARISTO, 2017, p. 91)**

Ao encerrar as análises dos três romances: *O alegre canto da perdiz*, *Everything good will come* e *Do not go gentle*, é possível perceber a imbricação posta entre literatura, feminismo e história. Em cada obra, as personagens vivenciam experiências que sinalizam as opressões sofridas pelas mulheres nas realidades representadas. Nesse sentido, confirma-se a ideia de que há confluências nas obras literárias mesmo entre divergências dos contextos de Moçambique, Nigéria e África do Sul. Além das aproximações temáticas, existe um sentido único de interpretação do patriarcado, que é semelhante às opressões vividas pelas mulheres contemporâneas e que, portanto, aproximam as personagens em suas trajetórias de vida e possibilitam a identificação de leitoras ao redor do mundo.

Dessa forma, vale retomar de que modo o capitalismo, o patriarcado e o racismo incidem de forma imbricada na vida das protagonistas. Em todas as obras existe a experiência da maternidade como grande fio condutor: no texto de Paulina, mãe e filha separam-se e reencontram-se enquanto o país passa da

experiência colonial para a independência nacional, em constantes conflitos armados; no livro de Sefi Atta, por sua vez, a narradora atravessa quase todo o enredo à espera de sua filha, compartilhando a dura realidade nigeriana pós-independente com amigas próximas e, finalmente, compreendendo as razões pelas quais a sua própria relação com a mãe era conturbada. Já na obra de Futhi Ntshingila, Zola e Mvelo separam-se pela tragédia da doença e morte da primeira, mas as violências do período pré e pós-*apartheid* da África do Sul tornam os laços entre as duas cada vez mais resistentes ao longo da história.

Ademais, é fato que todas as personagens vivenciam formas diferentes de violência, que estão estreitamente ligadas às suas classes sociais, às regiões onde vivem e ao fato de serem mulheres negras. Em *O alegre canto da perdiz*, Delfina e Maria das Dores são vítimas de constantes ameaças do sistema colonial e das instituições familiares: a primeira aprende a vender seu corpo como estratégia de sobrevivência e a segunda sofre com as consequências do estupro, do casamento forçado e da estigmatização da loucura feminina. Enitan, protagonista do segundo romance analisado, é a personagem com mais acesso à escolarização e a bens materiais, mas isso não impede que sofra com violências psicológicas, patrimoniais e com diferentes graus de assédio, além de presenciar o traumático episódio de estupro de sua melhor amiga Sheri. Por outro lado, Zola e Mvelo são as personagens com maiores dificuldades financeiras e materiais, chegando a vivenciar a fome, a ausência de moradia, o estupro e o abandono estatal, sofrendo, assim, violências sistêmicas e constantes contra suas possibilidades de existência na tentativa de sobreviver às ameaças do HIV/AIDS e das violências urbanas na África do Sul.

Outro fato que estreita a relação entre as obras é a questão da trajetória compartilhada entre as personagens. Mesmo assumindo certo protagonismo no enredo, as personagens constroem-se na relação com outras, que são mães, filhas, madrastas e amigas. Dessa forma, afirmam-se como sujeitos de trajetórias significativas em meio a uma realidade que tenta o tempo todo torná-las objetos de exploração e dominação. A experiência compartilhada é essencial não apenas para a sobrevivência e enfrentamento das mulheres, mas para desmascarar a ideia do individualismo como estratégia de sucesso para a estrutura do romance.



Além disso, é importante destacar o fato de que os três romances apresentam a temática do acesso aos estudos, como possibilidade de ruptura diante das determinadas condições sociais. Porém, enquanto Delfina é logo proibida de realizar seu sonho e lamenta seu passado que poderia ter sido tão diferente, Enitan tem acesso aos estudos desde a infância à vida adulta, mas sofre as consequências do machismo no mercado de trabalho; ao passo que Mvelo consegue finalmente estudar e construir sonhos ao final da obra. De qualquer forma, a escola, enquanto instituição, projeta-se também no interior do sistema capitalista, mas pode ofertar mais brechas e possibilidades de independência para as mulheres dentro da estrutura patriarcal sobre a qual estão condicionadas.

Finalmente, o desfecho dos romances aponta para resoluções, mesmo entre idealizações. Em princípio, todas as protagonistas têm filhas, o que representa a ideia de continuidade, para que outras mulheres possam vivenciar perspectivas melhores. Ao mesmo tempo, as soluções narradas não representam a ideia da meritocracia ou de vitória heroica das personagens, mas suscitam a esperança e perspectivas melhores para o futuro das mulheres de forma geral. É justamente essa ideia que pode ser vislumbrada pelos trechos responsáveis por abrir cada um dos capítulos: “Hoje são as mulheres que levantam as vozes e clamam contra outras escravaturas. Arremessando ao vento a amargura dos séculos.” (CHIZIANE, 2018, p. 311); “(...) outras vezes me sentia feliz de agitar uma bandeira pelas mulheres nigerianas, mulheres africanas. Mulheres negras. Qual era o país que eu amava? O país pelo qual eu lutava? Esse país devia ter fronteiras?” (ATTA, 2013, p. 326); “Mvelo tinha se tornado muito sábia em seus vinte anos de idade, e sabia que, independentemente do que acontecesse em sua vida, teria a força necessária para superar” (NTSHINGILA, 2016, p. 158).

Levando em consideração as passagens selecionadas, a reflexão proposta a partir do primeiro fragmento é a de que as mulheres continuamente protestam contra suas escravaturas e reivindicam melhores condições em cada tempo histórico em que vivem. Com relação ao segundo, a conexão se expande, alcançando ecos em outras vozes e fronteiras. Enfim, a personagem Mvelo, no último excerto, simboliza a sobrevivência das mulheres que lutaram e agora inspiram um futuro por aquelas que ainda virão. Nesse sentido, o fio condutor da

maternidade [que permeia todas as obras] ganha novas perspectivas, pois a ideia da continuidade e das rupturas que acompanham as lutas faz com que outras histórias possam ser contadas. É evidente, portanto, como as personagens vivenciam, evidenciam e confrontam as condições concretas estabelecidas para além de suas trajetórias.

Entretanto, não se esgotam as possibilidades de confluências e divergências entre as histórias analisadas para esta pesquisa. Além das aproximações temáticas que podem ser esmiuçadas e do entendimento do patriarcado, capitalismo e racismo que opera sobre as personagens, é possível abordar outras questões que emergem dos diferentes contextos geográficos e históricos promovidos pelos romances em questão. De qualquer modo, trazer a perspectiva comparatista sobre tais textos é uma forma de possibilitar não apenas novos olhares para o continente, mas também de viabilizar, elucidar e contribuir com os estudos sobre romances de autoria feminina e com a necessidade de trazer mais vozes e percursos de mulheres em seus enfrentamentos cotidianos, sociais e políticos.

De qualquer modo, essas questões são visíveis mediante a confirmação de que há um projeto literário de cada escritora pautado nos desafios, reconhecimentos e possibilidades das mulheres na contemporaneidade. Levando em consideração as demandas da própria vida e da literatura, Paulina Chiziane, Sefi Atta e Futhi Ntshingila refletem e relacionam em suas narrativas as experiências não apenas do contexto africano, mas de diversos espaços que compartilham as opressões vividas pelas mulheres, a partir de um entendimento de feminismo que percorre uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo e ao colonialismo - conforme explicitado por Davis (2018).

Dessa maneira, o modo como essas escritoras [que estão nas trincheiras políticas e sociais] se posicionam e contestam o campo ideológico do sistema vigente, vincula-se a uma abordagem feminista atrelada às desnaturalizações e denúncias das contradições inerentes da realidade posta. Assim, torna-se possível promover uma análise da literatura que ofereça possibilidades de pensamento e ação, tão necessários para que as mulheres da contemporaneidade possam garantir as legitimidades de suas lutas. Essa ênfase é fundamental visto que o feminismo também precisa dirigir-se para esses

olhares, essas trajetórias e essas escritoras para compreender as condições e estratégias verdadeiramente revolucionárias.

Logo, vale ressaltar a importância que a literatura de autoria feminina pode adquirir por esse ponto de vista. Nesse sentido, é sempre válido destacar o quanto a literatura, enquanto manifestação cultural e artística, apresenta-se como essencial para a humanização. É um discurso que difere da sociologia, política, filosofia ou história, no sentido de sensibilizar, compreender melhor a natureza, a sociedade e os seus semelhantes, além de proporcionar a experiência de conhecer/vivenciar sentimentos e situações que nos levem a tomar posição frente a condições estabelecidas (CANDIDO, 2004). Tais reflexões estão diretamente ligadas ao conceito de uma literatura empenhada: aquela em que o escritor/a escritora deseja expressamente assumir uma posição em face dos problemas, sendo que essa posição deve estar ligada à estrutura literária, como sua forma ordenadora (Idem). Por essa premissa, é inegável que essas escritoras conseguem romper com as estruturas vigentes e denunciar o modo opressivo como as mulheres são circunscritas na estrutura social, comprometendo-se ainda com uma ideia de oferecer percursos possíveis de existência.

Assim, é partindo desse pressuposto dialético que a crítica literária feminista marxista colabora com a leitura de romances africanos contemporâneos, produzidos por mulheres, no sentido de elucidar e denunciar as experiências históricas vivenciadas pela ficção a partir do entendimento da realidade imposta. Dessa forma, essas mulheres [escritoras e personagens de ficção] contribuem para a luta anticapitalista, antirracista e antipatriarcal, pois, inseridas em uma dinâmica dialética, são constantemente desafiadas por uma realidade que as impede de viver e registrar suas histórias. Nesse sentido, a escrita ficcional ganha ainda mais importância, pois é justamente por estarem nas trincheiras (um método de guerra/abrigo em que as escavações permitem proteção e posição de ataque) que Paulina, Sefi e Futhi optam por colocar em suas obras literárias formas de enfrentamentos das condições materiais.

Em suma, é o método do materialismo que garante uma leitura no sentido de abarcar a totalidade posta às personagens, oferecendo percepções e possibilidades de transformação para si mesmas e para o mundo. Como resultado, as personagens oferecem trajetórias possíveis dentro do contexto

vivenciado na ficção. Por fim, as obras literárias ganham leituras históricas e estéticas que dimensionam as rupturas e tentativas de rupturas potencializadas nas obras, evidenciando, assim, as contradições da realidade estabelecida.

Portanto, ouvir, registrar, ler e analisar histórias das mulheres africanas e reconhecer suas trajetórias inscritas no mundo em que vivemos é parte essencial na derrubada do projeto patriarcal ao qual todas estamos submetidas e sobre o qual vivemos em constante ameaça e vigilância. Assim como elabora Conceição Evaristo em seu poema<sup>188</sup>, ao escrever a vida existe um movimento de compreender e reter o tempo ao passo que se propõe eternizá-lo. Esta é a necessidade pungente que reside na relevância de escrever, contar e ler trajetórias de mulheres.

---

<sup>188</sup> "EVARISTO, Conceição. "Ao escrever..." In *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017, pp. 90-91)

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single story. Disponível em: <[http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)>. Acesso em: 22 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. *Meio sol amarelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

ANDERSON, Perry. *A crise da crise do marxismo: introdução a um debate contemporâneo*. 3.ed. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In EMIR, Sader; GENTILI, Pablo (Org.). *Pós-neoliberalismo: As políticas Sociais e o Estado Democrático*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANDERSON, Perry *et al.* A Trama do Neoliberalismo. In: EMIR, Sader; GENTILI, Pablo (Org.). *Pós-neoliberalismo: As políticas Sociais e o Estado Democrático*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AFRIKA, Laila. *Nutricide: The Nutritional Destruction of the Black Race*. Trenton, New Jersey: Africa World Press, 2013.

AMUWO, Kunle; BACH, Daniel C.; LEBEAU, Yann. *Nigeria during the Abacha Years (1993-1998): The Domestic and International Politics of Democratization*. Ibadan: IFRA-Nigeria, 2001. Disponível em: <<http://books.openedition.org/ifra/623>>. Acesso em: 15 abr 2021.

ARAÚJO, Clara. *Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero*. Crítica Marxista, São Paulo: Boitempo, 2000.

ARI PEDRO ORO. "A presença religiosa brasileira no Exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus". In: *ESTUDOS AVANÇADOS*, v. 18, 2004, pp. 139-155.

ARUZZA, Cintia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. In *Revista Outubro*, n. 23, 1º semestre de 2015.

\_\_\_\_\_. BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019.

ATTA, Sefi. *Tudo de bom vai acontecer*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

\_\_\_\_\_. *Everything good will come*. Oxford: Myriad Editions, 2019.

\_\_\_\_\_. *Swallow*. Northampton: Interlink Books, 2012.

\_\_\_\_\_. *A Bit of Difference*. Northampton: Interlink Books, 2012.

\_\_\_\_\_. *The Bead Collector*. Northampton: Interlink Books, 2018.

BAKARE-YUSUF, Bibi. Rethinking diasporicity: embodiment, emotion, and the displaced origin. *African And Black Diaspora: An International Journal*, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 147-158,

jul. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/17528630802224056>>. Acesso em: 22 nov 2020.

BDF Entrevista. Brasil de Fato. 21 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jF8WAXk3o-0&t=4s>>. Acesso em: 03 mar 2021.

BAMBIRRA, Vânia. *O capitalismo dependente latino-americano*. Santa Catarina: Editora Insular, 2013.

BAMISILE, Sunday Adetunji. A procura de uma ideologia afro-cêntrica: do feminismo ao afro-feminismo. In: *Via Atlântica*. São Paulo, n. 24, 257-279, dez. 2013.

BARBOSA, Muryatan S. "Pan-africanismo e marxismo: aproximações e diferenças a partir do pensamento africano contemporâneo". In: *Revista Fim do Mundo*, nº 4, jan/abr 2021

BARROSO, Marta; VAZ, Egídio. De guerra de desestabilização a guerra civil: historiador moçambicano fala sobre o conflito entre a FRELIMO e a RENAMO. Disponível em: <<https://is.gd/uQIMTu>>. Acesso em: 03 mar 2021.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, v. 1 e 2, 2019.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. 1.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas: Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995, v. 2.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989, v.3.

BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOOTH, Wayne C. *The rhetoric of fiction*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. Narrativa e resistência. *Itinerários*, Araraquara, nº 10, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)>. Acesso em: 13 nov 2021.

CABRAL, Amílcar. *Unidade e Luta I. A Arma da Teoria*. Textos coordenados por Mário Pinto de Andrade, Lisboa: Seara Nova, 1978.

\_\_\_\_\_. *Guiné-Bissau – nação africana forjada na luta*. Lisboa: Nova Aurora, 1974.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPELA, José. Conflitos sociais na zambézia, 1878-1892 a transição do senhorio para a plantação. In *Africana Studia*, n. 1., 1999. Edição da Fundação Eng. António de Almeida, pp. 143-173.

\_\_\_\_\_. *A República Militar da Maganja da Costa*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1988.

\_\_\_\_\_. Como as aringas de Moçambique se transformaram em quilombos. In *Tempo [online]*. v. 10, n. 20, 2006.

\_\_\_\_\_. *O vinho para o preto - notas e textos sobre a exportação do vinho para África*. Porto, Portugal: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

\_\_\_\_\_. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

\_\_\_\_\_. *Tese e antítese (ensaios)*, 2ª edição (revista), Coleção Ensaio – volume I. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.

\_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

\_\_\_\_\_. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. *Os parceiros do rio bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

CARNEIRO, Henrique S. "Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna. Economia e embriaguez do século XVI ao XVIII". In: *Revista Historiador Eletrônico*, 2004. Disponível em: <<http://www.historiadoreletronico.com.br/faces/03120801.htm>>. Acesso em: em 21 mai 2021.

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.

\_\_\_\_\_. *Balada de amor ao vento*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

\_\_\_\_\_. *Niketche. Uma história de poligamia*. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

\_\_\_\_\_. *O sétimo juramento*. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ventos do apocalipse*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

\_\_\_\_\_. Eu, mulher... por uma nova visão do mundo. In *Abril - Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Rio de Janeiro, n° 10, 2013, p. 199-205.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

COMAROFF, John; COMAROFF, Jean (1992), *Ethnography and the Historical Imagination*. Boulder. San Francisco and Oxford: Westview Press.

CORTEN, André. "A Igreja Universal na África do Sul". In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André e DOZON, Jean-Pierre (orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da Fé*. São Paulo, Paulinas, 2003, pp. 137-146.

\_\_\_\_\_. "A Igreja Universal: uma máquina multinacional que responde às novas necessidades religiosas". In *Revista de Cultura*, Petrópolis, Vozes, 2002, pp. 38- 47.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

\_\_\_\_\_. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.

\_\_\_\_\_. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

\_\_\_\_\_. *Uma autobiografia*. São Paulo: Boitempo, 2019.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: UNESP/ Boitempo, 1997.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2019.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FAGUNDEZ, Ingrid. Entrevista de Paulina Chiziane para a BBC Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37734763>>. Acesso em> 08 fev. 2021.

FALOLA, Toyin e HEATON, Matthew M. *A History of Nigeria*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FALOLA, Toyin e ADERINTO, Saheed. *Nigeria, Nationalism, and Writing History*. Rochester, NY: Boydell & Brewer, 2011.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: EdUFJF, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

FILMER, Paul. A estrutura do sentimento e das formações socioculturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams. In *Estudos de Sociologia*. Araraquara, v. 14, n. 27, 2009, p. 371-396.

FRANK, Andre Gunder. O desenvolvimento do subdesenvolvimento. In *Monthly Review*, v. 18, nº. 04, setembro 1966. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/o-desenvolvimento-do-subdesenvolvimento/>>. Acesso em: 13 out 2021.

FRASER, Nancy. JAEGGI, Rahel. *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica*. São Paulo: Boitempo, 2020.

\_\_\_\_\_. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. In *Mediações*, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, jul./dez. 2009.

FRESTON, Paul. The Political Evolution of Brazilian Pentecostalism: 1986-2000. In CORTEN, Andre ; MARY, Andre (orgs.). *Imaginaires Politiques et Pentecôtisme: Afrique et Amérique*. Paris: Karthala, 2000.



FRÖLICH, Paul. *Rosa Luxemburgo: biografia*. São Paulo: Boitempo, 20219.

GARCIA, Leila Posenato; SANCHEZ, Zila van der Meer. Consumo de álcool durante a pandemia da COVID-19: uma reflexão necessária para o enfrentamento da situação. In *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 10, e00124520, Mai. 2020. Disponível em: <<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1209/consumo-de-alcool-durante-a-pandemia-da-covid-19-uma-reflexao-necessaria-para-o-enfrentamento-da-situacao>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

GOLDMAN, Wendy. *Estado, Mulher e Revolução: política familiar e vida social soviéticas - 1917-1936*. São Paulo: Boitempo, 2014.

GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo: Zahar, 2020.

\_\_\_\_\_. O papel da mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In *Spring Symposium the Political Economy of the Black World, Center for AfroAmerican Studies*. Los Angeles: UCLA, 10-12 de maio de 1979 (mimeo), p. 3.

\_\_\_\_\_. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol I, 2004.

\_\_\_\_\_. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol II, 2004.

\_\_\_\_\_. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol III, 2004.

GRESPLAN, Jorge. *Marx: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2020.

\_\_\_\_\_. *Marx e a crítica do Modo de Representação Capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2019.

GYASI, Yaa. *O caminho de casa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade*. São Paulo: Editora Veneta, 2019.

HEGEL, G.W.F. *Introdução À História da Filosofia*. São Paulo: Ed. Abril. Col. Os Pensadores, 1974.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HOBSBAWAM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JEWKES, Rachel; ABRAHAMS, Naeema. The epidemiology of rape and sexual coercion in South Africa: an overview. In *Soc Sci Med*, v. 7, n. 55, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. São Paulo: Boitempo, 2016.

KI-ZERBO, Joseph. (Ed.) *História Geral da África*. Brasília: UNESCO, Secad/MEC, UFSCar, 2010.

KOLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

KOLONTAI, Alexandra; ULIANOV, Vladimir Ilich; ZEKIN, Clara. *A revolução sexual e a Revolução Socialista*. São João Del Rei: Estudos Vermelhos, 2014.

KNIBIEHLER, Yvonne. *História da Virgindade*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_. *Em torno de Marx*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. *Fourier, o socialismo do prazer*. São Paulo: Civilização brasileira, 1998.

LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite*. São Paulo: Editora 34, 2004.

LENIN, Vladimir Ilich. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburgo e o feminismo. Marxismo feminista*, 2020. Disponível em: <<https://marxismofeminista.com/2020/08/24/rosa-luxemburgo-e-o-feminismo/>>. Acesso em: 16 set 2021.

LOSURDO, Domenico. *Colonialismo e luta anticolonial: desafios da revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2020.

\_\_\_\_\_. *O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*. São Paulo: Boitempo, 2018.

LUKÁCS, György. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Marx e Engels como historiadores da literatura*. São Paulo: Boitempo, 2016.

LUXEMBURGO, Rosa. *Textos escolhidos I*, São Paulo, Editora UNESP, 2017.

MACHEL, Samora. *A Libertação da Mulher é uma Necessidade da Revolução, Garantia da sua Continuidade, Condição do seu Triunfo*. Discurso proferido em 1973: Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/machel/1973/mulher/02.htm>>. Acesso em: 21 abr 2021.

MANOEL, Jones FAZZIO, Gabriel Landi. *Revolução Africana – Uma antologia do pensamento marxista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico -filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_, ENGELS, F. *A sagrada família*. Trad. Marcelo Bakes. São Paulo: Boitempo, 2003.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MIGUEL, Luis Felipe. Carole Pateman e a crítica feminista do contrato. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 93, 2017.

MINELLA, Luzinete. S. *Gênero e contracepção: uma perspectiva sociológica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. Crítica Marxista*, São Paulo: Boitempo, 2000.

\_\_\_\_\_. Raízes do feminismo político e embates atuais. In *Germinal: marxismo e educação em debate*. v. 12, n. 1, abr. 2020.

NAROTZKY, Susana. *Antrpología Económica: Nuevas tendencias*. Santa Cruz de Tenerife, Espanha: Melusina, 2004.

NTSHINGILA, Futhi. *Do not go gentle*. Cidade do Cabo, África do Sul: Modjaji Books, 2014.

\_\_\_\_\_. *Sem gentileza*. Porto Alegre: Dublinense, 2016.

OLIVEIRA, Luciana Aparecida Aliaga Ázara. Transformismo, hegemonia e subalternidade no pensamento de a. Gramsci. In *10º encontro da Associação Brasileira de Ciência Política: Ciência política e a política: memória e futuro*. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<https://is.gd/PTAdFe>>. Acesso em: 20 dez 2020.

OLIVEIRA, Guilherme Ziebell. O papel da Guerra de Biafra na construção do estado nigeriano. In *Monções - Revista de Relações Internacionais da UFGD*, Dourados, v.3. n.6, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/moncoes>>. Acesso em: 20 jul 2021.

OLIVEIRA, Guilherme Ziebell; FILIPPI, Eduardo Ernesto. A economia política internacional e o petróleo na Nigéria. In *Tensões Mundiais*. Fortaleza, v. 9, n.17, p. 109-128, 2013.

OLIVEIRA, Thiago Chagas. Estado, coerção e consenso em Marx e Gramsci. In *VIII Seminário do Trabalho: trabalho, educação e políticas sociais no século XXI*, 2012, Marília: Unesp, 2012. pp. 226-226.

OYÈRÓNKÉ, Oyêwùmí. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1993.

PEREIRA, Charmaine. Promover uma agenda feminista para a mudança - um ponto de vista da Nigéria. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/mosambik/13085.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

POSEL, Deborah. A controvérsia sobre a AIDS na África do Sul: marcas da política de vida e morte no pós-apartheid. In: *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 34, p. 39-66, 2006.

RODRIGUES, Ângela Lamas. *A língua inglesa na África: opressão, negociação, resistência*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. História e estudos culturais: O Materialismo Cultural de Raymond Williams. In *Ponta de Lança*. Ano 4, n.8, 2011, p. 37-44.

SEMERARO, Giovanni. Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade. In *Caderno Cedes*, Campinas, v. 26, n. 70, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

\_\_\_\_\_. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

SANTOS, Maciel. O imposto camponês no norte de Moçambique (1929-1939) – um cultivo forçado, factor de crescimento?. In Atas do Congresso Internacional Saber Tropical em Moçambique: história, memória, Lisboa, 24 a 26 outubro de 2012.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SILVA, Josilene da. Contracepção e Masculinidade. In *Revista esboços*, UFSC, v. 11, n. 11, 2004 .

SOUZA, Luísa Luz. As consequências do discurso punitivo contra as mulheres "mulas" do tráfico internacional de drogas: ideias para a reformulação da política de enfrentamento às drogas no Brasil. São Paulo: *Instituto Terra, Trabalho e Cidadania*, 2013. Parecer elaborado no âmbito do Projeto Justiça Criminal do Instituto Terra, Trabalho e Cidadania, financiado pelo Instituto Lafer. Disponível em: <<http://ittc.org.br/as-consequencias-do-discurso-punitivo-contra-as-mulheres-mulas-do-traffic-internacional-de-drogas/>>. Acesso em: 16 ago 2021.

UNIVERSO ONLINE. Suazilândia muda oficialmente nome do país para Reino de Essuatíni. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2018/05/18/suazilandia-muda-oficialmente-nome-do-pais-para-reino-de-eswatini.htm>>. Acesso em: 17 out 2021.

Vieira, Ana Cristina de Souza *et al.* A epidemia de HIV/Aids e a ação do Estado. Diferenças entre Brasil, África do Sul e Moçambique. In *Revista Katálysis* [online], v. 17, n. 2, 2014.

VISENTINI, Paulo Fagundes. Revoluções e relações internacionais: o caso africano. In *Revista Brasileira de Estudos Africanos*. v.1, n.1, Jan./Jun. 2016.

VISENTINI, Paulo Fagundes. PEREIRA, Analúcia Danilevicz (Orgs). *África do sul: História, Estado e Sociedade*, Brasília: FUNAG/CESUL, 2010.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WEIL, Simone. *Pela supressão dos partidos políticos*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. *Palavras-chave. Um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e escravidão*. Rio de Janeiro: Editora América, 1975.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZETKIN, Clara. *Lênin e o Movimento Feminino*. Ed. Vitoria, 1956. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/zetkin/1920/mes/lenin.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

### **Dissertações e Teses**

PEREIRA, Ianá de Souza. *De contos a depoimentos: memórias de escritoras negras brasileiras e Moçambicanas*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2018, 140 f.

MOTTA, Danielle Cordeiro. *Desvendando o nó: a experiência de auto-organização das mulheres catadoras de materiais recicláveis do Estado de São Paulo*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 2017, 197 f.

ANDRADE, Joana El-jaick. *O marxismo e a questão feminina: as articulações entre gênero e classe no âmbito do feminismo revolucionário*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2011. 210 f.

MASUKU, Norma. *Perceived oppression of women in zulu folklore: a feminist critique*. Tese (Doutorado). University of South Africa, 2005. 230 f.